



**Fundação Edson Queiroz
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Psicologia**

FRANCISCO ANTONIO GUIMARÃES FILHO

**CONSTRUÇÕES SUBJETIVAS DO DROGADITO EM REGIME DE
TRATAMENTO SEMI-ABERTO**

Fortaleza- Ceará

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FRANCISCO ANTONIO GUIMARÃES FILHO

**CONSTRUÇÕES SUBJETIVAS DO DROGADITO EM REGIME DE
TRATAMENTO SEMI-ABERTO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro

**FORTALEZA – CE
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
2006**



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Mestrado em Psicologia: Estudos Psicanalíticos

Dissertação intitulada “*Construções subjetivas do drogadito em regime de tratamento semi-aberto*”, de autoria do mestrando Francisco Antonio Guimarães Filho, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro – UNIFOR – Orientador

Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz – UNICAP

Profa. Dra. Maria Lúcia Duarte Pereira – UECE

Prof. Dr. HENRIQUE FIGUEIREDO CARNEIRO
Coordenador do Mestrado em Psicologia – UNIFOR

Fortaleza, 28 de dezembro de 2006

À minha amada Mãe

que não está presente fisicamente

mas que me acompanha em todos os dias da minha vida

À ela que me apoiou tanto no ingresso no curso de psicologia

e está orgulhosa por mais esse passo

Tenho certeza que esteve sempre ao meu lado nos momentos de dificuldades e conquistas

AGRADECIMENTOS

- primeiramente a Deus, que não permitiu que eu desistisse diante das dificuldades;
- à minha mãe por me apoiar em todo o meu trajeto;
- ao meu pai pelo apoio financeiro;
- às Professoras Edilene e Lucinha pela paciência e contribuições;
- à Aninha, minha namorada, que em meio de todas atribulações e obstáculos ainda conseguiu me dar apoio;
- à Natinha, minha irmã, pela presença e preocupação constantes;
- à Aninha, minha maninha, pelo carinho e insistência ao telefone;
- à toda minha família...
- ao João Jorge, que me influenciou a entrar no mestrado e pelo apoio na hora do sufoco;
- ao Iratan, pelo socorro no aperreio da última hora;
- ao Professor Henrique, pela orientação;
- enfim, a todas as pessoas que cruzaram meu caminho e que de alguma forma deram sua contribuição para o desenvolvimento e conclusão da dissertação;

RESUMO

Trata-se de um estudo de caso realizado com a intenção de investigar as construções subjetivas efetivadas por um drogadito em regime de tratamento semi-aberto. A drogadição é um sintoma social que eclodiu em grande escala na contemporaneidade. O drogadito encontra-se adicionado ao objeto droga como se este fosse lhe garantir a felicidade plena. Sua problemática é complexa, pois causa para o sujeito um certo empobrecimento subjetivo e um enfraquecimento dos seus laços sociais. Nosso percurso teórico teve como referencial a Psicanálise. Iniciaremos nossa pesquisa construindo um primeiro capítulo que fala sobre a constituição subjetiva, como ela se estabelece e qual a sua condição. Prosseguiremos construindo um segundo capítulo que vai falar justamente da afetação subjetiva decorrente da utilização dos tóxicos. Nesse capítulo, abordaremos como ficam afetados subjetivamente os drogaditos no que se refere a sua relação com a droga, com os demais objetos e com o semelhante. O nosso estudo de caso é uma pesquisa de cunho qualitativo, tendo como instrumento de coleta de dados, entrevistas semi-estruturadas. Os dados foram organizados sob forma de categorias temáticas que enfocam as construções subjetivas do sujeito da sua relação com a droga, com as pessoas, e com os demais objetos. Os resultados demonstraram uma afetação subjetiva do drogadito, comprometendo sua relação com os *outros* e com os demais objetos. Com a entrada no tratamento, o sujeito faz algumas construções subjetivas na tentativa de sair desse posicionamento em relação ao tóxico. O sujeito recai e sai do tratamento continuando a fazer construções subjetivas a cerca da sua relação com a droga, com os demais objetos e com as pessoas.

Palavras-chave: constituição subjetiva, afetação subjetiva, drogadição, Psicanálise

ABSTRACT

This is a case study aimed to investigate the subjective constructions built by a drug addict in a semi-open rehabilitation regime. Drug addiction is a social symptom that has appeared on a wide scale in the last years. The addict takes the drug as if it is going to guarantee his full happiness. This is a complex situation, once it causes in the individual a certain subjective impoverishment and a weakening of his social bonds. Our theoretical journey had psychoanalysis as its reference point. We started our research building the first chapter, which deals with the building of a subjective construction, how does it get established and its condition. We carry on building a second chapter addressing the subjective effect resulting from the use of toxics. In this chapter, we deal on how the addicts are subjectively affected regarding their relationship with the drug itself, with the other objects and with other people. Our case study is a qualitative research, based on semi-structured interviews. Data were organized under thematic categories, focused on the individual's subjective constructions regarding his relationship with the drug, with other people and with other objects. The results showed a subjective effect on the drug addict, affecting his relationships with other individuals and objects. Once in a rehab treatment, the individual builds some subjective constructions when trying to escape such position regarding the toxic. The subject relapses and leaves treatment while continuing with the building of these subjective constructions regarding his relationship with the drug, with the other objects and with other people as he tries to reposition himself.

Key words: subjective constitution; subjective effect; drug addiction; psychoanalysis.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

FIGURA 1 – Toro _____	48
Quadro 1 - Categorias Teóricas _____	1113
Quadro 2 – Categorias Temáticas _____	114
Quadro 3 – Quadros de categorias relação com as drogas _____	115
Quadro 4 – Quadros de categorias relação com os semelhantes _____	118
Quadro 5 – Quadros de categorias relação com demais objetos _____	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA	21
2.1 A inscrição na linguagem	21
2.2 A relação imaginária com o Outro	29
2.3. A Função Paterna	32
2.4 A falta	39
2.5 O gozo	43
2.6.O mal-estar na civilização	54
3 A AFETAÇÃO SUBJETIVA DO SUJEITO ADITO À DROGA	62
3.1 A cultura somática e o sintoma da toxicomania	62
3.2 A droga sem palavras	75
3.3 O drogadito e os laços sociais	77
3.4 O gozo do drogadito	80
3.5 Drogadição: uma perspectiva	87
4 METODOLOGIA	91
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	101
5.1 A história de vida do drogadito	101
5.2 As Categorias	112
5.2.1 A relação com a droga	115
5.2.2 A Relação com as pessoas	118
5.2.3 A relação com os demais objetos	122
6 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	127
6.1 A Relação com o objeto droga	127
6.2. A relação com as pessoas	140

6.3 A relação com os demais objetos _____	158
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	170
REFERÊNCIAS _____	177
ANEXOS _____	182
Anexo A Roteiro de entrevista _____	182
Anexo B Entrevistas _____	190
Anexo C Prontuário _____	297
Anexo D Termo de consentimento esclarecido _____	306

INTRODUÇÃO

Diante da problemática do sujeito adito à droga, nos deparamos com uma relação na qual determinado sujeito se encontra num estado de completo encantamento diante do objeto droga. O conceito de drogadito já é claro a partir do momento em que se decompõe em dois outros termos: droga e adito. Adito, de acordo com Ferreira (1988), significa o sujeito que está em busca da felicidade, significa também um sujeito adicionado, colado a um determinado objeto, que, no caso específico do drogadito, é a droga.

Essa relação do drogadito com a droga possui caráter de fixação, como se este objeto possibilitasse a felicidade para o sujeito, ou seja, a satisfação plena, só que esta satisfação é da ordem do impossível para o sujeito, já que o psiquismo deste se estrutura a partir de uma falta constituinte. Dessa forma, o objeto droga está impossibilitado de proporcionar tal completude.

No texto de 1930, *O Mal Estar na Civilização*, Freud diz que a própria constituição dos homens restringe a possibilidade de uma felicidade total e que, por mais tentador que seja ter a satisfação irrestrita de todas as necessidades, isso, porém, "significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo" (Freud, 1930, p. 96). Essa passagem parece ser muito significativa, pois aponta uma dimensão de ponto de basta, limite e contenção que deve existir para não se ter conseqüências desastrosas.

Freud afirma aí que a cultura é construída sobre uma renúncia do instinto. Uma das exigências para haver civilização é a garantia da Lei, que não poderá ser

violada em detrimento de um, mas para a qual todos contribuem o preço do sacrifício de seus instintos.

Para que o homem faça a passagem do natural para o cultural, é necessário que ele passe por um processo de desnaturização, ocorrente a partir da sua entrada na linguagem. Segundo Lacan (Apud Kaufmann, 1996), essa entrada acontece mediante a inscrição de um traço feito a partir da relação com o Outro semelhante. Esse traço é chamado de traço *Unário* e marca um lugar para o sujeito dentro da estrutura da linguagem. Este delimita uma ausência, ausência de um objeto que satisfaria a necessidade do sujeito, pois, com essa inscrição, o sujeito passa da ordem da necessidade para a ordem do desejo, fazendo com que este objeto se perca.

A partir daí sua relação com seu corpo, os semelhantes e o mundo externo em geral só ocorre mediada pela linguagem. A inscrição da linguagem limita o sujeito nas suas relações, pois a palavra não dá conta da realidade, e assim fica inscrita no sujeito uma falta a partir da sua inscrição na linguagem que vai se traduzir por um mal-estar. Há aí uma condição de limite para o sujeito, no qual este não mais pode viver de acordo com suas necessidades, mas sim consoante com as leis da linguagem e da cultura, leis estas que restringem o seu prazer.

Nesse sentido, o prazer absoluto fica negado ao sujeito, que, pela sua condição de sujeito da linguagem, e não da necessidade, não se satisfaz com um objeto específico, e, assim, tem que circular eternamente entre os objetos na busca de uma satisfação que nunca vai ser encontrada, caracterizando sua condição de sujeito desejante, traduzida no mal-estar. Assim, a constituição do sujeito acontece a partir da sua inscrição na linguagem e pela sua submissão às regras e limites

pertencentes a estrutura deste, garantindo a partir de então sua condição de sujeito desejante.

Ainda em *O Mal-estar na civilização*, Freud (1930) comenta sobre o emprego da intoxicação como meio de evitação do mal-estar, segundo ele, talvez o meio mais eficaz e por isso tão ameaçador. Como vimos pois, Freud conclui no mesmo texto que a cultura existe necessariamente às custas de um mal-estar que se faz sentir no plano do sujeito:

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. (...) Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça (Atividades Científicas); satisfações substitutivas, que a diminuem (Artes); e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela (Freud, 1930, p. 83).

Para Freud o desprazer, ou seja, o mal-estar, tem origem em três fontes: o nosso próprio corpo, condenado à decadência; o mundo externo, com as forças de destruição esmagadoras e impiedosas da natureza; e nossos relacionamentos com os *outros*. Portanto, para evitar tal desprazer originário dessas três fontes e obter assim uma vivência prazerosa, seria para Freud um motivo de se buscar os efeitos mágicos e paradisíacos das drogas.

Nogueira Filho (1999) fala da droga como algo que pela sua condição intoxicante possibilita ao homem um certo retorno ao instinto; um empobrecimento

da linguagem em nome de um prazer a nível do organismo. O sujeito se distancia da linguagem e se fixa em um objeto que proporciona um prazer biológico, não mediado pela linguagem. Isso faz com que ocorra um enfraquecimento de sua subjetividade, já que esta se promove a partir da entrada da linguagem, e de sua condição desejante, já que este não circula entre os objetos em busca da satisfação, mas procura um prazer maior numa relação com único objeto, fixando-se a ele como se este pudesse lhe proporcionar um prazer absoluto. Como o sujeito drogadito põe em segundo plano a linguagem, há um enfraquecimento também dos seu laços sociais, que se estabelecem a partir da estrutura da linguagem com suas leis que dão suporte às relações com os outros semelhantes.

A subjetividade desse indivíduo se reduz praticamente ao ato compulsório de consumir a droga. Há aí um abandono do mito individual desse sujeito, ou seja, de toda sua historicidade pela qual foi demarcado seu lugar social, sua inscrição dentro da estrutura da linguagem; tudo isso em nome de um prazer privilegia o organismo, que é alcançado diretamente no corpo biológico onde não seria necessárias qualquer tipo de mediação nem limitação significativa da linguagem.

Estamos, então, diante de um sujeito que se encontra numa fragilidade da sua condição subjetiva e dos seus laços sociais, em nome de um prazer que vem de uma fixação a um objeto cuja falta ele não suporta.

É importante salientar que a presente pesquisa tem como enfoque a problemática referente a essa relação de fixação que o sujeito estabelece ante o objeto droga, não estando, desta forma, como pontos principais o objeto droga e suas especificações. Neste sentido, não estamos interessado em abordar qual o

efeito dessa ou daquela droga ou suas conseqüências específicas para o sujeito, e sim os efeitos que a relação de fixação à droga acarreta para o sujeito.

Buscando maior esclarecimento e solução para a problemática desse sujeito, nos perguntamos: que construções subjetivas, referentes a sua relação com a droga, com os demais objetos e com as pessoas, o drogadito, que se encontra empobrecido subjetivamente nesses aspectos, pode estabelecer passando por determinado tratamento?

Com essa pergunta, estamos interessado em abordar o drogadito, que está tentando sair de uma posição de dependência em relação à droga, e verificar que construções subjetivas, referentes aos aspectos já citados, foram estabelecidas por esse sujeito.

Levando em consideração o fato de que a condição subjetiva, ou seja, sua constituição sucede a partir da entrada na linguagem intermediada pelo Outro, e que, com isso, a relação do sujeito com os objetos e com os semelhantes acontece mediada e limitada pela linguagem, tomamos como construção subjetiva tudo aquilo que o sujeito edifica a partir da linguagem, ou seja, faz por intermédio desta, e que determina certos aspectos que dizem respeito à posição em que o sujeito se situa diante dos outros, do próprio corpo, dos objetos e da sociedade em geral. A partir disto, tomamos como pontos importantes a serem investigados na subjetividade do drogadito: sua relação com a droga, pois o drogadito se encontra numa relação de fixação com esta se opondo à própria condição subjetiva; sua relação consigo mesmo; sua relação com os demais objetos; e sua relação com as pessoas.

O interesse pelo tema era algo que conscientemente não estava bem explicado para mim, porém no decorrer do trabalho, e após me fazer várias vezes

essa mesma indagação, lembrei-me de um fato ocorrido na minha infância, que me passou despercebido durante todo o tempo em que pesquisamos sobre o tema. Quando tinha aproximadamente cinco anos, um tio meu, por parte de Pai, se encontrava em uma relação de adição com a droga. Este tio se hospedou justamente na casa nossa casa para tentar se livrar desta condição. Isso fez com que meu pai, irmão mais velho dele, tivesse que arrombar, muitos barracos de favela para tirar o meu tio de dentro, completamente tomado pela droga. Meu tio se estabeleceu, fortaleceu suas relações e começou a namorar uma prima da minha mãe. Depois disso, estudou e passou em um concurso público bem conceituado e se estabilizou. Tem mulher e dois filhos. Já teve períodos de recaída, mas no momento esta bem, sem beber nem se drogar.

O tema da drogadição para nós já é algo familiar, em virtude da realização de uma pesquisa na época da graduação, cujo título é: “As implicações dietéticas na estética da drogadição: o que pensa o usuário?”. Posteriormente, também escolhemos o tema da drogadição para desenvolver a monografia de final de curso: “A função paterna na drogadição”.

A escolha do tema para este estudo foi influenciada pelo surgimento da drogadição como sintoma social nas últimas décadas, sintoma este não apenas no sentido do número de sujeitos aditos às drogas dentro da sociedade, mas como presença no discurso social.

Como Melman (1992) situa, podemos falar de sintoma social a partir do momento em que a drogadição é de certo modo inscrita, mesmo que de forma não explícita, no discurso dominante de uma sociedade em uma dada época. Dessa

forma, como sintoma social, a drogadição certamente vem dizer uma verdade, e esta deve ser investigada.

Esse sintoma está cada vez mais crescente nas últimas décadas, alcançando proporções perigosas para a sociedade no presente, na medida em que chega a constituir ameaça para a própria civilização. A partir disso, uma multiplicidade de questões no âmbito teórico, clínico, social e ético estão em pauta. Assim, constituiu-se uma problemática de investigação que incide diretamente em diferentes saberes, que se comprometem na produção de conhecimentos que possam possibilitar soluções para o universo das drogas.

De acordo com o artigo de Joel Birman (1993), intitulado *Dionísios Desencantados*, no contexto atual, não existem disciplinas dominantes, mas, há poucas décadas, a Farmacologia e a Psiquiatria eram as disciplinas que detinham a hegemonia teórica no universo das drogas. As ciências humanas estavam excluídas deste universo, dominado pela Medicina e pela Psiquiatria.

Birman expressa que a Antropologia Social, apesar do seu antigo interesse em experiências rituais com drogas, somente nas últimas décadas passou a investigar sistematicamente o campo das drogas nas sociedades urbanas. As pesquisas sobre drogas nos campos da Sociologia e da Ciência Política também são recentes.

Esse redimensionamento na estruturação teórica no campo das drogas se efetivou em razão de uma urgência social e política que a questão das drogas situou no espaço social. Dessa forma, diante das diversas indagações a respeito do universo droga, a Farmacologia e a Psiquiatria se mostraram limitadas, exigindo a

produção de outras leituras teóricas por outras disciplinas até então não inseridas na problemática em foco.

A Antropologia Social adentrou o universo das drogas, possibilitando a leitura da cultura, dos códigos, da linguagem e das práticas sociais dos sujeito adito a drogas que se inscrevem no campo social ao lado de outras gramáticas. Foi mediante a Antropologia Social que se delineou o *ethos* do universo das drogas.

A Sociologia pôde delinear as intrigadas redes sociais de produção e de consumo das drogas, analisando a relação dessas redes com o mundo do crime e da polícia.

A partir do momento em que a rede internacional do narcotráfico passou a se impor como problema crucial, envolvendo o crime organizado, a polícia e as instituições políticas, entra em cena, no universo das drogas, a Ciência Política.

Finalmente, segundo Birman (1993), a Psicanálise entra na questão a partir do momento em que é necessária a introdução, no campo das drogas, de uma modalidade clínica que considerasse a escuta do funcionamento psíquico dos drogados como questão *sine qua non* para o seu manejo terapêutico.

Diante do contexto atual, podemos verificar que o uso de drogas se alastrou e abarcou todas as esferas do grupo social: pobres, ricos, cultos, incultos, hedonistas, anedônicos, espertos, tolos, bandidos, mocinhos, homens, mulheres, jovens, adultos, crianças, adolescentes, artistas técnicos.

Rapidamente, o que era uma recreação se transformou em um problema de Saúde Pública. No final dos anos 1970, raramente, a hospitalização de sujeito

adito a drogas ocorria. Nos anos 1990, este panorama mudou radicalmente. Não há mês no qual mais de um dos hospitalizados esteja em função do uso de drogas.

Com isso, um novo setor médico-psicológico foi sendo demarcado. Com essa demanda, foram constatadas a especificidade e a dificuldade que essa problemática representava para a sociedade; uma doença, uma compulsão, um vício, um desvio de conduta, uma dificuldade de relacionamento. Foi exigida aos saberes médicos, sociais e psicológicos uma resposta para essa real dificuldade. A partir daí, uma série de tratamentos foi proposta: desintoxicação, grupos de mútua ajuda, drogas anti-compulsivas e bloqueadoras, psicoterapia, Psicanálise...

A realidade é que os resultados a partir dos tratamentos propostos foram sempre muito pouco significativos. A crescente preocupação em obter resultados diante dessa problemática, e estando certo de que drogadição é um problema de extrema relevância social para o Estado do Ceará, fica aberta a possibilidade, a partir da execução da presente pesquisa, de efetuar um estudo que tem como foco as mudanças de aspectos subjetivos do drogadito adquiridas quando este busca uma solução para sua condição e toma como uma forma de saída a aderência a um determinado tratamento.

Diante da gravidade do problema da drogadição, optamos pelo estudo de caso por ser caracterizado por uma investigação ampla e profunda, possibilitando-nos explorar as construções subjetivas efetivadas por um drogadito que buscou um regime de tratamento semi-aberto como forma de saída para a sua condição de adição. Procedemos, então, à pesquisa no modelo qualitativo.

No estudo de caso, procuramos investigar a condição subjetiva do drogadito, no que se refere a sua relação com a droga, com os demais objetos e

com os semelhantes. Neste sentido, analisaremos a afetação subjetiva do sujeito na adição às drogas, e as construções subjetivas efetivadas pelo drogadito durante e após o tratamento.

Pesquisando sobre o tema da drogadição e suas possíveis mudanças, poderemos colher dados de extrema importância que nos possibilitarão fazer uma análise desta realidade com o intuito de promover uma contribuição científica e um fortalecimento dos meios de intervenção capazes de obter resultados significativos para o problema. Estudar sobre efeitos psíquicos causados pela drogadição e sobre as respostas subjetivas que este drogadito pode alcançar nos possibilita examinar uma espécie de mudança que pode ser alcançada, contando, assim, como mais um passo que contribui para as discussões em direção a uma solução para a problemática do drogadito.

A pesquisa teve como objetivo analisar as construções subjetivas referentes à relação com a droga, com os demais objetos e com os semelhantes, de um drogadito que participou de um regime de tratamento semi-aberto, voltado para recuperação de drogaditos. Para isso, investigaremos a condição subjetiva dos drogaditos, no que se refere a sua relação com a droga, com os demais objetos e com os semelhantes, antes da adição às drogas, durante a adição às drogas, durante o tratamento e após o tratamento. Analisando, assim, a afetação subjetiva do sujeito pela adição às drogas e as construções subjetivas do drogadito durante e após o tratamento.

Para isso, iniciaremos nosso estudo elaborando o segundo capítulo, que se refere à constituição subjetiva, como esta se estabelece e qual a sua condição. Isso nos dará subsídios para constatar como ficam estabelecidas para o sujeito suas

relações com os objetos e as pessoas e como essa posição subjetiva é afetada a partir da relação de dependência com a droga.

Prosseguiremos, no terceiro capítulo, que se vai referir justamente à afetação subjetiva, decorrente da utilização dos tóxicos. Nesse módulo, abordaremos como ficam afetados subjetivamente os drogaditos no que se refere a sua relação com a droga, os demais objetos e o semelhante. Dissertaremos, também, a respeito da tendência que a sociedade atual tem de estabelecer relações de adição com os objetos, em destaque a droga, e quais as conseqüências subjetivas para os sujeitos que aderem a este tipo de relação.

O quarto capítulo, Metodologia, trata das questões metodológicas, da pesquisa qualitativa, da coleta de dados, ou seja, dos procedimentos utilizados para alcançar os objetivos da pesquisa. No quinto, Apresentação dos resultados, procuramos estabelecer a conexão entre os conteúdos expressos e as categorias temáticas da investigação. O sexto capítulo, Discussão dos resultados, trás a análise dos resultados, discutindo as relações do sujeito com a droga, com as pessoas e com os demais objetos; e as construções subjetivas a partir delas. No sexto, Considerações finais, sublinharemos os resultados mais importantes do nosso estudo, trazendo a tona o percurso efetivado pelo drogadito e suas construções subjetivas a partir dele.

2 A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA

Neste segmento, abordaremos o conceito de sujeito para a Psicanálise, dando ênfase a sua condição simbólica, como sendo algo que ocorre a partir da entrada do homem no mundo dos significantes. Com o conteúdo abordado nesta parte, teremos respaldo teórico para discutir a afetação subjetiva enfrentada pelo sujeito usuário de drogas, já que este é um dos objetivos do presente experimento.

2.1 A inscrição na linguagem

Lacan (1938), em os *Complexos Familiares na Formação do Indivíduo*, baseia-se nas concepções desenvolvidas por Bolk na teoria da evolução, para falar que inicialmente o sujeito, ao nascer, encontra-se instintivamente “pré-maturo” e ao mesmo tempo submetido à ordem das exigências da necessidade. Por ser “pré-maturo”, o recém-nascido não é capaz de satisfazer suas necessidades por conta própria e, no momento em que há a aparição do desprazer, é necessária a presença de um Outro ser humano desenvolvido ao ponto de poder garantir a sobrevivência e o alívio das necessidades deste. Nasio (1993), fundamentado em Lacan, fala que esse desprazer inicial é da ordem da necessidade e não possui nem uma representação, ou seja, é um processo puramente orgânico. Para a Psicanálise,

esse desprazer é provocado por uma tensão inerente a uma excitação originada em uma parte orgânica, mas que adquire a qualidade de uma fonte pulsional. Neste momento, a criança não faz uso da linguagem e Lacan utiliza o termo “infans” para classificá-la. A criança encontra-se na situação de uma necessidade orgânica que exige ser satisfeita, e a partir do momento em que esse Outro, normalmente a mãe, satisfaz a criança, essa satisfação vai ser representada pela imagem, ou seja, pela percepção que a criança terá no momento em que está sendo satisfeita, havendo uma redução do estado de tensão em que se encontrava. Assim, a satisfação da tensão orgânica adquire representação.

Freud (1895) se refere a essa experiência como primeira experiência de satisfação, na qual o sujeito é satisfeito de forma imediata e inesperada por um semelhante. A partir deste momento, vão se inscrever no psiquismo do sujeito os traços, ou seja, memórias desta imagem da primeira experiência de satisfação. A partir daí, devemos falar de um conceito que Freud, em sua obra, considera como fundamental. Estamos nos referindo neste momento ao conceito de pulsão, que começou a ser introduzido por Freud em 1905, no seu texto, *Os Três Ensaios Sobre a Sexualidade Infantil*. A partir daí, ele inicia a teoria da pulsão e vai dizer que esta é distinta do instinto.

Enquanto o instinto se refere a algo do âmbito da necessidade, onde existe um objeto já predefinido, na pulsão, não existe ligação direta e determinada com objeto, ou seja, não há um objeto predefinido para a pulsão. Com isso, neste mesmo texto, Freud deduz que, como a sexualidade humana não possui um objeto definido, ou seja, não tem como objetivo único atingir o órgão sexual em busca da procriação, é então essencialmente perversa. Isso significa dizer que a sexualidade

humana perverte seu objetivo de procriação e não possui nem um objeto predeterminado, pelo motivo de que a sexualidade humana não está relacionada a algo em torno da necessidade, e sim a algo referente à linguagem. O simbólico, assim, perverte a sexualidade humana.

A entrada da linguagem é mediada a partir da relação com o semelhante, ou seja, com o mesmo que o auxiliou e garantiu sua sobrevivência diante da sua condição de incapacidade instintiva para satisfazer por si suas necessidades. Esse semelhante já está inscrito no mundo da linguagem e vai satisfazer as necessidades orgânicas do recém-nascido deixando marcas de linguagem. Essa operação vai conduzir a formulação do conceito de pulsão, como se referindo a algo que está entre o corpo e a representação, ou seja, é um conceito-limite entre o psíquico e o somático. Freud reporta-se à pulsão como “aquilo que vindo do corpo insiste na alma”. Ela está ligada à noção de representante, delegada ao psiquismo. Nesse sentido, a necessidade é pervertida do seu objeto pela entrada da linguagem, e passa a dar lugar à pulsão. Como a entrada da linguagem acontece mediante a relação com o semelhante, a pulsão não se refere a um objeto do campo da necessidade, mas a algo que diz respeito à relação com o semelhante. Isso leva Lacan a falar do conceito de Outro, em *La Chose Freudienne* (Apud Kaufmann, 1996), como sendo o lugar onde se constitui o eu que fala. Neste sentido, é a partir do contato com esse lugar, com esse conjunto de significantes, onde os que cuidam da criança são representantes, e que Lacan chama de pequenos *outros*, que o recém nascido é inscrito na linguagem.

Rudge (1998) em seu livro, *Pulsão e Linguagem*, aponta para a falha de alguns teóricos, um deles Laplanche, ao indicar a pulsão como emergindo a partir do

instinto, ou seja, o instinto é a fonte da pulsão. Segundo ela, essa concepção decorre de resquícios da teoria do aparelho psíquico, proposta por Freud, onde esta apresentação situa o psíquico subordinado às necessidades somáticas, sendo o aparelho apenas um mecanismo de conservação e adaptação para o organismo.

Para escapar desse erro, devemos encarar a pulsão como algo referente à desnaturalização do indivíduo. O instinto, como roteiro pré-formado, inato, de adaptação de uma necessidade a um objeto natural, não pode traduzir em continuidade a pulsão. Isso ganha apoio na crítica pertinente de Garcia-Roza, com o argumento de que a linguagem e a ordem simbólica implicam uma “desnaturalização do corpo, das suas necessidades e dos objetos do mundo” (Rudge apud Roza, 1998, p. 13).

Existiria, assim, na feitura das pulsões, um apoio a partir das experiências de satisfação com o semelhante, e não com origem em algo que diz respeito a uma gênese instintual. Essa noção de apoio foi criada por Freud (1905) para designar a origem das pulsões sexuais como advindas das experiências de satisfações das necessidades a partir da relação com o Outro.

Uma leitura interessante que leva em consideração afirmações do texto freudiano em relação às zonas erógenas e, ao mesmo tempo, a pulsão como algo advindo da relação com o semelhante, é a de que a idéia de apoio prioriza orifícios de troca do corpo, nos quais os cuidados do adulto se concentram, e, a partir desses cuidados, ocorre uma erotização dessas zonas, que adquirem valor simbólico, advindo do desejo no qual o adulto já está inscrito.

Joel Dör, em *a Introdução à Leitura de Lacan* (1985), exprime que, a partir deste contato com o Outro, surge uma comunicação, na qual este Outro dá sentido

às manifestações da criança, introduzindo-a, desta forma, num referencial simbólico que é o dele. Ocorre é que, quando a criança, a partir do desprazer que está sentindo, manifesta alguma reação corporal, esta vai ser interpretada pelo Outro que vai agir auxiliando a criança. Neste momento, não há nenhuma intenção, por parte da criança, de que, no momento em que manifesta reações corporais, esteja ela comunicando algo ao Outro, e essas manifestações só ganham sentido no momento em que o Outro as atribui. Com a intervenção que o Outro faz baseada no sentido que confere às manifestações da criança, ele a inscreve nesse referencial simbólico que já é o dele. Como essa interpretação é feita pelo Outro, este, de acordo com seu desejo, intervém e normatiza a atividade pulsional do filho. Nesse sentido, as manifestações da criança são representadas pelo desejo do Outro.

A inscrição da criança no mundo dos símbolos sucede mediante a inscrição de um traço feito a partir dessa comunicação com o Outro. Esse traço é chamado por Lacan (Apud Kaufmann, 1996), em seu *Seminário 9*, de traço *Unário*, significante que diz respeito não a uma presença, mas sim a uma ausência. Essa ausência remete justamente ao objeto natural que foi perdido, ao objeto que satisfaria a necessidade do sujeito, mas a própria entrada do traço mediante a relação com o Outro impossibilita tal satisfação por tirar o sujeito da ordem do natural, da necessidade, e jogá-lo na ordem do símbolo, da pulsão. Esse traço marca, então, um lugar para o sujeito na estrutura da linguagem.

Neste sentido, já que a primeira experiência de satisfação ocorre mediante a entrada desse traço na relação com o Outro, Lacan a considera como sendo mítica e correspondendo conceitualmente à perda do biológico no desejo. Mítica, pelo motivo de que a primeira satisfação passa por uma vinculação ao Outro,

alterando-a imediatamente, alteração que a retira do estatuto de uma necessidade satisfeita, pondo-a no estatuto de uma falta que produz demanda ao Outro.

De acordo com Bruce Fink (1995), entra aí um conceito denominado por Lacan de “alienação”. Ele explica que, na alienação, as duas partes envolvidas, criança e o Outro, têm pesos muito desiguais, e que, com o assujeitamento da criança ao Outro, ela se torna, em certo sentido, um sujeito “da linguagem”, ou um sujeito “na linguagem”. É assujeitando-se ao Outro que a criança permite que o significante a substitua.

Fink diz que Lacan se reporta a uma escolha forçada por parte da criança diante do seu assujeitamento em relação ao Outro, pois a escolha por um não-assujeitamento eclode em uma perda de si mesmo, excluindo a possibilidade do advento do indivíduo como sujeito. Mesmo assim, fala-se em escolha, em virtude da possibilidade de se negar a subjetividade por meio de uma não-sujeição ao Outro.

Desta forma, resta claro que o conceito de “alienação” se refere à escolha de sujeição da criança em relação ao Outro, e, conseqüentemente à linguagem. Nessa alienação, a criança concorda em se expressar, e ser representada por meio de uma estrutura que é a linguagem. Desta forma, é exatamente essa escolha, pelo próprio desaparecimento diante do Outro, que vai ser o primeiro passo imprescindível para a ascensão à subjetividade.

Lacan (Apud Kaufmann, 1996), no *Seminário 14*, exprime que é o próprio sujeito que não está lá no começo. Com a alienação, origina-se a possibilidade pura de ser, mas é um lugar que ainda se encontra vazio, ou seja, algo está faltando, e é justamente essa falta o primeiro vislumbre do sujeito. Fink explica que é de extrema utilidade o conceito lacaniano de sujeito como “falta-a-ser”, no sentido em que neste

momento em que se encontra alienado, ele não é, ele é “não-ser”. Ele é apenas um lugar, moldado a partir da palavra, onde se pode discursar sobre ele. Antes da alienação, ele não tinha a menor possibilidade de ser.

No sentido de que antes da alienação não existia nada e depois dela surge uma falta-a-ser, é que a falta aparece no trabalho de Lacan como primeiro passo além do nada, aparecendo dessa forma com um certo *status* ontológico. Para que algo esteja faltando, é necessário um lugar que delimite essa falta. E esse local só pode ser delimitado a partir de um sistema ordenado, ou seja, dentro de algum tipo de estrutura simbólica.

A alienação é justamente a instituição da ordem simbólica, com a atribuição de um lugar para o sujeito dentro dessa ordem. O sujeito, a partir daí, está imerso na ordem simbólica; seu único traço, chamado por Lacan de traço *Unário*, é um marcador de lugar dentro dessa ordem, que o tira do nada e o transforma em algo, ao representá-lo. É o significante que funda o sujeito, que marca seu lugar vazio dentro da ordem simbólica.

Inserida nesse referencial simbólico, a criança vai lançar mão do sentido que o Outro deu às suas manifestações e utilizá-las como forma de demanda direcionada para o Outro em busca da tal satisfação, sempre que ocorrer o desprazer. De acordo com Fink, o desejo, a partir daí, surge na criança como a busca de experimentar novamente aquela primeira experiência de satisfação, que, como já foi referenciado, é mítica, já que não diz respeito à ordem da necessidade, pois a satisfação biológica é barrada com a estrada do símbolo a partir da relação com o Outro.

Nasio (1993) acentua que após essa primeira experiência de satisfação, o Outro não responde na mesma medida anterior e deixa sempre o sujeito com uma falta. Como já ressaltamos, isso ocorre pelo fato de a criança estar aprisionada à representação da satisfação que foi constituída a partir da relação com o Outro. A partir daí, para que a criança tente retornar a essa satisfação adquirida inicialmente, terá que lançar mão dessa representação e direcioná-la para o Outro sob forma de demanda. No momento em que lança mão disso e demanda, a criança não vai ser atendida imediatamente como na primeira satisfação. Ela utiliza o mediador, que é a demanda, por meio de manifestações corporais ricas em sentido para o Outro. Dessa forma, estará impedida de ser atendida imediatamente. Assim, vai haver um furo entre o que a criança realmente deseja e o que ela demanda ao Outro. O que ela deseja é estar na posição em que era satisfeita imediatamente pelo Outro, só que isto foi perdido a partir do momento em que o Outro, na primeira experiência de satisfação, inscreveu na criança uma representação, e essa representação, como já esboçado, implica uma falta.

Nesse momento, ele lançou a criança para o mundo dos símbolos, da representação. Desta forma, a criança se desnaturalizou, deixou o mundo das necessidades, onde possuía um objeto determinado que viria satisfazê-lo, e entrou, por meio do símbolo, na ordem pulsional que não possui um objeto determinado que a satisfaça. Com efeito, a pulsão, diferentemente do instinto, possui força constante nunca satisfeita e impossível de ser estancada, por isso a angústia do homem. A partir dessa entrada no mundo simbólico, a criança terá que lançar mão de um signo, manifestações corporais, como mediador simbólico, o que a impossibilita de ser satisfeita de maneira imediata. Daí por diante a criança terá que lidar com esta falta.

2.2 A relação imaginária com o Outro

De acordo com Lacan (Apud Kaufmann, 1996), nos *Escritos*, a relação imaginária do *infans* com o Outro se estrutura a partir de uma antecipação da aquisição da unidade do seu corpo chamada por ele de *Estádio do Espelho*. O corpo que, diante da “pré-maturidade” psicofisiológica, deveria ser percebido como espedaçado, a partir da experiência especular com o Outro, posiciona-se como objeto, captado pelo reflexo especular, fazendo com que o *infans* se antecipe à apreensão de forma global deste. Lacan (1953-1954), em *Escritos Técnicos de Freud*, designa esse instante pela expressão “momento de báscula”, significando que o homem aprende a reconhecer seu corpo e seu desejo por intermédio do Outro. Neste sentido, antes, o que era um corpo sem imagem e sem sentido, e por isso despedaçado, a partir de identificações geradas na relação especular com o Outro, este corpo é banhado de sentido e posto de pé, tornando-se unidade.

Fink (1995) ressalta que dentro da relação com o Outro materno, como expresso anteriormente, a criança começa a lidar com as interpretações e sentidos que este Outro começa a fazer em relação a ela. Assim foi no que concerne aos cuidados com as necessidades da criança, como também é com relação a todas as aspirações que este Outro espera dela. O Outro, a partir do seu desejo, constitui uma série de qualidades, situando-as como pertencentes à criança, criando assim uma imagem para ela. A criança por sua vez ao se deparar com esta imagem que o

Outro lhe endereça, aliena-se diante desta imagem e constitui a sua própria, a partir daquela. Desta forma, a imagem da criança é estabelecida da partir do desejo desse Outro materno. A criança não possui anteriormente uma imagem do corpo, pois essa imagem se encontrava de forma fragmentada pelas sensações em diversos pontos corporais. Com a unificação dessa imagem produzida pelo olhar do Outro, ela constitui seu corpo como um “todo unificado”. Esse corpo, constituído a partir do desejo desse Outro, é um corpo simbólico, marcado pela linguagem. Nesse momento, que Freud (1914) chama de narcisismo, a criança é banhada de todos os atributos de perfeição e valor, a partir dessa imagem idealizada.

Acontece que, em razão de uma série de exigências externas, a criança percebe não equivaler àquela imagem idealizada. A partir daí, suscita uma transformação ocasionada pela censura crítica cultural, que faz com que aquela criança busque, no cumprimento das exigências culturais uma outra imagem idealizada, mas banhada de regras e limitações.

Freud (1914), em seu texto *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*, nomeia a imagem idealizada com atributos de perfeição de “eu ideal” e o processo da sua formação de narcisismo. Já a imagem limitada pela censura crítica, Freud nomeia de “*Ideal de eu*”. Ela é que impede que o sujeito retorne àquele momento em que era o ideal de perfeição, condenando o sujeito a essa impossibilidade, ou seja, a essa falta.

No narcisismo, o sujeito vivia um momento no qual ele imaginava que a sua relação com a mãe era de total completude; representava a imagem perfeita, ideal, o que completava a mãe era ele, como objeto perfeito para ela, e com isso ele também estava completo.

Em os *Complexos Familiares*, Lacan (1938) ensina que essa “imagem” deve ser sublimada, dando espaço para que novas relações possam se integrar ao psiquismo. Se houver resistência a essas novas exigências que dão progresso a personalidade, a imagem torna-se fator de morte que se revela em suicídios muito especiais caracterizados como não violentos. Cita, ainda, que este é o caso da greve de fome, da anorexia mental e do envenenamento lento de certas toxicomanias pela boca. Foram esses tipos de tendências, a repetir experiências desprazerosas, que levaram Freud (1920) a criar o conceito de pulsão de morte.

Dör (1991), em sua obra, *O Pai e sua Função em Psicanálise* a relação entre filho e mãe, neste momento inicial, se caracterizava como fechada, de forma que nenhuma outra instância tinha o poder de intrometer-se. Neste momento, a relação entre mãe e filho é chamada de fusional. O Pai, como Pai real, é estranho a ela. Essa relação se estabelece como fusional e fechada pelo fato de que o filho se constitui como único objeto que pode satisfazer o desejo da mãe.

Nesse tipo de relação fusional entre mãe e filho, o Pai real está impedido de exercer a sua função simbólica, até mesmo pelo fato de que o filho está no presente momento posicionado como objeto suscetível de satisfazer o desejo da mãe, estando nessa ocasião identificado ao seu Falo. O Falo é na realidade um significante, o próprio significante do desejo. O Pai só poderá exercer a sua função simbólica a partir do instante em que estiver investido da atribuição fálica.

É importante salientar que o Pai está sendo mencionado aí não como uma pessoa real, mas sim como uma função, a qual tem uma importância diante do desejo da mãe. Neste sentido, esta função ainda não entrou em ação pelo fato de a

criança se imaginar neste momento como o único objeto de importância para a mãe, ou seja, objeto fálico.

Como essa relação fusional de completude com a Mãe é apenas imaginária, o Pai, que estava estranho à relação, não demora muito a aparecer. Ele começa a se apresentar também na imaginação da criança, a partir do momento em que ocupa certa consistência significativa diante do desejo da Mãe. O Pai real apresenta-se mais e mais como um intruso para o filho. Ele, a partir dessa nova posição diante do desejo da mãe, começa a questionar se o filho e Mãe realmente estão completos dentro daquela relação. Com isso, questiona a economia do desejo do filho.

Diante desse questionamento, o filho começa a questionar-se quanto ao seu desejo. A partir daí ele está numa incerteza psíquica quanto ao desejo da mãe, e sua identificação com o objeto de desejo desta será abalada. A figura paterna é que apresenta essa incerteza, a permitir a compreensão do confronto da criança com o registro da falta de um objeto que a complete.

2.3 A Função Paterna

Neste momento, entra o conceito que Lacan (1964), no *Seminário 11*, em *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, chama de separação. Enquanto

isso, a alienação diz respeito ao lugar vazio – um marcador – de “não-ser” dentro da ordem simbólica, a separação dá origem ao “ser”.

Segundo Lacan (1962), em seu *Seminário 10*, o que provoca a ansiedade na criança não é a alternância da presença-ausência da mãe, mas, quando a relação mediante a qual ela vem a ser, ou seja, baseada na falta que a faz desejar, está abalada; quando a mãe não possibilita uma falta para a criança, antecipando todas as suas necessidades.

Quando a mãe se mostra falível, ela antecipa que também possui uma falta, e faz com que o sujeito, a partir da sua falta-a-ser, adquirida na alienação, busque preencher a falta deste Outro. Nesse sentido, a separação começa com um Outro barrado, faltoso, que o sujeito a partir daí tenta preencher.

De acordo com Fink (1995), a criança então se pergunta o que esse Outro deseja, na tentativa de se colocar como o objeto que falta, já que desejo e falta são co-extensivos. Ela deseja ser tudo para a mãe. Neste sentido, Lacan expressa que o desejo das crianças nasce completamente subordinado ao desejo da mãe. Daí podemos dizer que “o desejo do homem é o desejo do Outro”. A criança faz uma tentativa de sobrepor completamente a sua falta e a da mãe, ou seja, fazer com que seus desejos coincidam completamente. É raro, entretanto, que a criança seja o único interesse da mãe, impedindo assim que suas faltas se sobreponham inteiramente.

A separação, pois, consiste justamente em gerar a tentativa do sujeito de fazer com que estas duas faltas coincidam completamente. Podemos perceber, no entanto, é que essa tentativa é frustrada pela intervenção de um terceiro termo.

A partir desse confronto com a falta de um objeto que a complete, chamado por Freud de castração, surge um novo móbil na dinâmica desejante da criança, a ser vetorizada pela instância paterna. Toda vez que o Pai real se apresentar perante a criança, ele estará numa posição de alguém que tem direito quanto ao desejo da Mãe. Ao assumir essa posição a figura paterna estabelece com a criança, no primeiro momento, uma relação de rivalidade, rivalidade fálica diante da Mãe. O Pai, desde essa relação de rivalidade, será investido como um Pai privador, interditor e frustrador pelo filho.

Essa entrada do Pai é possibilitada pela Mãe. Só a partir do momento em que a criança percebe que a mãe tem interesse por algo que não é ela, é que fica aberto o espaço para a entrada do Pai. Desta forma a entrada da figura do Pai depende do interesse que a mãe demonstra em direção a ele.

A partir do momento em que a criança perde a certeza da identificação fálica, ela fica mais sensível à intrusão paterna, e o Pai real, mesmo sem nenhum esforço para tal, se apresenta para criança como privador, interditor e frustrador. Com essa ameaça diante da sua relação com a Mãe, a criança pressente algo que sempre esteve ali, que é o direcionamento do desejo da mãe para o Pai. Com essa descoberta o Pai real assume cada vez mais a qualidade de um Pai imaginário, e é nessa qualidade que a criança percebe “este intruso que detém o direito, que priva, interdita e frustra: ou seja, as três formas de investimento que contribuem para mediatizar a relação fusional da criança com a mãe” (Dör, 1991, p. 48).

De acordo com Dör (1991), o Pai aparece como um intruso privador no investimento psíquico da criança, por ser suposto aquele que impede a mãe de ser satisfeita pelo seu único objeto de desejo que é seu filho. Aparece como um

interditor a partir do momento em que tem direito sobre a mãe, e não permite que a criança possua a mãe toda para ela. A representação de um Pai frustrador vem para o psiquismo da criança pela da união dos caracteres de privação e interdito, que vem impor a ela essa falta imaginária desse objeto real que é a Mãe.

Diante dessas circunstâncias, o Pai se apresenta como um objeto rival junto ao desejo da mãe. Com isso, efetua-se aí um deslocamento significativo do próprio objeto fálico. Se a criança não tem mais certeza de que é o *Falo* da Mãe, o Pai se apresenta aí como um Falo rival, possibilidade de ser o objeto de desejo da mãe. Presencia-se aí um deslizamento fálico, onde se esboça a atribuição fálica paterna. O Pai assume uma posição de suposto “ser” o Falo.

Dör destaca o fato de, por intermédio de esse deslizamento fálico em direção ao Pai, a criança é daí em diante conduzida ao encontro com a Lei do Pai. A criança descobre pela rivalidade fálica com o Pai, que a mãe é dependente do desejo do Pai. A partir desse momento, ela se depara com a Lei do desejo do Outro paterno, já que o desejo da mãe é dependente deste. Com isso resolve uma equação cuja resposta regula a economia do seu desejo: o desejo de cada um é sempre submetido à Lei do desejo do Outro.

Se a mãe reconhece que a Lei do Pai mediatiza seu próprio desejo, a criança conclui que o que a Lei regula é o desejo que a mãe tem de um objeto que não é mais a criança, mas de um objeto que o Pai é suposto possuir. A partir daí a instância paterna é investida como aquela que tem o Falo e nesse momento assume o lugar de Pai simbólico.

É nessa ocasião que a criança se vê obrigada a abandonar aquela imagem ideal com a qual havia se identificado, e que Freud (1914) denominou de

“*eu ideal*”, e se vê na condição de submissa à Lei do Pai, que é representante de todas as exigências culturais. Nesse sentido, ela se depara com outra imagem, que a do “ideal de eu”, que vem banhada de todas as exigências sociais.

Para isso deve acontecer um processo, que consiste em tornar inconsciente a imagem que representa a criança como objeto ideal que satisfaz plenamente o desejo da mãe, dando lugar a essa imagem que representa as exigências culturais personalizada pela figura do Pai.

Com esse processo, em vez de a criança “ser” o objeto que satisfaz a mãe, ela busca de “ter” esse objeto, só que isso estando ela subordinada as Leis culturais representadas pela figura paterna.

É a partir desse processo que o individuo representa uma falta para o seu psiquismo e com isso se constitui como um sujeito da cultura. Nesse sentido, a subjetividade do sujeito se estrutura a partir dessa falta. É necessário para o sujeito que exista em seu psiquismo alguma função que represente essa falta, e como foi referido, essa função é exercida pelo Pai como representante da cultura.

É importante salientar que esse Pai não precisa ser real, mas sim uma instância simbólica, um referente terceiro, que adentra a relação fusional e representa para o sujeito a ausência da Mãe, quebrando, desta forma, a possibilidade de o sujeito situar-se numa posição passiva de objeto que satisfaz o desejo do Outro.

Esse momento é crucial, pois a criança tem que renunciar psiquicamente a sua identificação primordial com o objeto que satisfaz o desejo do Outro. Lacan (1969-1970), no *Seminário 17*, refere-se ao desejo do Outro como algo muito

perigoso para a criança, ameaçando tragá-la ou engoli-la. Então, a interferência desse terceiro termo barra esta unidade indiferenciada mãe-criança, libertando a criança das garras desenfreadas do desejo do Outro.

Lacan (1956), em seu *Seminário 3 – As Psicoses*, chama esse terceiro termo de Nome-do-Pai, e se refere a sua entrada como: a operação da “metáfora paterna” ou “função paterna”. Essa função serve justamente como barra ao acesso fácil da criança ao contato prazeroso com a mãe. A partir daí a criança tem que buscar vias mais socialmente aceitáveis para adquirir o prazer, que estarão representadas pela figura do Pai. Podemos equiparar aí a Função Paterna ao que Freud (1920) chama em seu texto, *Além do Princípio do Prazer*, de princípio da realidade, onde este princípio é regido pelo prazer, mas sua busca é mediada por caminhos socialmente estabelecidos.

Neste sentido, a função paterna leva à instalação de um nome que neutraliza o desejo do Outro. Isso possibilita a renúncia de um prazer ilimitado e ao mesmo tempo devastador com a mãe e seu desejo. É como se o Pai tomasse o lugar de desejo da mãe, pois ele, e não a criança, situa-se como objeto de desejo da mãe. Neste sentido, a função paterna nomeia o desejo da mãe, colocando a criança numa posição mais confortável, atuando como uma função protetora.

Segundo Dör (1991), Lacan explica que ocorre a substituição de um símbolo de linguagem por Outro, na ordem do discurso. A metáfora corresponde à substituição de um significante, que é recalcado, por Outro.

No caso da metáfora paterna, o significante originário do desejo da mãe é recalcado e se torna inconsciente. O recalque do desejo originário da mãe é chamado de recalque originário e é somente através dele que se prova que a

criança renunciou o objeto inaugural do seu desejo e se tornou sujeito. Isso porque é o recalque originário que torna inconsciente o que significa o objeto inaugural de desejo da criança.

Essa metáfora só pode ser concebida no âmbito da linguagem, e é só a partir da entrada de um segundo significante, S_2 , que no caso é o Nome-do-Pai, que o sigificante do desejo da Mãe é retroativamente simbolizado como um primeiro significante, S_1 .

Neste sentido, Fink (1995), tomando como referência Lacan, anota que o significante Nome-do-Pai, simboliza o significante do desejo do Outro materno, transformando-o em significantes. Ocorre, então, uma fratura na relação fusional mãe-criança, onde a partir da entrada do significante Nome-do-Pai, a criança pode mediatizar o desejo do Outro materno, simbolizando-o cada vez mais, e conquistando um espaço próprio onde ela possa se movimentar mais tranquilamente.

Depois de ter denominado o significante que substitui o desejo do Outro, de NP – Nome-do-Pai –, Lacan (Apud Kaufmann, 1996), no *Seminário 6*, representa esse mesmo significante que neutraliza, ou simboliza, o desejo no Outro como: $S(A)$, que em geral é chamado de “significante da Falta do Outro”, que também pode ser chamado de “significante do desejo do Outro”, já que desejo e falta são co-extensivos.

Temos como resultado dessa metáfora a constituição do sujeito, mas não apenas como potencialidade, ou como mero marcador no campo simbólico do Outro, como vimos na alienação, mas de um sujeito que foi separado do “Campo do Outro”, onde ele estava apenas como um marcador. O resultado dessa substituição de um

significante por Outro é o advento do sujeito desejante, que simbolizou a falta no Outro, e que agora se depara com a sua falta, causadora do seu desejo, que é o desejo do Outro, o objeto *a*.

Neste sentido, com a instalação do S_2 , significante do Nome-do-Pai, determina retroativamente o S_1 , significante do desejo do Outro materno, tendo como resultado o sujeito barrado, $\$$, e o desejo do Outro assumindo um novo papel: o de objeto *a*.

Fink (1995) exprime que o desejo da criança, a partir daí, encontra-se em decifrar o que permanece oculto no desejo do Outro, ou seja, que ela não consegue satisfazer. Assim o desejo do Outro começa a funcionar como causa do desejo da Criança.

2.4 A falta

A falta que determina o desejo do Outro é que é a causa do desejo do Sujeito. Neste sentido, segundo Fink (1995), chegamos a Outro sentido da máxima de Lacan: que o homem deseja que o Outro o deseje, ou que o homem deseja o desejo do homem por ele.

A voz ou olhar de alguém pode ser tomado como a causa do desejo do sujeito, mas essa causa se origina também a partir da parte do desejo materno, que não é direcionada para o sujeito, mas sim canalizada para os *outros*.

Neste sentido, a criança acha desejável a própria capacidade da mãe de desejar algo além da relação dual que tem com ela. Assim, este desejo do Outro se mostra como objeto *a*, ou seja, como sendo a causa do desejo do sujeito.

Existe no desejo da mãe algo que vai além da criança, alguma coisa que a criança não pode satisfazer. A unidade fusional mãe-criança é uma relação imaginária e não sobrevive. A criança deseja ser o único objeto da Mãe, mas, pela própria natureza do desejo, que é mantido por uma falta, isso não ocorre. Com isso, o desejo da mãe se apresenta como independente do desejo da criança, criando um corte entre elas, uma lacuna que torna o desejo da mãe incompreensível, levando ao advento do objeto *a*.

O objeto *a*, é então o resto que falta para completar essa unidade hipotética mãe-criança. Com a impossibilidade de chegar a esse resto, o sujeito está dividido, mas, mesmo excluído do Outro, ele é capaz, apegando-se ao objeto *a*, de ignorar sua divisão, sustentando a ilusão de totalidade. Fink (1995) fala que Lacan classifica essa construção por parte do sujeito como fantasia. E esta é formalizada por meio do matema: $S \diamond a$. Esse matema deve ser lido como: o sujeito dividido em relação ao objeto *a*. Desta forma, o sujeito obtém uma sensação fantasmática de completude e satisfação por meio dessa relação complexa com o objeto *a*.

Então toda fantasia do sujeito está relacionada com o objeto *a*, ou seja, com a forma em que eles gostariam de estar posicionados em relação ao desejo do Outro. O objeto *a* aparece nas fantasias do sujeito, onde este o manipula, de forma a

obter o maior nível de emoção disso. Não há garantia, porém, de que aquilo que é mais emocionante para o sujeito seja também o mais prazeroso. Desta forma, este prazer subentendido pode se transformar em dor e horror.

Neste sentido, segundo Fink (1995), o sujeito expressa o desejo do Outro no papel mais emocionante de si mesmo, que pode se relacionar a um sentimento consciente de prazer ou de dor. Essa emoção é denominada pelos franceses de *jouissance* (gozo), justamente o prazer que o sujeito constrói para si mesmo na fantasia.

O gozo vem substituir a unidade mãe-criança, unidade esta, que talvez nunca tenha realmente existido, já que se sustentava a partir de um sacrifício da criança ao se subjugar ao Outro, ou de uma abdicação à subjetividade por parte desta.

Podemos nos referir a um gozo antes do estabelecimento da ordem simbólica, correspondente a uma ligação real entre mãe e criança. Essa ligação ocorre sem mediadores simbólicos e, portanto, está fundada no real.

Essa ligação real só se anula a partir da operação da função paterna. O significante Nome-do-Pai determina retroativamente S_1 , e produz o sujeito. Temos a partir daí como resto dessa simbolização o objeto a , que é encontrado na fantasia como uma porção ou quantidade módica dessa ligação real não simbolizada, na qual o sujeito tenta se posicionar na tentativa de alcançar o desejo do Outro.

Neste sentido, com a separação, teremos como resultado o objeto a como algo que resta não simbolizável, e que está constantemente causando o sujeito. Este, por sua vez, graças à impossibilidade garantida pela separação de alcançar

esse objeto a , ou seja, o desejo do Outro, estabelece uma fantasia, obtendo para si uma quantidade módica do que Lacan chamou “ser”. “Enquanto é somente através da ordem simbólica que a existência é garantida (na qual o sujeito alienado se atribui um lugar), o ser é gerado somente pela clivagem do real” (Fink, 1995, p. 84).

Com efeito, a separação produz o ser. Ela separa a unidade sujeito-Outro, onde este Outro mediante de seu desejo, busca algo mais. A partir daí, o sujeito tenta recuperar um resto desse algo mais que o Outro vai em busca, e se constitui como um ser desejante, ser de desejo. O que desperta o desejo para esse sujeito é justamente esse resto, o objeto a , que aparece como um possível complemento para o sujeito, como um parceiro fantasmático.

A separação divide o sujeito em eu e inconsciente, e divide o Outro em Outro faltante (\bar{A}) e objeto a . Algo do Outro foi arrancado pelo sujeito (o desejo do Outro no caso) e incorporado a sua fantasia, para que este, agora como sujeito dividido, possa vir a ocupar um lugar de ser desejante, e que a causa do seu desejo é justamente o desejo do Outro, ou seja, o objeto a . Assim temos, de um lado, o Outro barrado, e do outro, o sujeito dividido estabelecendo uma relação fantasmática com o objeto a resultante da divisão do Outro, ou seja, $S \diamond a$.

2.5 O gozo

Diante da nossa existência, se escaparmos de alguma forma da resistência em relação ao que é incomodo e que nos é intrínseca, podemos perceber a presença de algo monstruoso que habita as nossas entranhas. Algo que põe em xeque os valores da sociedade, construída sobre uma moral que privilegia os bens espirituais, os pensamentos puros e elevados. Em 1920, Freud chama esse monstruoso de pulsão de morte, que se contrapõe ao princípio do prazer sobre o qual Freud atribuiu uma importância fundamental.

Na perspectiva de Freud (1920), o aparelho psíquico se organiza sempre com a intenção de obter prazer, mas, então, como podemos entender, por exemplo, a produção de sintomas, que freqüentemente causam sofrimento, portanto, desprazer? Na realidade, ocorre é que o aparelho psíquico não tendo possibilidade de evitar de forma absoluta o desprazer, busca o mal menor, ou seja, em que situação o desprazer está menos intenso.

A partir dessa idéia, a teoria de Freud encontrou seu alicerce durante muito tempo, mais precisamente até 1920. O princípio do prazer é regulado a partir de Outro princípio, o da realidade, que liga o indivíduo com a realidade e seus perigos. Impede que o sujeito se destrua, pondera com ele sobre os meios de maior obtenção de prazer, considerando os limites que a realidade lhe impõe. Há, com efeito, um conflito entre o eu, dirigido pelo princípio da realidade, e de ideais incompatíveis com ele, dirigidas pelo princípio do prazer. É um conflito entre as

pulsões de conservação, responsáveis pela conservação do indivíduo – comandadas pelo eu – e as pulsões sexuais, que se originam no eu, mas se destacam deste, como exemplo, a pulsão oral – comandadas pelo princípio do prazer.

Na abrangência da teoria freudiana podemos observar que nos deparamos sempre com dois princípios oponentes, garantindo, assim, o movimento e o desenvolvimento do indivíduo, fazendo com que o sujeito saia do lugar, impedindo de certa forma sua permanência e imutabilidade. A partir dessas oposições constantes na teoria de Freud, onde este nomeou as forças em luta, montando, assim, aquilo que foi chamado de dualidade pulsional, base sobre o qual estava erigido o aparelho psíquico, Freud pensou ter resolvido, dentre outros problemas, o da origem do desprazer.

Com a dualidade pulsional, Freud supôs que o desprazer emanava da luta entre as pulsões – pulsões sexuais e pulsões de autoconservação. Depois dessa conclusão teórica, Freud começou a se deparar, em suas observações, com fenômenos que fugiam da explicação que ele havia alcançado. Havia algo no psiquismo que estava além do princípio do prazer. Freud percebeu que havia no ser humano uma tendência a repetir experiências desprazerosas. Então, ele foi obrigado a fazer uma reformulação teórica, Observando, então, que havia uma força irreprimível nos fenômenos de repetição, que se opunha ao princípio do prazer e não estava a favor do princípio da realidade.

Essa força exibia a face da morte, produzia um estado de extrema semelhança com ela, pois, como se reporta Kupfer (1992), contrariamente ao conflito que leva o sujeito a uma movimentação constante, a repetição fixa o sujeito,

homogeneíza, torna as coisas permanentes e imutáveis, empacando o desenvolvimento.

Então Freud (1920), em *Além do Princípio do Prazer*, estava estudando justamente essa presença da morte em vida. O texto refere-se à tendência que o ser humano tem de voltar ao estado inorgânico. Essa tendência decorre do surgimento da vida a partir do não-vivo, e o ser humano tem algo que o impulsiona a retornar ao estado inanimado de que a vida o privou.

Freud nomeou essa força, que impulsiona o homem para este estado inanimado onde prevalece a repetição, de pulsão de morte.

A partir do conceito de *pulsão de morte*, Freud é obrigado a fazer uma reformulação na dualidade pulsional. Pulsões do eu e pulsões sexuais se reúnem agora de um mesmo lado, ambas estão do lado de Eros e lutam pela conservação do indivíduo e da espécie. Em contraposição a estas, encontra-se a *pulsão de morte* em busca do estado inanimado das coisas, como na morte, sem preocupação com a conservação do indivíduo nem com a renovação da espécie. E é a repetição sua grande forma de expressão.

Então Freud, com origem do conceito de *pulsão de morte*, identifica algo da existência humana que é da ordem do “estranho, aberrante, paradoxal em relação ao seu ser biológico, em relação ao fato de que o homem é um ser vivo – algo de que só se pode dar conta quando se faz um apelo a uma ordem de determinações que se situa fora daquilo que determina o vivo: um lugar além da vida” (Millot apud Kupfer, 1992, p. 56).

A elaboração desse novo dualismo pulsional, elaborado a partir da pulsão de morte em *Além do Princípio do Prazer*, é qualificado por Freud como “especulação” na qual ele tenciona prosseguir até as suas mais extremas conseqüências.

Prosseguindo, Freud formulou a hipótese de que todas as manifestações que se ligam à pulsão de morte, embora mais-além e independentes do *princípio do prazer*, não estão necessariamente em oposição a ele. Isso pelo fato de Freud, dentro de suas observações, ter constatado uma espécie de jubilação mórbida, ou seja, a presença do prazer na dor, causada pela produção e experimentação de certos sintomas. Assim a problemática das relações entre os processos de repetições dolorosos e traumáticos e a dominação do princípio do prazer continua parcialmente sem solução.

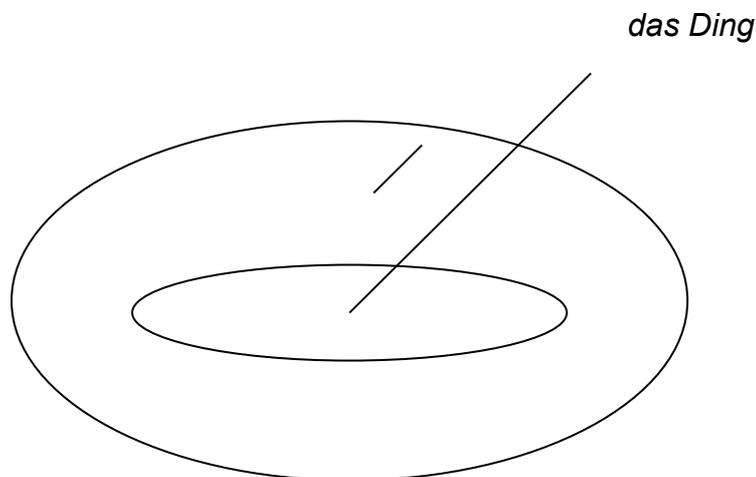
No entendimento de Valas (2001), Freud leva sua reflexão até os confins do prazer, e chega a uma resposta para questão da dor poder ser sentida como prazer, no fato de que as pulsões de morte nunca se manifestam num estado puro, por estarem estritamente atreladas às pulsões de vida. “Elas se combinam em proporções variáveis; entretanto há casos em que a “doma” das pulsões de morte pela libido é incompleta. Daí resulta que a dor e o prazer podem tomar uma conotação de prazer” (Vallas, 2001, p. 24).

Durante sua obra Freud utiliza mais o termo *Genuss*, traduzido como gozo, do que *Lust* (prazer), quando referir-se aos prazeres extremos, à alegria intensa, ao júbilo e ao êxtase; e se refere a esses casos como excedentes em relação ao princípio do prazer.

Essas manifestações podem ser sentidas como sensações dolorosas, indo até a repulsa, o asco ou o horror, na medida em que o sujeito não consegue destacar-se delas. Sem dúvida alguma, há na elaboração de pulsão de morte uma abordagem que Freud não conceitua, mas cujo campo ele delinea, traçando a fronteira que o situa mais-além do prazer. É isto que constituirá o ponto de partida de Lacan para definir o gozo (Vallas, 2001, p. 25).

De acordo com Vallas (2001), em *A Ética da Psicanálise*, Lacan (1960) não utiliza mais o termo gozo como no vocabulário corrente, nem a partir do seu significado em Freud (prazer intenso, volúpia...). Elabora o conceito de gozo, afirmando sua captura a partir do significante.

Para fundamentar essa hipótese, Lacan (1959-1960) produz um objeto em forma de anel (FIGURA 1), ilustrando a eterna dialética presença – ausência do significante. Situa o sistema das representações simbólicas e imaginárias (S,I) do sujeito sobre o corpo do anel, e o gozo, ou seja, a Coisa (*das Ding*), situada no centro de representações do sujeito. Essa representação significa que o gozo é o que é mais íntimo e ao mesmo tempo mais estranho ao sujeito, embora o gozo esteja fora do significante, no real.

FIGURA 1 – Toro

Esse neologismo faz com que Lacan possa resolver a problemática com a qual Freud se depara e que o faz distinguir as tensões internas das causas externas de tensão e excitação. Isso decorre do fato de que a “Coisa”, que está no espaço interno, está em continuidade com o espaço externo, de sorte que não é mais necessário distinguir o externo do interno, pois as tensões estão sempre ligadas às manifestações do real que irrompem, em geral, de modo traumático e doloroso, no campo do sujeito.

Esse objeto topológico é chamado de toro, por meio do seu esquema, cuja estrutura “não- toda significante”, demonstra a relação de inclusão-exclusão na qual ao mesmo tempo em que se opõe se avizinham. O gozo é sempre sentido pelo corpo e, apesar de ter caráter inefável, pode ser delineado pela fala, pelo aparelho de linguagem.

Essa esquematização exprime uma polaridade entre o gozo, que está do lado da Coisa, e o desejo, que para o sujeito é o desejo do Outro. O significante se

localiza no Outro, onde estabelece a relação do desejo com a Lei. Essa Lei aparece como uma defesa do sujeito na sua relação com o gozo pois impede seu acesso. É a Lei da interdição do incesto consubstancial às leis da linguagem, pois, como nos referimos anteriormente, é por intermédio do significante localizado no Outro que o desejo se articula com a Lei; mas é ao mesmo tempo a possibilidade de transgressão dessa Lei que dá acesso ao gozo.

A partir do momento em que o significante fica em primeiro lugar na sua anterioridade lógica, podemos supor a existência de um gozo primordial no “só-depois” da incidência da linguagem. Desta forma este gozo só existe a partir do momento em que o significante lhe dá consistência. Com isso, o objeto perdido só começa a existir depois da inscrição do significante, pois antes dele nada existe para o sujeito.

O objeto primordial terá sido perdido “realmente”, desde sempre e para sempre para o sujeito, apenas porque o significante dá retroativamente essa significação a própria perda que ele gera (Vallas, 2001, p. 29).

Desta forma, o objeto primordial é a falta estrutural que antecipa o desejo. A perda de um objeto real que satisfaz o sujeito não é causa dessa falta estrutural, pois, na realidade, um objeto toma lugar dessa falta e não satisfaz idealmente o que a nostalgia do objeto perdido, na origem da inserção na linguagem, promete a ele.

A Coisa, então, é criada pela incidência da linguagem, que a delinea, mas não a atinge, colocando-a assim no lugar do objeto perdido que, pelo desejo, o sujeito procura encontrar, mediante as coordenadas de prazer e desprazer registradas no inconsciente em forma de traços minêmicos que Lacan denomina de

significantes. Nessa busca, o sujeito só se depara com objetos substitutivos, pois, como a Coisa é inacessível, os objetos são apenas objetos da fantasia, que encobrem a dimensão da Coisa.

Com efeito, podemos chegar à afirmação de que o vazio existente no centro do sujeito é resultado da constituição do aparelho psíquico, e a Coisa só existe a partir da incidência do significante no real: “ela é uma criação do significante, uma codificação lingüística primeira do irrepresentável e do impronunciável” (Vallas, 2001, p. 30).

Na compreensão de Vallas (2001), Lacan utiliza a metáfora do vaso para ilustrar a coisa como criação significante. A parte vazia do interior do vaso é a Coisa que, antes do vaso, não existia, e o vaso é uma criação significante. Isso representa que o real é aprendido mediante a linguagem e não diretamente, ou seja, o real é tecido pelo simbólico.

Este campo de linguagem, que constitui o registro simbólico, não implica por outro lado que todo o real possa ser simbolizado. Inicialmente, Lacan escreve o algoritmo ($S_1 \rightarrow S_2$) para representar a cadeia significante e seu efeito de representação do sujeito de um significante para outro significante. Posteriormente, ao conduzir o real para o centro da experiência analítica, reconhece que o significante, mais do que uma cadeia, faz uma rede que recobre o real. No entanto, mesmo recoberto pela rede de significantes, o real insiste e retorna, na forma do objeto *a* (objeto da pulsão) no fenômeno da repetição.

Assim, Lacan passa a escrever a relação significante como ($S \rightarrow a$), indicando que a rede significante encontra seu limite em sua própria incompletude e

que, em função dessa incompletude, toda possibilidade simbólica esbarra, por sua vez, em seu próprio rochedo, que é a falta de um significante.

Em a *Ética da Psicanálise*, Lacan preocupa-se em fazer uma conceituação da Coisa correlata à definição do gozo no real e da sua função na economia subjetiva; a Coisa é primeiramente representada pelo Outro pré-histórico, ou seja, para a criança, é a Mãe que ocupa seu lugar. A interdição do incesto proíbe justamente esse gozo com o Outro primordial, que é a Mãe, e essa interdição é correlata às leis da linguagem. O desejo pela mãe é o desejo fundamental, mas a mãe é proibida para que subsista a palavra, pois, se a mãe pudesse satisfazer o sujeito plenamente, ele não mais poderia demandar e a palavra seria inútil. É justamente porque a Mãe lhe falta que o sujeito é capaz de desejar algo que não seja a mãe, e que ela não está capacitada a lhe dar. Assim, se o sujeito pudesse realizar esse desejo, seria um lugar de desolação infelicidade e sofrimento, pois ele chegaria ao vazio da Coisa que está interditado ao sujeito pela própria estrutura da linguagem, por meio do significante que dá suporte à Lei.

Para que o desejo possa existir, é necessário que se preserve no sujeito a presença de uma falta, e o que vai garantir esse lugar da falta é a representação da ausência da Coisa feita por intermédio do significante que a faz presente. Essa representação da ausência é necessária na medida em que o desejo se origina de uma falta a ser do sujeito, já que este não pode ser o objeto de satisfação plena do Outro, pois a este Outro materno também é barrado à Coisa pelas leis da linguagem.

Do ponto de vista do significante, o significante fálico faz parte da estrutura como o significante desta falta intrínseca a própria estrutura. Assim, a falta de um significante definitivo na cadeia aparece como um buraco na estrutura e o

significante fálico se constitui como o significante da falta mesma – da falta de completude da estrutura. A essa falta na estrutura, que se configura do lado de dentro, corresponde, do lado de fora, o significante S1, permitindo, uma consistência interna do sistema. Do ponto de vista do corpo, o gozo, como gozo do Outro, gozo em que o sujeito é gozado na qualidade de objeto, este é que fica interdito, de fora – o que permite ao sujeito uma parcela de gozo regulado pela linguagem, pelo falo.

Assim, o gozo, como sendo algo que está enterrado na Coisa, está interdito ao sujeito, pois não é um prazer, é nocivo ao sujeito e está no princípio da sua abolição. Clinicamente, podemos comprovar isso pelo histérico, que se desvia do gozo por asco; do obsessivo que, por medo de ser engolido, não ousa se aproximar; do perverso, que, em fazer o outro sofrer, força o outro a gozar, consiste o seu prazer e não gozo; e o psicótico, esse sim, o único mergulhado no gozo. O que ele sente relativo a dor, e contra sua vontade por estar mergulhado no gozo, nos mostra o quanto ele é insuportável para o sujeito.

Dessa forma produz-se a partir dessa constatação, um paradoxo, pois o sujeito desejante vai em busca do gozo, algo que é da ordem do insuportável para ele e para a sua existência. O sujeito desejo está regido pela Lei, cuja sua transgressão é a possibilidade que existe para se alcançar o gozo. Essa transgressão é duplamente impossível. Primeiramente por uma barreira biológica, pois a Lei do prazer, que se fundamenta na homeostase do corpo, opõe-se ao excesso de gozo, tornando-o impossível, pois este faz fenecer o organismo. Segundo por que:

Para Lacan, o princípio do prazer consiste em transportar o sujeito de significante em significante, a fim de tamponar todo o excesso de gozo. O significante detém o gozo; e se se pode falar de sujeito do desejo que depende de suas representações, em contrapartida não há sujeito do gozo, porque, no gozo, que só pode ser sentido pelo corpo, o sujeito se abole (Vallas, 2001, p. 34).

Assim fica clara a condição de sujeito para a psicanálise, como sendo aquele a quem está barrado um gozo completo, pleno. Isso está barrado ao sujeito pela inscrição deste na linguagem, que impede uma relação direta com um objeto completo. Com isso, o sujeito não existe numa condição natural e sim cultural. A *cultura* é o campo onde o sujeito é aprisionado, a uma condição que lhe é imposta, de se relacionar com o objeto através da intermediação do significante. O sujeito neste sentido é constituído a partir da cultura e aparece representado por um significante diante de outros significantes. O significante, para Lacan, é o principal elemento constitutivo do campo simbólico que ele nomeará Outro (A), do campo da linguagem, onde o sujeito se constitui num efeito de aprisionamento por um significante deste próprio campo, significante esse independente e desconhecido do sujeito. Assim, para Lacan (1964, p.122), o simbólico, o campo do Outro ou (A) é o campo de linguagem onde o significante toma sua definição canônica de ser “o que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1964, p. 223).

Baseado nesta condição cultural irrelutável do sujeito, Freud em 1930 escreve seu texto “*Mal-Estar na Civilização*”.

2.6 O mal-estar na civilização

Freud (1930), em *O Mal-Estar na Civilização* constata que o homem está fadado à infelicidade, isso porque ele só adentra a civilização graças há uma renúncia. O homem, para viver em grupo, é necessário, que faça essa renúncia de satisfação individual em nome de todo o grupo. O que importa então, é o interesse do grupo e não o proveito do indivíduo. Só que isto vai produzir um mal-estar constante, pois o indivíduo sempre deseja se satisfazer em detrimento do interesse do grupo.

Freud diz que a própria constituição dos homens restringe a possibilidade de uma felicidade total e que, por mais tentador que seja ter a satisfação irrestrita de todas as necessidades, isso, porém, "significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo" (Freud, 1930, p. 96). Essa passagem parece ser muito significativa, pois aponta uma dimensão de ponto de basta, limite e contenção, que deve existir para não se ter conseqüências desastrosas.

Freud assegura que a cultura é constituída sobre uma renúncia do instinto. Uma das exigências para haver civilização é a garantia da Lei, que não poderá ser violada em detrimento de um, mas para a qual todos contribuem ao preço do sacrifício de seus instintos. A agressividade é inerente ao homem e intimamente ligada à pulsão de morte, bem como se opõe à própria cultura. Segundo Freud, essa agressividade é internalizada e enviada de volta ao próprio ego, onde é assumido por uma parte do ego (situado contra o resto do ego), o

superego. A tensão entre o ego e o superego é chamada de "sentimento de culpa", e este remonta à morte do pai primevo, especialmente à ambivalência de sentimentos (amor e ódio) pelo pai. Freud diz que o que vem, após a satisfação do ódio pela agressão, é o amor e o remorso dos filhos. Está, então, criado o superego, pela identificação com o Pai, e instaurado o sentimento de culpa, que impede a atuação deliberada dos instintos por parte do indivíduo, possibilitando a existência da cultura.

Ao sujeito, por ordem da cultura, está interdito o objeto em sua forma original, natural e total. Somente substitutos parciais e incompletos lhe são permitidos. Esta é a origem e ao mesmo tempo o efeito do mal-estar na cultura. Origem porque é o que limita a experimentação de intensos prazeres, e efeito porque nossa definição de sujeito pode ser "aquele a quem está interdito o objeto em sua dimensão original". O mal-estar é assim, ao mesmo tempo condição para a existência da cultura e o preço que esta cobra de cada sujeito sobre a forma de recalçamento da pulsão.

Sabemos que, uma vez que a pulsão de morte é instituída, opera-se uma ruptura no psiquismo, pois esta se opõe à libido. É por intermédio dessa ruptura que percebemos a falha primordial, fonte constante de insatisfação.

Para entendermos esse conflito paradoxal entre a libido e a pulsão de morte, Lacan apresenta-nos o conceito de gozo, que podemos compreender como a inadequação básica e incondicional quando a sociedade tenta promover um bem-estar idealizado ao ser falante. O gozo é a causa da impossibilidade de felicidade na civilização.

A cultura, assim, mostra-se como um espaço de metaforização da natureza, onde encontramos o posicionamento ético que resta ao sujeito perante os impasses da sua condição de falante.

O sujeito, uma vez dentro do simbólico, da cultura da civilização, não tem mais como sair dessa condição.

Se quiser retornar ao natural, não consegue mais, e, agora, ao falar, ele se diz, seu desejo não mais existe apenas no nível da necessidade. Com esse novo estatuto, o da fala, ele agora é um ser falante que deseja sempre um algo mais, que não apenas o necessário.

Freud, assim, alerta para qualquer saída que preconize o retorno à natureza como solução para o mal-estar na civilização. Todo o progresso da civilização paga um preço de uma renúncia às pulsões. E é nessa renúncia que se instaura o mal-estar a impedir a realização plena ao homem civilizado.

Freud (1908), antes do *Mal-estar na Civilização*, já inicia uma discussão, sobre este assunto no texto *Moral Sexual Civilizada*, onde a civilização ocupa o lugar de uma instância que age exteriormente sobre o indivíduo. Ele considera que:

(...) a influência nociva da civilização se reduz essencialmente á repressão nociva da vida sexual dos povos civilizados pela moral 'civilizada' que os domina (Freud, 1908, p 14).

Ele define nessa obra a civilização como “a totalidade das obras e organizações cujas instituições nos afastam do estado animal de nossos ancestrais e que servem a dois objetivos: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações dos homens entre si”.

Já em *O Mal-estar na civilização*:

O sofrimento nos ameaça de três lados: no nosso próprio corpo, destinado à decadência e à dissolução (...); do lado do mundo exterior, se dispõe de forças invencíveis e inexoráveis para perseguirmos. A terceira ameaça provém das nossas relações com os seres humanos. (...) O sofrimento oriundo dessa fonte é talvez mais duro para nós do que qualquer outro (Freud, 1930, p. 91).

O vínculo social se apresenta, em princípio, como um vínculo trágico: ele nos faz compreender que os *outros* não existem só como objetos possíveis para nossa satisfação, mas como sujeitos de seus desejos, podendo nos rejeitar ou amar, e representar perigos permanentes ao nosso narcisismo e sobrevivência. No Outro, fundamos nossas esperanças, alianças e rivalidades. Esse duplo aspecto, de violência e de amor, é característico de nossos vínculos “alteritários”.

Freud (1930) discutiu as restrições que a civilização moderna impõe ao livre funcionamento das pulsões sexuais e destrutivas, o que provoca mal-estar na subjetividade. Daí vem as limitações da vida sexual e também o mandamento "ama ao próximo como a ti mesmo", necessário à manutenção da civilização e que funciona como defesa contra a agressão ao outro.

(...) o próximo não é somente um possível auxiliar e objeto sexual, senão uma tentação para satisfazer sobre ele a agressão, explorar sua força de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem seu consentimento, apoderar-se de seu patrimônio, humilhá-lo, causar-lhe dores, torturá-lo e assassiná-lo (Freud, 1930, p. 108).

Freud, em *O Mal Estar na Cultura*, infere a idéia de que, contra o sofrimento causado pelos relacionamentos humanos, a defesa mais direta do sujeito é o isolamento, mediante sua própria vontade, em relação às outras pessoas.

A lógica freudiana do mal-estar aponta o social como representante de sofrimento no instante em que ele, por intermédio de seus seguidores, impõe todo um ideal de dietas às pessoas que, por algum motivo ou fatalidade, não conseguem a assunção ao lugar de bem-estar proposto por este social.

Para Lacan (1969-1970) o problema econômico da civilização é expresso na noção de um mais gozar, obtido pela renúncia ao gozo. Esse mais gozar perde seu valor inerente ao gozo, pois se traduz na tentativa da sociedade de oferecer um “algo a mais” além do gozo, um gozo sublimado.

Como a cultura se constitui sobre a renúncia pulsional, então, estar na cultura significa obter gozo da própria renúncia ao gozo.

É isso o que quer dizer função fálica, ou seja, significa que o sujeito goza da sua castração. O gozo fálico é um gozo regido pela castração. É em torno deste gozo que as sociedades estão reunidas. O gozo fálico é a afirmação do discurso do

mestre, é o gozo que articula o real e simbólico, por isso, ele é vivido fora do corpo e, portanto, refere-se à satisfação da fala.

A formulação do conceito de discurso por Lacan (1969-1970), com certeza, é uma das suas contribuições mais significativas para a Psicanálise. A partir desta elaboração, ele nos fornece uma ferramenta conceitual decisiva para analisar as mudanças no curso da história e a posição dos sujeitos diante delas.

Discurso, para a Psicanálise, é uma forma de estruturação da linguagem que organiza a comunicação, especificando a relação do sujeito com os significantes, com seu desejo, com seu fantasma e com o objeto-causa do seu desejo, determinando o sujeito e suas formas de gozo, ao mesmo tempo em que regula as formas do vínculo social.

Neste sentido, segundo Lacan, o discurso do mestre, relacionado ao gozo fálico, é o ponto de partida da história social e subjetiva, produz um sujeito dividido, barrado, assujeitado à linguagem. A partir desta condição simbólica do sujeito, há um resto, que tanto indica que o objeto causa do desejo é desde sempre perdido (impossibilitando um gozo completo), quanto possibilita ao sujeito um *plus* de gozar, apesar da impossibilidade do acesso direto ao objeto causa do desejo em virtude da barra da linguagem.

Neste discurso, a orientação topológica elaborada por Lacan (1969-1970) indica uma impossibilidade de uma relação direta entre o sujeito e o objeto-causa do seu desejo. O discurso do mestre determina a constituição do sujeito, designa as formas ordinárias do assujeitamento social e político do sujeito a um enunciado de um mandamento, a uma palavra de ordem.

O discurso como laço social é um modo de aparelhar o gozo com a linguagem, na medida em que o processo civilizatório, para permitir o estabelecimento das relações entre as pessoas, implica a renúncia da tendência pulsional em tratar o outro como um objeto a ser consumido – sexualmente e fatalmente – pois a inclinação do homem é ser o lobo do outro homem, ou seja, abusar dele sexualmente, explorá-lo, torturá-lo, matá-lo, saciando no outro sua pulsão de morte erotizada. A civilização exige do sujeito uma renúncia pulsional.

Todo laço social implica um enquadramento da pulsão, resultando em uma perda real de gozo. Todo discurso é, portanto, um aparelho: aparelho de gozo.

Assim Freud enunciou o que há de trágico na condição do sujeito. É na cultura que o mal-estar do sujeito se impõe como estrutural, onde as posições e os impasses entre a pulsão e a cultura atingem seu cume.

Neste sentido, Freud acreditava que a relação conflitual entre a pulsão e a civilização seria de ordem estrutural, isto é, o conflito, não seria jamais ultrapassado. A maneira de encarar esse conflito, porém, de manejá-lo, é uma espécie de *gestão* interminável e infinita do conflito pelo sujeito, de forma tal que este não poder jamais se deslocar da sua posição originária de *desamparo*.

Com isso, Freud destacou a posição estratégica do conceito de desamparo no psiquismo, indicando que em face do desamparo do sujeito na cultura, não existe subjetividade que seja capaz de lidar com os conflitos insuperáveis.

Freud (1930) apontara para tais reflexões, ao enfatizar o impossível a suportar da civilização.

Assim relata:

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. (...) Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça (Atividades Científicas); satisfações substitutivas, que a diminuem (Artes) ; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela (Freud, 1930, p. 83).

3 A AFETAÇÃO SUBJETIVA DO SUJEITO ADITO À DROGA

Neste capítulo, abordaremos teoricamente a afetação subjetiva em que se encontra o drogadito. Fundamentando-nos no segmento anterior, percebemos, no presente capítulo, as mudanças subjetivas que invadem o psiquismo do drogadito.

3.1 A cultura somática e o sintoma da toxicomania

No texto de 1930, *O Mal Estar na Civilização*, Freud diz que a própria constituição dos homens restringe a possibilidade de uma felicidade total e que, por mais tentador que seja ter a satisfação irrestrita de todas as necessidades, isso, porém, "significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo" (Freud, 1930, p. 96). Essa passagem parece ser muito significativa, pois aponta uma dimensão de ponto de basta, limite e contenção que deve existir para não se ter conseqüências desastrosas.

Freud garante que a cultura é constituída sobre uma renúncia do instinto. Uma das exigências para haver civilização é a garantia da Lei, que não poderá ser violada em detrimento de um, mas para a qual todos contribuem ao preço do

sacrifício de seus instintos. A agressividade é inerente ao homem e intimamente ligada à pulsão de morte, bem como se opõe à própria cultura. Segundo Freud, essa agressividade é internalizada e enviada de volta ao próprio ego, onde é assumido por uma parte do ego (situada contra o resto do ego), o superego. A tensão entre o ego e o superego é chamada de "sentimento de culpa", e este remonta à morte do pai primevo, especialmente à ambivalência de sentimentos (amor e ódio) pelo Pai. Freud diz que o que vem, após a satisfação do ódio pela agressão, é o amor e o remorso dos filhos. Está, então, criado o superego, pela identificação com o Pai, e instaurado o sentimento de culpa, que impede a atuação deliberada dos instintos por parte do indivíduo, possibilitando a existência da cultura.

Esse limite cultural é exercido pelas normas institucionais incorporadas pela Família, o Estado e a Religião. Segundo Dör (1991), Lacan chama a função exercida por elas de Função Paterna, já que é o Pai que castra o filho de uma relação de prazer desregrada com a Mãe.

De acordo com Jurandir Freire Costa (2004), *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*, os críticos da Modernidade asseguram que a globalização enfraqueceu as tradicionais instâncias doadoras de identidade e normas, e que o indivíduo tem hoje como principais suportes de identificação o narcisismo e o hedonismo.

Assim, no lugar do sujeito ter como principais referências essas normas – que delimitam até onde ele pode chegar, assim como balizam suas relações e limites em direção ao outro –, este baseia sua identidade no narcisismo. Isso significa dizer que tudo o que existe só tem importância a partir do momento em que corresponde a alguma utilidade para si mesmo.

Se somarmos essa base identificatória narcísica ao hedonismo, que já é consequência daquela – pois o narcisista acredita que felicidade é sinônimo de satisfação sensorial –, “o sujeito da moral moderna teria se tornado indiferente a compromissos com os *outros* – faceta narcisista- e a projetos pessoais duradouros – faceta hedonista” (Costa, 2004, p.186).

Costa (2004), fundamentado em Lipovetsky, não acredita que os indivíduos modernos deixaram de agir moralmente e se tornaram apenas bolhas narcísicas. Defende a posição de que ocorreu foi um deslocamento moral, no qual as instituições tradicionais que determinavam valores de teor universal foram substituídas pelo mito cientificista.

A ciência, ocupando o lugar da verdade, provocou uma reviravolta no terreno dos valores universais. O que antes era medido por valores religiosos, éticos ou políticos, agora é avaliado por métodos de controle e validação experimental. A “vida justa”, que tinha como única referência a virtude moral, ganha então a qualidade de vida como um valor fundamental.

A qualidade de vida tem como grandes referências o corpo e a espécie. Daí vem o interesse exacerbado pelo corpo, e, como consequência, pela sensorialidade. Esses novos valores, que situam o corpo e a sensoriedade em primeiro plano, são acompanhados por uma série de efeitos físicos, mentais e socioculturais inusitados.

Consoante a análise feita por Costa (2004) sobre a cultura moderna, ele cita “o ideal da felicidade das sensações” como sendo uma das manifestações decorrentes da mudança de referência moral. Esse ideal diz respeito à busca pelo prazer do êxtase, ou seja, intenso e passageiro.

Considerando o capitalismo hedonista e permissivo de nossa sociedade atual, este social se apresenta como um ideal estético de práticas e comportamentos, seguido pelos homens, para o alcance de um estado de bem-estar. Passa-se de um plano da realização para um plano da satisfação. Desta forma, proporciona a falsa ilusão de que: se o sujeito estiver seguindo esse ideal de vida, ele vai obter esse estado de bem-estar, continuamente. Então, nos aparece uma impossibilidade, pois a ilusão de um ideal que tenta negar a castração e a posição de sujeito faltante imposta pela linguagem não se sustenta, e a possibilidade de o sujeito eleger único objeto para sua própria satisfação se torna um perigo iminente.

Essas modificações são apoiadas num discurso atual, fundamentado no mito científico, e esse discurso é chamado, por Lacan (1969-1970), de *Capitalista*. Ele apóia o que podemos ultimamente chamar de sintoma da toxicomania e que se encontra cada vez mais incidente no cenário atual.

A toxicomania pode ser vista como mais uma das dietas que encobrem aspectos fundamentais da constituição da subjetividade e da formação dos laços sociais na sociedade capitalista contemporânea.

A utilização de drogas e a busca por um prazer intoxicante é algo que se pode identificar em qualquer cultura. Em *O Mal Estar na Cultura*, Freud (1930) comenta sobre o uso da intoxicação como meio de evitação do mal-estar, segundo ele, talvez o meio mais eficaz e por isso tão ameaçador. Como vimos, Freud conclui no mesmo texto, que a cultura existe, necessariamente, às custas de um mal-estar que se faz sentir no nível do sujeito:

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporcionamos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. (...) Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça (Atividades Científicas); satisfações substitutivas, que a diminuem (Artes); e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela (Freud, 1930, p. 83).

Portanto, para evitar o desprazer originário de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução do mundo externo, oriundo das forças de destruição esmagadoras e impiedosas da natureza e de nossos relacionamentos com os outros, e obter assim uma vivência prazerosa, é para Freud (1930) um motivo de se buscar os efeitos mágicos e paradisíacos das drogas.

Para Freud (1930), o ato toxicomaniaco apresenta-se como uma técnica substitutiva que auxilia o sujeito diante do mal-estar. O ato toxicomaniaco intervém, então, no ponto em que o sintoma neurótico falha diante das dificuldades do mal-estar do desejo.

A drogadição apresenta-se, dentre as técnicas vitais de evitação do sofrimento e busca da felicidade, como uma técnica do corpo de se utilizar o método químico para afrontar o mal-estar na civilização:

O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. (...) Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse 'amortecedor de preocupações', é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade (Freud, 1930, p. 86).

O que é específico, porém, dentro da cultura atual, de acordo com Costa (2004), é a indiferença em relação aos efeitos nocivos que a busca por esse prazer extático pode desencadear na vida do sujeito ou na sua relação com os *outros*.

Essa incoseqüência é o resultado de um discurso que privilegia a possibilidade de um prazer absoluto a partir do consumo de seus produtos, em detrimento de qualquer responsabilidade para com seu mundo real.

No entendimento de Lacan, o que caracteriza nossa época é o capitalismo e o discurso da ciência. Em nossos tempos, a ciência é inteiramente posta a serviço do *Discurso do Mestre* que, por sua vez, foi modificado em *Discurso Capitalista*. Se o mestre antigo se fazia obedecer, atualmente, é o capital a quem temos de obedecer. O mestre contemporâneo é o mercado, e a sua demanda é a produção de objetos que o trabalho da ciência põe à disposição do capital.

A cultura de hoje é uma cultura claramente capitalista e exige que o sujeito se submeta ao imperativo do consumo. A globalização do consumo impôs a produção em massa de objetos que são formas de gozo. Daí que se pode inferir que tanto a toxicomania quanto à anorexia, a bulimia, enfim, todas estas formas, são

expressões atuais do mal-estar na cultura. Desde este ponto de vista, somos todos consumidores e também objetos de consumo.

Isto nos situa diante de uma mudança na posição de objeto, que, em vez de estar na sua posição de causação, passa, ao contrário, a subjugar o sujeito, que se encontra estreitamente dependente dele, destinado a persegui-lo num esforço que não tem descanso e onde está condenado a jamais encontrar o que poderia desejar de mais singular. Deste modo, no *Discurso do Capitalista*, a relação sujeito/objeto é expressa assim: $a \text{ —} \gg S$, o sujeito está aqui a serviço do objeto que produz.

Nogueira Filho (1999) cita Tarrab, ao dizer que o discurso capitalista ou discurso da pós-modernidade pode ser lido da seguinte forma: um sujeito em sua falta de gozo estrutural, decorrente da sua posição dentro da civilização, demanda ao saber científico a produção de um objeto perfeito, capaz de um gozo, que, sem conseqüência, venha acabar com a sua limitação, seu mal-estar, sua divisão, ou seja, sua castração, capaz de produzir o gozo que falta.

Em Lacan (1969-1970), as características da sociedade contemporânea decorrem do fato de que, pelos efeitos do discurso capitalista, impôs-se ao sujeito encontrar sua completude não mais no ideal, mas sim no gozo.

Esse discurso possibilita ao indivíduo estar na estrutura social de hoje, privilegiando um gozo individual em detrimento de qualquer outro valor que vá de encontro a este. Com isso fica permitido ao sujeito, no contexto pós-moderno, orientar suas relações com os semelhantes, pautadas em um prazer individual, sem necessariamente recorrer às normas e regras que levem em consideração o outro

semelhante. Uma curiosa desfaçatez e descuido em relação ao outro está instaurada.

Quer dizer que, na sociedade contemporânea, não mais se goza como antes, quando o sujeito encontrava seu gozo nos ideais, na honra, na honestidade, mas goza-se com os objetos de consumo ou com as drogas.

Na atualidade o que podemos perceber é a explosão de uma nova lógica subjetiva que se mostra por meio de um incremento das adições. À medida que essas novas formas subjetivas se apresentam, elas apontam para os efeitos de um discurso atual, cujo destaque é a insinuação radical da posição de encantamento do sujeito diante do objeto e os seus efeitos sobre o corpo.

As toxicomanias respondem a quase todos os quesitos da chamada contemporaneidade: por um lado, ignoram parâmetros (o ideal) e, com isso, intensificam o individualismo e, por outro, não estão mediadas pela palavra.

De acordo com Costa (2004), o que está em jogo aqui é a busca pelo prazer sensorial, em que o que é essencial é a capacidade do corpo de tornar presente a fonte de estimulação prazerosa. Esse prazer não tem a capacidade de usar a fantasia para prolongar a satisfação projetando-a no futuro ou rememorando-a no passado. O que resta é buscar incessantemente objetos que estimulem o corpo e o façam gozar, o que conduz a uma dependência compulsiva em relação a esses objetos.

Na obra intitulada *A Droga do Toxicômano – Uma parceria cínica na era da ciência*, de Jésus Santiago (2001), surge a reflexão sobre a relação entre o discurso da ciência e o advento do ato toxicomaníaco, na medida em que a ciência

reduz os sentidos em nome de uma causa formal, repercutindo nos modos de tratamento do gozo relacionados com o corpo.

O real do sintoma da toxicomania traduz-se como um efeito de discurso, no sentido de que este é o resultado do encontro do discurso da ciência com a dimensão abolida desse discurso, a saber, o gozo. Para a ciência, não há gozo no real, e é justamente ao preço da exclusão do gozo que a ciência pode interferir com o seu saber no real.

A partir disso, Santiago (2001) diz que a ciência cria seus objetos com a finalidade de extrair satisfação no nível do corpo. Tais objetos, que possibilitam essa modalidade de gozo, são chamados de *gadgets* e têm a propriedade de reaver o resto de gozo perdido com a renúncia ao instinto a partir da entrada do homem na civilização. A característica mais singular desses *gadgets* é que o sujeito se liga a eles, se fixa.

Essa relação de colagem com os *gadgets*, ou mais especificamente com o tóxico, proporcionando esse resto de gozo perdido e que Lacan chama de *mais-de-gozar*, ocasiona um desmantelamento da castração, um rompimento com a estrutura desejante fálica. O ato toxicomaniaco intervém, então, no ponto em que o sintoma neurótico falha diante das dificuldades do mal-estar do desejo.

A dependência para com qualquer objeto, onde estão presentes a passividade, alienação e a submissão crônica e, conseqüentemente, a independência para com as demais coisas da vida, não é de exclusividade dos que elegem os tóxicos como objeto ideal. Essa dependência psicológica ou

simplesmente adição faz parte de um contexto social muito mais amplo e delicado. As adições, na contemporaneidade, ganham diversas faces, como: consumo, internet, trabalho compulsivo, jogo, comida, sexo, drogas lícitas ou socializadas, etc.

Contudo, os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado. O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação (Freud, 1930, p. 47).

Nogueira Filho (1999) destaca que o toxicômano traz à cena o organismo como tal, o organismo bioquímico. Neste sentido, ele impede que o próprio significante venha barrá-lo, venha fazer marca e impeça que o gozo corporal ressurgja.

Lacan (apud Santiago, 2001), em 1975, abordou este fato na sessão de encerramento das jornadas de estudo dos cartéis, onde disse: "a droga é o que permite ao sujeito escapar ou romper o casamento com seu pequeno pipi".

Com isto posto, podemos entender esta afirmação como uma idéia da droga como produtora de uma ruptura com o gozo fálico. Extenso de outro modo, a droga serve ao sujeito para ele negar à castração. Nota-se que esta frase não é uma definição de toxicomania, mas sim uma definição de droga.

Assim, a tese de Lacan sobre as toxicomanias é uma tese de ruptura, pois, ao apontar a possibilidade de escapar do gozo fálico, ele compromete toda a sua teoria dos gozos. Isto porque o poder da droga é ficar fora da castração, fazer o sujeito dizer não à função paterna.

Na visão de Lacan, a droga é um objeto que diz respeito ao gozo. Por sua vez, o gozo é um termo que se refere a satisfazer a pulsão. A particularidade da droga é que ela permite obter um gozo sem passar pelo outro. Como a cultura se constitui sobre a renúncia pulsional, então estar na cultura significa obter gozo da própria renúncia ao gozo.

É a partir da entrada do significante, como estrutura de linguagem, que o homem abandona sua condição natural e se torna um sujeito de linguagem, ou seja, cultural. A partir disso está barrado para o sujeito o acesso aos objetos em seu estado natural, e é permitida uma relação com estes mediada pela linguagem. Isso inaugura para o sujeito uma falta estrutural, e, a partir daí, este busca objetos que possam satisfazê-la. Como não há mais como o sujeito tocar o objeto em sua forma natural, pois este já é um sujeito de linguagem, essa busca é interminável, caracterizando assim sua condição de sujeito desejante. Dessa forma, para assegurar a posição de sujeito desejante, é necessário que haja um resto de gozo inacessível, barrado pelo significante.

É claro que as drogas sempre existiram, mas, para uma visão que aproxima as toxicomanias do que se poderia chamar de sintoma social, pode-se pensar que hoje o uso das drogas está condicionado pelas regras do mercado, o qual tem, como imperativo de consumo, um novo discurso: no caso, o discurso capitalista.

Lacan (1969-1970) faz uma leitura da sociedade moderna, exprimindo que a mudança do mestre antigo para o moderno (ou para o capitalista) ocorreu em função de uma outra mudança: a que diz respeito a uma nova relação que o sujeito atual estabeleceu com o saber. Por isto, muitos autores acham que, ao definir a droga como uma ruptura com o gozo fálico, impõe-se relacionar o fenômeno toxicomaniaco com a predominância do discurso capitalista. Em última instância, isto faz a droga surgir como objeto de mercado. É neste sentido que o toxicômano recusa o gozo fálico: o toxicômano não quer o gozo fálico enquanto sustenta a competição social, rejeita o *Falo*, enquanto sustenta a circulação no mundo social.

Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. São responsáveis, em certas circunstâncias, pelo desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano (Freud, 1930, p. 97).

Com a entrada dos *gadgets* toda essa lógica desejante fica comprometida. De acordo com Nogueira Filho (1999), a brincadeira que o toxicômano faz com o corpo é a intensificação da fonte orgânica a partir da utilização da droga. Com isso o significante perde a função de assegurar o desejo. O traço significante que havia invadido a borda corporal, e barrado o sujeito de uma relação direta com o objeto, vai embora quando o corpo é invadido por um prazer que não depende deste significante.

As drogas fascinam porque prometem tamponar o intervalo entre a força pulsional e a representação, mesmo que temporariamente, suspendendo a inquietação, a dor da exigência de trabalho da pulsão.

Seu efeito maior é a produção de um estado de mania, onde tudo é vivido como possível para o sujeito, de forma imediata, ao se furta passar pelo outro, pois o trabalho descontínuo da simbolização é cortado pelo êxtase dionisíaco.

Essa desfaçatez em relação ao significante por parte do toxicômano tem como consequência um enfraquecimento dos laços sociais, já que estes se estabelecem a partir da linguagem direcionada ao outro semelhante. A subjetividade desse indivíduo se reduz praticamente ao ato compulsório de consumir a droga, ou quaisquer outros *gadgets*. Há assim a partir desse consumo, a possibilidade de um desvencilhamento do outro.

Com efeito, se percebe que a particularidade da toxicomania reside na recuperação do gozo que não passa pelo outro. A função da droga é responder uma demanda imperiosa de gozo que de uma forma ou de outra neutraliza outro.

Então, como Jesus Santiago (2001) salienta, trata-se aí de um ato cínico, na medida em que não se confunde com o ato imoral do canalha, mas sim constitui-se pela ocupação do gozo do corpo fora de laço social. É cínico porque, de certa forma, é uma renúncia ao outro, é “um fazer de conta” que este não existe. A aderência à droga por parte do toxicômano é suficiente para apontar que a ciência, com seus *gadgets*, favorece o que se pode designar como a saída masturbatória para o gozo do corpo, ausente de épocas passadas. Essa fixação com a droga e com esse gozo do corpo é que torna possível o caráter de auto-suficiência do toxicômano em um modo de satisfação autística e solitária.

Dessa forma podemos perceber que, como Jurandir Freire Costa (2004) alertou, realmente não há uma ausência de moral dentro da sociedade moderna, mas sim um deslocamento dessa moral, a partir de um discurso apoiado no mito científico, que possibilita uma atitude que assume uma posição muito mais corporal e sensorial. Não podemos negar, no entanto, que esse tipo de moral possibilita um enfraquecimento dos laços sociais em detrimento de um gozo no corpo, um gozo que dispensa os significantes e o outro.

3.2 A droga sem palavras

Segundo Ponczek (1993) em seu artigo, *Entre Parênteses*, Freud, em *O Mal-Estar na Civilização*, destaca que a satisfação irrestrita das necessidades é um modo muito tentador de se viver, mas que este modo acarreta logo seu próprio castigo, pois isso significa situar o gozo antes da cautela.

Freud exprime que, no masoquismo, o princípio do prazer está adormecido: “é como se o vigia de nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga” (Freud apud Ponczek, 1993, p. 98).

Ivone Ponczek (1993) refere-se à falta de palavras para responder à pergunta sobre as sensações sob o efeito de drogas por parte dos adictos. É como

se houvesse uma quebra de continuidade e o vivido sob o efeito de drogas fica “entre parênteses”. Ocorre uma desorganização da dupla “prazer e desprazer”.

Diante de alguns relatos feitos por seus pacientes, Ponczek chega à conclusão de que sujeitos que por algum motivo não suportam lidar com a realidade, suas adversidades e sofrimentos, pela via química “embaralham” suas mentes. A já tão complexa economia psíquica se complica e fica alterada por uma substância que transcende a categoria substancial, pois é também e principalmente um objeto, ainda que uma “droga” de objeto.

Então se percebe um “antes” da droga, coberto por um sofrimento histórico da vida do sujeito; um “depois”, freqüentemente desesperado, mas que também envolve o sujeito em seu drama histórico existencial; mas há um “durante” passível de ser simbolizado e identificado como seu, de sua vida, e que parece ligado a etapas muito primitivas do desenvolvimento psíquico, onde e quando não havia palavra.

Ivone Ponczek (1993) indaga se esse período não é algo correlato ao estado primitivo de alucinação do seio, onde o que são partes dissociadas e más do eu são postas para fora – por isso a paranóia do drogadito – o bom é o “eu” e o mau é o que esta “fora do eu” – por isso durante o efeito de drogas, são de tal modo, constroem mundos e fundos internamente. Quando o efeito se acaba, no entanto, o encanto se quebra. O falso princípio do prazer deixa seus efeitos mortíferos, os desinvestimentos para com o outro e consigo mesmo. O psiquismo está sem seu guardião e fica órfão.

Isso nos faz perceber que há uma quebra do princípio da realidade, o qual é adquirido com o desenvolvimento psíquico. Desta forma o uso das drogas

assemelha-se ao estado primitivo de alucinação do seio. Desconsiderando o princípio da realidade, o sujeito põe em risco sua sobrevivência (é o mesmo que o bebê continuar alucinando o seio materno até morrer desnutrido) e com o retorno deste princípio o sujeito sofre um desprazer muito grande ao perceber o corte brusco, cauteloso e desprazeroso que este acarreta, e ainda terá que lidar com os desinvestimentos para com o outro e para consigo mesmo.

3.3 O drogadito e os laços sociais

Freud (1930) entende que uma das fontes provenientes do mal-estar encontra-se justamente na relação com os semelhantes. É então impossível obter uma satisfação absoluta dentro das relações com os outros seres humanos. Isso quer dizer que o homem está em busca de uma satisfação nas suas relações, mas, de acordo com Freud (1920), este é regido pelo princípio do prazer, submetido aos limites da realidade. A tentativa de ultrapassar os limites do princípio do prazer e alcançar a coisa perdida que falta no lugar do outro é chamada de gozo, por Lacan (1959-1960), e nunca é completamente efetivada, justamente pela impossibilidade de eliminar esse Outro, ou de satisfazer por completo o desejo deste.

Como já expressamos anteriormente, no tópico sobre o discurso atual, segundo Jesus Santiago (2001) o drogadito, na busca desse gozo que falta, atua

cinicamente, pois põe a existência do outro no plano da inexistência. É uma espécie de brincadeira, na qual se faz de conta que o outro não existe. Essa possibilidade ocorre em virtude de o efeito químico da droga ofertar um gozo no próprio corpo; um gozo solitário, vivenciado autisticamente, sem a necessidade da presença do Outro, garantindo assim a ilusão de uma auto-suficiência e de uma satisfação completa evitando o mal-estar proveniente da relação com o Outro.

Jesus Santiago (2001) comenta sobre o mestre cínico da Antigüidade. Este realiza o diagnóstico de que o mal-estar inerente à civilização é o mal-estar no outro. Resta então ao toxicômano apegar-se aos efeitos produzidos pelas drogas que tivessem a função de preveni-lo contra as exigências imperiosas do outro, evitando assim o mal-estar. A intoxicação traduz-se, então, em termos analíticos, na ambição de remediar ou até mesmo de reduzir a nada o campo de ação do outro.

A droga funciona assim para o drogadito como uma espécie de parceiro; um parceiro desse gozo cínico, pois permite produzir um obstáculo entre o drogadito e o Outro. É algo que acompanha o drogadito na tentativa de recuperação de um gozo que não passa pelo Outro, o gozo mítico no qual o sujeito é satisfeito de forma imediata, ou seja, não mediada pelo significante do Outro.

No consumo da droga, há uma auto-aplicação, na qual se produz um gozo do próprio corpo. Assim, o campo de atuação do Outro fica extremamente reduzido, já que é produzido um gozo que não passa pelo corpo do Outro, distanciando-se, do desejo dele. A partir dessa rejeição com relação ao Outro, Jesus Santiago refere-se a este gozo como sendo um gozo cínico, pois o drogadito goza à revelia do corpo do Outro, havendo a recusa de que o gozo do próprio corpo seja metaforizado pelo gozo do corpo do Outro.

O gesto cínico traduz justamente a incredulidade do toxicômano diante das relações ofertadas pela civilização, explicando assim sua forte devoção a essa forma de satisfação direta e imediata. Neste sentido, ele busca um gozo no corpo fora de laço social. Satisfaz-se à própria maneira, longe, à margem, sem a intenção de chamar a atenção, no seu canto. Rompe com qualquer dimensão de impedimento, pois o que está acima de tudo para ele é o gozo imediato do corpo.

O que o drogadito tenta fazer com a utilização da droga é romper com sua divisão subjetiva. Ele tenta se desfazer do interdito. O sujeito inscrito na função fálica é portador de uma perda primordial de gozo, está interdita a ele certa quota de gozo, pois este está submetido a uma Lei fálica que o interdita. O drogadito se une à droga numa parceria em busca do gozo absoluto, na tentativa de se tornar “um” com a droga, sua parceira cínica, evitando a entrada de qualquer Lei interditora, a entrada da Lei do desejo do outro.

O drogadito se distancia das relações sociais, pois essas são mediadas pela Lei da civilização, que permite um gozo universalizado para a civilização, mas ao mesmo tempo barrado por esta Lei. Esse gozo interdito é fálico, e sustenta as relações de poder, de competição social e de trabalho que envolve produção e dinheiro. Visando a um prazer imediato e absoluto que não permite a submissão a regras, o drogadito torna-se um demissionário do Falo. Com isso, os limites necessários dentro das relações com o outro, e até mesmo o próprio Outro, adquire valor zero dentro da vida desregrada em busca do prazer imediato do drogadito.

Em busca desse prazer imediato, nada mais ganha um estatuto de importância na vida do drogadito. Toda posição ocupada socialmente remete ao sujeito uma abdicção de uma certa quota de gozo, ou seja, determinada renúncia à

satisfação de seus instintos. Para o drogadito, não interessa estar imerso dentro dessa estrutura social, onde ele poderia viver, com os semelhantes e aceito por estes, sobre um certo regime de gozo. Para o drogadito, vale mais o gozo imediato, não sacrificado nem negociado a partir das relações sociais e suas regras de conduta e sem a intromissão de um terceiro, ou seja, um gozo autista obtido pelo próprio corpo somado a sua parceira droga, com o intuito de fazer-se “UM” só com esta, e finalmente complementar-se.

3.4 O gozo do drogadito

Melman (1992) cita o tóxico como uma solução para a dor parar de existir. A partir do consumo da droga o sujeito faz uma colagem a ela que praticamente o “desubjetiviza”, fazendo de certa forma uma suspensão da existência. O toxicômano fica tomado pelo desfile aleatório de seus pensamentos.

O essencial do fluxo de pensamentos escapa à consciência, aparece a não ser sob a forma de chistes, atos falhos, formações do inconsciente. Neste sentido, a droga possibilita o contato com aquilo que está recalcado e que diz respeito justamente ao desejo do Outro; as associações verbais universais que dizem respeito ao mito paradisíaco. Dar-se-ia assim corpo ao Outro interdito que é de natureza materna.

Como ressaltado anteriormente, é a Mãe que autoriza a entrada do Pai, por meio da atenção deslocada do filho para aquele. A Mãe, ao ir trabalhar, ao ter que cumprir alguma obrigação, ou até mesmo ao se dirigir para o parceiro, estará ausente para o filho. Assim, ela demonstra para o filho a existência de um terceiro que estava fora da relação fusional, e que, a partir daí, assume um papel de extrema importância para a subjetividade do filho.

Por algum motivo a Mãe pode impedir ou prejudicar a entrada desse terceiro. Ela pode transmitir ao filho a idéia de que ele é o único que a satisfaz, protegendo assim a relação imaginária de que ele e ela estão numa relação fusional de plena satisfação, em que só existem os dois e eles se bastam, prejudicando, assim, a entrada de um terceiro que barre esse tipo de relação.

O psiquismo do sujeito que se desenvolve neste sentido fica aberto à possibilidade de retornar à posição em que se encontrava como objeto do desejo do Outro materno. Com isso, o sujeito na sua relação com os objetos da cultura, tem uma tendência a aproximar tanto, ao ponto de fazer uma colagem e se posicionar como se ele mesmo fosse um objeto. Desta forma, se aproxima daquela modalidade de relação que ele tinha com a mãe, na qual ele era o objeto de satisfação para ela. Nesse tipo de relação, o sujeito abandona, de certa forma, o seu lugar de sujeito e se posiciona como um mero objeto, o que podemos chamar no mínimo de uma “desubjetivação” parcial.

O que ocorre com o sujeito adito à droga na sua relação com esta, é uma aproximação com ela ao ponto de se situar em uma posição muito semelhante àquela que este ocupava antes da interdição do Pai, aquela relação fusional, ou seja, numa relação imaginária com a Mãe, em que era recoberto de uma imagem

com todos os atributos de perfeição. Em vez do sujeito adito à droga se aproximar e ao mesmo tempo se afastar dos objetos, como acontece no caso do neurótico comum, ele faz uma aproximação exagerada ao objeto droga ao ponto de se confundir com este. Para o neurótico comum, esse afastamento com relação ao objeto, que o impede de fazer uma colagem com este, é assegurado justamente por meio da entrada deste terceiro, que é representante da Lei cultural, interditando a relação fusional imaginária que este estabelecia com a mãe.

Como a viagem através da droga não tem um referencial fálico, ela se mostra de certa forma desordenada, adquirindo muitas vezes o caráter persecutório. Melman diz que, na relação com a droga, há uma vivência da relação dual que é fusional, de modo que o terceiro, que interdita, só interfere de forma bem real encarnada, ou seja, por meio da polícia, justiça, mas nunca em sua forma simbólica.

Diante de alguns ataques do real, o sujeito se vê deslocado de sua posição, a qual diz respeito justamente ao lugar que ele assumiu quando se tornou sujeito por meio da inscrição do Nome-do-Pai. Se este lugar não é bem determinado mediante forte inscrição paterna que representa justamente a falta do sujeito, o sujeito passa por uma permutação do gozo, que, este por não ter estrutura, não se sustenta falicamente e deixa prevalecer o gozo com o outro, em que a utilização de tóxicos é uma das formas de se fazer exercer.

Segundo Pommier (1987), Lacan nomeia esse tipo de relação imaginária em que o sujeito busca estar numa posição de ser o objeto único de desejo do outro materno, como Gozo do outro. E a relação onde o sujeito busca satisfação, por intermédio dos objetos, mediado pela Lei, Lacan chama de *Gozo Fálico*; isso em razão da instância paterna ter assumido uma posição fálica diante do desejo da

Mãe, e de haver interditado a relação fusional que esta estabelecia com o filho, impondo a este apenas uma relação mediada pela Lei.

A posição do sujeito adito à droga ante o objeto droga acontece em virtude de uma certa falha na inscrição da metáfora paterna, o que representa ausência da mãe, e, posteriormente, de qualquer objeto que imaginariamente venha satisfazer-lhe. A inscrição da metáfora paterna faz com que o sujeito possa lidar com a falta. Sua falha não permite que o sujeito adito à droga se sustente na modalidade de gozo fálico. Nesse sentido, diante de alguma frustração, ou seja, de alguma falta que exija essa representação da ausência, a estrutura fraqueja, e, desta forma, o sujeito vai buscar se posicionar na condição de objeto do desejo do Outro, colando-se ao objeto droga e evitando a ausência deste.

Isso implica um certo déficit do desejo, pois, nesta posição, o sujeito se encontra numa modalidade de gozo, que é a do gozo do outro. Como se não lhe faltasse nada, não resta ao sujeito nada a desejar, apenas ser o objeto do desejo do outro, e fica assim aberto e oferecido à intrusão catastrófica de um outro, numa relação que, por não possuir Lei, ou seja, organização e limitação, é absolutamente desregrada.

Esse déficit do desejo no sujeito é ocasionado justamente por essa falha na inscrição do NP, é responsável por lhe representar uma ausência, uma falta, e jogá-lo para a modalidade de gozo fálico, implicando-o numa relação limitada com os objetos. Já que ao sujeito não é permitido estabelecer uma colagem com um objeto, como se esse fosse lhe conferir a satisfação absoluta, este circula entre vários objetos na tentativa de alcançá-la, garantindo a manutenção do desejo e a subjetividade para o sujeito. Com a fraca inscrição da metáfora paterna, o sujeito

está com a representação da falta abalada e fica suscetível a estabelecer uma relação de colagem com o objeto, na tentativa de corresponder à imagem ideal que satisfaz o desejo do outro sem precisar lidar assim com a falta. Isso é verificado diante da relação que este sujeito mantém com a droga, onde se apresenta um curto-circuito, onde o sujeito não circula mais entre os objetos, mas sim aproxima-se tanto do objeto a ponto de fazer uma colagem a este e se confundir com ele. Invadido pelo gozo do Outro, em virtude de uma fraca inscrição paterna, a droga faz uma espécie de apaziguamento neste gozo já que produz a ilusão para o sujeito adito à droga de que ele é realmente o objeto que satisfaz o desejo do outro. Neste sentido, o sujeito adito à droga, situado no gozo do Outro e sentindo a sua invasão desregrada, faz, por meio da sua relação com a droga, uma tentativa de estabilizar a vontade do Outro, colocando-se de certa forma como seu objeto ideal.

Como o sujeito adito à droga só consegue a ilusão de ser o objeto ideal, dotado de todas as perfeições que satisfazem o desejo do Outro, mediante a colagem ao objeto droga, ele não suporta a ausência dessa droga, pois esta ausência remete-o à ausência da Mãe, ausência esta que lhe é fracamente representada pela metáfora paterna. Expresso de outra forma, em vez de possuir essa representação para a ausência e o limite, e a partir daí circular entre os objetos, o sujeito adito à droga interpreta essa ausência como um efeito por este não corresponder à imagem perfeita que satisfaz a mãe. Com isso, cola-se à droga para corresponder a essa imagem, evitando a ausência dessa droga na tentativa de camuflar a falta, que é constituinte para a subjetividade do sujeito.

O toxicômano, por não possuir uma sustentação fálica eficiente, encontra-se em uma modalidade de gozo cuja resposta não existe, mas insiste em ser

alcançada. Com isso, é banhado nas associações universais de seus significantes que buscam uma resposta. Seu corpo, como já sabemos não a possui; então, ele faz uma adição ao objeto droga, pois, com a sua ajuda, tenta situar-se como objeto de resposta para o desejo do Outro materno. Só que como sabemos, ele não pode incorporá-lo, até pelo motivo biológico de que, para poder reaver tal experiência precisa de doses cada vez mais elevadas. Essa resposta só é alcançada na Coisa, na qual deve haver a supressão total do significante, que só ocorre com a morte, ou seja, com a destruição do corpo. Por isso, essa resposta tão procurada pelo sujeito o leva a sua própria destruição.

Melman (1992), relata que os neuróticos se encontram numa adição relacionada ao Falo, cuja falta momentânea causa angústia, e a falta permanente diz respeito à psicose. Os drogaditos, diferentemente, não fazem uma adição no simbólico, mas privilegiam um objeto no real. Nos dois casos, buscam satisfazer um gozo, o gozo fálico e o gozo do Outro, respectivamente.

O drogadito não suporta a diferença, pois essa remete à ausência, coisa que nele não foi muito bem representada pelo significante Nome-do-Pai. Por isso, na sua relação com a droga, a diferença é abolida, pois remete a um gozo homogêneo, uno, que vai de encontro à diferença sexual evidenciada pela ausência, estruturada a partir do Falo. O drogadito desinteressa-se da questão sexual, pois busca a resposta no homogêneo, não no diferente.

O neurótico comum, com a inscrição do significante fálico, possui um vetor de orientação que o guia e orienta, diante da realidade, para um gozo fálico. Agora, imaginemos a situação do drogadito, onde esse significante fálico se encontra carente, mas, mesmo assim, há castração por consequência do

significante, pois, a partir do momento em que estamos remetidos ao significante, não há mais possibilidade de uma apreensão completa do objeto.

Para Melman (1992), essa insuportabilidade da ausência do objeto foi verificada na sua clínica, onde, na transferência, o analista assume o lugar de objeto para o sujeito, e este não consegue suportar sua ausência. O drogadito tinha que ter a garantia da presença do analista sempre que precisasse, se não, assim como na ausência da droga, desencadeava em delírio.

A identificação com o objeto droga é então uma forma do drogadito lidar com as conseqüências de algo dessa metáfora paterna que resta inominável. Assim, pertencendo a um mundo sem palavras, o drogadito encontra-se numa posição de total submissão ao gozo do outro, ao Real do gozo pulsional.

A partir de suas colocações sobre o gozo do outro, Melman (1992) pensa numa maneira de tratar o drogadito:

Penso que a única maneira de tratar um alcoolista – e isto de uma forma apenas esboçada neste artigo – é dando-lhe uma garantia, uma presença no que se refere seu narcisismo. Em outras palavras fazer com que não fique mais em estado de dependência como estava antes, uma vês que agora este objeto, mesmo de forma imaginária, poderia se incorporado graças a uma exaltação possível de seu narcisismo, dando-lhe, de certa forma, uma imagem dele mesmo construída, ainda que de maneira artificial. Uma imagem construída, estável, garantida e que faça com que ele saiba que,

graças a imagem que é agora a sua, há um objeto que se sustenta, se mantém (Melman, 1992, p.143).

3.5 Drogadição: uma perspectiva

No presente tópico faremos uma tentativa de abordar a drogadição no que se refere à sua relação com o objeto e seu respectivo gozo. Essa forma de abordar a drogadição é fundamentada na forma de trabalho efetivada pelo LABIO - laboratório sobre as novas inscrições do objeto - onde priorizamos um estudo das patologias atuais focalizadas na relação sujeito x objeto, em detrimento de uma abordagem a nível de estruturas clínicas.

Sabemos que o sujeito neurótico é normatizado e goza segundo os limites fálicos de sua estrutura. Ao psicótico corresponde uma modalidade de gozo onde o sujeito não articula a linguagem, sendo invadido por ela e pelos efeitos de real que a estrutura pode causar ao sujeito. Falta a ele a inscrição do Nome-do-Pai, ficando aberto o gozo em sua perspectiva mítica, o gozo do Outro. Já o perverso levado por uma nostalgia do gozo do Outro acredita na possibilidade de existir um objeto que venha satisfazê-lo sem observar os limites fálicos da estrutura de linguagem. Por uma fragilidade da inscrição do Nome-do-Pai, torna-se possível para o sujeito fazer um desmentido da castração. O perverso assim se encontra na busca por um *mais-gozar* que é interdito pela função paterna.

Diante disso, Coelho (2003) nos chama atenção para o desenvolvimento teórico estabelecido por Nasio (1991). Este discute a presença de sintomas

característicos da estrutura da psicose em sujeitos neuróticos. Ele considera, a partir disso, que, ou a castração e a conseqüente inscrição do Nome-do-Pai não ocorrem apenas uma única vez na história do sujeito, ou essa inscrição não é suficiente para definir sozinha uma existência exclusivamente neurótica para o sujeito.

Seria um contra-senso profundo crer que a realidade da castração é única, dada de um único golpe e abrangendo toda uma vida. É o inverso que a experiência da análise nos ensina; essa realidade intolerável é, na verdade, uma pluralidade de realidades que se seguem e, às vezes coexistem, cada uma delas existindo apenas no momento do acontecimento, nem antes, nem depois. Em resumo, a castração nunca é única, mas factual, local e múltipla. Não há a castração, mas castrações (NASIO, 1991, p. 79).

Essa lógica, que mostra a relativização do posicionamento do sujeito, justifica o nosso afastamento em relação às estruturas no nosso estudo do drogadito e aponta para uma abordagem que coloca como central as *relações de objeto* e o *gozo*. Nesse sentido, podemos pensar sobre a posição de gozo do drogadito sem a limitação de ter que fixá-lo como neurótico, perverso ou psicótico.

Em sua relação com o objeto droga, o drogadito está numa condição em que este não consegue mais se afastar do objeto. A relação de encravamento constante do objeto droga abalou a posição subjetiva do sujeito a ponto deste se colocar numa posição de assujeitamento em relação ao objeto. A linguagem e a lógica do fantasma fica suspensa em função do objeto.

Esse posicionamento em relação ao objeto só pode ocorrer se houver um prejuízo da castração. O falo, nesse caso, já não funciona como limite do gozo,

como limite do acesso que tem ao real do seu corpo. Para posicionar-se dessa forma, o sujeito está situado fora do gozo fálico, escapando do campo da castração ou não fazendo parte dele.

No centro do nó, como já relatamos, está o sujeito em seu ponto de partida, em sua indiferenciação em relação ao objeto. Ao buraco central do nó cabe sediar o mais-gozar. Podemos dizer, então, que o mais-gozar é a única modalidade de gozo interdita ao sujeito pela operação da castração. De fato, o mais-gozar é a única modalidade de gozo em que o sujeito trata de esvaziar os efeitos da castração que, em poucas palavras, implica que o sujeito não pode mais ser a mesma coisa que o objeto. Ao fazer a sua aposta na droga como objeto que extingue o mal-estar da castração, é ao centro do nó que o adicto consegue retornar. (COELHO, 2003, P.84)

Nesse sentido, todo gozo que rompe as barreiras significantes do corpo do simbólico e apela para o corpo do real rompe, também, a barreira do gozo fálico e se liga a um gozo interdito, o *mais-gozar*, que mantém estreita ligação com o objeto, mas cuja referência última e radical é o gozo do Outro. Nesse sentido, de acordo com Nasio (1991), além das alucinações psicóticas, podemos considerar a passagem ao ato e os adoecimentos somáticos ou lesões de órgão, como situações em que o sujeito está submetido ao gozo do Outro.

O trágico no drogadito, segundo Coelho (2003), é que, enquanto o *mais-gozar* apela para uma lei que o interdite, o gozo do drogadito, que coloca seu organismo em cena através de um efeito químico, vai encontrar seu limite onde o real e o imaginário se conjugam, no gozo do Outro, no fim da existência, a morte.

Coelho (2003), no entanto, alerta que, para além do desmentido da castração, existe uma estrutura discursiva, que do ponto de vista das relações do sujeito com a cultura, sustenta a posição do drogadito diante da droga. Seria, então, o discurso capitalista, que daria condições – suspensão da resistência entre sujeito e objeto; ilusão de que o sujeito pode alcançar e gozar de um objeto completo – de aparecimento e sustentação desse fenômeno da drogadição.

4 METODOLOGIA

Objetivo

A pesquisa teve como objetivo analisar as construções subjetivas referentes à relação com a droga, com os demais objetos e com os semelhantes, de um drogadito que participou de um regime de tratamento semi-aberto, voltado para recuperação de drogaditos. Para isso, investigaremos a condição subjetiva dos drogaditos, no que se refere a sua relação com a droga, com os demais objetos e com os semelhantes, antes da adição às drogas, durante a adição às drogas, durante o tratamento e após o tratamento. Analisando, assim, a afetação subjetiva do sujeito pela adição às drogas e as construções subjetivas do drogadito durante e após o tratamento.

Pesquisa qualitativa

Para lidar com a natureza complexa e ampla das construções subjetivas, fica eleita uma estratégia metodológica de cunho qualitativo, pois, diante da impossibilidade de quantificar os resultados da nossa pesquisa, este método permite fazer uma análise acerca das construções subjetivas efetivadas por um drogadito que participou de um regime de tratamento semi-aberto, como possível solução para sua condição de adito.

Com arrimo em Minayo e Sanches (1993) e Turato (2003), pensamos que nossa pesquisa, por visar a chegar a objetivos que propõem abordar a questão dos

significados (significados construídos pelo drogadito), é uma pesquisa que exige procedimentos diferentes daqueles inspirados pelo modelo quantitativo.

No lugar de trabalharmos com uma população de fatos e objetos possíveis de observar, analisar e explicar, como é o caso da pesquisa quantitativa, na busca qualitativa, consoante Minayo e Sanches (1993), trabalhamos com crenças, valores, representações, hábitos, atitudes e opiniões, referentes a fatos e processos específicos, que se apresentam como possíveis de abordar intensamente.

Turato (2003) reporta-se a investigação qualitativa como uma busca da compreensão da experiência subjetiva do homem, tendo neste sentido um caráter mais valorativo e humano. Desta forma, o cientista tem como objetivo compreender os sentidos dos sujeitos e não dos objetos. Então, o papel do investigador qualitativo é: compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados, dão sentido as suas experiências de vida e estruturam o mundo social em que vivem.

A partir do momento em que nos dispomos nesta pesquisa a investigar as construções subjetivas efetivadas por um drogadito que participou de um tratamento, estamos então, de acordo com o que acabamos de expor sobre pesquisa qualitativa, assumindo um papel de investigador qualitativo, uma vez que lidaremos com os significados construídos pelo drogadito a partir de sua experiência subjetiva.

O estudo de Caso

Sujeito da pesquisa

A proposta inicial foi trabalhar com um sujeito que estaria delimitado temporalmente pela condição de está em decurso de alta. Isto possibilita obter dados referentes à sua condição atual de alta, e o seu estado no momento em que iniciou o tratamento. Desta forma, tornar-se viável uma comparação entre a condição do período inicial e final de tratamento do toxicômano, o que possibilita uma avaliação das transformações ocorridas no individuo a partir da conclusão deste processo. Optamos por um estudo que privilegia a fase final pela possibilidade do sujeito toxicômano poder relatar suas condições tanto no início quanto no fim do tratamento. O contrario ocorreria se optássemos por entrevistas no início do tratamento, quando o toxicômano está num nível de comprometimento tão intenso com as drogas ao ponto de apresentar condições de diálogo bastante restritas e nem ter passado por uma mudança subjetiva a partir do tratamento.

A escolha do sujeito ocorreu a partir da consulta aos prontuários, das informações obtidas com os profissionais e de um olhar atento e clínico do próprio pesquisador. De acordo com o que foi planejado, o sujeito da pesquisa foi selecionado por estar em decurso de alta no tratamento e por haver apresentado uma série de construções a partir da tentativa. Ocorre que o nosso sujeito de pesquisa teve uma recaída antes da alta e abandonou o tratamento. Pelo fato de não podermos mudar de caso, em razão de não existirem sujeitos em tratamento que já estivessem no caminho da alta, resolvemos dar continuidade à pesquisa com o mesmo caso. Então, para não sermos omissos em relação a novo dado

apresentado, foi necessário fazermos novas entrevistas para sermos fieis às construções subjetivas efetivadas pelo drogadito. Neste sentido, não estamos mais investigando, como de início, apenas as construções subjetivas efetivadas durante o tratamento, mas também as construções subjetivas efetivadas durante o tratamento e após o abandono da terapia, além da afetação subjetiva sofrida pelo sujeito na adição à droga. Assim, de maneira geral, analisaremos as construções subjetivas de um drogadito que participou de um tratamento de regime semi-aberto.

A escolha desse sujeito também foi delimitada por uma questão espacial, no sentido de que devem ser casos pertencentes ao espaço conhecido como “Centro de Convivência Elo de Vida”.

No nosso estudo, as questões relativas aos critérios de sexo e idade foram subjugadas ao escolhermos o local de realização da pesquisa, já que este já inclui critérios para esses aspectos. O tipo de droga também não foi algo importante como critério, pois o enfoque do estudo está pautado na relação que o sujeito mantém com ela, e não em suas propriedades químicas.

O Local

Criado em junho de 1995, o Centro de Convivência Elo de Vida representa uma proposta de transformação do dependente químico numa pessoa autônoma, capaz de realizar um projeto de vida construtivo, de aprender a estar bem consigo mesma e com os outros, dispensando o uso de substâncias psicoativas. Busca-se construir no dia-a-dia com os pacientes um modelo de serviço baseado na co-responsabilidade, no qual a equipe almeja juntamente com os pacientes uma

convivência harmônica, de respeito individual e coletivo e de compromisso com uma nova vida. O Elo de Vida constitui um serviço autônomo, contudo interligado a outros dois serviços: CEPAD – Centro de Estudos, Pesquisas e Atendimento ao Álcool e outras Dependências e Unidade de Desintoxicação, que juntos compõem o Núcleo de Atenção ao Usuário de Drogas, no Hospital de Saúde Mental de Messejana, na Cidade de Fortaleza no Estado do Ceará.

O atendimento é direcionado a adultos do sexo masculino, usuários de álcool e outras substâncias que queiram tratar sua doença, independentemente de raça, sexo, idade, religião ou condição social. O programa prevê também a participação da família, como condição para a recuperação e reintegração social do indivíduo.

Com uma equipe interdisciplinar composta por profissionais de nível superior (médico psiquiatra, psicólogo, terapeuta ocupacional, enfermeira, assistente social), médio e elementar, o Elo de Vida trabalha em regime semi-aberto, de 8 às 17 horas de 2ª à 6ª feira, com capacidade para atendimento a 45 (quarenta e cinco) pacientes/dia.

A metodologia de trabalho prevê a formação de grupos com 15 pacientes, selecionados por faixa etária e/ou tipo de droga consumida. Os grupos são supervisionados por um terapeuta que coordena a programação diária, mediante quadro de atividades preestabelecido, incluindo atividades lúdicas, profissionalizantes, esporte, vídeos educativos, grupos operativos, seminários e outras, visando sempre a alcançar o retorno desse paciente à sociedade.

Fontes de evidências

Segundo Yin (2001), em *Estudos de Caso: planejamento e métodos*, o estudo de caso é uma estratégia de estudo abrangente em várias fontes de evidência, com os dados precisando convergir em forma de triângulo. Quanto maior o número de fontes de evidências, maior a consistência do estudo de caso. Neste sentido, a coleta de dados para o estudo de caso pode e deve se basear em muitas fontes de evidências. As que utilizaremos em nosso estudo serão entrevistas e prontuários.

Entrevistas

A pesquisa qualitativa lida com interpretações das realidades sociais e o protótipo mais conhecido é, provavelmente, a entrevista em profundidade. No pensamento de Medina (1986), a entrevista é uma forma interativa que tem por finalidade recolher fatos, sentimentos e comportamentos, transcendendo a mera objetividade e atingindo a subjetividade. É uma forma de obter informações sobre como as pessoas dão sentido e explicam determinadas experiências de suas vidas.

A entrevista, como referido anteriormente, será utilizada como instrumento para a obtenção dos dados. Para Yin (2001), uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso são as entrevistas, uma fonte essencial para os estudos de caso, já que a maioria delas trata de questões

humanas. A partir deste fato, como não possuímos grande variedade de fontes de evidências, ou seja, as presentes no estudo de caso são entrevista e prontuário, realizamos vasta gama de entrevistas para dar consistência ao nosso caso. Para isso efetuamos entrevistas: com o drogadito, sua mãe, com seu pai, com sua ex-esposa, com sua ex-amante, e sua irmã. Inicialmente, pensamos realizar entrevistas com as pessoas responsáveis pela execução das atividades do tratamento, mas, em razão do número relativamente grande de pacientes dentro do tratamento, os responsáveis por essas atividades não tinham dados muito precisos e relevantes para os objetivos da pesquisa. Desta forma, priorizamos as entrevistas das pessoas que tinham um contato mais próximo e constante com o drogadito. A profissional mais próxima do drogadito era uma psicóloga da instituição, que infelizmente viajou e não pudemos ter acesso.

As entrevistas são feitas com o intuito de obter os dados relativos a construções subjetivas realizadas pelo drogadito. Estas entrevistas foram feitas com o drogadito, no momento em que ele estava em tratamento e depois do abandono, e com as pessoas próximas ao drogadito que puderam fornecer informações acerca dele e de suas relações. As entrevistas com as pessoas foram feitas no segundo momento, quando o drogadito já havia desistido do tratamento.

As entrevistas foram realizadas de forma individual para proporcionar maior profundidade de cada caso de ensejar um maior conforto para que o indivíduo pudesse estar à vontade a fim de falar sobre temas mais íntimos e constrangedores, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Estimulamos o entrevistado a falar livremente a partir da sua associação de idéias, exprimindo tudo o que lhe ocorresse a partir dos tópicos da entrevista.

A duração das conversas era no máximo de uma hora para que não ficasse cansativo para o entrevistado nem para o entrevistador. Com isso só foi necessário mais de uma sessão de entrevistas com o drogadito. No total foram: quatro sessões de entrevistas para o drogadito; uma para mãe; uma para o pai; uma para a ex-esposa; uma para a ex-amante e uma para a irmã.

As entrevistas serão semi-estruturadas e por isso possibilitam aos indivíduos que, possam se referir a temas que apesar de não estarem diretamente citados pelo roteiro, possam ser de extrema importância para a pesquisa. Medina (1986) assevera que este tipo de entrevista proporciona facilmente um deslocamento do diálogo em direção ao entrevistado, ocorrendo um desbloqueamento da relação inter-humana, fazendo com que o sujeito possa entrar numa auto-exploração, ou seja, realmente se concentrar em suas experiências, originando uma maior riqueza para os dados.

Seguimos as orientações de Rubin e Rubin (1995), havendo introduzido tópicos e guiado as discussões para questões mais específicas que surgirão, para as quais criaremos questões específicas para abordá-las de maneira mais detalhada.

Como trabalhamos no caso estudado com entrevistas semi-estruturadas, não seguimos um roteiro rígido, permitindo aos entrevistadores discorrer sobre o tema proposto, sem a imposição de tempo ou seqüência de questões, facilitando a interação ativa do entrevistador com o entrevistado e a fluidez dos relatos, como aconselham Lüdke e André (1986). Conduzimos as entrevistas, de modo que o informante se sentisse livre na exposição de cada tema e não conduzido na sua comunicação, embora nós, com habilidade, orientássemos todo o diálogo. Os

roteiros foram preparados com base na proposta da pesquisa. Foram adotados sete roteiros – dois para o drogadito (referentes ao momento em que ele se encontrava em tratamento e após o abandono), um para mãe, uma para o Pai, uma para a irmã, uma para a ex-esposa, e uma para a ex-amante.

Lembramos que foi mantido o sigilo com relação a identidade dos entrevistados sendo criado para isso nomes fictícios: drogadito (José); mãe (Nélia), Irmã (Tereza), pai (Chico), ex-mulher (Adriana) e ex-amante (Cláudia).

O Prontuário

Tivemos acesso ao prontuário do drogadito a partir da diretoria do Elo de Vida. Este serviu como mais uma fonte de evidência, para dar consistência a nossa pesquisa, permitindo que tivéssemos mais uma forma de acesso, apesar de superficial, ao percurso feito pelo drogadito dentro da instituição.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Para introduzir o leitor no caso, abordaremos em um primeiro tópico um pouco da história de vida do drogadito, baseada nas entrevistas feitas com ele e com os familiares. Posteriormente, em um segundo tópico, trataremos das categorias temáticas, e apresentaremos por meio destas os dados mais relevantes para a proposta da pesquisa.

5.1 A história de vida do drogadito

José é caçula, filho único homem, sendo ele o sexto filho de sua mãe. Dos seis filhos que a mãe de José teve só restam vivos ele e sua irmã. José se queixa de que nunca se sentiu amado pelos pais. Diz que a sua irmã sempre teve mais direitos do que ele. Diz que ela sempre ganhou presentes, teve aniversários e ele não. Ele dizia ser tratado em casa como indigente. Muitas vezes diz ter desconfiado que era filho adotivo a razão da diferença de tratamento entre ele e a irmã.

Eu não sabia que meu Pai me amava, minha mãe me amava nem que minha mulher me amava, eu pensava ate que eu era adotado: não, me acharam por ai, me registraram, me deram um nome, a minha irmã é tão bem tratada e eu sou tão jogado pelos cantos... (drogadito)

Em contrapartida, os relatos da mãe e da irmã de José eram de que ele sempre foi mais atendido do que a irmã. A mãe diz que se ele queria uma coisa ela não negava, esforçava-se de todo o jeito para atendê-lo prontamente, e, se não podia, dizia que ia dar um jeito. Relato da mãe:

É porque ele acha que eu fazia mais por ela do que por ele, mas toda vida fez mais por ele do que por ela. hoje mesmo eu vejo que é por que ele tem ciúmes. Ele acha que eu faço mais por ela, mas eu não faço, eu faço mais por ele. Porque ela, é muito difícil eu da as coisas para ela, já ele, ele pediu eu já tô fazendo esforço para dar. Sempre foi assim.(mãe)

A irmã, da mesma forma, fala sobre essa preferência da mãe em relação ao José. Diz que muitas vezes chegou a reclamar com a mãe, dizendo que ela fazia tudo pelo José e que por isso gostava mais dele do que dela.

A relação entre o José e seu Pai era algo muito distante. Segundo sua mãe, o Pai de José tomava quatro porres por dia. Dizia que o contato entre eles era quase nulo:

Se ele chegasse bom e se sentasse assim num sofá ele mais o José, ninguém dizia nem que era parente, porque ele não dava uma palavra. Era calado, parecia assim dois estranhos. Não dialogava, não tinha nenhuma participação na educação, nunca se preocupou de ele ir no colégio, de arrumar o dinheiro de uma passagem para ele ir não, comprar um livro, de jeito nenhum, tudo era eu. (mãe)

O Pai também confirma essa relação distante:

Não conversava muita coisa não...Eu não sei nem dizer. Não sei nem dizer, quem dava conta os estudo dele, era a mãe dele...Não. Nunca me meti com isso não. Era só a mãe dele, a mim ela nunca Falou nada... (pai)

Houve um incidente que ocorreu na família, em que o José acabou por abordar seu pai com uma faca. Isso aconteceu pelo motivo do pai dele ter dado uma pisa na mãe dele porque achava que ela o traía:

...minha mãe me jogou logo contra meu Pai, disse que meu Pai que era o culpado e eu com 13 anos de idade sem usar nada, passei por essas coisas sem usar. Minha mãe me jogou contra meu Pai, e eu disse: vou matar meu Pai... Teve uma briga la entre eles... Um contato corporal. Ai eu disse eu vou matar meu Pai.

E fui vê que o meu Pai não foi o culpado quem foi a culpada foi a minha irmã que traiu o meu Pai. E eu fiquei com trauma, ate hoje tenho trauma pelo fato dessa traição, eu não aceito, por isso eu sofro muito por causa disso.

... O Pai dele me deu uma pisa (risos). Aí o Pai dele me deu uma pisa, e ele tava na casa da irmã dele, e um rapaz viu o Pai dele me batendo do lado de fora. Aí o rapaz correu na casa da irmã dele para avisar que o Pai dele estava dando em mim, aí ele tão pequenininho ele veio de lá na carreira, na viagem que ele veio na carreira, ele não Falou com ninguém só fez entrar de casa adentro a primeira a faca que ele encontrou ele correu atrás do Pai dele. Ele disse: que a para nunca mais ele bater em mim. e o Pai dele e correu para a rua. (mãe)

Para José a mãe dele era a “mulher maravilha”:

A minha mãe era a mulher maravilha até o dia da decepção... Porque ela foi sempre uma mulher batalhadeira... uma mulher que sempre trabalhou. Uma mulher que sempre assumiu a gente...

A relação com a irmã era muito boa:

... a minha irmã foi minha irmã, foi minha mãe e foi meu pai... tudo isso... Porque ela não me abandonou em momento nenhum. Nos sempre

choremos junto, se abracemos juntos, tinha as mesma dor junto e ela sempre acreditou em mim.

José fala que era um garoto que nunca teve amor, e por isso fazia muita questão disto. Diz que quando começou a se relacionar com sua ex-esposa, ele queria muito sentir o amor dela o tempo todo: *“Ele amava mais do que eu. Era. Mais que eu. Ele era doente”* (ex-esposa).

Diz que começou a se esforçar, começou a trabalhar, para poder ter dinheiro e poder ser marido dela:

Morando com minha irmã resolvi casar que era uma maneira de eu ter uma companhia e tentar resolver meus problemas com o casamento. Encontrei a mulher que eu amava, não sei se ela me amava, ela ata provando agora que me ama, porque ate o momento eu não sabia se ela me amava ou não. Mas eu amava muito ela amava tanto que fui capaz de trocar tudo por ela. Trocar minha adolescência, procurar trabalhar, procurar estudar. Eu a conheci quando tinha 13 anos e comecei a namorar com ela. E com isso eu resolvi: puxa eu vou ficar de maior, eu vou conseguir um emprego, ela vai ser minha esposa.

José começou a trabalhar em um hospital. Este emprego quem conseguiu foi sua mãe por meio do patrão dela. José começou a trabalhar lá e foi onde teve o primeiro contato com as drogas. Ele experimentou psicotrópico:

Eu comecei por curiosidade, por ver as pessoas fazer e via que era bom, que dava uma viagem, que era maravilhoso, que era uma curtidão fora do realismo. Até tanto eu não tinha curiosidade, tinha experimentado o psicotrópico, e o psicotrópico usei né... eu via muito e gostava de sempre esta informado sobre a saúde, e vi que fazia mal a saúde, então eu parei porque via que não levava a nada, poderia me causar uma doença maior.

José não ficou muito tempo nesse emprego, passou apenas um ano, como foi também em relação a todos os *Outros* empregos. Depois passou a trabalhar numa indústria de tecidos, mas, devido a um problema respiratório, teve que abandonar. Começou, então, a trabalhar no teatro como zelador. José ganhou a simpatia das pessoas do teatro e passou de zelador para técnico de iluminação:

Me ofereceram uma oportunidade, um emprego lá, mas era de zelador né... E eu entrei como zelador e encarei. Aí fiz o curso de artes cênicas para palhaço, animar festas infantis. Fiz lá no teatro mesmo. E como eu era uma pessoa muito comunicativa, uma pessoa que tinha um bom diálogo, uma pessoa muito perceptiva (...) Ai a diretora do teatro me propôs uns cursos e que se eu toparia teria uma vaga para mim. Se eu tivesse os cursos e tirasse nota boa, eu entraria na equipe técnica. Aí eu fiz os cursos passei e entrei na equipe técnica.

Segundo a ex-esposa: *“Isso aí eu admiro até nele, por que ele começa assim, ele começa num emprego, ele começa de baixo, aí depois ele vai subindo, ele já tem isso”*.

No teatro foi onde José começou uma relação mais intensa com a droga. Lá pela primeira vez ele cheirou pó. Passou a ganhar mais, a trabalhar mais e a ter também maior frequência do uso das drogas:

Eu nem sabia o que era um téco, eu pensava que era uma historia de apelido que alguém dava a alguma pessoa. Ai eu disse: não curto não. Dei o primeiro não, mas ficou aquilo gravado na mente. Eu vi o cara, de repente o cara com alguns segundos mudou. De repente o cara tava puxando cabo, subindo escada, correndo de um lado pra o outro. Ai eu pensei: vixe o cara tá um super-homem agora. Ai essa companhia foi embora. Eu tive o prazer de virar uma noitada e me senti muito abatido;. Ai chegou um rapaz e foi fazer a mesma coisa, mas na copa. Ai ele disse: ei cara vou dar um téco aqui. Ai eu disse: fique a vontade. Ai ele disse: ta afim não? Ai eu disse: não... eu vou provar essa onda.

José se desentendeu com uma pessoa do teatro e acabou saindo depois de trabalhar mais ou menos durante um ano por lá. Com a saída, José começou a fazer bicos, nos quais ele ganhava o mesmo tanto e trabalhava menos:

Nessa época eu estava fazendo bicos, nunca faltava serviço para mim... Então nunca faltava serviço para mim, toda semana eu tinha serviço, ganhando a mesma coisa, sem horário, sem perturbação na minha cabeça, viajando. Já tinha feito meu pedestalzinho.

A relação com a droga foi progredindo, e José agora passava a trabalhar com o único intuito de sustentar o seu vício: “...eu já não trabalhava mais pra comer, eu trabalhava para manter o vício. Se você me chamasse pra fazer um serviço eu dizia: *puxa eu vou ganhar tanto da pra comprar tantos bombons...*”.

O peso da decadência do corpo devido ao uso das drogas começa a render para José uma total falta de disposição para o trabalho. José se desinteressa, começa a rejeitar os trabalhos e a prejudicar os companheiros de trabalho: “*Não, eu mudei normalmente. Fui me desmotivando, me desvencilhando dos contatos, negando as propostas, dizendo que não podia, inventando doença, dizendo que ia viajar. Até perder o contato*”.

Era tinha um rapaz que sempre ligava para ele para ele ir fazer um serviço para ele ia. (...) ele deu celular da mulher dele para o José trazer para ficar se comunicando com ele. Aí o José eu não sei o que ele tem na cabeça, o José pegou e saiu com o celular da mulher do homem e quando voltou, voltou sem o celular. (mãe)

José começa a ter um caso com sua vizinha e a engravida, abandonando sua mulher grávida e indo morar com sua amante em um lugar mais afastado. José retorna a pedido da mãe e com sua ajuda financeira monta um bar junto com a amante. O bar tem movimento, mas José gasta todo o dinheiro no uso das drogas:

Aí passou um tempo, o bar curtido, a gente chegava lá, tava lotado de gente, o pessoal comprando, os garçons despachando, o dinheiro correndo lá mesmo. Quando era no domingo, cadê a renda do bar? Não tinha. Tinha gastado tudinho. E ele não parava não, chegava pegava o dinheiro que tinha apurado e se mandava com os outros na garupa da moto, só voltava quando se alisava, atrás de mais. Assim foi indo e pronto não teve mais como continuar, ficou só as dívidas para mim. (mãe)

A gente “butamo” uma churrascaria, aí todo dia ele saía com uns amigos dele para usar, todo dia, todo dia. (...) Aí começou a usar direto né? Foi estragou o dinheiro. Não tinha mais dinheiro pra nada. A gente acabamos a churrascaria, mãe dele foi que me ajudou a pagar as dívidas dele. A irmã dele. (...) Ele se depravou mesmo, perdeu moto. (Ex-amante)

José arruma alguns serviços a partir das amizades dos familiares, mas além de gastar todo o seu ganho no uso das drogas, acabou utilizando dinheiro do próprio serviço para o uso:

Era assim, um primo dele conseguiu um emprego pra ele, pra fazer uma entrega de tinta numa moto. O rapaz dava a moto, pagava bem né, e ele ia despachar as tintas., tinha que receber o dinheiro. Quando foi um dia ele pegou, foi trabalhar recebeu o pagamento de umas tintas aí, o que é que ele fez? Ao invés de ir pra firma pra entregar o dinheiro e a promissória, não, ele desceu no rumo de onde tinha as coisas. Chegando lá ele tava devendo um dinheiro, o cara tomou o dinheiro que ele tinha da conta da dívida, aí ele com raiva porque o cara tinha tomado o dinheiro, aí ele pegou ficou por lá mesmo e vendeu os capacetes do homem, a sorte que ele não vendeu a moto. (mãe)

José fica desempregado, é abandonado pela amante e diz sim à ajuda oferecida pela irmã indo junto com esta em busca de tratamento:

Tava desempregado sem mulher, já tava aqui morando mais eu. Aí, ele foi subiu aqui pra cima, e a irmã dele perguntou pra mim: Mamãe cadê o José? Eu disse: O José ta lá. Ta lá, não se levanta, nem coisa nenhuma, é todo o tempo deitado, não quer comer nada, a gente pergunta se ele quer um caldo, ele não quer nada ele quer. (...) Ela disse: Pergunte a ele se ele quer alguma ajuda, pode ele querer e ta com vergonha de falar. (...) Aí ele disse: Mãe, eu to precisando de ajuda se ela quiser me ajudar, eu quero que ela me ajude. Ele mesmo falou (mãe).

José melhora num primeiro momento de tratamento:

Ele se aproximou mais da irmã dele, ele não ia lá. Se aproximou mais dela. Ele conversava com as sobrinhas, que ele não tinha mais conversa com as meninas, ele era todo isolado. Ele era rindo, alegre, cantando, dançava e tudo, dançando com as meninas, na maior alegria do mundo. Aí a gente percebeu que ele tava bem melhor mesmo. (mãe)

José começa a sair com um grupo que também faz parte do tratamento e retorna o uso das drogas:

Aí do meio pro fim ele, começou aparecer aquela dos amigos, convidava ele pra ir comer churrasco, aí ele começou essa viagensinhas pra churrasco, aí pronto. Aí foi quando ele resolveu a fazer besteira de oito em oito dias. Por que, ele ia pra casa dos amigos, né. Aí quando ele vinha de lá, já ficava pelos cantos né. (mãe)

José recai em virtude de uma chateação familiar relacionada a comemoração do aniversário do companheiro de sua mãe e não retorna mais para o tratamento.

... a gente tava fazendo o aniversário, e ele não queria que a gente fizesse o aniversário. Aí esse rapaz que vive comigo, nunca fez aniversário dele. Aí ele queria fazer. E ele não queria de jeito nenhum, a raiva dele foi essa. Aí ele com raiva como ele não podia se vingar né. Aí achou de tirar os objetos de dentro de casa, a fim de fazer qualquer coisa pra gente não fazer o aniversário, mas só que ele fez, mas nós continuamos fazendo o aniversário. Aí quando foi depois do aniversário, foi que ele chegou. Chegou no domingo de madrugada. (mãe)

Foi mais por sentimento. Foi sentimento. Foi coisa de dentro. Eu me senti inútil, né. Que meu pai, “pôrra”, meu pai é muito legal e tudo. Eu não via aquele tratamento com meu pai, aquilo me deu um ódio. Como eu não pude agredir né, eu não fui na agressão né, e nem eu podia fazer nada. Eu achei que... Joguei tudo fora. Eu disse: Eu vou usar droga mesmo, que é melhor que ta vendo certos tipos de cena, e eu drogado, eu não vou ta em casa, eu não vou ta ligando pra nada.

A mãe de José diz que este é muito mal acostumado, que a quer apenas para ele e que tem ciúmes do seu companheiro.

*O José, é por que ele é uma pessoa, que a gente tá fazendo e ele quer muito mais. Ele não fica satisfeito só com aquilo que a gente faz. Ele tem... A irmã dele tava dizendo pra mim, que ele tem um pouco de ciúme. Ele não quer que eu fique muito apegada a ninguém. Quer eu só pra ele.
(mãe)*

José pára de utilizar a droga e diz que vai tentar se recuperar por si mesmo, diz que não quer mais usar medicação e fala que o ambiente do hospital não estava mais sendo bom para ele.

Que eu tava lá, mas tava com vontade de usar. (...) As pessoas não falam de esporte... Oh! O time tava bom! As pessoas não falam de religiões. Só fala de religião quando entra no grupo. Tem o grupo do AA, tem o grupo do Na, tem o grupo do tabagismo né. As pessoas só falam... É só pedra, só maconha, só cachaça, não tem outro assunto. (...) Aí, rapaz sabe que eu não vou mais não, sabe que vai me fazer é mal.

5.2 A construção das Categorias

Ao desenvolvermos metodologicamente nosso estudo, para que pudéssemos organizar e sistematizar os resultados obtidos, elaboramos algumas categorias importantes para o alcance de sua proposta.

Essas primeiras categorias foram construídas mediante o objetivo inicial da pesquisa e, segundo Spink e Lima (1999), são chamadas de categorias teóricas.

Nossas categorias teóricas foram: a) a relação com o objeto droga – antes do tratamento e no fim do tratamento; b) as relações com os demais objetos –

antes do tratamento e no fim do tratamento; c) as relações com os semelhantes – sociedade – antes do tratamento e no fim do tratamento.

É importante, neste momento, deixar claro o significado das categorias:

O termo “demais objetos” contido em algumas categorias, diz respeito a todos os objetos do mundo, excluindo a droga, que o sujeito possa estabelecer uma relação mediada e limitada pela linguagem (trabalho, lazer, utensílios, vestuário... o próprio corpo). Dentre eles está incluso o próprio corpo do sujeito, e excluído o corpo do outro já que este diz respeito as relações com as pessoas.

Nas categorias referentes ao “objeto droga” procuramos abordar a relação que o sujeito estabelece com a droga nos diferentes momentos propostos.

Nas que se referem aos “semelhantes”, abordamos as relações que os sujeitos mantêm com as pessoas.

Com isso o quadro de categorias ficaria assim:

Quadro 1 – Categorias Teóricas

CATEGORIAS TEMÁTICAS
A RELAÇÃO COM O OBJETO DROGA ANTES DO TRATAMENTO
A RELAÇÃO COM O OBJETO DROGA NO FIM DO TRATAMENTO
AS RELAÇÕES COM OS DEMAIS OBJETOS ANTES DO TRATAMENTO
AS RELAÇÕES COM OS DEMAIS OBJETOS NO FIM DO TRATAMENTO
AS RELAÇÕES COM OS SEMELHANTES ANTES DO TRATAMENTO
AS RELAÇÕES COM OS SEMELHANTES NO FIM DO TRATAMENTO.

No entanto após a coleta de dados observamos a necessidade da inclusão de novas categorias referentes a conteúdos relevantes para o nosso estudo. Fizemos isso apoiados em Spink e Lima (1999) quando falam que após a criação das categorias teóricas a elaboração das categorias não está prontamente acabada. Isto significa dizer que há um direcionamento feito pelas categorias teóricas, mas que o próprio processo de análise, que é favorecido a partir destas, pode levar a uma redefinição, ou, a um acréscimo de novas categorias, mostrando assim o caráter interativo entre análise do conteúdo e a elaboração das categorias.

No decorrer da coleta de dados, o drogadito que compõe o nosso estudo de caso, após uma recaída, abandonou o tratamento. Isso fez com que novos dados fossem incorporados a nossa pesquisa, surgindo assim a necessidade de uma redefinição e acréscimo de novas categorias.

Com essas modificações as categorias do nosso estudo de caso ficaram definidas assim:

Quadro 2 – Categorias Temáticas

CATEGORIAS TEMÁTICAS
A RELAÇÃO COM O OBJETO DROGA ANTES DA ADIÇÃO
A RELAÇÃO COM O OBJETO DROGA DURANTE A ADIÇÃO
A RELAÇÃO COM O OBJETO DROGA DURANTE O TRATAMENTO
A RELAÇÃO COM O OBJETO DROGA APÓS O TRATAMENTO
AS RELAÇÕES COM OS DEMAIS OBJETOS ANTES DA ADIÇÃO
AS RELAÇÕES COM OS DEMAIS OBJETOS DURANTE A ADIÇÃO
AS RELAÇÕES COM OS DEMAIS OBJETOS DURANTE O TRATAMENTO
AS RELAÇÕES COM OS DEMAIS OBJETOS APÓS O TRATAMENTO

AS RELAÇÕES COM OS SEMELHANTES ANTES DA ADIÇÃO
AS RELAÇÕES COM OS SEMELHANTES DURANTE A ADIÇÃO
AS RELAÇÕES COM OS SEMELHANTES DURANTE O TRATAMENTO
AS RELAÇÕES COM OS SEMELHANTES APÓS O TRATAMENTO

Nos quadros a seguir destacamos as falas mais representativas dos entrevistados de acordo com cada uma das categorias construídas. Como o conteúdo de cada categoria é composto não apenas pela fala do drogadito, para a clareza dos dados, estará indicado entre parênteses, logo após a fala, o entrevistado que a proferiu.

5.2.1 A relação com a droga

Quadro 3 – Quadros de categorias relação com as drogas

A RELAÇÃO	<p><i>... não usava não, ele tinha era raiva porque eu fumava cigarro. Aí ele dizia que não sabia por que eu vivia fumando aquilo porque aquilo não ia levar a nada só ia fazer eu ficar doente. Ele dizia as coisas com as pessoas que fumavam cigarro, usavam drogas ele dizia as coisas, ignorava aquilo, achava que não era certo. (mãe)</i></p> <p><i>Ai apareceu a cocaína, devido ao meu sistema de trabalho e tudo. Porque eu trabalhei na arte, no teatro. E no teatro rola muito essas coisas... É porque vamos dar um téco para agüentar o rojão, é mas vamos da pra ficar mais ativo...". Ai eu cai na bobeira e experimentei (drogadito)</i></p> <p><i>Eu comecei por curiosidade, por ver as pessoas fazer e via que era bom, que dava uma viagem, que era maravilhoso, que era uma curtidão fora do realismo. Ate tanto eu não tinha curiosidade, tinha experimentado o psicotrópico, e o psicotrópico usei né... eu via muito e gostava de sempre esta informado sobre a saúde, e vi</i></p>
-----------	--

<p>COM A DROGA ANTES DA ADIÇÃO</p>	<p><i>que fazia mal a saúde, então eu parei porque via que não levava a nada, poderia me causar uma doença maior. (drogadito)</i></p> <p><i>Ele não era desinibido de cara, mas depois que tomava um psicotrópico e bebia uma geladinha, ficava o dono da situação. Ai eu pensei: eu vou ver que paranóia é essa. Mas foi só um mês mesmo e não foi tão forte. (drogadito)</i></p> <p><i>Eu vi o cara, de repente o cara com alguns segundos mudou. De repente o cara tava puxando cabo, subindo escada, correndo de um lado pra o outro. Ai eu pensei: vixe! O cara ta um super-homem agora. (drogadito)</i></p> <p><i>Gostei, fiquei ativo, tava caidão fiquei ativo, correndo de um lado por outro, senti a diferença. Ai fiquei na cocaína. Mas não usava todo dia não, de mês em mês eu usava, de duas em duas semanas. Quando eu ia curtir mesmo, que eu tinha o meu transporte, eu fazia. Mas ai eu passei a querer conhecer as fontes. (drogadito)</i></p>
<p>A RELAÇÃO COM A DROGA DURANTE A ADIÇÃO</p>	<p><i>Um parente meu disse que tinha aparecido um negocio novo ai. E disse que era bom. Melhor do que o pó. Que era o Crack. Perguntou se eu queria provar. Eu disse que sim... Eu comecei bem, comecei controlado, a primeira, a segunda semana, o primeiro mês, quando chegou no quarto mês eu perdi o animo de trabalhar, e só queria usar. (drogadito)</i></p> <p><i>Eu queria toda hora e todo dia, eu já não trabalhava mais pra comer, eu trabalhava pra manter o vicio. Se você me chamasse pra fazer um serviço eu dizia: puxa eu vou ganhar tanto da pra comprar tantos bombons. (drogadito)</i></p> <p><i>Quando era no domingo, cadê a renda do bar? Não tinha. Tinha gastado tudinho. E ele não parava não, chegava pegava o dinheiro que tinha apurado e se mandava com os outros na garupa da moto, só voltava quando se alisava atrás de mais. (mãe)</i></p> <p><i>... era só de casa pra bocada da bocada pra casa. Era só a droga, a droga girava em... era um circulo, e eu não poderia ultrapassar (...) Num era um carro novo, não era uma mulher mais linda que fizesse eu mudar minha opinião. Minha opinião era aquela. (drogadito)</i></p>
	<p><i>No momento eu não estou utilizando a droga. Porque eu vejo assim a droga é boa, mas pra quem pode usar e pra quem sabe usar. Não tem a historia de quem sabe usar, que um dia vai... Mas as vezes eu sinto falta mas não quero mais, eu sinto vontade de da um teco num pó, num pó bom... Mas eu sei que eu não posso e eu não quero. Agora eu não quero, eu sinto vontade, mas eu não quero eu não posso, porque eu sou um viciado compulsivo, eu sou sem limites. E a minha memória não me deixa esquecer. (drogadito)</i></p> <p><i>Graças a Deus eu nunca fui preso, nunca fui em uma delegacia, mas por pouco não aconteceu porque eu estava no caminho e</i></p>

<p>A RELAÇÃO COM A DROGA DURANTE O TRATAMENTO</p>	<p><i>ainda bem que eu enxerguei antes de chegar lá. Porque o problema da droga é: a porque eu nunca fiz isso, eu nunca fiz aquilo, mas ia fazer porque a droga estava me levando p isso. (drogadito)</i></p> <p><i>Mas quando eu realmente comecei a entender o tratamento, porque antes eu vinha com uma máscara né, aí eu tive uma recaída e minha máscara caiu. Aí eu vi a importância que tinha isso daqui, o tratamento. Porque eu posso até dizer: “Eu fico bom”, mas sozinho eu não fico não. Só eu não fico. Eu sempre iria procurar o máximo pra usar droga, sempre. É na chateação, é no choro do menino, era uma topada que eu levasse no meio da rua. Sempre seria o caminho para eu vir pro caminho da droga. (drogadito)</i></p> <p><i>O que eu tinha era uma doença, na realidade é uma doença que a qualquer momento pode se manifestar, eu preciso de tratamento para essa doença. Se eu me conscientizar de que é uma doença e eu tenho que me tratar e evitá-la eu tenho chance de me curar. (drogadito)</i></p> <p><i>No começo, ele ficava em casa, não saía pra canto nenhum não. Aí do meio pro fim ele, começou aparecer aquela dos amigos, convidava ele pra ir comer churrasco, aí ele começou essa viagenszinhas pra churrasco, aí pronto. Aí foi quando ele resolveu a fazer besteira de oito em oito dias. Por que, ele ia pra casa dos amigos, né. Aí quando ele vinha de lá, já ficava pelos cantos né.(mãe)</i></p>
<p>A RELAÇÃO COM A DROGA APÓS O TRATAMENTO</p>	<p><i>É sempre entrando gente mais nova, e incentivando né (...) As pessoas só falam... É só pedra, só maconha, só cachaça, não tem outro assunto. Aquilo vai entrando na cabeça da gente. Aí chega um e diz: “Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal” “eu não agüento mais, eu acho que eu posso”. Aí eu ficava assim... Aí, rapaz sabe que eu não vou mais não, sabe que vai me fazer é mal. Inclusive, quando eu sai, eu tive até um convite, de um rapaz lá que era veterano igual a mim, ele me fez um convite né. Tanto que eu não fui né. Que foi na época que eu cortei o tratamento. Sabe que eu não vou não. Que eu vou acabar indo. Aí eu peguei e não fui mais não. (...) Eu deixei assim, que eu ia tentar sair dessa vida sem o tratamento mesmo. Que o tratamento já tinha dado o que tinha de dar. (drogadito)</i></p> <p><i>Ele disse que só queria voltar se fosse ser internado”mãe eu preciso de me internar, porque se for deu ir todo dia e voltar eu vou continuar na mesma. Eu quero ir pra ficar”(mãe).</i></p> <p><i>“Pois então mãe eu não vou mais não. Vou pagar umas contas, vou fazer um sacrifício e vou fazer de conta que estou internado e pronto.” (...) Se seguiu mais. Ele disse que vai dar um jeito de conseguir se recuperar sem precisar né. (...) Ele disse que vai fazer o sacrifício, pra ficar bom sem precisar. (mãe)</i></p> <p><i>Eu acho que eu já to com quase dois meses sem usar. Tá com quase dois meses que eu deixei de ir né. (drogadito)</i></p>

5.2.2 A Relação com os semelhantes

Quadro 4 – Quadros de categorias relação com os semelhantes

<p>A RELAÇÃO COM OS SEMELHANTES ANTES DA ADIÇÃO A DROGA</p>	<p><i>... era um menino bom, ele trabalhava, tinha a família dele vivia bem com a esposa e os filhos, é bom para mim não é ruim para mim não, ele não faz porque não está podendo. Mas ele era bom demais mesmo, todo mundo se admirava. Ele era muito bom para ela, dava as coisas as meninas dela, dava a ela (mãe).</i></p> <p><i>...ele para mim é tudo na minha vida. Eu gostava mais dele do que dela. Ela tinha até assim, às vezes ela se queixava, porque ela achava que eu gostava mais dele. E ela dizia: a mãe faz tudo pelo José e eu já é diferente. (...) Porque ela, é muito difícil eu da as coisas para ela, já ele, ele pediu eu já tô fazendo esforço para dar. Sempre foi assim. (mãe)</i></p> <p><i>Nunca, às vezes eu digo não, ai me arrependo de pressa vou bem ali e volto atrás. Esta aqui eu disse que não tinha mas esta aqui. (...) Aí eu dizia para ele meu filho tenha paciência a mãe vai dar um jeito viu, vai arranjar. Aí ele dizia estar certo. Aí eu pegava batalhava e conseguia para dar a ele. (mãe)</i></p> <p><i>Ele era uma pessoa atenciosa com as pessoas. Ele gostava muito de fazer favor. Ele deixava de... ele chegou a deixar de comer pra dar o alimento dele pra outra pessoa. Se descesse que tava com fome, ele deixava de comer pra dar. (irmã)</i></p> <p><i>Eu tenho pavio curto, assim se eu penso que ta fazendo mal pra alguém, ou alguém estava me fazendo mal, um dos dois tinha que da o basta, e eu sempre achava que eu ia dar o basta (drogadito)</i></p>
	<p><i>Fica ate difícil de dizer por que não da p entender, eu abandonei tudo eu fiquei mais afastado, para mim tudo era normal e eu não sabia o quanto eles estavam sofrendo com isso. Por causa do meu uso, da minha ausência, porque eles sabiam o que eu</i></p>

<p>A RELAÇÃO COM OS SEMELHANTES DURANTE A ADIÇÃO</p>	<p><i>estava fazendo. Porque para eles talvez isso nunca aconteceria comigo, aconteceria com o filho de qualquer um, mas com o José filho deles isso nunca aconteceria. (...) A droga me dominou tanto que eu fiquei um cara sem amor, morreu tudo p mim, morreu esposa, morreu irmã, era o mundo da droga e eu. (...) Pratiquei alguns delitos, mas graças a Deus eu nunca fui pegue. Mas me sinto mal hoje porque eu fui uma pessoa que sempre gostei de trabalhar p ter tudo, e na rua ta com arma, colocar uma arma na mão e tomar o que não era meu. Eu nunca gostei. Isso tudo pra manter o vicio. (...) A minha família era como se fosse essas paredes. Eu entrava aqui tomava uma água, ligava um som, assistia televisão e saía, nem ligava... (...) Meu filho pra mim não existia. A minha mulher era como se ela fosse apenas uma empregada. (...) Chegava em casa queria uma bermuda lavada... (drogadito)</i></p> <p><i>Aí eu me desleixei, eu pirei minha vida social pro mundo marginal, que é pra onde o Crack leva. Aí comecei a ter amizades com gente de outro nível, de outro padrão que não fazia o meu perfil, mas eu achava que eu era o tal. (...) Nesse momento, só eram os parceiros da droga. Porque as pessoas que eu deixei lá na frente não sabiam de nada. E eu só procurava o... quer dizer, eu não só procurava coisa boa, eu só procurava se aquele cara usava. Aí pensava: Opa! Vou fazer amizade com ele, vou poder usar na casa dele e tal. Eu sempre queria um canto para usar, porque eu não usava em casa. (...) Eu achava que eles tinham alguma coisa para me oferecer. Era uma relação que, para mim, eles eram pessoas boas, mas eles tinham interesse no que eu poderia propor para eles, que era fazer a famosa presença pra eles, vamos lá para o meu barraco tal , tu me da só uma pedrinha. (...) É que eu teria passagem livre, porque na favela existe um território então, se passa de tal horário, você não pode passar. É porque lá era onde corria a droga. Eu vivia em função da droga. Os parceiros eram pra propiciar a droga. Pra servir de cobaia. (drogadito)</i></p> <p><i>ele se afastou muito né? Se isolou, aí eu quando ele se afastou, foi que eu fiquei mais com aquela coisa de não querer saber de nada né: Não, se ele se afastou é porque ele não..., eu achava que era porque ele não gostava mais da gente, tinha trocado a gente pela droga, pelas coisas. Que achava melhor viver com as pessoas erradas do que do lado da gente. (irmã)</i></p>
	<p><i>Não é porque eu estou sentado naquela cadeira do ônibus, não é porque eu cheguei na frente não. Eu tenho que ver que aquela senhora que está lá em pé, cansada do trabalho, está precisando daquele assento. Eu ainda tenho força nas pernas, ela não. Então, eu tenho que dar aquele assento pra ela. (...) Ele se aproximou mais da irmã dele, ele não ia lá. Se aproximou mais dela. Ele conversava com as sobrinhas, que ele não tinha mais conversa com as meninas, ele era todo isolado. Ele era rindo, alegre, cantando, dançava e tudo, dançando com as</i></p>

A RELAÇÃO
COM OS
SEMELHANTES
DURANTE O
TRATAMENTO

meninas, na maior alegria do mundo. Aí a gente percebeu que ele tava bem melhor mesmo. (mãe)

Rapaz, hoje eles são a minha vida. Se eu morrer eu acho que eu deixo muitas conseqüências para eles. É que nem eu disse, eu tenho dois garotos que precisam muito de mim ainda. Duas pessoas que não podiam ficar sem pai. (...) que o Tratamento aqui traz pra mim... o que o tratamento... ele me promete a realidade da minha vida, que... Tem gente lá fora que precisa de mim. (...) Hoje, se você olhar nos olhos da minha mãe, da minha irmã, da minha esposa e dos meus filhos e você ver o sorriso, é uma coisa mais linda do mundo. Porque é sorriso de felicidade e eu vi que eu tinha importância, que eu tinha importância para alguém e que eu não era aquele verme que eu achava que era. (drogadito)

elas deixam de resolver as suas necessidades em casa, seus problemas em casa, e eles vão adquirir mais um problema, que é o meu problema, da minha saúde, do meu bem-estar, se vou estar me sentindo bem, se eu não estou. E gente nem sabe o grau de responsabilidade que as pessoas tem lá fora também. E que deixa tudo lá sozinho pra cuidar da gente que não sabe nem de onde veio nem quem é, não sabe nem um grau de crime que a gente já cometeu, e eles vivem com a gente como se fosse uma família. (drogadito)

Agora realmente que a gente tem dois filhos e eu cai nesse mundo ai, foi que eu vi que ela (ex-mulher) me ama, mesmo com isso ela agüentou tudo e ate agora não me abandonou. Ta ali me dando uma forca, mesmo de longe mas ta chegando junto. Então eu vi que o amor é esse, não é aquele amor de distancia não, é aquele amor que ta com você na pobreza na tristeza na saúde e na doença, é exatamente onde eu tô hoje né, tô me livrando dela. E a gente só sabe quem ama a gente, quem gosta da gente, quando a gente cai no buraco. E quando eu cai nas drogas eu descobri que meu pai me ama. E eu achava que não tinha amor de pai, e meu pai provou que me amava. (drogadito)

tem muitos companheiros que não perdem o costume lá de fora e traz pra dentro e parece que cria uma cola ali que não descola. (...) supor numa media de que cem a gente tire dois, dois, três. Assim pode dizer: esse cara ai quer alguma coisa na vida, ele quer se curar, ele quer me ajudar a me curar porque ele ta se curando, se ele ta atrás de se curar, ele ta querendo me curar. (drogadito)

Ele se zangou comigo... veio querer dizer que ia quebrar tudo o que tinha aqui. Ele partiu pra cima de mim, com um litro, ele nunca tinha feito isso. Aí eu fiquei chateada, fiquei revoltada. Porque ele nunca me respondeu, nunca ele foi menino de eu dizer as coisas e ele me responder. (mãe)

Foi mais por sentimento. Foi sentimento. Foi coisa de dentro. Eu me senti inútil, né. Que meu pai, "pôrra", meu pai é muito legal e

	<p><i>tudo. Eu não via aquele tratamento com meu pai, aquilo me deu um ódio. Como eu não pude agredir né, eu não fui na agressão né, e nem eu podia fazer nada. Eu achei que... Joguei tudo fora. Eu disse: Eu vou usar droga mesmo, que é melhor que ta vendo certos tipos de cena, e eu drogado, eu não vou ta em casa, eu não vou ta ligando pra nada. (drogadito)</i></p> <p><i>Foi por que. Agora da última vez que ele fez. Foi por que a gente tava fazendo o aniversário, e ele não queria que a gente fizesse o aniversário. Aí esse rapaz que vive comigo, nunca fez aniversário dele. Aí ele queria fazer. E ele não queria de jeito nenhum, a raiva dele foi essa. Aí ele com raiva como ele não podia se vingar né. (...) Ele já ficou com os amigos lá pra banda da... Já tava tudo comprado já. Aí ele pegou, com raiva né. Veio e pegou a televisão. (mãe)</i></p>
<p>A RELAÇÃO COM AS SEMELHANTES DEPOIS DO TRATAMENTO</p>	<p><i>Por que eu já to com quatro meses, aí só caindo, recaindo, só recaindo, só recaindo... Quatro meses, aí o tratamento passou também, já passou a ser vício né. Aí eu tive medo de entrar numa overdose lá né. Assim de ta lá dentro e entrando as pessoas. É sempre entrando gente mais nova, e incentivando né. O comentário lá... Não conversam outra coisa. As pessoas não falam de esporte... Oh! O time tava bom! As pessoas não falam de religiões. Só fala de religião quando entra no grupo. Tem o grupo do AA, tem o grupo do Na, tem o grupo do tabagismo né. As pessoas só falam... É só pedra, só maconha, só cachaça, não tem outro assunto. Aquilo vai entrando na cabeça da gente. Aí chega um e diz: “Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal” “eu não agüento mais, eu acho que eu posso”. Aí eu ficava assim... Aí, rapaz sabe que eu não vou mais não, sabe que vai me faze é mal. (drogadito)</i></p> <p><i>Sim, lá no tratamento, você nunca tem razão, sabe? Você nunca tem razão. Se você reclamar que a comida ta salgada. “Ô pôrra! Coma aí, é o governo que ta te dando, é nós, tu quer coisa melhor que isso aí”. É como aquele cachorrinho amarrado ali, tem que comer sabe? “Ah! Ta salgado, não quer não, então não coma, não tem outra coisa não. Vá se embora!” “Ah, tem gente que não tem nem isso aí pra comer”. Esse tipo de coisa. (...) Me sentia mal. Eu fui reclamar por que... Eu sou muito sensível com as coisas, as coisas me tocam muito ligeiro, muito sensível. (...) Aí eu peguei e disse: Não, eu não vou mais não, por que eu já to me estressando, a gente, tinha a... As pessoas diziam assim: Você pode falar, pode relatar o que você tem vontade. Mas qué que adiantava, as minhas palavras eram ditas, eram faladas, mas não eram aceitas. Era que nem uma coisa, eu querer resolver uma situação, resolver um problema sério, eu precisava da assinatura de alguém, e alguém não concordava, não assinava, era mesmo que nada. (drogadito)</i></p> <p><i>Eu tenho a vontade de sair e viver a minha vida (...) Arrumar um emprego pra poder trazer a minha esposa e meus filhos pra dentro de casa. Reunir minha família, novamente. Levar meu filho para o estádio. (...) quarta-feira, o meu filho queria ir para o estádio, e eu não tinha dinheiro pra levar ele para o estádio. (...)</i></p>

	<p><i>Quero viver outras coisas não quero mais ficar lá só falando de droga e a minha vida parada. Quero trabalhar, comprar um transporte pra mim, ter minha casinha com minha esposa, isso lá no tratamento não estava sendo possível e eu só estava era ficando com vontade de usar por causa do comentário do pessoal. (drogadito)</i></p>
--	---

5.2.3 A relação com os demais objetos

Quadro 5 – Quadros de categorias relação com demais objetos

<p>A RELAÇÃO COM OS DEMAIS OBJETOS ANTES DA ADIÇÃO A DROGA</p>	<p><i>... desde pequeno eu tinha vontade de ter o que era bom, acho que por não ter tido eu pensei: vou trabalhar pra ter o que é bom. (...) Eu nunca fui assim de me pegar a bens materiais, mas eu tratava bem, eu deixava ele sempre limpo, sempre não deixava os meninos mexer... Eu sempre fui de substituir, porque eu acho que uma coisa quebrada ela jamais... (...) Eu tratava com muito cuidado, porque eu via que custava tanto eu conquistar aquilo que eu tinha mais zelo. Então eu limpava sempre o meu carrinho, levava no lava jato, a minha casinha mesmo não sendo minha, mas sendo alugada, eu mandei colocar umas cortinas, sempre mandava minha mulher trocar as coxas de cama. Quando eu via que tinha umas coisas muito velhas mandava minha esposa perguntar na casa dela quem estava precisando das coisas que a gente não estava mais usando, que eu vou repor uma nova, pra gente não colocar no mato nem ficar ocupando espaço (...) Tinha vontade de ter um carrinho zero do ano, e eu tava perto, eu tava com a chave quase abrindo a porta. (...) ...nunca fui assim de me pegar a bens materiais, mas eu tratava bem, eu deixava ele sempre limpo, sempre não deixava os meninos mexer... (drogadito)</i></p> <p><i>É, ele tinha cuidado, gostava e tudo, mas não se apegava a nada né? Fosse uma coisa que você quisesse ele era capaz de dá e comprar outro. Se a pessoa gostasse de uma coisa, ele dizia assim: "Gostou?", ele dizia: "Tá!", entregava nas mãos da pessoa. (irmã)</i></p> <p><i>Se eu tivesse os cursos e tirasse nota boa, eu entraria na equipe técnica. Ai eu fiz os cursos passei e entrei na equipe técnica. (...) Ai eu disse: é uma maneira de eu me profissionalizar e de ter mais de conhecimento. (...) Eu conseguia assim ganhar mais dinheiro, porque quando eu fazia um projeto de iluminação, e ia montar e operar qualquer evento, qualquer iluminação minha a</i></p>
--	--

	<p><i>remuneração era maior. E assim fui evoluindo. (...) Nessa época eu já tinha me estabilizado. Tinha minha motocicleta do ano, tinha meu carrinho de segunda mas em ótimo estado. Dei uma casinha pra minha mãe. (drogadito)</i></p> <p><i>...e o meu sonho que eu tinha era de poder participar de alguns festivais internacionais de teatro, de ganhar algum prêmio como iluminador, ser reconhecido, que nem o Joaquim de Carvalho, Neco Quindere, este tipo de pessoas. (...) Eu tentava mas como era mais difícil aqui. Mas eu tava sempre tentando. Eu sempre procurava em pesquisas, saber quem era o tal, e sempre gostava de fazer trabalhos voluntários, por exemplo: vai ter uma exposição do museu hoje, eu procurava quem tava organizava, me identifica mostrava meu cartão, aí meu colega dizia: não, pode vim. Como às vezes eu não podia entrar na mão de obra, eu ia só pra vê, estagiar, gostava de saber como é que o cara fazia aquele projeto, como é que aquele cara pegava o texto do nada fazia toda aquela iluminação, sempre me identifiquei muito com isso, mas que pena que eu tive um tropeço né? (drogadito)</i></p>
<p>A RELAÇÃO COM OS DEMAIS OBJETOS DURANTE A ADIÇÃO</p>	<p><i>Ai o que aconteceu, eu perdi o gosto pela minha profissão, aí perdi os contatos. (...) Na época que eu tava usando, podia até tacar no chão as coisas que eu tinha que... Eu não tava nem aí... Podia esbagaçar. (...) eu abandonei tudo... (...) A droga me dominou tanto que...morreu tudo p mim... (...) A parte artística eu isolei antes que isso gerasse um conflito maior. (drogadito)</i></p> <p><i>...eu já não trabalhava mais pra comer, eu trabalhava para manter o vício. Se você me chamasse pra fazer um serviço eu dizia: puxa eu vou ganhar tanto da pra comprar tantos bombons.(...)as minhas roupas eu dei tudo. Minha irmã, em dezembro, ela foi no centro, no shopping... Comprou blusa, comprou calça, comprou sapato... Ela me deixou, pegou o táxi, me deixou na porta de casa com aquelas sacolas... roupas pros meus filhos, pra minha esposa... Ela pegou o táxi... que ela foi embora... Eu sai na outra rua com as sacolas tudim, fui pra favela. E ela me esperando na casa dela pra comemoração do natal e eu na favela vendendo as roupas que ela tinha me dado. (...) Eu tinha uma moto, titã 2004 nova, eu tinha também um Escort 95 bonzim, eu tinha uma poupançazinha, pequena mas tinha. Fora televisão, dvd... Eu sempre fui muito vaidoso por esse tipo de coisa, sempre quis ter um aparelho bom na minha casa, sempre quis que a minha sala fosse um cartão de visita pro restante da casa. Eu tinha tudo isso na minha casa. E a droga foi levando de um em um... de um em um...Se o objeto custava cem pra mim eles me davam cinco reais. O que importava era o que o traficante botava em cima do valor do objeto que eu tivesse. Se valesse de cem reais e ele dissesse que só valia dez, eu dava pelos dez. (...) Só pensava em ter uso dinheiro pra o uso. (drogadito)</i></p> <p><i>Não, nem me preocupava se eu tava barbado, se eu tava de dente limpo, se eu tava cheirando, se eu tava rasgado, se eu tava descalço... Eu me relaxei. Eu fiquei um mendigo. Eu passei a mendigar. Eu comecei a mendigar. (...) Aí, eu entrava no</i></p>

	<p><i>banheiro, até pra tomar banho, aí eu só fazia molhar a cabeça. Eu só fazia me molhar, nem um sabonete eu passava no corpo. Eu me entreguei mesmo as baratas. Eu me entreguei, não. As drogas me levou as baratas. (...) Nessa época eu não pensava nem em mim. Na peca fundamental que era eu, eu não tinha amor nem por mim mesmo. A droga me dominou tanto que eu fiquei um cara sem amor... (drogadito)</i></p> <p><i>Ele disse: ou ele, ou as drogas, ou a morte. Era o que viesse, ele “tava” pronto pra receber tudo. Ele “tava” muito “aviciado”, ficava doidinho ele.(ex-amante)</i></p>
<p>A RELAÇÃO COM OS DEMAIS OBJETOS DURANTE O TRATAMENTO</p>	<p><i>Eu sinto falta. Eu passo numa vitrine...eu queria passar por uma panificadora, aí não poder comer um bolo. Eu penso: olha eu pude comprar isso...vou voltar a comprar. Aí eu gosto de usar o que é bom, quem é que não gosta. (...) só tenho muita coragem de reconquistar tudo de novo. Não tenho casa, não tenho moto, não tenho mais carro. (...)Uma coisa muito importante pra mim, o meu transporte. Que é chato você ter que encarar todo dia um cambão desse lotado, aí eu sei o quanto eu perdi, porque realmente eu joguei os meus meios de transporte no mato. Mas só que pra isso também eu vou ter que arrumar primeiro umas vestes boas pra depois correr atrás, porque não é em qualquer canto que eu vá entrar de bermuda nem de chinelo, a aparência, em primeiro lugar.(...) Tenho vontade de voltar para área do teatro, voltar a ter parceiros bons de novo... Eu hoje eu estou vendo que é bom fazer o que você gosta, não o que você quer ou que você é obrigado a fazer, mas sim o que você gosta... E ter amor acima de tudo, além da dedicação para o serviço, ter amor aquilo que eu vou fazer, porque sem amor aí fica sem saída e volta pro nada.r o projeto só no papel. (drogadito)</i></p> <p><i>Hoje não... hoje eu olho pro... Eu abro o meu guarda-roupa e sinto vergonha, porque eu abro meu guarda-roupa e as roupas que eu usava pro trabalho era as roupas hoje que eu uso pra vim pra instituição... pra ir a casa de um amigo... As roupas que eu usava pra trabalhar é as que hoje serve de veste pra mim ir pra qualquer canto... (...) Primeiro eu pretendo freqüentar uma boa academia pra não deixar a peteca cair...vai chegando uma certa idade né que eu tenho...(...) também eu vou ter que arrumar primeiro umas vestes boas pra depois correr atrás, porque não é em qualquer canto que eu vá entrar de bermuda nem de chinelo, a aparência, em primeiro lugar. (drogadito)</i></p> <p><i>Por que eles dão o vale transporte. Ele pagava a passagem com os vales e me pedia o dinheiro, dizia que não tinha vale. Aí eu dava aí aquele dinheiro que eu dava ele juntava aí ele ia fazer (...) ele chegou em casa, ele chegou em casa e entrou, pegou uma bermuda e disse que ia dar a um amigo dele, porque a bermuda não servia pra ele. Aí eu confiei, confiei que ele ia levando só a bermuda. Mas deixa que ele não tava levando só a bermuda. Aí esse rapaz que ta sentado aí, ele conversa comigo né. Aí a bebida era dele, ele pegou o litro de bebida e levou. (...) Ele já ficou com os amigos lá pra banda da... Já tava tudo</i></p>

	<i>comprado já. Aí ele pegou, com raiva né. Veio e pegou a televisão. (mãe)</i>
<p>A RELAÇÃO COM OS DEMAIS OBJETOS DEPOIS DO TRATAMENTO</p>	<p><i>É sempre entrando gente mais nova, e incentivando né. O comentário lá... Não conversam outra coisa. As pessoas não falam de esporte... Oh! O time tava bom! As pessoas não falam de religiões. Só fala de religião quando entra no grupo. Tem o grupo do AA, tem o grupo do NA, tem o grupo do tabagismo né. As pessoas só falam... É só pedra, só maconha, só cachaça, não tem outro assunto. Aquilo vai entrando na cabeça da gente. Aí chega um e diz: "Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal" "eu não agüento mais, eu acho que eu posso". Aí eu ficava assim... Ai, rapaz sabe que eu não vou mais não, sabe que vai me fazer é mal. (...) Eu deixei assim, que eu ia tentar sair dessa vida sem o tratamento mesmo. Que o tratamento já tinha dado o que tinha de dar. Quero viver outras coisas não quero mais ficar lá só falando de droga e a minha vida parada. Quero trabalhar, comprar um transporte pra mim, ter minha casinha com minha esposa, isso lá no tratamento não estava sendo possível e eu só estava era ficando com vontade de usar por causa do pessoal comentando e chamando. (...) Eu tenho a vontade de sair e viver a minha vida (...) Arrumar um emprego pra poder trazer a minha esposa e meus filhos pra dentro de casa. Reunir minha família, novamente. Levar meu filho para o estádio. (...) quarta-feira, o meu filho queria ir para o estádio, e eu não tinha dinheiro pra levar ele para o estádio. (drogadito)</i></p>

6 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

6.1 A Relação com o objeto droga

Antes da adição a droga

A idéia relativa à droga, na primeira fala da mãe do sujeito, era de que ele via a droga como algo que não levava a nada, só fazia adoecer.

Ele não usava não, ele tinha era raiva porque eu fumava cigarro. Aí ele dizia que não sabia por que eu vivia fumando aquilo porque aquilo não ia levar a nada só ia fazer eu ficar doente. Ele dizia as coisas com as pessoas que fumavam cigarro, usavam drogas ele dizia as coisas, ignorava aquilo, achava que não era certo (mãe).

Com o decorrer do tempo, porém, ele começou a ser influenciado pelo discurso dos amigos, voltado para o prazer, para a “balada”. Podemos nos remeter com isso a Jurandir Freire Costa (2004), quando ele nos fala, em *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*, que os críticos da Modernidade afirmam que o processo de globalização enfraqueceu as tradicionais instâncias

doadoras de identidade e normas, e que o indivíduo tem hoje como um dos principais suportes de identificação o hedonismo e o narcisismo.

Dentro de sua análise feita sobre a cultura moderna, ele cita “o ideal da felicidade das sensações” como sendo uma das manifestações decorrentes da mudança de referência moral. Esse ideal diz respeito à busca pelo prazer do êxtase, ou seja, intenso e passageiro.

Este discurso dos amigos começa a se apresentar cada vez mais forte para o sujeito, e se refere a relação com a droga como algo “maravilhoso, fora da realidade”. Isso remete o sujeito à possibilidade de alcançar um gozo mítico, o gozo completo, que segundo Lacan, viria antes da Lei. O sujeito teria acesso a partir dele à quota de gozo que lhe fora interdita. Esta modalidade de gozo faz referência a uma suposição do sujeito de que existiria um estado original de completude, mas este estado é apenas uma ficção do sujeito. O discurso dos amigos falando da droga como algo maravilhoso pode ser um representante de uma lógica discursiva capitalista, na qual segundo Nogueira filho (1999) Apud Tarrab, o discurso capitalista ou discurso da pós-Modernidade pode ser lido da seguinte forma: um sujeito em sua falta de gozo estrutural, decorrente da sua posição dentro da civilização, demanda ao saber científico a produção de um objeto perfeito, capaz de um gozo, que, sem consequência, venha acabar com a sua limitação, seu mal-estar, sua divisão, ou seja, sua castração, capaz de produzir o gozo que falta. Neste sentido, o “fora do realismo” colocado pelos amigos poderia ser referenciado como “fora da cultura” que impõe a castração para o sujeito.

Eu comecei por curiosidade, por ver as pessoas fazer e via que era bom, que dava uma viagem, que era maravilhoso, que era uma curtidão fora do

realismo. Até tanto eu não tinha curiosidade, tinha experimentado o psicotrópico, e o psicotrópico usei né... (drogadito)

Ai um amigo chegou e disse: ei arruma ai pra mim... Ai eu disse: eu vou tentar. Ai eu consegui para ele. Ai eu disse: mas rapaz pra que tu quer isso? Ai ele disse: rapaz é porque eu vou pra uma festa, ai eu quero ir mais ativo e tal, curto muito mais a festa, não tem nada que me derrube, a curtidão é total, muito maior... Ai bateu aquela curiosidade. (...) Ele não era desinibido de cara, mas depois que tomava um psicotrópico e bebia uma geladinha, ficava o dono da situação. (drogadito)

O ideal de perfeição se apresenta aí como uma possibilidade para o sujeito a partir da relação com a droga. Durante seu trabalho no teatro, entra em evidência a cobrança por um profissional ideal, que “agüente o rojão, que passe noites acordado trabalhando”. O discurso atual cobra que o sujeito seja uma espécie de “super-homem”. Na experiência com seu amigo, foi ofertada a ele a possibilidade de se chegar a esse ideal de perfeição pelo do uso das drogas: “o cara fica um super-homem”. Isso começou a influenciar o sujeito a abandonar um ideal de eu, que remete a um corte, uma barra, e ir em busca de um eu ideal sem limites a partir do uso desregrado da droga. Isso começou a influenciar o sujeito a pensar na possibilidade de alcançar um eu ideal a partir de uma relação direta, ou seja, sem limites com o objeto droga, abandonando assim um ideal de eu, que remeta a um corte, uma barra onde o sujeito só pode se relacionar com os objetos mediado pelo significante.

Ai apareceu a cocaína, devido ao meu sistema de trabalho e tudo. Porque eu trabalhei na arte, no teatro. E no teatro rola muito essas coisas... É porque vamos dar um téco para agüentar o rojão, é mas vamos da pra ficar mais ativo...". Ai eu cai na bobeira e experimentei... (drogadito)

Eu vi o cara, de repente o cara com alguns segundos mudou. De repente o cara tava puxando cabo, subindo escada, correndo de um lado pra o outro. Ai eu pensei: vixe! O cara ta um super-homem agora.(drogadito)

Gostei, fiquei ativo, tava caidão fiquei ativo, correndo de um lado por outro, senti a diferença. Ai fiquei na cocaína. Mas não usava todo dia não, de mês em mês eu usava, de duas em duas semanas. Quando eu ia curtir mesmo, que eu tinha o meu transporte, eu fazia. Mas ai eu passei a querer conhecer as fontes. (drogadito)

A relação com a droga começa a se remeter para o sujeito como a possibilidade de um retorno ao eu ideal, instância que, de acordo com Freud (1914), sustentava a perfeição narcísica. Com a desilusão da perfeição narcísica, há o surgimento de outra instância, o Ideal de eu, capaz de acolher sementes de ideais direcionadas ao futuro, sem negligenciar os limites, como tentativa de restabelecer a completude narcísica. A relação com a droga neste sentido seria a promessa de uma onipotência para o sujeito, que conseguiria alcançar este ideal sem ter que se submeter a limites de nenhuma ordem.

Podemos perceber que em um primeiro momento o sujeito se depara com uma promessa de um ideal de perfeição e vai em busca dele a partir do uso das drogas.

Um parente meu disse que tinha aparecido um negocio novo ai. E disse que era bom. Melhor do que o pó. Que era o Crack. Perguntou se eu queria provar. Eu disse que sim... Eu comecei bem, comecei controlado, a primeira, a segunda semana, o primeiro mês, quando chegou no quarto mês eu perdi o animo de trabalhar, e só queria usar. (drogadito)

Durante a adição à droga

Essa busca, como pode ser visto nos relatos, vai ganhando com o tempo uma conotação de necessidade da droga, ou seja, a única coisa que interessa e que pode satisfazer o sujeito é a droga. Com isso, o sujeito vive em busca dela, fazendo com que sua vida toda gire em função do seu alcance da mesma.

Eu queria toda hora e todo dia, eu já não trabalhava mais pra comer, eu trabalhava pra manter o vicio. Se você me chamasse pra fazer um serviço eu dizia: puxa eu vou ganhar tanto da pra comprar tantos bombons. (drogadito)

Quando era no domingo, cadê a renda do bar? Não tinha. Tinha gastado tudinho. E ele não parava não, chegava pegava o dinheiro que tinha apurado e se mandava com os outros na garupa da moto, só voltava quando se alisava atrás de mais.(mãe)

O que pode ocorrer, consoante Nogueira Filho (1999), é que, quando o sujeito adere a essa relação em busca desse ideal, a droga proporciona uma alteração orgânica que implica uma alteração da constância do ímpeto pulsional, intensificando a partir de sua fonte orgânica. Isso causa uma “designificantização” da borda erógena, remetendo a um corte entre significante e fonte orgânica. Segundo Lacan (apud Santiago, 2001), a droga seria responsável pelo rompimento do casamento com pipi, ou seja, romper com a castração. O objeto foi perdido com a entrada do significante; o que a droga faz é um enfraquecimento desse significante, pois este, que é responsável por matizar o desejo, foi levado embora quando o corpo foi invadido por uma indicação de prazer que não mais necessita passar pelo desfiladeiro das palavras e, assim, pode ser perene e constante. O que ocorre como podemos ver com o sujeito drogadito, é um curto-circuito pulsional, pois o sujeito se fixa à droga, contrariando sua condição desejante, na qual não existe para o sujeito um objeto que satisfaça seu desejo, por isso circula entre os objetos e não se fixa em um objeto-fim, como no caso da necessidade. Esse curto-circuito ocorre, então, entre a fonte biológica da pulsão e o significante, abrindo espaço para o organismo, “designificantizado”, no qual a droga aparece quase como o objeto de sua necessidade. Neste sentido, a satisfação se aproximaria ao encontro do objeto da necessidade, que é um objeto específico. Assim o sujeito adere à droga como se este fosse o objeto da necessidade, objeto único, desprezando todo e qualquer

significado. Para Nogueira Filho (1999), é um sujeito que se “instintiviza” e coloca a palavra em segundo lugar. Isto colabora para o distanciamento entre o corpo e a palavra, coalizão tão fundamental para a constituição e manutenção do sujeito desejante.

... era só de casa pra bocada da bocada pra casa. Era só a droga, a droga girava em... era um círculo, e eu não poderia ultrapassar (...) Num era um carro novo, não era uma mulher mais linda que fizesse eu mudar minha opinião. Minha opinião era aquela. (drogadito)

Essa posição em relação a droga só pode ocorrer se houver um prejuízo da castração. O falo, neste caso, já não funciona como limite do gozo, como limite do acesso que tem ao real do seu corpo. Para se posicionar desta forma, o sujeito está situado fora do gozo fálico, escapando do campo da castração ou não fazendo parte dele. Neste sentido, todo gozo que rompe as barreiras significantes do corpo do simbólico e apela para o corpo do real, rompe a barreira do gozo fálico e se liga a um gozo interdito, o *mais-gozar*, que mantém estreita ligação com o objeto, mas cuja referência última e radical é o gozo do Outro.

Durante o tratamento

Quando o sujeito adere ao tratamento, percebemos que no curso da terapêutica, a idealização da droga ainda continua. Podemos observar isso na hora

em que ele diz que a droga é boa para quem sabe usar, e fala de um “pó bom”. Essa idealização é algo que impulsiona o sujeito em busca da droga, é a possibilidade dele se encontrar com um ideal de satisfação e bem-estar a partir do consumo da mesma, neste sentido, ela é uma porta para gozar mais, para o *mais-gozar*. É tanto que podemos constatar no discurso dele que ele sente vontade de usar drogas.

No momento eu não estou utilizando a droga. Porque eu vejo assim a droga é boa, mas pra quem pode usar e pra quem sabe usar. Não tem a historia de quem sabe usar, que um dia vai... Mas as vezes eu sinto falta mas não quero mais, eu sinto vontade de da um téco num pó, num pó bom...Mas eu sei que eu não posso e eu não quero. Agora eu não quero, eu sinto vontade, mas eu não quero eu não posso, porque eu sou um viciado compulsivo, eu sou sem limites. E a minha memória não me deixa esquecer. (drogadito)

Ocorre que, durante o tratamento, começa a se estabelecer um limite a partir da entrada de um significante entre o corpo e a droga. O significante “doente” atrelado ao sujeito apresenta-se como a possibilidade de uma barra, de uma palavra que interfira na relação direta com a droga. Nogueira Filho (1999) comenta que a estratégia mais popular da dependência a drogas na atualidade, os “doze passos”, visa, sem dúvida, favorecer ao drogadito o encontro de uma palavra. Com isso restabelece a presença do significante, que estava tão afetada pela droga, fortalecendo, como diz Nogueira (1999), a vinculação entre o significante e a fonte orgânica da pulsão, barrando a relação direta com a droga, condição importante

para a manutenção do sujeito desejante. Mas, por esta via, segundo o mesmo autor, quando este sujeito encontra alguma palavra, é sob a forma de um enunciado cristalizado na fórmula “eu sou toxicômano”.

O que eu tinha era uma doença, na realidade é uma doença que a qualquer momento pode se manifestar, eu preciso de tratamento para essa doença. Se eu me conscientizar de que é uma doença e eu tenho que me tratar e evitá-la eu tenho chance de me curar. (drogadito)

O sujeito, nesse momento, se distânciava da droga. Esse distanciamento, só é possível a partir de uma certa organização fálica, algo que sustente a estrutura simbólica e determine a relação com o objeto mediada pelo significante, e não mais de forma direta como era antes com a droga.

O sujeito começa a recobrar a importância da presença do outro em sua vida. Diz que sozinho ele não conseguiria sair das drogas. Isso indica um abandono do caráter de auto-suficiência do toxicômano possibilitado pela fixação à droga e pela prevalência de um gozo diretamente no corpo. Em vez disso, neste momento, o sujeito parece estar seguindo um gozo mediado pelo significante, evidenciando aí a retomada da prevalência do símbolo, ou seja, de uma certa organização fálica, nas relações do sujeito.

Mas quando eu realmente comecei a entender o tratamento, porque antes eu vinha com uma máscara né, aí eu tive uma recaída e minha máscara

caiu. Aí eu vi a importância que tinha isso daqui, o tratamento. Porque eu posso até dizer: “Eu fico bom”, mas sozinho eu não fico não. Só eu não fico. Eu sempre iria procurar o máximo pra usar droga, sempre. É na chateação, é no choro do menino, era uma topada que eu levasse no meio da rua. Sempre seria o caminho para eu vir pro caminho da droga. (drogadito)

Os limites impostos pela sociedade começam a ganhar peso, ou seja, valor para o sujeito, e ele começa a fazer uma reflexão do que o uso das drogas podia levá-lo a cometer. Ivone Ponczek (1993) expressa que, na sua relação com a droga, o sujeito embaralha sua mente pela via química, ocorrendo uma desorganização da dupla “prazer e desprazer”. Desconsiderando o princípio da realidade, o sujeito submete a risco sua sobrevivência e a dos outros. Com o retorno deste princípio, o sujeito sofre um desprazer muito grande, ao perceber o corte brusco e desprazeroso que este acarreta e ainda terá que lidar com os desinvestimentos para com o Outro e para consigo mesmo. Quando o efeito se acaba, o encanto se quebra. O falso princípio do prazer deixa seus efeitos mortíferos, os desinvestimentos para com o outro e consigo mesmo. É como se houvesse uma quebra de continuidade e o vivido sob o efeito de drogas fica “entre parênteses”.

Graças a Deus eu nunca fui preso, nunca fui em uma delegacia, mas por pouco não aconteceu porque eu estava no caminho e ainda bem que eu enxerguei antes de chegar lá. Porque o problema da droga é: a porque eu

nunca fiz isso, eu nunca fiz aquilo, mas ia fazer porque a droga estava me levando p isso. (drogadito)

No decorrer do tratamento o sujeito recai várias vezes e acaba desistindo. Parece ter ocorrido é que o resgate simbólico aparentemente estabelecido pelo sujeito durante o tratamento, sua sustentação fálica, não foi suficiente para barrar, ou pelo menos silenciar, a fonte biológica da pulsão que, atrelada a uma peculiar idealização da droga por um discurso que aponta para uma satisfação plena, foi acostumada com uma relação quase direta com a droga, como se esta fosse um objeto da necessidade.

No começo do tratamento, ele ficava em casa, não saía pra canto nenhum não. Aí do meio pro fim ele, começou aparecer aquela dos amigos, convidava ele pra ir comer churrasco, aí ele começou essa viagensinhas pra churrasco, aí pronto. Aí foi quando ele resolveu a fazer besteira de oito em oito dias. Por que, ele ia pra casa dos amigos, né. Aí quando ele vinha de lá, já ficava pelos cantos né (mãe).

Após o tratamento

O drogadito resolveu então sair do tratamento. De acordo com ele, o mundo dele dentro do tratamento gravitava ao redor das drogas. Ele fala que neste sentido o próprio tratamento estava virando um vício.

Eu foi assim... Que eu tava lá, mas tava com vontade de usar. Aí eu disse: Pôxa, eu to tanto tempo aqui, com essa mesma vontade de usar, eu vou ficar em casa. Eu achei... Por que eu já to com quatro meses, aí só caindo, recaindo, só recaindo, só recaindo... Quatro meses, aí o tratamento passou também, já passou a ser vício né. (drogadito)

Nogueira Filho (1999), ao falar do encontro com a palavra a partir de uma forma de enunciado cristalizado “eu sou toxicômano”, alerta para a pobreza dessa fórmula que se auto-alimenta, pois parte do princípio que não há desvencilhamento possível desta condição. Neste sentido, tanto a condição toxicomaníaca quanto a proposição terapêutica produziriam, nesta vertente, um misto de desalento e admiração dado que, caso constitua um saber, é um saber sem pulsão e sem Outro e, conseqüentemente, um saber instintivo. É como se o sujeito estivesse numa posição de servo mantendo-se acorrentado a esta novidade, a este significante.

Ele relata que as pessoas só falavam em drogas e ainda incentivavam o seu consumo. Abriam novamente a possibilidade para o seu uso. A droga continuava muito forte no imaginário do sujeito, e o discurso dos amigos o influenciava a continuar usando. Esse discurso funcionava como um imperativo de gozo, um constante convite ao gozo com a droga.

É sempre entrando gente mais nova, e incentivando né (...) As pessoas só falam... É só pedra, só maconha, só cachaça, não tem outro assunto. Aquilo vai entrando na cabeça da gente. Aí chega um e diz: “Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal” “eu não agüento mais, eu acho

que eu posso". Aí eu ficava assim... Aí, rapaz sabe que eu não vou mais não, sabe que vai me faze é mal. (drogadito)

Inclusive, quando eu sai, eu tive até um convite, de um rapaz lá que era veterano igual a mim, ele me fez um convite né. Tanto que eu não fui né. Que foi na época que eu cortei o tratamento. Sabe que eu não vou não. Que eu vou acabar indo. Aí eu peguei e não fui mais não. (...) Eu deixei assim, que eu ia tentar sair dessa vida sem o tratamento mesmo. Que o tratamento já tinha dado o que tinha de dar. (drogadito)

Ao sair do tratamento o sujeito diz que só ficaria se fosse internado. Isso pode significar uma fragilidade simbólica do sujeito, pois este não tem um aparato simbólico forte o suficiente para realizar o luto da droga. Com isso seria necessária uma intervenção no real para que o sujeito pudesse se sustentar numa posição de abstinência da droga, ou seja, algo no real que impedisse o contato do corpo do sujeito com o objeto droga, que seria o internamento.

Ele disse que só queria voltar se fosse ser internado "mãe eu preciso de me internar, porque se for deu ir todo dia e voltar eu vou continuar na mesma. Eu quero ir pra ficar" (mãe)

Com a impossibilidade de tratamento integral, o sujeito diz que vai fazer de conta que está em tratamento internado. Isso exige dele uma tentativa de fazer uma simbolização dessa barreira no real, ou seja, a partir de uma barreira no real

criar uma barreira no simbólico, sustentando-o numa posição de falta, de sujeito faltoso, conseqüentemente desejante.

“Pois então mãe eu não vou mais não. Vou pagar umas contas, vou fazer um sacrifício e vou fazer de conta que estou internado e pronto”. (...) Se segurou mais. ele disse que vai dar um jeito de conseguir se recuperar sem precisar né. (...) Ele disse que vai fazer o sacrifício, pra ficar bom sem precisar. (mãe)

Eu acho que eu já to com quase dois meses sem usar. Tá com quase dois meses que eu deixei de ir né. (drogadito)

6.2. A relação com os semelhantes

Antes da adição às drogas

Podemos perceber, diante das relações familiares do drogadito, que, de acordo com o discurso da mãe, este se encontra privilegiado por ela; esta quase nunca disse um não para esse filho. Diz que tudo era permitido para ele.

...ele para mim é tudo na minha vida. Eu gostava mais dele do que dela. Ela tinha até assim, às vezes ela se queixava, porque ela achava que eu gostava mais dele. E ela dizia: a mãe faz tudo pelo José e eu já é diferente. (...) Porque ela, é muito difícil eu dá as coisas para ela, já ele, ele pediu eu já tô fazendo esforço para dar. Sempre foi assim. (drogadito)

Nunca, às vezes eu digo não, aí me arrependo de pressa vou bem ali e volto atrás. Esta aqui eu disse que não tinha, mas esta aqui. (...) Aí eu dizia para ele meu filho tenha paciência a mãe vai dar um jeito viu, vai arranjar. Aí ele dizia estar certo. Aí eu pegava batalhava e conseguia para dar a ele. (mãe)

Eu saía para trabalhar quando chegava ele tinha vendido qualquer coisa dentro de casa. (...) Um dia eu cheguei ele tinha vendido geladeira... (...) Aí eu disse: "pois então tá bom, tá certo, tem problema não". Ficamos sem geladeira, aí depois eu comprei outra e botei no canto. (mãe)

O pai, dentro dessa relação, era completamente ausente, alcoólatra, quase nunca falava com o filho.

Se ele chegasse bom e se sentasse assim num sofá ele mais o José, ninguém dizia nem que era parente, porque ele não dava uma palavra. Era calado, parecia assim dois estranhos. Não dialogava, não tinha nenhuma participação na educação, nunca se preocupou de ele ir no colégio, de arrumar o dinheiro de uma passagem para ele ir não, comprar um livro, de jeito nenhum, tudo era eu (mãe).

A mãe, na educação do filho, o remete neste sentido muito pouco à Lei. O pai, figura muitas vezes responsável pela inscrição da Lei, não aparece no discurso da mãe.

De acordo com Dör (Apud Lacan, 1991), essa entrada do Pai é possibilitada pela Mãe. Só a partir do momento em que a criança percebe que a mãe tem interesse por algo que não é ela, é que fica aberto o espaço para a entrada do Pai. Desta forma a entrada da figura do Pai depende do interesse que a mãe demonstra em direção a ele.

Eu nunca falei nada do Pai dele. Porque ele tava vendo nera, como era o Pai. Eu não Falo de jeito nenhum, dizia era nada. (mãe)

Não sei nem dizer, quem dava os estudo dele, era a mãe dele. (...) Não. Nunca me meti com isso não. Era só a mãe dele, a mim ela nunca Falou nada. (Pai)

Podemos desconfiar aí que há uma fraca inscrição do Nome-do-Pai. Neste sentido, o significante que representa a ausência da mãe encontra-se atrofiado. Os relatos apontam para uma deficiência no processo de separação para o sujeito, em que ele parece estar muitas vezes submetido ao regime da alienação. O sujeito fica numa relação com a mãe, abrindo-lhe a possibilidade de ser o objeto que venha a satisfazer o desejo da mãe. O sujeito fica tomado pelo imaginário, ou seja, há aí uma inflação do imaginário abrindo a possibilidade para o sujeito de tornar-se Um na relação com o Outro. É fácil perceber que esta relação ilimitada que ele tinha com a mãe, ele também tende a estabelecer com a mulher e

posteriormente com a amante. Esse tipo de relação, que não obedece ao princípio da realidade, acaba remetendo o sujeito facilmente a intensas frustrações.

Juntamente com a operação de alienação, a separação – resultado da castração - compõe aquilo que Lacan (1964) chama de operações de causação do sujeito. A castração, que permite a separação (relativa) do sujeito em relação ao Outro, se dá através de uma operação metafórica que consiste em um significante - Nome-do-Pai - sobrepor-se ao que quer que seja o *Desejo da Mãe*. O não estabelecimento desta separação, pois, corresponde a um sujeito acéfalo, alienado, submetido como objeto ao desejo e à demanda do Outro.

O José, é por que ele é uma pessoa, que a gente tá fazendo e ele quer muito mais. Ele não fica satisfeito só com aquilo que a gente faz. Ele tem... A irmã dele tava dizendo pra mim, que ele tem um pouco de ciúme. Ele não quer que eu fique muito apegada a ninguém. Quer eu só pra ele. (mãe)

... sempre fui uma pessoa muito ciumento, eu acho que mulher minha não pode nem tocar nem chegar perto. Que eu Falo logo igual a uma canção que tinha: eu tenho ciúmes até do vento, quem tocava nela.(drogadito)

Ele amava mais do que eu. Era. Mais que eu. Ele era doente. (Ex-esposa)

Apesar de parecer ter a tendência de buscar estabelecer relações simbióticas com suas mulheres, o sujeito é uma pessoa benquista pela vizinha, no emprego, ou seja, por onde passava. Tinha um cuidado e uma preocupação muito

grandes com a família. Tinha um senso de solidariedade em relação às pessoas, só que não conseguia lidar muito bem com a diferença. Fazia de tudo para agradar as pessoas, mas, quando tinha algum atrito, fazia questão de se isolar. Freud, (1930) em *O Mal Estar na Cultura*, infere a idéia de que, contra o sofrimento causado pelos relacionamentos humanos, a defesa mais direta do sujeito é o isolamento, mediante sua própria vontade, em relação às outras pessoas.

... era um menino bom, ele trabalhava, tinha a família dele vivia bem com a esposa e os filhos, é bom para mim não é ruim para mim não, ele não faz porque não está podendo. Mas ele era bom demais mesmo, todo mundo se admirava. Ele era muito bom para ela, dava as coisas as meninas dela, dava a ela. (drogadito)

Ele era uma pessoa atenciosa com as pessoas. Ele gostava muito de fazer favor. Ele deixava de... ele chegou a deixar de comer pra dar o alimento dele pra outra pessoa. Se descesse que tava com fome, ele deixava de comer pra dar. (irmã)

E como eu era uma pessoa muito comunicativa, uma pessoa que tinha um bom dialogo, uma pessoa muito perceptiva, e não fazia nada por interesse pessoal, fazia tudo de coração, não queria saber se a pessoa tinha chocolate, tinha dinheiro, se tinha nada p me dar, eu só queria fazer

porque eu me sentia bem fazendo. E devido ao meu esforço surgiu uma proposta para mim. (drogadito)

Aí ele se desgostou com um rapaz lá, um rapaz que ficou implicando com ele lá, porque todo mundo gostava dele e o pessoal lá tinha raiva, porque tinha inveja, todo mundo dava o maior do valor a ele, tudo era com ele lá. Aí começou a inventar a conversa, mais pessoal não acreditaram não. Aí ele, para não haver uma coisa pior entre ele e o rapaz, aí ele preferiu sair. (mãe)

Eu tenho pavio curto, assim se eu penso que ta fazendo mal pra alguém, ou alguém estava me fazendo mal, um dos dois tinha que da o basta., e eu sempre achava que eu ia dar o basta. (drogadito)

Durante a adição às drogas

Ao adentrar o consumo excessivo em relação às drogas, o sujeito começam a parar de dar importância as pessoas que o rodeavam. Sua relação familiar pioram muito, uma desatenção muito grande em relação a esposa, filho, mãe, irmã; uma total falta de valores para com os outros, não importando nem os limites nem os direitos de cada um estabelecidos pelo social.

Fica ate dificil de dizer por que não da p entender, eu abandonei tudo eu fiquei mais afastado, para mim tudo era normal e eu não sabia o quanto eles estavam sofrendo com isso. Por causa do meu uso, da minha

ausência, porque eles sabiam o que eu estava fazendo. Porque para eles talvez isso nunca aconteceria comigo, aconteceria com o filho de qualquer um, mas com o José filho deles isso nunca aconteceria. (...) A droga me dominou tanto que eu fiquei um cara sem amor, morreu tudo p mim, morreu esposa, morreu irmã, era o mundo da droga e eu. (...) Pratiquei alguns delitos, mas graças a Deus eu nunca fui pegue. Mas me sinto mal hoje porque eu fui uma pessoa que sempre gostei de trabalhar p ter tudo, e na rua ta com arma, colocar uma arma na mão e tomar o que não era meu. Eu nunca gostei. Isso tudo pra manter o vício. (...) A minha família era como se fosse essas paredes. Eu entrava aqui tomava uma água, ligava um som, assistia televisão e saia, nem ligava... (...) Meu filho pra mim não existia. A minha mulher era como se ela fosse apenas uma empregada.(...) Chegava em casa queria uma bermuda lavada... (drogadito)

Os laços sociais estabelecidos pelo sujeito estão agora todos em função do uso e do alcance da droga.

Aí eu me desleixei, eu pirei minha vida social pro mundo marginal, que é pra onde o Crack leva. Aí comecei a ter amizades com gente de outro nível, de outro padrão que não fazia o meu perfil, mas eu achava que eu era o tal. (...) Nesse momento, só eram os parceiros da droga. Porque as pessoas que eu deixei lá na frente não sabiam de nada. E eu só procurava o... quer dizer, eu não só procurava coisa boa, eu só procurava se aquele cara usava. Aí pensava: Opa! Vou fazer amizade com ele, vou

poder usar na casa dele e tal. Eu sempre queria um canto para usar, porque eu não usava em casa. (...) Eu achava que eles tinham alguma coisa para me oferecer. Era uma relação que, para mim, eles eram pessoas boas, mas eles tinham interesse no que eu poderia propor para eles, que era fazer a famosa presença pra eles, vamos lá para o meu barraco tal, tu me dá só uma pedrinha. (...) É que eu teria passagem livre, porque na favela existe um território então, se passa de tal horário, você não pode passar. É porque lá era onde corria a droga. Eu vivia em função da droga. Os parceiros eram pra propiciar a droga. Pra servir de cobaia. (drogadito)

De acordo com Nogueira Filho (1999) o que ocorre aí é uma desfaçatez em relação ao outro. A relação com a droga dispensa o significante e como este possibilita a relação com o outro semelhante, ocorre a partir daí uma desfaçatez em relação ao outro.

Santiago (2001) fala de um gozo cínico com a droga: trata-se aí de um ato cínico, na medida em que não se confunde com o ato imoral do canalha, mas sim constitui-se pela ocupação do gozo do corpo fora de laço social. É cínico porque, de certa forma, é uma renúncia ao outro, é “um fazer de conta” que este não existe.

ele se afastou muito né? Se isolou, aí eu quando ele se afastou, foi que eu fiquei mais com aquela coisa de não querer saber de nada né: Não, se ele se afastou é porque ele não..., eu achava que era porque ele não gostava mais da gente, tinha trocado a gente pela droga, pelas coisas. Que achava melhor viver com as pessoas erradas do que do lado da gente. (irmã)

Durante o tratamento

É possível notar no relato do drogadito que, com sua entrada no tratamento, uma série de valores é reincorporada ao sujeito. Com o cessar do efeito do tóxico, que fragiliza a inscrição da linguagem no corpo, o sujeito progride simbolicamente e começa a se preocupar, ou seja, enxergar novamente o outro e fortalecer seus laços sociais.

Não é porque eu estou sentado naquela cadeira do ônibus, não é porque eu cheguei na frente não. Eu tenho que ver que aquela senhora que está lá em pé, cansada do trabalho, está precisando daquele assento. Eu ainda tenho força nas pernas, ela não. Então, eu tenho que dar aquele assento pra ela. (...) Ele se aproximou mais da irmã dele, ele não ia lá. Se aproximou mais dela. Ele conversava com as sobrinhas, que ele não tinha mais conversa com as meninas, ele era todo isolado. Ele era rindo, alegre, cantando, dançava e tudo, dançando com as meninas, na maior alegria do mundo. Aí a gente percebeu que ele tava bem melhor mesmo. (...) Rapaz, hoje eles são a minha vida. Se eu morrer eu acho que eu deixo muitas conseqüências para eles. É que nem eu disse, eu tenho dois garotos que precisam muito de mim ainda. Duas pessoas que não podiam ficar sem Pai. (...) que o Tratamento aqui traz pra mim... o que o tratamento... ele me promete a realidade da minha vida, que... Tem gente lá fora que precisa de mim. (...) Hoje, se você olhar nos olhos da minha

mãe, da minha irmã, da minha esposa e dos meus filhos e você vê o sorriso, é uma coisa mais linda do mundo. Porque é sorriso de felicidade e eu vi que eu tinha importância, que eu tinha importância para alguém e que eu não era aquele verme que eu achava que era. (drogadito)

Ocorre um fortalecimento da sua imagem, ao ver que as pessoas responsáveis pelo tratamento se importam com ele, se preocupam com ele, ou seja, olham para ele. Isso é importante para a construção de um lugar para o sujeito dentro do grupo; é como se fosse marcado pelo outro um lugar para ele dentro da estrutura. O sujeito relata que começa a sentir o apoio familiar e percebe, diante das dificuldades, que realmente a sua família o ama, remetendo-o com isso novamente a um lugar para esse sujeito na estrutura familiar.

Esse fortalecimento dessa imagem do sujeito com a construção de um lugar para ele, nos permite fazer referência a uma operação importante para constituição do sujeito, que é a alienação. Segundo Lacan (1964), a alienação é justamente a instituição da ordem simbólica, com a atribuição de um lugar para o sujeito dentro dessa ordem. É um marcador de lugar dentro dessa ordem, que o tira do nada e o transforma em algo, ao representá-lo. É de extrema importância o fortalecimento desse lugar para o sujeito, pois vem inscrever aí um marcador, um símbolo, onde antes avia uma intensificação do real a partir da relação direta com a droga.

Só que não devemos nos esquecer da importância da separação para a causação do sujeito, pois é ela que interdita a relação direta do sujeito com a droga. Enquanto a alienação diz respeito ao lugar vazio – um marcador – de “não-ser” dentro da ordem simbólica, a separação dá origem ao “ser”, saindo de uma posição

de alienação ao desejo do Outro para articular a linguagem segundo seu próprio desejo.

elas deixam de resolver as suas necessidades em casa, seus problemas em casa, e eles vão adquirir mais um problema, que é o meu problema, da minha saúde, do meu bem-estar, se vou estar me sentindo bem, se eu não estou. E gente nem sabe o grau de responsabilidade que as pessoas tem lá fora também. E que deixa tudo lá sozinho pra cuidar da gente que não sabe nem de onde veio nem quem é, não sabe nem um grau de crime que a gente já cometeu, e eles vivem com a gente como se fosse uma família. (drogadito)

Agora realmente que a gente tem dois filhos e eu cai nesse mundo aí, foi que eu vi que ela (ex-mulher) me ama, mesmo com isso ela agüentou tudo e até agora não me abandonou. Tá ali me dando uma força, mesmo de longe, mas tá chegando junto. Então eu vi que o amor é esse, não é aquele amor de distancia não, é aquele amor que tá com você na pobreza na tristeza na saúde e na doença, é exatamente onde eu tô hoje né, tô me livrando dela. E a gente só sabe quem ama a gente, quem gosta da gente, quando a gente cai no buraco. E quando eu cai nas drogas eu descobri que meu Pai me ama. E eu achava que não tinha amor de pai, e meu Pai provou que me amava. (drogadito)

Com o passar do tempo, o sujeito começa a fazer amizades com os outros pacientes do Elo de Vida. A partir dessas amizades, surgem convites para consumir a droga na hora de ir para casa, quando termina o expediente do tratamento. O sujeito começa a recair e muitas vezes age de forma agressiva com as pessoas que tentam impedir o seu uso das drogas. A droga aparece mais uma vez aí como sendo mais valiosa para o sujeito do que seus entes queridos. Em nome da droga, o sujeito era capaz de atropelar o direito dos outros, e até mesmo agir de forma agressiva para com ele, aparecendo novamente aí um enfraquecimento simbólico causado pela droga. São restabelecidas então, uma desfaçatez e um cinismo em relação ao Outro a partir do retorno as drogas.

(...) tem muitos companheiros que não perdem o costume lá de fora e traz pra dentro e parece que cria uma cola ali que não descola. (...) supor numa média de que cem a gente tire dois, dois, três. Assim pode dizer: esse cara aí quer alguma coisa na vida, ele quer se curar, ele quer me ajudar a me curar porque ele tá se curando, se ele tá atrás de se curar, ele tá querendo me curar. (drogadito)

Ele se zangou comigo... veio querer dizer que ia quebrar tudo o que tinha aqui. Ele partiu pra cima de mim, com um litro, ele nunca tinha feito isso. Aí eu fiquei chateada, fiquei revoltada. Porque ele nunca me respondeu, nunca ele foi menino de eu dizer as coisas e ele me responder. (mãe)

A condição de sair depois das cinco da tarde do tratamento possibilitou o contato real com a droga. Começa a se formar dentro do tratamento um grupo em

função do uso das drogas e o sujeito acaba aderindo a ele. O discurso dos sujeitos que faziam parte desse grupo apontava sempre para um prazer maior, que dispensa os limites dos significados e suas conseqüentes frustrações.

“Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal” “eu não agüento mais, eu acho que eu posso”. Aí eu ficava assim... (drogadito)

O sujeito recai pela última vez antes de sair do tratamento, em razão de um sofrimento advindo do ciúme da relação entre a mãe e seu namorado. Para Melman (1992), o drogadito, por não possuir uma inscrição paterna bem estabelecida, diante de alguma injunção fálica, essa inscrição não dá conta e ele recorre ao uso das drogas. Segundo Lacan (1964), a Lei paterna é a responsável por estabelecer a separação entre o sujeito e o desejo do outro materno. Parece haver no caso do nosso sujeito uma separação mal estabelecida em relação ao Outro materno.

Foi mais por sentimento. Foi sentimento. Foi coisa de dentro. Eu me senti inútil, né. Que meu pai, “pôrra”, meu pai é muito legal e tudo. Eu não via aquele tratamento com meu pai, aquilo me deu um ódio. Como eu não pude agredir né, eu não fui na agressão né, e nem eu podia fazer nada. Eu achei que... Joguei tudo fora. Eu disse: Eu vou usar droga mesmo, que é melhor que ta vendo certos tipos de cena, e eu drogado, eu não vou ta em casa, eu não vou ta ligando pra nada.(drogadito)

O drogadito por uma fraqueza do Nome Pai, não sustenta essa posição de falta. A partir disso se adiciona ao objeto droga, pois não tem suporte simbólico suficiente para fazer luto. Segundo Melman(1992) aí, onde faltam as palavras o toxicômano responde com a passagem ao ato, já que a ausência não foi muito bem representada pelo Nome Pai.

Foi por que. Agora da última vez que ele fez. Foi por que a gente tava fazendo o aniversário, e ele não queria que a gente fizesse o aniversário. Aí esse rapaz que vive comigo, nunca fez aniversário dele. Aí ele queria fazer. E ele não queria de jeito nenhum, a raiva dele foi essa. Aí ele com raiva como ele não podia se vingar né. (...) Ele já ficou com os amigos lá pra banda da... Já tava tudo comprado já. Aí ele pegou, com raiva né. Veio e pegou a televisão. (mãe)

Como Freud (1930) relatou, uma das principais fontes de mal-estar e talvez a maior, é o relacionamento com os outros homens. O sujeito, como verbalizou Freud, pode recorrer ao isolamento como fuga desse mal-estar, ou mesmo recorrer à droga como um paliativo para esse mal-estar provindo dos relacionamentos. A partir disso podemos nos remeter a Santiago (2001), quando diz que a droga oferece para o sujeito um gozo cínico. Nesse sentido, é um certo isolamento psíquico a partir da droga, já que ele age como se o outro não existisse.

Foi mais por sentimento. Foi sentimento. Foi coisa de dentro. Eu me senti inútil, né. Que meu pai, "pôrra", meu Pai é muito legal e tudo. Eu não via aquele tratamento com meu Pai, aquilo me deu um ódio. Como eu não

pude agredir né, eu não fui na agressão né, e nem eu podia fazer nada. Eu achei que... Joguei tudo fora. Eu disse: Eu vou usar droga mesmo, que é melhor que ta vendo certos tipos de cena, e eu drogado, eu não vou ta em casa, eu não vou ta ligando pra nada. Eu vou... Aí foi só por isso mesmo né. Por que não é bom não, o clima é meio chato mesmo. (drogadito)

Após o tratamento

O sujeito abandona o tratamento, justificando que estava nele com vontade de usar drogas. Ele reclama, dizendo que muito disso acontece em razão de droga estar sempre muito em evidência. As pessoas estão reunidas ali em nome do significante droga, os vínculos se estabelecem em nome dela, o sujeito relata como se estivesse, de certa forma, se tornando viciado até do tratamento.

Por que eu já to com quatro meses, aí só caíndo, recaíndo, só recaíndo, só recaíndo... Quatro meses, aí o tratamento passou também, já passou a ser vício né. Aí eu tive medo de entrar numa overdose lá né. Assim de ta lá dentro e entrando as pessoas. É sempre entrando gente mais nova, e incentivando né. O comentário lá... Não conversam outra coisa. As pessoas não falam de esporte... Oh! O time tava bom! As pessoas não falam de religiões. Só fala de religião quando entra no grupo. Tem o grupo do AA, tem o grupo do Na, tem o grupo do tabagismo né. As pessoas só falam... É só pedra, só maconha, só cachaça, não tem outro

assunto. Aquilo vai entrando na cabeça da gente. Aí chega um e diz: “Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal” “eu não agüento mais, eu acho que eu posso”. Aí eu ficava assim... Aí, rapaz sabe que eu não vou mais não, sabe que vai me faze é mal. (drogadito)

O sujeito também relatou dificuldades de aceitar as normas e limitações do tratamento, desde aí, há sentimento de frustração e o sentimento de não ser aceito nem valorizado pela instituição. Surge assim uma série de entraves intrínsecas ao próprio tratamento, com as quais o sujeito não consegue lidar simbolicamente.

Sim, lá no tratamento, você nunca tem razão, sabe? Você nunca tem razão. Se você reclamar que a comida ta salgada. “Ô pôrra! Coma aí, é o governo que ta te dando, é nós, tu quer coisa melhor que isso aí”. É como aquele cachorrinho amarrado ali, tem que comer sabe? “Ah! Ta salgado, não quer não, então não coma, não tem outra coisa não. Vá se embora!” “Ah, tem gente que não tem nem isso aí pra comer”. Esse tipo de coisa. (...) Me sentia mal. Eu fui reclamar por que... Eu sou muito sensível com as coisas, as coisas me tocam muito ligeiro, muito sensível. (...) Aí eu peguei e disse: Não, eu não vou mais não, por que eu já to me estressando, a gente, tinha a... As pessoas diziam assim: Você pode falar, pode relatar o que você tem vontade. Mas quê que adiantava, as minhas palavras eram ditas, eram faladas, mas não eram aceitas. Era que nem uma coisa, eu querer resolver uma situação, resolver um

problema sério, eu precisava da assinatura de alguém, e alguém não concordava, não assinava, era mesmo que nada. (drogadito)

Se o sujeito não tiver o significante Nome-do-Pai bem inscrito para suportar frustrações e limitações dentro do tratamento, abre a possibilidade de responder a essas perdas a partir do real, ou seja, do real do uso das drogas. Segundo Melman (1991), o Nome-do-Pai, é a instância fálica que organiza o mundo objetivo e o mundo do desejo faz o luto do objeto no real assegurando a posição que diz respeito ao sujeito desejante, que está submetido as Leis da linguagem e por isso impossibilitado de apreender o objeto na sua forma natural.

Desta forma, desde de uma decisão sua, o sujeito larga o tratamento e busca outra saída. Essa saída é motivada pelo desejo de sair da casa da mãe e restabelecer sua família. De acordo com a fala do sujeito, ele troca a posição no tratamento, onde a droga estava o tempo todo sendo alimentada imaginariamente, e vai em busca de um reposicionamento em relação à família.

No momento, com a abstinência de dois meses em relação à droga, o sujeito novamente restabelece seus laços sociais e convive com o outro dentro de um certo limite estabelecido pelas Leis da linguagem. O sujeito diz ter relações difíceis dentro de casa, que geram mal-estar, mas, no lugar de ir em busca da droga como uma forma de se isolar do outro e do sofrimento advindo de suas relações, idealiza uma saída pautada nas leis da linguagem. Sonhando em poder viver em harmonia com o filho e a mulher em uma casa para a família, ele pensa em se estabelecer socialmente, e a trabalhar para alcançar tal objetivo. Isso aparenta que o sujeito busca o relacionamento ideal com a esposa e com o filho fundado em um Eu Ideal, só não se sabe até que ponto esse sujeito pode estabelecer daqui para a

frente um aparato simbólico que o remeta a um Ideal de Eu que possa sustentá-lo em uma posição de não-adição as drogas, diante de um discurso social que promete uma gozo completo, e de um possível comprometimento da inscrição da metáfora paterna.

Eu tenho a vontade de sair e viver a minha vida (...) Arrumar um emprego pra poder trazer a minha esposa e meus filhos pra dentro de casa. Reunir minha família, novamente. Levar meu filho para o estádio. (...) quarta-feira, o meu filho queria ir para o estádio, e eu não tinha dinheiro pra levar ele para o estádio. (...) Quero viver outras coisas não quero mais ficar lá só falando de droga e a minha vida parada. Quero trabalhar, comprar um transporte pra mim, ter minha casinha com minha esposa, isso lá no tratamento não estava sendo possível e eu só estava era ficando com vontade de usar por causa do comentário do pessoal. (drogadito)

6.3 A relação com os demais objetos

Antes da adição a droga

Podemos perceber que, antes da adição as drogas, o sujeito circulava entre os objetos, de forma a deixar claro sua condição desejanste. Não havia neste momento nem uma posição de fixação em relação a nenhum objeto, mostrando assim a marca do objeto da pulsão que, segundo Freud (1905), diferentemente do objeto da necessidade, não é pré definido. Pelo contrário, temos relatos da sua própria irmã que dizem respeito a sua boa vontade em emprestar seus objetos. Havia a idealização dos objetos que pretendia possuir, ou seja, havia um encobrimento imaginário dos objetos, mas o sujeito se submetia aos limites impostos pela cultura para tentar alcançá-los. O sujeito trabalhou para adquirir uma casinha para a sua mãe, passou por um curso dentro do teatro para assumir a posição de técnico de iluminação, dentre outras coisas.

É, ele tinha cuidado, gostava e tudo, mas não se apegava a nada né?

Fosse uma coisa que você quisesse ele era capaz de dá e comprar outro.

Se a pessoa gostasse de uma coisa, ele dizia assim: “Gostou?”, ele dizia:

“Taí”, entregava nas mãos da pessoa. (irmã)

... nunca fui assim de me pegar a bens materiais, mas eu tratava bem, eu deixava ele sempre limpo, sempre não deixava os meninos mexer...

Se eu tivesse os cursos e tirasse nota boa, eu entraria na equipe técnica. Ai eu fiz os cursos passei e entrei na equipe técnica. (...) Ai eu disse: é uma maneira de eu me profissionalizar e de ter mais de conhecimento. (...) Eu conseguia assim ganhar mais dinheiro, porque quando eu fazia um projeto de iluminação, e ia montar e operar qualquer evento, qualquer iluminação minha a remuneração era maior. E assim fui evoluindo. (...) Nessa época eu já tinha me estabilizado. Tinha minha motocicleta do ano, tinha meu carrinho de segunda mas em ótimo estado. Dei uma casinha pra minha mãe.(drogadito)

...e o meu sonho que eu tinha era de poder participar de alguns festivais internacionais de teatro, de ganhar algum prêmio como iluminador, ser reconhecido, que nem o Joaquim de Carvalho, Neco Quindere, este tipo de pessoas. (...) Eu tentava mas como era mais difícil aqui. Mas eu tava sempre tentando. Eu sempre procurava em pesquisas, saber quem era o tal, e sempre gostava de fazer trabalhos voluntários, por exemplo: vai ter uma exposição do museu hoje, eu procurava quem tava organizava, me identifica mostrava meu cartão, ai meu colega dizia: não, pode vim. Como as vezes eu não podia entrar na mão de obra, eu ia só pra vê, estagiar, gostava de saber como é que o cara fazia aquele projeto, como é que aquele cara pegava o texto do nada fazia toda aquela iluminação, sempre me identifiquei muito com isso, mas que pena que eu tive um tropeço né? (drogadito)

A relação com os objetos era mediada pela linguagem. Neste sentido, os objetos adquiriam um valor simbólico para o sujeito, banhado pelo significante. Há uma valorização desse objeto, mas também uma relação limitada para com este. Como existia este limite, o sujeito não se satisfazia plenamente com nenhum objeto, com isso, não se fixava em nenhum e circulava entre todos em busca de algo que não existe, que é o objeto do seu desejo, ou “objeto *a*”, assegurando sua posição de sujeito desejante.

(...) desde pequeno eu tinha vontade de ter o que era bom, acho que por não ter tido eu pensei: vou trabalhar pra ter o que é bom. (...) Eu nunca fui assim de me pegar a bens materiais, mas eu tratava bem, eu deixava ele sempre limpo, sempre não deixava os meninos mexer... Eu sempre fui de substituir, porque eu acho que uma coisa quebrada ela jamais... (...) Eu tratava com muito cuidado, porque eu via que custava tanto eu conquistar aquilo que eu tinha mais zelo. Então eu limpava sempre o meu carrinho, levava no lava jato, a minha casinha mesmo não sendo minha, mas sendo alugada, eu mandei colocar umas cortinas, sempre mandava minha mulher trocar as coxas de cama. Quando eu via que tinha umas coisas muito velhas mandava minha esposa perguntar na casa dela quem estava precisando das coisas que a gente não estava mais usando, que eu vou repor uma nova, pra gente não colocar no mato nem ficar ocupando espaço (...) Tinha vontade de ter um carrinho zero do ano, e eu tava perto, eu tava com a chave quase abrindo a porta. (drogadito)

Durante a adição à droga

A partir do momento em que o sujeito se fixou ao objeto droga, todos esses objetos, que possuíam um valor simbólico para ele, perderam a importância. O sujeito não está mais interessado por um prazer mediado pelo significante que impõe impossibilidade de apreensão dos objetos, mas sim por um prazer que enfraquece esse limite imposto pelo significante, e obtido a partir do objeto encravado no corpo biológico. Não está mais em busca de uma relação mediada pelo significante, e sim de uma relação direta com os objetos. O símbolo e os objetos revestidos por ele perdem o interesse do sujeito. O revestimento simbólico e imaginário dos objetos é enfraquecido. O que está em evidência aí é a pulsão de morte, que fixa o sujeito num só objeto, como se o próprio sujeito estivesse morto, e junto com ele sua condição desejante. O sujeito perde o gosto pelo trabalho porque não interessa para ele um gozo mediado por atribuições e sob condições limitadas, que é o gozo fálico. O trabalho exige do sujeito uma adequação a uma ordem, ou seja, a uma lei organizada pela linguagem. O sujeito não se motiva mais para este gozo restrito a partir da linguagem, ele quer o prazer direto e imediato das drogas.

Ai o que aconteceu, eu perdi o gosto pela minha profissão, ai perdi os contatos. (...) Na época que eu tava usando, podia até tacar no chão as coisas que eu tinha que... Eu não tava nem aí... Podia esbagaçar. (...) eu abandonei tudo... (...) A droga me dominou tanto que...morreu tudo p mim... (...) A parte artística eu isolei antes que isso gerasse um conflito maior. (drogadito)

O sujeito da nossa pesquisa troca todos os objetos em nome de um; tudo o que ele busca nos outros objetos que não são a droga é um meio para garantir o objeto droga que no caso, se aproxima muito do objeto da necessidade, pois ganha um caráter de objeto específico, ao se posicionar como único objeto que mobiliza o sujeito.

(...) eu já não trabalhava mais pra comer, eu trabalhava para manter o vício. Se você me chamasse pra fazer um serviço eu dizia: puxa eu vou ganhar tanto da pra comprar tantos bombons.(...)as minhas roupas eu dei tudo. Minha irmã, em dezembro, ela foi no centro, no shopping... Comprou blusa, comprou calça, comprou sapato... Ela me deixou, pegou o táxi, me deixou na porta de casa com aquelas sacolas... roupas pros meus filhos, pra minha esposa... Ela pegou o táxi... que ela foi embora... Eu sai na outra rua com as sacolas tudim, fui pra favela. E ela me esperando na casa dela pra comemoração do natal e eu na favela vendendo as roupas que ela tinha me dado. (...) Eu tinha uma moto, titã 2004 nova, eu tinha também um Escort 95 bonzim, eu tinha uma poupançazinha, pequena mas tinha. Fora televisão, dvd... Eu sempre fui muito vaidoso por esse tipo de coisa, sempre quis ter um aparelho bom na minha casa, sempre quis que a minha sala fosse um cartão de visita pro restante da casa. Eu tinha tudo isso na minha casa. E a droga foi levando de um em um... de um em um...Se o objeto custava cem pra mim eles me davam cinco reais. O que importava era o que o traficante botava em cima do valor do objeto que eu tivesse. Se valesse de cem reais e ele dissesse que só valia dez, eu dava pelos dez. (...) Só pensava em ter uso dinheiro pra o uso. (drogadito)

O próprio corpo do sujeito é empobrecido em sua forma imaginária e simbólica. O sujeito não se relaciona mais com o próprio corpo mediado pela linguagem, mas sim de uma forma direta por uma intervenção química que afeta o funcionamento do organismo biológico. O sujeito parece não estar mais em busca de um eu ideal, nem submetido a um ideal de eu. Ele começa a lidar com o próprio corpo, quase diretamente no real, consumindo-o a partir da alteração orgânica provinda da droga. Isso reflete até no próprio trato com o corpo evidenciado pelo descuido e descaso do sujeito com sua aparência, ou seja, sua imagem (roupa, cabelo, unhas etc).

Não, nem me preocupava se eu tava barbado, se eu tava de dente limpo, se eu tava cheirando, se eu tava rasgado, se eu tava descalço (...) Eu me relaxei. Eu fiquei um mendigo. Eu passei a mendigar. Eu comecei a mendigar. (...) Aí, eu entrava no banheiro, até pra tomar banho, aí eu só fazia molhar a cabeça. Eu só fazia me molhar, nem um sabonete eu passava no corpo. Eu me entreguei mesmo as baratas. Eu me entreguei, não. As drogas me levou as baratas. (...) Nessa época eu não pensava nem em mim. Na peça fundamental que era eu, eu não tinha amor nem por mim mesmo. A droga me dominou tanto que eu fiquei um cara sem amor (...) (drogadito)

Eu tive depressões vontade de morrer vontade de me matar. (...) Eu tinha. Eu quero morrer de overdose. Suicídio através da droga... (...) Sabia. Eu disse: tem uma maneira de eu limpar tudo: é eu me sumindo, então vou morrer de overdose. (drogadito)

Lembremos aqui, do que Coelho (2003) fala em relação ao trágico no drogadito: enquanto o *mais-gozar* apela a uma lei que o interdite, o gozo do drogadito, que coloca seu organismo em cena através de um efeito químico, vai encontrar seu limite, lá onde o real e o imaginário se conjugam no gozo do Outro, no fim da existência, a morte.

Ele disse: ou ele, ou as drogas, ou a morte. Era o que viesse, ele “tava” pronto pra receber tudo. Ele “tava” muito “aviciado”, ficava doidinho ele.(ex-amante)

Segundo Melman (1992) há uma consumação na tentativa de incorporar esse objeto tornando-o verdadeiramente preso ao corpo, como o corpo é uma cadeia significante isso é impossível, nenhuma dose conseguiria a não ser por uma única maneira, a *overdose*.

Durante o tratamento

Com o tratamento e com o objeto droga desencravado do próprio corpo, pois o sujeito estava em abstinência, o sujeito se afasta desse prazer que privilegia o organismo e começa a reinvestir simbolicamente nos objetos, relatando o remorso por ter perdido tanta coisa em nome da droga. Começa a idealizar novamente os objetos e, conseqüentemente, desejá-los, submetendo-se aos limites impostos pela estrutura de linguagem.

Eu sinto falta. Eu passo numa vitrine... eu queria passar por uma panificadora, ai não poder comer um bolo. Eu penso: olha eu pude comprar isso... vou voltar a comprar. Ai eu gosto de usar o que é bom, quem é que não gosta. (...) só tenho muita coragem de reconquistar tudo de novo. Não tenho casa, não tenho moto, não tenho mais carro. (...) Uma coisa muito importante pra mim, o meu transporte. Que é chato você ter que encarar todo dia um cambão desse lotado, ai eu sei o quanto eu perdi, porque realmente eu joguei os meus meios de transporte no mato. Mas só que pra isso também eu vou ter que arrumar primeiro umas vestes boas pra depois correr atrás, porque não é em qualquer canto que eu vá entrar de bermuda nem de chinelo, a aparência, em primeiro lugar.(...) Tenho vontade de voltar para área do teatro, voltar a ter parceiros bons de novo... Eu hoje eu estou vendo que é bom fazer o que você gosta, não o que você quer ou que você é obrigado a fazer, mas sim o que você gosta... E ter amor acima de tudo, além da dedicação para o serviço, ter amor aquilo que eu vou fazer, porque sem amor ai fica sem saída e volta pro nada.r o projeto só no papel. (drogadito)

O sujeito restabelece a preocupação consigo mesmo, retomando os cuidados com o corpo, com a aparência e higiene, caracterizando uma retomada do corpo pelo significante, ou seja, uma relação com o corpo mediada pela linguagem e todas as leis intrínsecas a ela. A natureza dessa relação mediada pelo significante, se distânciava neste sentido de uma relação, que privilegia a fonte orgânica da pulsão e despreza o significante, como é o caso da relação do sujeito com a droga no auge do seu consumo.

Hoje não... hoje eu olho pro... Eu abro o meu guarda-roupa e sinto vergonha, porque eu abro meu guarda-roupa e as roupas que eu usava pro trabalho era as roupas hoje que eu uso pra vim pra instituição... pra ir a casa de um amigo... As roupas que eu usava pra trabalhar é as que hoje serve de veste pra mim ir pra qualquer canto... (...) Primeiro eu pretendo freqüentar uma boa academia pra não deixar a peteca cair...vai chegando uma certa idade né que eu tenho...(...) também eu vou ter que arrumar primeiro umas vestes boas pra depois correr atrás, porque não é em qualquer canto que eu vá entrar de bermuda nem de chinelo, a aparência, em primeiro lugar. (drogadito)

Após um período inicial de dois meses de distanciamento da relação de fixação à droga, dentro do tratamento, o sujeito começa a recair. O significante fálico, responsável pela organização do sujeito dentro do mundo da linguagem, estabelecendo sua relação de distanciamento em relação aos objetos, parece então falhar. Esse significante, responsável pela sustentação da sua condição de falta condição, esta que o faz circular entre os objetos da cultura, falha diante de uma injunção simbólica. Por falta de um aparato simbólico bem inscrito para o sujeito, que poderia sustentar-lhe numa posição de abstinência da droga, ele acaba retornando a sua relação de fixação com a droga e se desfazendo novamente dos objetos de dentro da casa da sua mãe para adquirir a droga. Isso demonstra novamente um enfraquecimento do sujeito da linguagem e uma intensificação da

fonte orgânica da pulsão que clama pelo objeto (droga) de sua quase-necessidade, se podemos nos referir desta forma.

Por que eles dão o vale transporte. Ele pagava a passagem com os vales e me pedia o dinheiro, dizia que não tinha vale. Aí eu dava aí aquele dinheiro que eu dava ele juntava aí ele ia fazer (...) ele chegou em casa, ele chegou em casa e entrou, pegou uma bermuda e disse que ia dar a um amigo dele, porque a bermuda não servia pra ele. Aí eu confiei, confiei que ele ia levando só a bermuda. Mas deixa que ele não tava levando só a bermuda. Aí esse rapaz que ta sentado aí, ele conversa comigo né. Aí a bebida era dele, ele pegou o litro de bebida e levou. (...) Ele já ficou com os amigos lá pra banda da... Já tava tudo comprado já. Aí ele pegou, com raiva né. Veio e pegou a televisão. (mãe)

Após o tratamento

Após a saída do tratamento e uma nova abstinência das drogas o sujeito retoma a investir simbólica e imaginariamente nos objetos, reassumindo a atitude de circulação entre os objetos, não se fixando mais na droga há um mês. Diz que o tratamento de certa forma o fixou às drogas, impedindo que ele circulasse entre os outros objetos. Dentro do tratamento ele não podia trabalhar, adquirir uma casa para ele nem reconstruir sua família. Segundo ele, ele precisava falar sobre coisas diferentes, ver coisas diferentes, e não ficar o tempo todo falando sobre droga. Ele diz que, neste sentido, o próprio tratamento estava virando um vício. Ele queria ver algo além da dependência dele à droga, alguma crise que tivesse

importância para a vida dele depois da saída das drogas e para a reconstrução da família dele, reconstrução esta que estava sendo muito idealizada.

É sempre entrando gente mais nova, e incentivando né. O comentário lá... Não conversam outra coisa. As pessoas não falam de esporte... Oh! O time tava bom! As pessoas não falam de religiões. Só fala de religião quando entra no grupo. Tem o grupo do AA, tem o grupo do Na, tem o grupo do tabagismo né. As pessoas só falam... É só pedra, só maconha, só cachaça, não tem outro assunto. Aquilo vai entrando na cabeça da gente. Aí chega um e diz: “Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal” “eu não agüento mais, eu acho que eu posso”. Aí eu ficava assim... Ai, rapaz sabe que eu não vou mais não, sabe que vai me faze é mal. (...) Eu deixei assim, que eu ia tentar sair dessa vida sem o tratamento mesmo. Que o tratamento já tinha dado o que tinha de dar. Quero viver outras coisas não quero mais ficar lá só falando de droga e a minha vida parada. Quero trabalhar, comprar um transporte pra mim, ter minha casinha com minha esposa, isso lá no tratamento não estava sendo possível e eu só estava era ficando com vontade de usar por causa do pessoal comentando e chamando. (...)Eu tenho a vontade de sair e viver a minha vida (...) Arrumar um emprego pra poder trazer a minha esposa e meus filhos pra dentro de casa. Reunir minha família, novamente. Levar meu filho para o estádio. (...) quarta-feira, o meu filho queria ir para o estádio, e eu não tinha dinheiro pra levar ele para o estádio. (drogadito)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse pela realização deste estudo adveio da necessidade de conhecer que construções subjetivas o drogadito poderia efetivar a partir de um tratamento. Não tem como objetivo analisar a terapia e quais os efeitos de seus passos, mas sim, investigar que construções o drogadito pode estabelecer acerca das suas relações com a droga, com as pessoas e com os demais objetos quando ele busca uma saída para sua condição de fixação à droga. Em vista deste fato, decidimos estudar mais sobre a constituição subjetiva e a respeito de quais os efeitos subjetivos causados pela instalação da drogadição.

A primeira etapa de nosso trabalho consistiu de uma revisão da literatura acerca dos temas da constituição subjetiva e da afetação subjetiva do drogadito, tendo a Psicanálise como referencial teórico.

A segunda fase constituiu-se do trabalho de campo, no qual realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, dada a natureza do nosso objeto de estudo. Investigamos as mudanças subjetivas a partir de um estudo de caso. Para tanto, elegemos como fontes de evidências as entrevistas semi-estruturadas e o prontuário do paciente. Os dados obtidos a partir dessas fontes foram organizados sob formas de categorias temáticas. Por meio destas, pudemos analisar e discutir os dados obtidos, sobre os quais teceremos algumas considerações.

Algumas questões observadas merecem ser destacadas, neste momento. Abordaremos os dados mais significativos em um tempo cronológico: antes e durante a adição à droga, no curso do tratamento e após este.

Antes da adição às drogas, pudemos perceber que o sujeito apresenta uma inicial rejeição, em relação às drogas, que passa por mudanças a partir do efeito de um discurso idealizador da droga, provindo de seus laços sociais. Isso nos faz pensar nesse discurso já como um efeito de um discurso atual que Lacan (1969-1970) chama de capitalista. A respeito de suas relações com as pessoas, constatamos que o sujeito vivenciou uma relação relativamente desregrada com a mãe, na qual esta parecia buscar atender a todos os seus apelos. Suas relações na infância também foram marcadas por uma ausência do pai, pois este era alcoólatra. Essas peculiaridades parecem indicar para uma fraca intervenção de um terceiro, que venha representar a Lei e inscrever o sujeito na cultura. Isso nos remete a Coelho (2003) quando se reporta a uma fragilidade da inscrição do Nome-do-Pai na toxicomania.

Neste momento, o sujeito se relaciona com as pessoas, guardando um certo cuidado e preocupação. Isso indica um tratamento mediado pelo significante e seus limites. Tratava muito bem as pessoas e era benquisto na comunidade. Com relação aos demais objetos, o sujeito circulava entre eles de forma a deixar claro a sua condição desejante. Não havia neste momento nem uma atitude de fixação relativa a nenhum objeto. A relação com os objetos era mediada pela linguagem, e, neste sentido, os objetos adquiriam um valor simbólico para o sujeito, banhado pelo significante. Havia a idealização dos objetos que pretendia possuir, ou seja, havia

um encobrimento imaginário dos objetos, mas o sujeito se submetia aos limites impostos pela cultura para tentar alcançá-los.

Durante a adição, o sujeito se fixa ao objeto droga. Ele se apresenta aí como a única coisa que importa para o sujeito, ganhando um estatuto que se aproxima do objeto predefinido, ou seja, objeto da necessidade (Nogueira Filho, 1999). Os demais objetos sofrem de completa “desidealização” por parte do sujeito, e começam a se apresentar a ele apenas como meios para o alcance das drogas. Ele não está mais em busca de uma relação mediada pelo significante, e sim de uma relação direta com o objeto droga. Com isso, o sujeito vende uma série de objetos para comprar droga. O próprio corpo do sujeito é empobrecido em sua forma imaginária e simbólica. Ele não se relaciona mais com o próprio corpo mediado pela linguagem, mas sim de uma forma direta por uma intervenção química que afeta o funcionamento do organismo biológico.

As pessoas próximas perdem a importância para ele. Relata que é como se elas não existissem, havendo aí uma certa desfaçatez em relação ao outro (Nogueira Filho, 1999), apontando para um gozo cínico, ou seja, autista em relação à droga (Santiago, 2001). Os laços sociais estabelecidos pelo sujeito estão agora todos em função do uso e do alcance da droga.

Ao aderir ao tratamento, o sujeito se abstém do seu uso, mas esta ainda continua de certa forma idealizada pelo sujeito, que ainda relata um impulso para consumi-la. Durante o tratamento, também há uma identificação com o significante “doente”, funcionando até certo ponto como um limite para uma relação direta com a droga. Neste momento, o sujeito começa a reinvestir simbolicamente nos objetos, relatando o remorso por ter perdido tanta coisa em nome da droga. Começa a

idealizá-los novamente e, em conseqüência, desejá-los, mostrando-se ciente dos limites impostos pela estrutura de linguagem.

Com a entrada no tratamento, o sujeito aparenta progredir simbolicamente, relatando que está reincorporando uma série de valores, enxergando novamente o próximo e fortalecendo seus laços. Isso é acompanhado por um resgate imaginário de si, ao perceber a importância que tem para a equipe de profissionais do tratamento e para os familiares, marcando um lugar para o sujeito no tratamento e na família.

No decorrer do tratamento, o sujeito faz amizades, daí ressurgindo o discurso idealizador da droga. Sem haver uma barreira do “*real*”, pois os pacientes saem às cinco da tarde do tratamento, nem provavelmente um aparato simbólico bem estabelecido, e impulsionado por esse discurso advindo desses laços, o sujeito volta a fazer uso da droga. Nesse ínterim, o sujeito age agressivamente com os familiares, que tentam impedir o uso da droga e restabelece uma desfaçatez em relação aos outros e aos valores, possivelmente em decorrência do enfraquecimento simbólico causado pela droga.

A condição de circular entre os objetos em busca da satisfação, própria ao sujeito desejante, é alvo de uma deflação. Os demais objetos perdem o valor para o sujeito e este retorna a vender os objetos de dentro de casa e utilizá-los apenas como um meio para o alcance da droga. O objeto droga ressurgiu aí novamente como único objeto a importar para o sujeito. A droga, conforme Nogueira Filho (1999), desmantela a amarração do significante ao corpo (responsável por matizar o desejo), intensificando a fonte a biológica da pulsão, que pede uma

relação direta com o objeto, no caso, a droga, como se fosse o objeto da necessidade.

Após uma série de recaídas, o sujeito deixa de ir ao tratamento e não mais retorna. Diz só voltar ao tratamento se for para ficar internado em tempo integral. Isso nos faz pensar que o sujeito não se vale de um aparato simbólico suficientemente forte para garantir uma posição de sujeito faltoso, e com isso de falta da droga. Ele necessita de um limite no real para garantir sua abstinência à droga. Diz que vai tentar se curar por si e vai fazer de contas que está internado. Essa posição aponta para a necessidade de uma construção simbólica de limite.

O sujeito também explica sua saída por uma falta de tolerância em relação aos limites do tratamento. Apesar de o sujeito ter sido fortalecido imaginariamente a partir da importância que o Outro dava a ele, ele parece não ter preparado um suporte simbólico suficiente e eficiente para lidar com as frustrações intrínsecas ao tratamento.

Outro motivo alegado pelo sujeito para não voltar para o tratamento foi que ele estava lá e continuava sentindo vontade de usar a droga. Segundo ele, os vínculos estabelecidos por lá são todos em função da droga, só se falava em droga, ela estava sempre em evidência. Podemos desconfiar que isso pode ter funcionado para este sujeito como um fortalecimento imaginário do objeto droga impulsionando-o para ela.

Assim, o após a saída do tratamento e uma nova abstinência as drogas, o sujeito volta a investir simbólica e imaginariamente nos objetos, reassumindo a atitude de circulação entre os objetos, não se fixando mais à droga durante dois meses. Diz que o tratamento, de certa forma, o fixou às drogas, impedindo que ele

circulasse entre os outros objetos. Dentro do tratamento, ele não podia trabalhar, adquirir uma casa para ele e nem podia reconstruir sua família. Segundo ele, precisava falar sobre coisas diferentes, ver coisas diferentes, e não ficar o tempo todo falando sobre droga. Ele fala que, neste sentido, o próprio tratamento estava virando um vício.

Ele reclama por algo além da dependência dele à droga, alguma coisa que tivesse importância para a vida dele depois da saída das drogas. Essa reclamação do drogadito permite nos indagar sobre um possível pedido de socorro do sujeito desejante.

No momento, com a abstinência de dois meses em relação à droga, o sujeito novamente restabelece seus laços sociais e convive com o mal-estar, advindo das relações com o Outro sem recorrer ao isolamento das drogas. Em vez disso, o sujeito idealiza poder construir um lar para viver bem com a esposa e os filhos, fundado em um eu ideal. Só não sabemos até que ponto esse sujeito pode construir daqui para frente um aparato simbólico que o remeta a um ideal de eu e que possa sustentá-lo em uma posição de não-adição às drogas, diante de um discurso social que promete um gozo completo, e de um possível comprometimento da inscrição da metáfora paterna.

Alguns pontos relevantes para o nosso estudo nos levam a questionar em que medida os sujeitos que se encontram deficientes em relação à Função Paterna, ou onde esta não está se remetendo a um limite para o sujeito, podem estar ainda mais propensos a sofrer os efeitos de um discurso que promete um gozo pleno, ao ponto de possibilitar para estes sujeitos relações de adição. Seria algo interessante

como um alvo de pesquisa e nos interessaria muito como pesquisadores do tema da
drogadição.

REFERÊNCIAS

- Bauer, M. W.; Gaskell, G. (2002). *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som*. Petrópoles: Editora Vozes.
- Birman, J. (1993). Dionísios desencantados. In Acselrad, G. & Inem., L. *Drogas: uma visão contemporânea*. (pp. 30-42). Rio de Janeiro, Imago.
- Bentes, L. (1993). Do pai à droga: o Pai faz a droga. In Acselrad, G. & Inem., L. *Drogas: uma visão contemporânea*. (pp. 50-63). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Coelho, M. (2003) "*Adicto*": sujeito e objeto na toxicomania. 2003. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza, Fortaleza.
- Costa, J. F. (2004). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Creswell, J. (1998). Five Qualitative Traditions of Inquiry. *Qualitative Inquiry and Research Design: choosing among five traditions* 2, 47-72, Thousand Oaks: Sage.
- Dör., J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ferreira, A. B. H. (1988). *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Fortaleza: Editora Verdes Mares LTDA.
- Fink, B. (1995). *O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Freud, S. (1920). *Além do Princípio do Prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Freud, S. (1927). *O Fetichismo*. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol, 21). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1908). *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol, 9). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930 [1929]). *O Mal-Estar na Civilização*. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol, 21). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1905). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol, 7). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1915). *Os Instintos e suas vicissitudes*. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol, 14). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914). *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol, 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v 14.

Freud, S. (1950[1985]). *Projeto para uma psicologia científica*. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol, 1). Rio de Janeiro: Imago.

Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Kupfer, M .C. M (1992). *Freud e a educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione.

Lacan, J. (1938). *Os Complexos Familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1953-1954). *Os escritos técnicos de Freud*. (O Seminário, Livro 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1954-1955). *O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. (O Seminário, Livro 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1955-1956). *As psicoses*. (O Seminário, Livro 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1953-1954). *A relação de Objeto*. (O Seminário, Livro 4). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1957-1958). *As Formações do Inconsciente*. (O Seminário, Livro 5). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1959-1960). *A Ética da Psicanálise*. (O Seminário, Livro 7). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1964). *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. (O Seminário, Livro 11). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1969-1970). *O Averso da Psicanálise*. (O Seminário, Livro 17). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1992). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Medina, C. de A. (1986). *Entrevista – Diálogo possível*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática.
- Melman, C. (1992). *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta.
- Melman, C. (1991). *Clínica psicanalítica: artigos e conferências*. Bahia: UFBA.

- Minayo, M. C. S. & Sanches, O. (1993). *Quantitativo - Qualitativo: oposição ou complementaridade?* *Cadernos de Saúde Pública* 1, jul./set., 239-262, Rio de Janeiro.
- Miranda, M. L. L. (1993). A Promessa de Imortalidade. In Acselrad, G. & Inem., L. *Drogas: uma visão contemporânea*. (pp. 55-63). Rio de Janeiro, Imago Editora.
- Nasio, J-D. (1993). *Psicossomática: As formações do objeto a*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nasio, J-D. (1991). *Os olhos de Laura*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nogueira Filho, D.M. (1999). *Toxicomanias*. São Paulo: Escuta.
- Pommier, G. (1987). *A exceção feminina: os impasses do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ponczek, I. S. (1993). Entre Parênteses. In Acselrad, G. & Inem., L. *Drogas: uma visão contemporânea*. (pp. 40-57). Rio de Janeiro, Imago Editora.
- Rubin, H. J., & Rubin, I. S. (1995). *Qualitative interviewing: the art of hearing data*. Thousand Oaks: Sage.
- Rudge, A. M. (1998). *Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Santiago, J. (1993). Toxicomania e Perversão. In Acselrad, G. & Inem., L. *Drogas: uma visão contemporânea*. (pp. 34-49). Rio de Janeiro, Imago Editora.
- Santiago, J. (2001). *A Droga do Toxicômano – Uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Spink, M. J & Lima, H. (1999) Rigor e Visibilidade: A explicitação dos passos da interpretação. In M. J. Spink (Org), *Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 93-122). São Paulo: Cortez.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa - construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. São Paulo: Vozes.
- Vallas, P. (2001). *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXOS

Anexo A Roteiro de entrevista

Roteiro de entrevista com o drogadito

- 1- Como e em que circunstancia da sua vida você iniciou o uso de drogas?
- 2- Em que período da sua vida a utilização de drogas ocupou uma posição de grande significado, ou seja, começou a gerar uma mudança significativa no seu estilo de vida? Como e sob que circunstancias isso foi acontecendo?
- 3- Como você pode descrever sua relação com a droga? Qual freqüência da sua necessidade de uso quando você estava no período auge de consumo?
- 4- Como estavam suas relações familiares quando você estava no auge do consumo de drogas? Qual a importância dessas relações para você e como você as tratava?
- 5- Como estavam suas relações com as pessoas próximas quando você estava no auge do consumo de drogas? Qual a importância dessas relações para você e como você as tratava?
- 6- Como estavam suas relações de trabalho quando você estava no auge do consumo de drogas? Qual a importância dessas relações para você e como você as tratava?
- 7- Como estava sua relação com a sua companheira quando você estava no auge do consumo de drogas? Qual a importância dessa relação para você e como você a tratava?
- 8- Como você se via nessa época? Como você tratava o seu corpo?
- 9- Que bens você possuía e qual a importância deles para você? Como você tratava esses bens?
- 10- Quais os objetos (não drogas) que você deseja possuir? Por quê? Para que?
- 11- Nessa época o que você fazia? Quais as suas atividades não relacionadas às drogas? Qual a importância delas para você e como você as via e as tratava?
- 12- Quais as atividades (não relacionadas às drogas) você desejava executar? Por quê? Para que? Você fazia algo para isso?

Antes da relação com a droga

- 13- Como eram suas relações familiares antes do uso de drogas? Qual a importância dessas relações para você e como você as tratava?
- 14- Como eram suas relações com as pessoas próximas antes do uso de drogas? Qual a importância dessas relações para você e como você as tratava?
- 15- Como eram suas relações de trabalho antes do uso de drogas? Qual a importância dessas relações para você e como você as tratava?

- 16- Como você se via antes do uso das drogas e como você tratava o seu corpo?
- 17- Antes do abuso das drogas que bens você possuía e qual a importância deles para você? Como você os tratava?
- 18- Antes do abuso das drogas quais os objetos que você desejava possuir? Por que e para que?
- 19- Antes do abuso das drogas quais eram suas atividades? Qual a importância delas para você e como você as via e tratava?
- 20- Antes do abuso das drogas quais as atividades que você deseja executar? Por que e para que? Você fazia algo para isso?

Durante o tratamento

- 21- Como você utiliza atualmente a droga? Por quê?
- 22- O que significa hoje a droga para você?
- 23- Como e por que você resolveu buscar um tratamento? Para que? Sob que circunstâncias?
- 24- Atualmente como estão suas relações familiares? Qual a importância delas para você? Como você as vê e as trata?
- 25- Atualmente como estão suas relações com pessoas mais próximas? Qual a importância delas para você? Como você as vê e as trata?
- 26- Atualmente como estão suas relações no trabalho? Qual a importância delas para você? Como você as vê e as trata?
- 27- Atualmente como esta sua relação com a sua companheira? Qual a importância dela para você? Como você a vê e a trata?
- 28- Atualmente como você si vê? Como você trata o seu corpo?
- 29- Que bens você possui atualmente e qual a importância deles para você? Como você trata esses bens?
- 30- Atualmente quais os objetos que você deseja possuir? Por que e para que?
- 31- Atualmente quais são suas atividades? Qual a importância dessas atividades para você? Como você as vê e trata?
- 32- Quais as atividades que você deseja executar? Por que e para que? O que você esta fazendo para isso?

Roteiro de entrevista com a mãe do drogadito

- 1- O que significou para você a sua gravidez do seu filho?
- 2- Como foi sua relação com o seu filho durante a infância? Na adolescência? Na fase adulta?
- 3- Como era sua relação com ele antes da dependência com a droga?
- 4- Como ele se relacionava com as pessoas próximas antes da droga?
- 5- Como era a relação dele com o trabalho antes da dependência?
- 6- Como era a relação dele com seus pertences antes da droga?
- 7- Como era sua relação com ele durante a dependência com a droga?
- 8- Como ele se relacionava com as pessoas próximas durante a dependência com a droga?
- 9- Como era a relação dele com o trabalho durante a dependência?
- 10- Como era a relação dele com seus pertences durante a dependência a droga?
- 11- Como era sua relação com ele no momento em que este estava em tratamento?
- 12- Como ele se relacionava com as pessoas próximas no momento em que ele estava em tratamento?
- 13- Como era a relação dele com seus pertences no momento em que ele estava em tratamento?
- 14- Como era sua relação com ele no momento em que ele saiu do tratamento?
- 15- Como ele se relacionava com as pessoas próximas no momento em que ele saiu do tratamento?
- 16- Como era a relação dele com seus pertences no momento em que ele saiu do tratamento?

Roteiro de entrevista com a irmã do drogadito

- 1- Como foi sua relação com o seu irmão durante a infância? Na adolescência? Na fase adulta?
- 2- Como era sua relação com ele antes da dependência com a droga?
- 3- Como ele se relacionava com as pessoas próximas antes da droga?
- 4- Como era a relação dele com o trabalho antes da dependência?
- 5- Como era a relação dele com seus pertences antes da droga?
- 6- Como era sua relação com ele durante a dependência com a droga?
- 7- Como ele se relacionava com as pessoas próximas durante a dependência com a droga?
- 8- Como era a relação dele com o trabalho durante a dependência?
- 9- Como era a relação dele com seus pertences durante a dependência a droga?
- 10- Como era sua relação com ele no momento em que este estava em tratamento?
- 11- Como ele se relacionava com as pessoas próximas no momento em que ele estava em tratamento?
- 12- Como era a relação dele com seus pertences no momento em que ele estava em tratamento?
- 13- Como era sua relação com ele no momento em que ele saiu do tratamento?
- 14- Como ele se relacionava com as pessoas próximas no momento em que ele saiu do tratamento?
- 15- Como era a relação dele com seus pertences no momento em que ele saiu do tratamento?

Roteiro de entrevista com o pai do drogadito

- 1- Como foi sua relação com o seu filho durante a infância? Na adolescência? Na fase adulta?
- 2- Como era sua relação com ele antes da dependência com a droga?
- 3- Como ele se relacionava com as pessoas próximas antes da droga?
- 4- Como era a relação dele com o trabalho antes da dependência?
- 5- Como era a relação dele com seus pertences antes da droga?
- 6- Como era sua relação com ele durante a dependência com a droga?
- 7- Como ele se relacionava com as pessoas próximas durante a dependência com a droga?
- 8- Como era a relação dele com o trabalho durante a dependência?
- 9- Como era a relação dele com seus pertences durante a dependência a droga?
- 10- Como era sua relação com ele no momento em que este estava em tratamento?
- 11- Como ele se relacionava com as pessoas próximas no momento em que ele estava em tratamento?
- 12- Como era a relação dele com seus pertences no momento em que ele estava em tratamento?
- 13- Como era sua relação com ele no momento em que ele saiu do tratamento?
- 14- Como ele se relacionava com as pessoas próximas no momento em que ele saiu do tratamento?
- 15- Como era a relação dele com seus pertences no momento em que ele saiu do tratamento?

Roteiro de entrevista com a ex-esposa do drogadito

- 1- Como você conheceu o José?
- 2- Como era sua relação com ele antes da dependência com a droga?
- 3- Como ele se relacionava com as pessoas próximas antes da droga?
- 4- Como era a relação dele com o trabalho antes da dependência?
- 5- Como era a relação dele com seus pertences antes da droga?
- 6- Como era sua relação com ele durante a dependência com a droga?
- 7- Como ele se relacionava com as pessoas próximas durante a dependência com a droga?
- 8- Como era a relação dele com o trabalho durante a dependência?
- 9- Como era a relação dele com seus pertences durante a dependência a droga?
- 10- Como era sua relação com ele no momento em que este estava em tratamento?
- 11- Como ele se relacionava com as pessoas próximas no momento em que ele estava em tratamento?
- 12- Como era a relação dele com seus pertences no momento em que ele estava em tratamento?
- 13- Como era sua relação com ele no momento em que ele saiu do tratamento?
- 14- Como ele se relacionava com as pessoas próximas no momento em que ele saiu do tratamento?
- 15- Como era a relação dele com seus pertences no momento em que ele saiu do tratamento?

Roteiro de entrevistas para a ex-amante

- 1- Como você conheceu o José?
- 2- Quando você conheceu o José como ele te tratava?Ele já usava drogas?
- 3- No período que ele estava consumindo a droga como ele te tratava?
- 4- Como ele tratava as coisas que ele possuía antes do abuso as drogas?
- 5- Como ele tratava as coisas que ele possuía durante o abuso as drogas?
- 6- Como ele tratava as pessoas mais próximas antes do abuso das drogas?
- 7- Como ele tratava as pessoas mais próximas antes do abuso das drogas?
- 8- Como ele lidava com o trabalho antes do abuso as drogas?
- 9- Como ele lidava com o trabalho durante o abuso as drogas?
- 10- Como ele se cuidava antes do abuso das drogas?
- 11- Como ele se cuidava durante o abuso das drogas?

Roteiro de entrevista com o drogadito após o abandono do tratamento

- 1- Porque você recaiu?
- 2- Como e por que você resolveu abandonar o tratamento? Para que? Sob que circunstâncias?
- 3- Como você utiliza atualmente a droga? Por quê?
- 4- Atualmente como estão suas relações familiares? Qual a importância delas para você? Como você as vê e as trata?
- 5- Atualmente como estão suas relações com pessoas mais próximas? Qual a importância delas para você? Como você as vê e as trata?
- 6- Atualmente como estão suas relações no trabalho? Qual a importância delas para você? Como você as vê e as trata?
- 7- Atualmente como esta sua relação com a sua companheira? Qual a importância dela para você? Como você a vê e a trata?
- 8- Atualmente como você si vê? Como você trata o seu corpo?
- 9- Que bens você possui atualmente e qual a importância deles para você? Como você trata esses bens?
- 10- Atualmente quais os objetos que você deseja possuir? Por que e para que?
- 11- Atualmente quais são suas atividades? Qual a importância dessas atividades para você? Como você as vê e trata?
- 12- Quais as atividades que você deseja executar? Por que e para que? O que você esta fazendo para isso?

Anexo B Entrevistas

Entrevista com o drogadito em tratamento

Como e em que circunstancia da sua vida você iniciou o uso de drogas?

Eu comecei por curiosidade, por ver as pessoas fazer e via que era bom, que dava uma viagem, que era maravilhoso, que era uma curtidão fora do realismo. Até tanto eu não tinha curiosidade, tinha experimentado o psicotrópico, e o psicotrópico usei né... Eu via muito e gostava de sempre estar informado sobre a saúde, e vi que fazia mal a saúde, então eu parei porque via que não levava a nada, poderia me causar uma doença maior.

Ai apareceu a cocaína, devido ao meu sistema de trabalho e tudo. Porque eu trabalhei na arte, no teatro. E no teatro rola muito essas coisas... "É porque vamos dar um teco para agüentar o rojão, é, mas vamos da pra ficar mais ativo...". Ai eu cai na bobeira e experimentei.

Ai tava socialmente bem, casamento família e tudo, quando foi que meu casamento começou fracassando aos poucos...

Na época do psicotrópico eu trabalhei no hospital mental. Ai eu tinha chance de... Ai um amigo chegou e disse: heii arruma ai pra mim... Ai eu disse: eu vou tentar. Ai eu consegui para ele. Ai eu disse: mas rapaz pra que tu quer isso? Ai ele disse: rapaz é porque eu vou pra uma festa, ai eu quero ir mais ativo e tal... Ai bateu aquela curiosidade. Ai eu experimentei, eu vi que dava uma coisa diferente, mas ai também parei. Eu pensei nas conseqüências que dava... Ai foi que eu perdi, sai do emprego, porque eu pedi as contas, ai tive a oportunidade de entrar no teatro.

Mas na época do psicotrópico o que te levou a usar a droga?

Curiosidade, eu queria ser um conhecedor da droga. Eu queria saber qual era o sintoma de uma pra outra. Ai infelizmente eu comecei na mais pesada, que é a cocaína. O psicotrópico foi só uma experiência, usei durante apenas um mês. Um mês foi suficiente para que eu... Eu usava só fim de semana. Para ir pra uma festa, para uma bebedeira.

O que exatamente teu amigo te disse para você sentir curiosidade?

Eu sentia um pouco de diferença nele... ai eu pensava... Esse cara viaja em que? Eu vou saber o que é. Os olhos dele baixavam, ele era uma cara tímido e de repente ficava um cara desinibido. Ele não era desinibido de cara, mas depois que tomava um psicotrópico e

bebia uma geladinha, ficava o dono da situação. Ai eu pensei: eu vou ver que paranóia é essa. Mas foi só um mês mesmo e não foi tão forte. ***Ai eu pedia as contas. Pedi porque fui apadrinhado por um cumpade meu, e tava prejudicando ele, porque tudo diziam: ah é o cumpade do cicrano, ah é o cumpade do beltrano. Ai eu disse: oh cumpade para não lhe atrapalhar eu quero as minhas contas, eu me sinto capacitado de arrumar um emprego em outro canto. Ai eu fiquei desempregado... Me ofereceram uma oportunidade, um emprego lá, mas era de zelador né... E eu entrei como zelador e encarei. Ai fiz o curso de artes cênicas para palhaço, animar festas infantis. Fiz lá no teatro mesmo. E como eu era uma pessoa muito comunicativa, uma pessoa que tinha um bom dialogo uma pessoa muito perceptiva, e não fazia nada por interesse pessoal, fazia tudo de coração, não queria saber se a pessoa tinha chocolate, tinha dinheiro, se tinha nada p me dar, eu só queria fazer porque eu me sentia bem fazendo. E devido ao meu esforço surgiu uma proposta para mim. Nessa época eu já era casado, minha esposa ia ter o meu primeiro filho, meu primeiro filho ia nascer. Ai a diretora do teatro me propôs uns cursos e que se eu toparia teria uma vaga para mim. Se eu tivesse os cursos e tirasse nota boa, eu entraria na equipe técnica. Ai eu fiz os cursos passei e entrei na equipe técnica. E foi onde eu erreí, porque o dinheiro não era mais, era a mesma quantia e... Tinha salário melhor, mas trabalhava mais. Ai o dinheiro começou a me fazer mal. Nesse cargo eu tinha algumas regalias, eu estaria mais em contato com o publico, com os artistas e eu tinha muito curiosidade nisso, de conhecer um pouco mais a arte. Ai eu disse: é uma maneira de eu me profissionalizar e de ter mais de conhecimento. Eu vou ter tempo de pensar amais, vou ter tempo de estudar mais, mas foi onde eu me enganei, eu comecei a trabalhar mais e a viver menos. Eu conseguia assim ganhar mais dinheiro, porque quando eu fazia um projeto de iluminação, e ia montar e operar qualquer evento, qualquer iluminação minha a remuneração era maior. E assim fui evoluindo. Tudo bem só que ai na área técnica tinha um rapaz que era viciado na maconha. E eu nunca gostei de cigarro, nunca gostei de maconha, ate o cheiro me irritava. E mesmo assim eu não tive curiosidade de fumar maconha. Ai um dia chegou um rapaz. Eu sempre tinha ouvido falar que a cocaína era branca, mas eu nunca tinha visto. E ele chegou simplesmente e colocou no prato. Ai eu disse: o que é isso? Colocava no prato esquentava lá... Ai perguntou se eu tinha uma cédula? Isso em cima do palco fazendo uma montagem. Uma companhia que veio de fora. Ai ele disse: não, eu quero uma cédula de um real, ela sendo nova. Ai eu dei uma cédula de dois reais novinha. Ai ele: da um teco? Eu nem sabia o que era um teço, eu pensava que era uma historia de apelido que alguém dava a alguma pessoa. Ai eu disse: não curto não. Dei o primeiro não, mas ficou aquilo gravado na mente. Eu vi o cara, de repente o cara com alguns segundos mudou. De repente o cara tava puxando cabo, subindo escada, correndo de um lado pra o outro. Ai eu pensei: vixe o cara ta um super-homem agora. Ai essa companhia foi embora. Eu tive o prazer de virar uma

noitada e me senti muito abatido. Ai chegou um rapaz e foi fazer a mesma coisa, mas na copa. Ai ele disse: ei cara vou dar um teço aqui. Ai eu disse: fique a vontade. Ai ele disse: ta afim não? Ai eu disse: não. eu vou provar essa onda. Ai ele: vai lá. Eu nem sabia como fazer. Ai ele disse: é assim. Fez lá pra eu ver, ai eu fiz. Ai ele perguntou: e ai? Ai eu: nada cara eu to é com o meu nariz entupido. Ai de repente eu senti o meu nariz adormecer. Ai ele: agora a gente tem que ir lá fora p tomar uma cervejinha. Ai eu disse: para que? Ai ele disse: não, é pra ficar melhor né? Ah então eu vou... É só um gole, eu estou trabalhando, mas não vai fazer \mal, é só um gole. E tomei a cerveja, e daí gostei né. Gostei, fiquei ativo, tava caidão fiquei ativo, correndo de um lado por outro, senti a diferença. Ai fiquei na cocaína. Mas não usava todo dia não, de mês em mês eu usava, de duas em duas semanas. Quando eu ia curtir manso, que eu tinha o meu transporte, eu fazia. Mas ai eu passei a querer conhecer as fontes. Nessa época eu já tinha me estabilizado. Tinha minha motocicleta do ano, tinha meu carrinho de segunda, mas em ótimo estado. Dei uma casinha pra minha mãe. E nunca comprei pra mim porque eu achei que nunca precisaria de uma casa, eu fui uma pessoa pobre, mas sempre tive onde morar. Eu casei com minha esposa a família dela é pobre, mas sempre teve um localzinho, uma casinha. Ai eu disse: não, comprar casa não porque meu pai tem casa minha mãe tem casa, minha tia tem casa. Vou comprar uma casa pra que? Ficar gastando dinheiro a toa, mas não sabia que estava gastando dinheiro a toa com o vicio. Nessa época eu estava usando de quinze em quinze dias, depois comecei a usar toda semana, o dinheiro foi aumentando. Quanto mais eu tinha dinheiro mais eu arruma tempo pra usar. Vamos supor se eu ganha-se 1200 reais de segunda ate quarta-feira, seguramente na sexta-feira eu usaria. Tanto usaria quanto pagaria também para os meus amigos. E eu não sentia falta. Mas que estava fazendo falta estava a minha saúde e a meus filhos e minhas esposa, quando eu saia para a balada e abandonava eles. Eu me conformava com o que tinha com o que eu já ganhava e com o meu vício. Pôxa eu tenho pra me bancar e tenho como manter o meu vicio, sou o dono da bola. Mas eu não sabia das dificuldades que isso me traria para frente, eu não podia prever o futuro. Ai eu tive uma certa discussão, nesse meio termo, que eu pedi as contas. Eu tenho pavio curto, assim se eu penso que ta fazendo mal pra alguém, ou alguém estava me fazendo mal, um dos dois tinha que da o basta, e eu sempre achava que eu ia dar o basta, eu sempre me achava superior, eu ia arrumar outra coisa pra frente. Eu sou ser humano e eu sou capaz de tudo.

Como estava o seu consumo nessa época?

Nessa época o meu consumo estava equilibrado.

O que você chama de equilibrado?

Eu usava quando eu queria, eu não era dependente dela mesmo, se tivesse bem, se não tivesse eu me conformava. Como eu perdi o emprego e fiquei um pouco desligado da arte. Um parente meu disse que tinha aparecido um negocio novo ai. E disse que era bom. Melhor do que o pó. Que era o Crack. Perguntou se eu queria provar. Eu disse que sim. Nessa época eu estava fazendo bicos, nunca faltava serviço para mim. Eu sai da função, mas fiquei com muitos contatos de gente que sempre precisava dos meus serviços. Então nunca faltava serviço para mim, toda semana eu tinha serviço, ganhando a mesma coisa, sem horário, sem perturbação na minha cabeça, viajando. Já tinha feito meu pedestalzinho. Mas eu não pensei que o Crack ele fosse tão cruel. Eu comecei bem, comecei controlado, a primeira, a segunda semana, o primeiro mês, quando chegou no quarto mês eu perdi o animo de trabalhar, e só queria usar. Uma nunca era suficiente, eu queria todas, e via o povo se afastando de mim e eu achando que eu era que estava me afastando do povo. O pessoal se estranhando pro meu lado. Nesse tempo minha relação com a minha mulher estava bem, estávamos ainda na mesma casinha, na época em que eu estava assumindo meus compromissos. Ai ate que começou a ficar pesado porque o Crack começou a me controlar, eu não controlava mais ele, ele que me controlava. Ai o que aconteceu eu perdi o gosto pela minha profissão, ai perdi os contatos. A droga já tinha me dominado.

Qual era a frequência do seu uso?

Eu queria toda hora e todo dia, eu já não trabalhava mais pra comer, eu trabalhava pra manter o vicio. Se você me chamasse pra fazer um serviço eu dizia: puxa eu vou ganhar tanto da pra comprar tantos bombons. Ai eu me desleixei, eu pirei minha vida social pro mundo marginal, que é pra onde o Crack leva. Ai comecei a ter amizades com gente de outro nível, de outro padrão que não fazia o meu perfil, mas eu achava que eu era o tal. Eu já estava com 28 ou 29, com a cabeça bem madura, mas com faceta de adolescência. Eu não tive adolescência, porque logo minha mãe se separou do meu pai eu tinha 13 anos de idade, e eu praticamente fiquei na rua, porque eu tinha onde morar, mas eu nem me dava bem nem com meu pai nem com minha mãe. E logo minha mãe me jogou logo contra meu pai, disse que meu pai que era o culpado e eu com 13 anos de idade sem usar nada, passei por essas coisas sem usar. Minha mãe me jogou contra meu pai, e eu disse: vou matar meu pai... Teve uma briga lá entre eles... Um contato corporal. Ai eu disse eu vou matar meu pai. Mas ai Deus colocou a mão no caminho e não deixou eu matar meu pai. Puxa agora o que eu tenho? Ai eu pensei: tenho minha irmã é casada, vou morar com minha irmã, 13 anos de idade fui morara com minha irmã. E fui vê que o meu pai não foi o culpado quem foi a

culpada foi a minha irmã que traiu o meu pai. E eu fiquei com trauma, ate hoje tenho trauma pelo fato dessa traição, eu não aceito por isso eu sofro muito por causa disso. Ai tentei relevar.

Morando com minha irmã resolvi casar que era uma maneira de eu ter uma companhia e tentar resolver meus problemas com o casamento. Encontrei a mulher que eu amava, não sei se ela me amava, ela ata provando agora que me ama, porque ate o momento eu não sabia se ela me amava ou não. Mas eu amava muito ela amava tanto que fui capaz de trocar tudo por ela. Trocar minha adolescência, procurar trabalhar, procurar estudar. Eu a conheci quando tinha 13 anos e comecei a namorar com ela. E com isso eu resolvi: puxa eu vou ficar de maior, eu vou conseguir um emprego, ela vai ser minha esposa.

Porque você não sabia que ela gostava de ti?

Porque no relacionamento ela sempre deixou duvida. E entre a certeza e a duvida eu prefiro a certeza do que a duvida. E eu tinha duvida porque eu não achava ela aquela mulher carinhosa. Eu sou um cara já... um menino sem amor, abandonado por pai e pela mãe, achava a pessoa, já era a pessoa que eu era carente de amor. Então o que eu queria era amar, eu dava o amor e não era retribuído, naquele amor. Ai eu gosta de beijar de abraçar não importa o local nem onde estivesse, e ela não sempre se retrancava: não que minha mãe esta ali... não minha mãe... E eu chegava em casa queria abraçar ela e ela: não vou fazer as coisas, não vou pro curso, vou pra faculdade sempre foi assim anão me dei bem... Agora realmente que a gente tem dois filhos e eu cai nesse mundo ai, foi que eu vi que ela me ama, mesmo com isso ela agüentou tudo e ate agora não me abandonou. Ta ali me dando uma forca, mesmo de longe, mas ta chegando junto. Então eu vi que o amor é esse, não é aquele amor de distancia não, é aquele amor que ta com você na pobreza na tristeza na saúde e na doença, é exatamente onde eu to hoje né, to me livrando dela.

Qual as pessoas você estava convivendo e você disse q não eram do seu nível? Eram pessoas que tinham delitos, que tinham problemas com a justiça, pessoas que eram mal vistas pela sociedade, na comunidade mesmo, eram pessoas que não se identificam com a minha pessoa. Quem me conhecia e me via com aquelas pessoas, caia a mascara, não acreditavam, achavam que era um pesadelo. Eu recebia muitos conselhos, mas a droga na cabeça. A droga já tinha me deixado arrogante. Eu já não sabia mais o que era da um bom dia uma boa tarde uma boa noite. Eu já não sabia o que era educação, o que era ser chato. Eu tinha perdido a vontade de viver.

Como estava a sua relação com os familiares?

Depois que aconteceu o trauma com a meu pai e com minha mãe as coisas se normalizaram. Ficou normal, mas ficaram as cicatrizes, as marcas que eu trago ate hoje.

Seu pai e sua mãe ficaram juntos?

Não eles são separados, a minha vive hoje com outra pessoa que não é do meu gosto. Meu pai ele vive só, meu pai ate hoje depois da separação ele vive só ele não arrumou mais ninguém. Eu admiro muito ele porque eu descobri também que ate um tempo desses eu achava que meu pai também não me amava. E quando eu cai nas drogas eu descobri que meu pai me ama. E eu achava que não tinha amor de pai, e meu pai provou que me amava. Quer dizer a droga me trouxe um mal, mas me trouxe também algumas realidades da vida. E a gente só sabe quem ama a gente quem gosta da gente quando a gente cai no buraco. Eu não sabia que meu pai me amava, minha mãe me amava nem que minha mulher me amava, eu pensava ate que eu era adotado: não, me acharam por ai, me registraram, me deram um nome, a minha irmã é tão bem tratada e eu sou tão jogado pelos cantos. Mas ai eu vi que eu efetiva enganado. A droga me mostrou isso. Mas não é por isso que eu me orgulho dela não, porque ela deixou muitas coisas ruins também. que ainda circulam que ainda não foram limpas. Ainda tem alguns fragmentos ai que eu tenho que...a minha luta começou agora, minha luta não é aqui dentro eu me tratando não. Aqui dentro eu entrei no comando, o comando esta me treinando e eu vou sair daqui com uma missão a minha missão esta lá fora que eu vou ver meus amigos rever meus inimigos, vou lutar contra as drogas vou lutar contra o pré-conceito, vou fazer uma reviravolta, e eu vou ter que ser forte, então eu vou ter que sair daqui bem fortalecido, porque não é botar o p ela fora e dizer, não eu sou o bichão, porque vai ter muitas armadilhas lá fora, vai ter muito sujo se eu não souber pisar eu vou cair feio. Mesmo em tratamento já acontece o sujo, aqui acula encontra um encontra outra. Eu vou viver sempre num canto contaminado, a droga circula o mundo todo, não tem como escapar, você tem como rejeitar, escapar não porque ela esta sempre perto de você.

Como estavam suas relações familiares quando você estava no auge do consumo de drogas? Qual a importância dessas relações para você e como você as tratava?

Fica ate difícil de dizer por que não da p entender, eu abandonei tudo eu fiquei mais afastado, para mim tudo era normal e eu não sabia o quanto eles estavam sofrendo com isso. Por causa do meu uso, da minha ausência, porque eles sabiam o que eu estava fazendo. Porque para eles talvez isso nunca aconteceria comigo, aconteceria com o filho de qualquer um, mas com o José filho deles isso nunca aconteceria.

Nessa época eu não pensava nem em mim. Na peca fundamental que era eu, eu não tinha amor nem por mim mesmo. A droga me dominou tanto que eu fiquei um cara sem amor,

morreu tudo p mim, morreu esposa, morreu irmã, era o mundo da droga e eu, nós éramos dois parceiros, que p isso não continuar se repetindo um dos dois tinha que da o braço a torcer e morrer, um dos dois tinha que se acabar, e por pouco ela não me levou porque eu tive depressões vontade de morrer vontade de me matar. Graças a Deus eu nunca fui preso, nunca fui em uma delegacia, mas por pouco não aconteceu porque eu estava no caminho e ainda bem que eu enxerguei antes de chegar lá. Porque o problema da droga é: a porque eu nunca fiz isso, eu nunca fiz aquilo, mas ia fazer porque a droga estava me levando p isso. Pratiquei alguns delitos, mas graças a Deus eu nunca fui pegue. Mas me sinto mal hoje porque eu fui uma pessoa que sempre gostei de trabalhar p ter tudo, e na rua ta com arma, colocar uma arma na mão e tomar o que não era meu. Eu nunca gostei. Isso tudo pra manter o vicio.

A minha família era como se fosse essas paredes. Eu entrava aqui tomava uma água, ligava um som, assistia televisão e saia, nem ligava...

Como estava sua relação com a sua companheira quando você estava no auge do consumo de drogas? Qual a importância dessa relação para você e como você a tratava?

A minha mulher era como se ela fosse apenas uma empregada. Chegava em casa queria uma bermuda lavada... Porque minha vida mesmo era a rua, eram as bocadas, as famosas bocas de fumo que chamam. E eu fui uma pessoa que nunca fumei cigarro, e andava com uma carteira de cigarro no bolso fazer filtro p usar droga.

Com relação ao seu Filho?

Pra mim não existia.

Como estavam suas relações de trabalho quando você estava no auge do consumo de drogas? Qual a importância dessas relações para você e como você as tratava?

A parte artística eu isolei antes que isso gerasse um conflito maior. Então, eu achei melhor não envolver os terceiros que eram mas pessoas que sempre me... Que até hoje me tem como cidadão. E, quando eu chegar lá, eu vou ser para eles falso político. Eu vou chegar, vou abrir os dentes, vou achar graça, apertar na mão deles e dizer que tudo está bom e que estava fazendo sempre tudo certinho, mas que realmente se eles forem atrás. Então eles não chegaram a ter conhecimento. Eu tentei logo... eu não sei se eu tentei ou se foi eu mesmo que me desmotivei e me isolei. Isolei contato, isolei tudo. Muitos pensam que estou viajando, muitos pensam que estou em outro emprego, mas eles esperam a minha volta.

Você pensou em fazer isso, como foi...?

Não, eu mudei normalmente. Fui me desmotivando, me desvencilhando dos contatos, negando as propostas, dizendo que não podia, inventando doença, dizendo que ia viajar. Até perder o contato.

E, nesse momento, quais eram as pessoas próximas de você?

Nesse momento, só eram os parceiros da droga. Porque as pessoas que eu deixei lá na frente não sabiam de nada. E eu só procurava o... Quer dizer, eu não só procurava coisa boa, eu só procurava se aquele cara usava. Aí pensava: Opa! Vou fazer amizade com ele, vou poder usar na casa dele e tal. Eu sempre queria um canto para usar, porque eu não usava em casa.

Qual era o significado da relação que você tinha com esses parceiros de droga?

Era uma relação que, para mim, eles eram pessoas boas, mas eles tinham interesse no que eu poderia propor para eles, que era fazer a famosa presença pra eles, vamos lá para o meu barraco tal, tu me dá só uma pedrinha. Porque mesmo com isso eu nunca usei em casa, nem na frente da minha mãe, nem dos meus filhos. Na frente da minha esposa eu cheguei a usar, mas na frente dos meus filhos não, porque eu não queria que eles vissem aquela cena. Eu achava que eles tinham alguma coisa para me oferecer. É que eu teria passagem livre, porque na favela existe um território então, se passa de tal horário, você não pode passar. E isso é aqui e em qualquer canto. A gente diz que Fortaleza é uma maravilha, mas não é. Vá para a favela que você vê. Então você tem um território e principalmente eu que vivo em um bairro cercado de favelas, eu corro esse risco de não poder passar de um bairro para o outro, de uma favela para a outra, se eu não tiver aquele cartão de visita.

E para quê você queria passar de um bairro para outro, de uma favela para a outra?

É porque lá era onde corria a droga. Eu vivia em função da droga. Os parceiros eram pra propiciar a droga. Pra servir de cobaia.

A minha esposa achava que eu era uma pessoa sem jeito. Foi um projeto que não foi bem executado, uma obra que não foi cumprida, eu jamais teria jeito. Eu nunca fui de discutir, eu acho que os dois só brigam quando os dois querem. E ela sempre falava e eu

ouvira e saía, chegava em casa sempre, falando na gíria, noiado né, e ela começava papapapa... Deitava do lado da cama, ela se cansava de falar... Eu pensava: uma hora ela vai cansar aí... Dizia o que queria o que não queria... Mas pra mim tanto fazia entrava por aqui saía por aqui, eu não tava dando importância ao que ela estava dizendo, e ela tava certa. Porque ela estava vendo o nosso relacionamento ir embora, o sofrimento dos nossos filhos...

Ela já tava vendo a nossa separação... Ela, lúcida, ela viu tudo isso... Inclusive, depois de tudo isso... Que eu passei a fazer o tratamento, né? Ela me deu uma assim... Uma tapa tão segura, ela fez uma brincadeira que foi que era melhor que ela tivesse me dado... Se fosse verdade eu preferia um tiro... De misericórdia... Aquele que não tem mais jeito... eu preferia... Porque ela chegou pra mim e disse... Com as palavras dela, né:

- *José, eu passei na casa do meu primo... Agora eu sei o que tu sentia...*

- Aí o quê?

- *Agora eu sei por que tu não deixa de usar droga.*

Aí tocou fogo em mim... Foi recente tá com... Acho que tá com uns dois meses... Mas é que ela tava me testando, talvez... E ela disse:

- *Agora eu sei... Inclusive a mãe me deu agora 50 reais... Eu vou comprar **spray**...*

Aí eu: não faça isso não me mate logo...

- *Mas por quê? Tu não achava tão bom? Porque que eu não posso fazer?*

Aí eu: não, você não sabe o mal que isso vai me causar...

Aí ela: Agora tu enxerga isso?

- Me mate, não faça isso não, me mate porque eu não quero tá vivo pra ver... E aquilo ficou na minha cabeça... Eu em tratamento aqui já... E isso na minha cabeça. E eu fui pra casa desesperado... Pôxa, se minha mulher entrar nessa... O que vai levar ela? Eu sei o que vai levar ela. Vai levar ela a prostituição. Vai levar ela ao fundo do poço... O caráter dos meus filhos... Como era que ia ficar? Só que eu não pensava nisso... Eu fiquei... Eu fiquei louco no meio da avenida sem saber o que fazer. Vixe, não; eu vou pra casa... Quando eu cheguei em casa o telefone tocou. A minha mãe atendeu e disse:

- José, telefone...

- Mãe eu não quero atender telefone não...

- Atenda meu filho é a sua esposa.

- Aí eu peguei o telefone, botei no ouvido...

Aí ela:

- *Você não levou a sério não, né? Eu tava brincando...*

Aí eu disse: pois olha nunca mais faça esse tipo de brincadeira. Você poderia não tá mais ouvindo a minha voz... Eu tive uma vontade de me acabar, naquela hora!

O que foi que te deu? Porque te deu essa vontade de se acabar naquela hora?

Porque eu acho que vai ser o fim da minha vida se eu ver um filho meu usando droga ou... Ela só falava que eu era irresponsável, que eu só queria saber da droga, que eu era isso... Que os meus filhos não tavam passando fome por devido a família tanto a dela como a minha. Eu me aproveitava disso, que eu nunca ia ter responsabilidade, que ela não me conheceu desse jeito... Ela me conheceu um homem, trabalhando. Eu passei por tantos problemas e nunca usei drogas e aí, de repente, eu entrei na droga.

E as pessoas da sua família; o que eles falavam?

Eles... Não dava... Eu não parava dentro de casa... Eu... Quando eu via que ia buzinar no ouvido eu procurava a rua...

Como estavam suas relações com as pessoas próximas quando você estava no auge do consumo de drogas? Qual a importância dessas relações para você e como você as tratava?

Começaram a se afastar. É... E chegaram assim... Tinha um grupo de amigos, que eu tinha costume de beber com eles. Tomar uma cervejinha, bater um papinho, jogar um futebol, alguma coisa... Quando eu sentava na mesa eles diziam:

- José, não é porque tu chegou não, mas essa é a última. A gente tá saindo.

E aquilo ali, eu sentia que não era a última. Era a minha presença que já não era boa pra eles. E eles não entendiam que eu passava por um problema, talvez, uma doença, que até hoje eu não entendia. Vim saber aqui, depois que eu comecei a me tratar, que era uma doença. E eles me rejeitavam. Eu me senti rejeitado.

Como você se via nessa época? Como você tratava o seu corpo?

Não, nem me preocupava se eu tava abafado, se eu tava de dente limpo, se eu tava cheirando, se eu tava rasgado, se eu tava descalço... Eu me relaxei. Eu fiquei um mendigo. Eu passei a mendigar. Eu comecei a mendigar. Eu já não tinha mais dinheiro. Minha família já não me dava mais. Eu já não mais tinha a quem enganar. Eu já tinha enganado a todo mundo. Tudo e todos...

Você tinha vergonha?

Não. Eu comecei na casa do me... Ei me dá um real! Uma pessoa mais próxima... Me dá um real? Ei, me arranja aí cinqüenta?! Ei, má, eu tô com uma dor de cabeça, me arranja um real pra mim comprar um comprimido. Mas não era... Era só pra juntar tudo pra droga.

Você não tinha vergonha? Não se preocupava...?

Não, não tinha vergonha. Não tinha de jeito nenhum... E eu.

Você se avaliava?

Não. Eu comecei a me avaliar agora, mas antes eu não me avaliava não. E eu sou uma pessoa que tem vergonha de pedir até dez centavos a uma pessoa. Antes eu tinha... Antes das drogas, eu tinha vergonha de pedir dez centavos a uma pessoa... E mesmo agora depois...

Porque você tinha vergonha de pedir dez centavos?...

Porque eu sempre me vi com saúde... Uma pessoa assim bem na área familiar, entendeu? Meus parentes sempre tinha alguma coisa pra me oferecer. E eu... Mas eu me achava responsável. Eu tenho... Eu tenho que ter né?! Não posso esperar por ninguém. É meu... Não é orgulho... É uma vontade que eu tinha de ter as coisas, tudo ao meu jeito. Depois disso eu a começar a pedir... A mendigar. Passei...

Não tinha vergonha. Não tinha vontade mais... Passava por qualquer garota por mim, era mesmo que tá passando um homem. Normal. Perdi o apetite sexual. Perdi tudo.

Como é que você tratava o teu corpo?

Eu não ligava pra ele, não. Aí, eu entrava no banheiro, até pra tomar banho, aí eu só fazia molhar a cabeça. Eu só fazia me molhar, nem um sabonete eu passava no corpo. Eu me entreguei mesmo as baratas. Eu me entreguei, não. As drogas me levou as baratas. Hoje não... Hoje eu olho pro... Eu abro o meu guarda-roupa e sinto vergonha, porque eu abro meu guarda-roupa e as roupas que eu usava pro trabalho era as roupas hoje eu uso pra vim pra instituição. Pra ir a casa de um amigo... As roupas que eu usava pra trabalhar é as que hoje serve de veste pra mim ir pra qualquer canto... Porque as minhas roupas eu dei tudo. Minha irmã, em dezembro, ela foi no centro, no shopping... Comprou blusa, comprou calça, comprou sapato... Ela me deixou, pegou o táxi, me deixou na porta de casa com aquelas sacolas... Roupas pros meus filhos, pra minha esposa... Ela pegou o táxi... Que ela

foi embora... Eu sai na outra rua com as sacolas tudim, fui pra favela. E ela me esperando na casa dela pra comemoração do natal e eu na favela vendendo as roupas que ela tinha me dado. Foi o pior natal que eu dei a minha família... Foi esse...

Quando é que começou o consumo forte, pesado?

Foi o craque.

Que bens você possuía e qual a importância deles para você? Como você tratava esses bens?

Eu tinha uma moto, titã 2004 nova, eu tinha também um Escort 95 bonzim, eu tinha uma poupançazinha, pequena, mas tinha. Fora televisão, dvd... Eu sempre fui muito vaidoso por esse tipo de coisa, sempre quis ter um aparelho bom na minha casa, sempre quis que a minha sala fosse um cartão de visita pro restante da casa. Eu tinha tudo isso na minha casa. E a droga foi levando de um em um... De um em um...

Se o objeto custava cem pra mim eles me davam cinco reais. O que importava era o que o traficante botava em cima do valor do objeto que eu tivesse. Se valesse de cem reais e ele dissesse que só valia dez, eu dava pelos dez.

Como é que você tratava esse seus bens?

Eu... Eu nunca fui assim de me pegar a bens materiais, mas eu tratava bem, eu deixava ele sempre limpo, sempre não deixava os meninos mexer. Na época que eu tava usando, podia até tacar no chão que. Eu não tava nem aí... Podia esbagaçar.

Você tinha interesse de troca? De cuidar deles pra trocar, ou não?

Não. Eu sempre fui de substituir, porque eu acho que uma coisa quebrada ela jamais... Do jeito que tivesse, se tivesse quebrado eu levava, trocava; se tivesse novo também.

Quais os objetos (não drogas) que você deseja possuir? Por quê? Para que?

Não. Só pensava em ter uso dinheiro pra o uso. Todo objeto que eu queria era alguma forma de satisfazer meu ego. Eu queria me acabar na overdose. Esse era a realidade.

Mas você tinha a noção de que você queria se acabar com as drogas?

Eu tinha. Eu quero morrer de overdose. Suicídio através da droga... Eu disse: tem uma maneira de eu limpar tudo: é eu me sumindo, então vou morrer de overdose.

Nessa época o que você fazia? Quais as suas atividades não relacionadas as drogas? Qual a importância delas para você e como você as via e as tratava?

Não, tinha não... Era só de casa pra bocada da bocada pra casa. Era só a droga, a droga girava em... Era um círculo, e eu não poderia ultrapassar.

Não tinha nada que te interessasse fora da atividade de ir em busca da droga?

Não, nada. Num era um carro novo não era uma mulher mais linda que fizesse eu mudar minha opinião. Minha opinião era aquela. Erradamente o que o Tratamento aqui traz pra mim... O que o tratamento... Ele não me promete um carro do ano, ele não me promete a mulher mais bonita do Brasil, mas ele me promete a realidade da minha vida, que... Tem gente lá fora que precisa de mim.

Eu queria saber como é que era as tuas relações familiares, seu pai, sua mãe... Antes do uso das drogas.

Você quer saber da adolescência até a faculdade...

Não, você me fale das suas relações familiares depois daquela conciliação e um pouco antes da droga.

Um pouco antes... Eu Era uma pessoa muito boa... Assim... Eu tive o meu... Ao fazer os meus 18 anos de idade, eu tive um bom emprego... Foi na têxtil Bezerra de Menezes... Trabalhei lá três anos... Saí da empresa... Lá eu tava bem, né? Foi lá que eu consegui casar, comprei minhas coisinhas... Pagar festa, comprar aliança... Fazer todo aquele ritual. Inclusive eu tive até um bom casamento. Me casei na igreja do? No centro... Fiz tudo o que uma boa pessoa faria né, que era levar uma moça ao altar, e isso eu fiz. Cumpri direitinho. Fui com ela de mãos dadas ao altar, a gente casou muito jovem ainda, também começamos a namorar muito jovens, mas eu sempre fui feliz, eu? Isso a ela

Mas seu pai e sua mãe... Como era essa sua relação com seu pai e sua mãe?

Sim... Meu pai, eu já não morava com ele... Que ele tinha abandonado, ele tinha ido pra outro bairro, e a minha mãe tava também noutro bairro e eu fiquei com a minha irmã.

Como era com a sua irmã, então?

Com a minha irmã era muito bom, mas eu tinha o meu cunhado que a gente morava na mesma casa, então, eu via minha irmã sofrer muito nas mãos dele, e isso não me fazia bem porque eu já tinha visto meu pai... Meu pai maltratava minha mãe e minha mãe maltratava meu pai. Então passei ver minha irmã, até chegar um ponto que ele me pediu pra se retirar da casa dele. Porque ele achava que eu tava atrapalhando o relacionamento dele. Porque causa que... Eu acho... Porque ele não podia gritar com a minha irmã porque eu tava lá... Outra talvez porque ele quisesse até agredir, mas eu acho que por minha presença ele...

E você fazia alguma coisa?

Não. Se ele não tocasse nela... Ele podia discutir com ela de boca...

Já teve algum contato, alguma briga alguma discussão?

Entre ele e eu? Não. Ele só pedir preu me retirar, eu entendi o lado dele, né? É todo casal quer viver... E eu acho que foi por causa que ele teve um problema com um irmão dele... O irmão dele falou... que o irmão dele, parece que a minha irmão teve problema com o irmão dele... E ele foi ser pelo irmão dele e não pela minha irmã e... Eu tava... Eu tinha saído, quando eu vinha chegando, eu vi minha irmã correndo... O quarto tinha uma cama. Correndo, e ele correndo atrás dela. Aquilo me pegou de uma forma tão assim que eu saí de mim. Eu disse: Epa o que é isso? A minha irmã me olhou assim com os olhos e disse ele quer me bater por causa do irmão dele. Eu olhei simplesmente com os olhos pra ele e disse: Olhe! Eu só tenho ela, é ela e eu, eu e ela, nós somos dois corpo e uma alma. Eu tô aqui. A hora que você quiser... Nós dois... Mas nela não encoste o dedo, não... Aí, eu acho que por causa disso ele pediu pra mim se retirar de lá. Aí eu disse que ia morar com meu pai mesmo sem querer, eu não quero ir pra rua...

Não com a minha mãe, eu não vou mais morar com ela, não, que a minha mãe aprontou com meu pai na minha frente. A minha mãe começou a beber umas cachacinha também... umas caninhas... Começou a me fazer vergonha. Aí é que ela andava roubando no meio da rua... fui pro meu pai.

A sua irmã também teve alguns problema? Qual foi o problema que ela teve com o irmão do...

Não a minha irmã... A gente éramos seis, e ela é a mais velha das mulheres e eu o do meio dos homens, então morreu dois homens e morreu duas mulheres. Morreram quatro, só restou nós dois. Minha irmã saiu de casa por causa que lá em casa tinha uma bebedeira, negócio de futebol e lá era a sede do time, e tinha umas bebedeiras. Segundo a minha irmã... Ela nunca falou pra mim, mas um dia ela desabafando ela disse: meu irmão... Eu sai de dentro de casa porque eu não agüentava mais aquela bebedeira e os homens me assediando. Ela disse que foi obrigada a casar. Eu fiquei sabendo da traição do meu pai e isso me machucou muito. Foi depois que eu fiquei sabendo... Eu já sabia... E ela ingeria um alcoolzinho. Hoje ela não bebe mais. Aí eu pensei em ir com o meu pai. Pôxa! Como é que u vou pra casa do meu pai se eu quis matar ele, né? Como é que meu pai vai me receber lá... Eu quis matar meu pai. Eu fui grosseiro com meu pai. Eu não tenho cara de chegar no meu pai... Eu parei num fio de pedra... sem nem o dinheiro da passagem...eu não tinha nada. Vinha passando o caminhão do lixo e eu pedi uma carona, aí o cara: - sobe atrás e... Eu quero ir até a rampa da educação... Que ele mora ali próximo ao castelão... Subi na traseira do caminhão... e cheguei e bati na porta. Meu pai simplesmente disse: Deus te abençoe, meu filho! O que foi que houve? Não pai... Tava lá na minha irmã... Eu chamo ela de Teca... Tava lá na Têca... E tando lá o marido dela pediu pra eu sair... E eu queria saber se dava pra eu dormir por aqui... Aí ele disse: meu filho, aqui nunca deixou de ser sua casa. Aí eu entrei e fiquei com meu pai...

Nessa época você usava droga?

Não, nada de droga! Minha relação com o meu pai não ficou muito bem não, por causa que eu tinha trauma do que eu tinha feito... Tinha a consciência pesada... Eu ficava assim... Eu tinha minha namorada... Tinha, tinha tentado matar meu pai. Tentei. Me apoderei de uma arma aí e... Só que eu fui empatado, no meio do caminho eu fui barrado, né? Foi o meu primo. Ele. Teve luta corporal entre eu e ele, pra mim num. Mas como eu não tinha intenção de matar ele a intenção era matar meu pai, eu num? Nenhum ferimento contra ele. E ele como tinha mais corpo do que eu... Aí foi o tempo que a população chegou... Aí: Não, se acalme e... Aí conteram a situação.

O que foi que te fazia você querer matar seu pai?

Foi por que... Eu tava brincando... Eu tava conversando com uns amigos meus, a gente falava até sobre quadrilha, quando o rapaz chega correndo e diz... Corre na tua casa que teu pai tá matando tua mãe... Aí eu sai desesperado correndo... Mas quando

cheguei lá... Eu não soube a história verdadeira, porque meu pai realmente não queria matar minha mãe... Quem inferiu umas porradas na minha mãe foi uma sobrinha do meu pai com a minha tia... Foram as mulheres que pegaram e quiseram lixar minha mãe, porque ficaram sabendo da história e meu pai jamais queria encostar o dedo nela... porque quando eu cheguei ele já tava noutro estabelecimento bebendo cachaça. E as pessoas dizendo que tinham sido ele então eu podia correr pra quem? Pra ele né? Aí eu me arrumei e fui atrás dele. Nessa mesma hora, nesse mesmo instante, com sangue quente e tudo... Mas o pessoal viram na hora que eu passei, sabia da minha atitude. Pensava que ele tinha agredido a minha mãe, que ele tinha batido na minha mãe. Aí acabou ficando aquela relação meio ruimzinha... Mas dava pra ficar com ele...

Qual é o significado dele pra você, nessa época?

Nessa época, ele pra mim era... Eu não achava ele... Eu não me achava filho dele não... Eu não me achava filho dele não... Ele não era aquele pai que eu esperava. Que a gente sempre tem uma visão de pai... Uma visão boa...

Qual era o significado da sua mãe pra você?

Pra mim. A minha mãe era a mulher maravilha até o dia da decepção. Minha mãe foi? Eu soube... Eu ia fazer catorze anos... Aos treze eles se separaram e aos catorze eu fiquei sabendo

Ela era a mulher maravilha por quê?

Porque ela foi sempre uma mulher batalhadeira... Uma mulher que sempre trabalhou. Uma mulher que sempre assumiu a gente... Uma pessoa muito carente, muito pobre, muito pobre assim... Minha mãe tinha muito orgulho... A gente na minha família na verdade tinha o que comer, tinha o que... Era construído dela e dele, tá entendendo?... Aí eu acho que puxei um pouco a ela...

E o seu pai... Você não se via filho dele por quê?

Porque o meu pai ele vivia... Ele tinha um vício que era o baralho e a cachaça. Ele tanto bebia como fumava e jogava muito... Então ele deixava de assumir a responsabilidade de casa por causa do jogo. Cachaça pra ele era mais importante do que a família.

A sua irmã... Qual o significado da sua irmã, nessa época?

Nessa época, a minha irmã foi minha irmã, foi minha mãe e foi meu pai... Tudo isso... Porque ela não me abandonou em momento nenhum. Nos sempre choremos junto, se abraçamos juntos, tinha as mesma dor junto e ela sempre acreditou em mim. Que nem acredita ate hoje, mas ela sempre acreditou, e ela sabia que eu tinha o potencial muito grande... É tanto que um pouco da minha recuperação... Eu agradeço muito a ela, que ela nunca deixou de acreditar em mim.

Você se preocupava com ela, se preocupava com você, com a relação...

É sim, eu sempre me preocupo com ela... quando ela ta doente eu adoeço... Quando eu to doente ela adocece... Depois da droga eu me afastei dela... Eu não queria ver ela sofrer. E eu achava que ela... eu não pensava assim em termos de afeto as coisas, eu tinha umas lembranças da minha irmã. Da minha irmã eu tinha lembrança. E assim o motivo pelo eu haver estado? Pôxa! Nós éramos seis, hoje somos dois... Será se daqui pra frente não vai ser só um... Porque eu pensava... E me apagava e eu pensava em cometer suicídio... Eu não agüentava mais... Eu achava que eu sofria muito... Eu sofri de pai, sofri de mãe, sofri de... Sofri de amor, né? Sofri de tudo...

Na relação com a sua mãe?

Eu achava... que ela não me amava. Ninguém me amava... Só a minha irmã. A única pessoa que ainda se preocupava comigo era a minha irmã. Se eu provocasse a minha morte... Ela ficaria livre desses problemas de... Sobre mim... Eu pensava nisso... Mas ela foi uma peça fundamental... Assim, né... Não se sentia amado nem mesmo antes das drogas... Nem pelo meu pai, nem pela minha mãe. Não tinha total segurança por que... Eu me sentia inseguro... Será se a minha irmã gostava mesmo de mim ou ela só tava fazendo média... Tinha isso mesmo... Eu sou muito desacreditado eu... Ela sempre teve as melhores coisas e eu sempre tive as piores... Se ela tinha um relógio novo eu tinha que usar o que ela tinha... Já tinha aquele ciúme já desde... Se ela ganhava uma boneca nova eu tinha que ganhar um carrinho de plástico pra mim brincar... Então eu achava essa diferença. Aí continuando eu sofri tanto... Ela teve... Ela todos os anos no aniversário dela era festas e mais festas... O meu...

Pode se sentir a vontade pra chorar

Nem um pedaço de bolo... Foi por isso... Que eu via festas e mais festas... Assim... Não lembrava, aí dizia: Hoje é dia de Santa Luzia... ?Entrava por aqui e saía por aqui? Porque no dia de Santa Luzia é o meu aniversário

Qual era a importância da sua família, do seu pai, da sua mãe e da sua irmã pra você nessa época que você não usava droga?

A minha mãe não tinha muita importância porque, pra mim, né... Não tinha muita importância por que... Pôxa, minha mãe me fez tanto sofrer né? ? Meu pai... Pôxa, ele nunca assumiu as coisas que ele tinha que assumir e a minha irmã eu achava que ela fazia aquilo porque ela tinha que fazer... Não tinha mais ninguém... Só tem ela mesmo.

Tinha importância, ela tinha alguma importância pra você, você via nela uma pessoa importante pra ti?

É. Eu sempre tive ela como irmã, eu sempre amei ela como irmã... Não importasse se eu fosse se eu não fosse... Se fosse do mesmo sexo, do mesmo pai da mesma mãe... Eu sei que eu sou... Que hoje é provado que eu sou... Mesmo que eu não fosse eu aprendi a amar ela do jeito que ela é, a gostar dela do jeito que ela é. Fiquei... Eu aprendi a gostar dela... A gente aprende, a gente vai aprendendo, e eu aprendi a gostar dela.

E a sua mãe qual a importância dela para você?

Eu não gostava dela.

Porque se irritou com ele se você não gostava da sua mãe?

É porque eu nunca gostei da agressão, sabe... Eu acho que a covardia, ela... Eu me sinto mal as vezes...

Você disse pra mim que achava a sua mãe a mulher maravilha...

Sim, eu achava a minha mãe a mulher maravilha... Nesse sentido assim de ela ser uma pessoa batalhadeira, mas... Uma pessoa que corria atrás do objetivo, entendeu? Que corria atrás do arroz e do feijão... Era nisso aí ta entendendo? Mas só que ela tinha esse lado... Ela tinha muito o amor dividido... Mas pra minha irmã do que pra mim... E olhe que eu era o

caçula... Eu era o caçula e não era... ? Mas eu achava, eu admirava aquele jeito dela assim... De brigar de encarar as dificuldades... De lutar pela nossa... Uma verdadeira águia sabe? Que consegue seu ninho... Mas ela veio me decepcionando... Ela tem muitas qualidades que os defeitos que... Que os traumas que ela me trouxe tirou todas as qualidades dela, que tinha me posto na infância.

As pessoas mais próximas tinham importância para você?

Eu sempre pensei que existiria amigos, né? Mas é muito raro e hoje em dia a gente não sabe nem... Eu tinha, eu acho que tinha uma rapaz que ele morava com nós lá em casa... sempre nos mentia quando íamos pros cantos agente dizia que era irmão, porque eu nunca tive irmão e ele nunca teve irmão, então a gente dizia que era irmão porque nos fomos criados juntos. E até hoje a gente se diz irmão. E a falta que ele teve eu também tive, que era a falta do irmão homem.

Você se preocupava com o que as pessoas estavam precisando de você, antes do uso?

Eu não sei por que antes do uso eu era muito solicitado, mas não sei se era porque eu tinha algo pra oferecer. Eu sempre fui uma pessoa muito prestativa, sempre fui atencioso, eu jamais julguei ninguém, pra mim todo mundo é igual. É como eu digo: todos que vem pra cá, que chegam aqui na instituição, nos somos os mesmo atores, é o mesmo texto, só muda o cenário, porque um mora num canto outros moram noutro, mas a historia de um é a historia do outro então nem uma historia aqui incomoda ninguém, que todos tem a mesma. Uns tem umas coisas mais trágicas, já tiraram vidas, outros já precisaram roubar, ser preso, apanhar da policia, mas se for colocar no relato nos somos do manso nível, manso barco. Então eu sempre fui assim eu nunca tive desigualdade.

Porque você diz que tinha algo a oferecer para as pessoas?

É porque sempre as pessoas diziam: ah porque esse menino é tão legal, ah porque esse menino é tão bom. Na época que eu era adolescente, depois quando eu fui crescendo e todo mundo dizia: Puxa a mulher que casar com esse rapaz vai ser uma mulher de sorte... Eu sempre tive uma visão boa para o publico, na visão do publico eu era bom. Eu posso ter tido essa caída, eu sei que hoje eu sou... Não pra pular um pouco, mas essa semana eu estava sentado no beco de uma pedra vendo os carros passar, aquela historia, e um amigo meu chegou, bateu no meu ombro e disse: oh to muito satisfeito contigo, jamais esqueço a

pessoa que tu é, porque tu teve essa fraqueza, mas tu sempre uma pessoa boa. Eu jamais esqueço o que tu fez por mim, se você precisar de mim, se você precisar de mim, muito não, mas o dinheiro de uma passagem pode bater na minha porta, eu ainda sou a mesma pessoa. E eu enchi os olhos de água.

Como era a relação com as pessoas do seu trabalho?

É boa. No dia que eu não comparecia no trabalho eu fazia fala. Eu sempre fui extrovertido, fui alegre, parece que eu nunca tive problema na vida. Eu fazia tudo direitinho, eu não discriminava ninguém, nem o zelador, eu sempre chegava brincando, os meus problemas eu deixava em casa, na área profissional era a área profissional, ninguém tinha culpa dos seus problemas. Eu guardava meus problemas eu guardava na sacolinha.

Como era a relação com a sua mulher?

Com a minha mulher já era meio ruim mesmo antes das drogas e por incrível que pareça parece que ela começou a enxergar que me ama agora. O que ela não foi no passado ela esta sendo agora no presente. Ela já quer um beijo, já quer um abraço, já quer um beijo, já quer um carinho. Eu as vezes ate estranho, será que ela esta delirando. Não ela mudou da água pro vinho, não sei se foi devido ao sofrimento, mudou mesmo, eu to admirado. Antes era eu pra cá e ela pra lá, bote o arroz e o feijão, o menino precisa disso daquilo outro. Ela dizia: Eu quero um dinheiro. Eu dizia: pegue lá na carteira. Ou pegue o cartão vá no banco. Quando chegava a hora de dormir, a não tenho que acordar cedo, ai eu: não, tudo bem. Agora parece que eu não sei. As vezes eu penso que eu to é sonhando... Eu não acredito que, mas pra Deus tudo é possível. Mudou mesmo, eu me admiro, não só eu, mas muitas pessoas que me conhecem. Minha mãe se admira, minha irmã se admira, é porque conhece toda a minha trajetória... Ai eu disse se vocês se admiram imaginem eu. Não to trabalhando, e ela fez foi dizer... olhe não quero falta, deixe as coisas acontecer, se trate, volte pra casa aquele homem que eu conheci. E isso ta sendo muito bom pra mim, ta me dando uma forca. Inclusive tem um rapaz ai que ta passando por um problema danado e o pior problema é o familiar, porque se o familiar não chegar aquele ponto pra da uma forca, você volta a usar. Você sente a falta da dependência. É naquela hora do carinho, naquela hora em casa. Se a sua companheira que você deu credito não esta do seu lado, é uma banda sua que morreu. Isso é que eu tento passar, converse mais com a sua esposa, não esconda: Usou?(esposa) Usei!(dependente).

Como era a sua relação com o seu filho?

Muito boa a relação com o meu filho. Eu dava pra ele tudo o que eu não tive... abraço, beijo, cheiro... Levo ele pro estágio... ele: pai me dá isso; eu dava. Agora não que agora no momento eu passei por certas coisas ruins, agora eu digo: não meu filho, tenha paciência que o pai ta doente, quando o pai se recuperar a gente volta... Ai ele: não pai ta bom. Mas ele tem 13 anos, vai fazer 14 agora. “Eu gosto de abraçar ele, eu gosto de beijar, eu gosto dele, eu dou aquele amor de pai mesmo pra ele que ele sente muita falta de mim, e a mãe dele tem ate ciúmes de mim: “esse menino eu faço tudo por ele quer mais bem a ti...”; ai as vezes eu digo:” você não da o que ele ta querendo...”.

E a importância do seu filho?

Tudo, tudo que uma pessoa merece de bom de melhor...

Qual a importância da sua mulher na sua vida antes das drogas?

Era tudo, sem ela eu morria, era igual aquele Romeu e Julieta... Mesmo sendo travado, mas eu amava de mais ela. Pra mim só existia ela, se ela dissesse vou morrer hoje, José eu vou morrer amanhã, eu dizia: pois então se você morrer amanhã, amanhã mesmo eu me mato. A minha irmã ficou com medo de eu me matar devido as drogas que eu tava usando, mas antes ela tinha medo de eu me matar devido a uma separação.

E vocês se separaram você e a sua mulher?

A gente se separou umas duas vezes. Por causa que é por coisa né e tal...? Por debaixo da moita e eu já querendo dar uma pulada fora da cerca.

Você que quis acabar?

É muitas vezes fui eu, mas outras foi ela. É, uma vez eu e a outra ela. Ela achou que eu tava muito butiqueiro. Aí teve um tempinho, aí reatamos de novo. E depois do uso das drogas tanto fazia?

Você disse que ela era muito importante para você durante o uso das drogas, e com essa separação ela continuava sendo importante?

Ela continua. E hoje ela tem uma importância muito maior. A gente não tá por causa das conseqüências, mas eu tô indo no caminho pra reatar o relacionamento.

Qual era a importância das relações de trabalho para você?

Era muito boa. Eu nunca tive um patrão, eu tive um amigo. Eu tenho sempre isso comigo: “O empregado faz o patrão e o patrão faz o empregado”.

Você se preocupava com a relação dentro do trabalho?

Não, porque eu respeitava ele como patrão e eu me colocava no meu lugar de empregado. Porque eu sempre pensei assim: Se ele tava ali era porque ele tinha feito por onde, ele tinha algum mérito. Enquanto eu deixei de estudar ele continuou estudando. Ele lutou pra ter oportunidade, para se formar, para ser engenheiro e estar ali naquela mesa. E eu tive que me conformar que era empregado. Por eu tomar café na mesma sala que ele, por eu andar no mesmo carro que ele, já que às vezes ele me dava carona, por eu freqüentar o apartamento dele, não significaria jamais que ele deixaria de ser meu patrão. Então, a ordem dele eu cumpria. E, se não desse pra cumprir, eu faria uma maneira de ser feita, mas eu nunca me aproveitava, pensando: “Fulano gosta muito de mim, então hoje eu não vou trabalhar”.

Como era que você se via, se enxergava antes de você usar e abusar das drogas?

Eu me enxergava como uma pessoa bem feliz, capaz de tudo. Quando pensava que tinha que fazer uma coisa ia lá e conseguia. Não tinha dificuldade comigo não. Tudo pra mim tinha solução. Às vezes, tinha um projeto que vinha mal desenhado, em que todo mundo quebrava a cabeça com ele, eu dizia: “Calma! Vamos sentar aqui e analisar”. Aí o pessoal dizia: “Não... É que a gente vai desmontar quando chegar”, então eu falava “Se for preciso a gente desmancha cinco ou dez vezes, não estamos aqui pra isso? Se o problema ainda nem chegou, a gente já tá se preocupando? Vamos deixar pelo menos o problema chegar”. Aí, às vezes, quando chegava ia lá e resolvia.

Como você tratava o seu corpo? Quais os cuidados que você tinha em relação a você?

Eu era muito vaidoso, tinha muita vaidade. Eu sempre gostei de andar bem limpo, unhas feitas, cheiroso, cabelo cortado, bem cortado, e sempre gostava de me vestir bem, de ter sempre uma boa aparência.

Você tinha alguma atividade que você queria fazer que você queria realizar?

Tinha eu sempre tive antes da droga um sonho, era realizar o sonho das minha esposa, que era... Ela sempre quis ter uma apartamento, eu sempre quis realizar esse sonho dela. E o meu que eu tinha era de poder participar de alguns festivais internacionais de teatro, de ganhar algum prêmio como iluminador, ser reconhecido, que nem o Joaquim de Carvalho, Neco Quindere, este tipo de pessoas.

E você fazia alguma coisa pra tentar alcançar isso?

Eu tentava, mas como era mais difícil aqui. Mas eu tava sempre tentando. Eu sempre procurava em pesquisas, saber quem era o tal, e sempre gostava de fazer trabalhos voluntários, por exemplo: vai ter uma exposição do museu hoje, eu procurava quem tava organizava, me identifica mostrava meu cartão, ai meu colega dizia: não, pode vim. Como as vezes eu não podia entrar na mão de obra, eu ia só pra vê, estagiar, gostava de saber como é que o cara fazia aquele projeto, como é que aquele cara pegava o texto do nada fazia toda aquela iluminação, sempre me identifiquei muito com isso, mas que pena que eu tive um tropeço né?

Antes do uso das drogas e o que você tinha e como você tratava o que você tinha?

Eu tratava com muito cuidado, porque eu via que custava tanto eu conquistar aquilo que eu tinha mais zelo. Então eu limpa sempre o meu carrinho, levava no lava jato, a minha casinha manso não sendo minha, mas sendo alugada, eu manda colocar umas cortinas, sempre mandava minha mulher trocar as coxas de cama. Quando eu via que tinha umas coisas muito velhas mandava minha esposa perguntar na casa dela quem estava precisando das coisas que a gente não estava mais usando, que eu vou repor uma nova, pra gente não colocar no mato nem ficar ocupando espaço, sempre fui vaidoso assim...

O que você tinha vontade de ter?

Tinha vontade de ter um carrinho zero do ano, e eu tava perto, eu tava com a chave quase abrindo a porta.

Para que?

Por causa da minha vaidade, não pra me exibir, porque um fusquinha também me leva pra qualquer canto que um carro novo leva. Mas acho bonito, eu não tenho inveja, mas eu admiro, uma pessoa chega no seu carro, bem limpinho, bem brilhoso, novo, você olha assim, a gente não sabe o trabalho que esse cara teve... não de tomar, mas eu acho bonito, não to dizendo...

Antes do uso das drogas, quais as atividades que você fazia?

Eu gosta muito de assistir peça de comedia e monólogo, eu acho máximo o cara que faz um monologo bem feito no palco, e outra coisa... Eu gosto muito de balada de panca dão, de boates, de danceteria, eu me identificava, eu acho legal, o cara solta o corpo todinho, mas sem drogas, sem nada. As vezes aniversários familiares.

Qual a importância do seu trabalho para você?

A importância do meu trabalho era o meu profissionalismo, eu sempre me identifiquei muito com o que eu fazia, e eu achava que o meu trabalho era tudo pra mim, porque eu gostava do que eu fazia, além de fazer com prazer, eu gostava, eu não fazia porque eu era obrigado a fazer, e eu me sentia bem, eu trabalhava e me divertia ao mesmo tempo. E era importante porque eu poderia assumir minhas responsabilidades (não da muita ênfase nesta afirmação)

E as outras atividades, qual a importância?

Eu gostava, mas também se não desse pra ir pra fazer... já o trabalho era essencial, a gente sem trabalho...

Antes do uso das drogas quais as atividades que você queria fazer?

Eu sempre quis fazer Karatê, mas faltou aquele começo, e quis também estudar, agora tá voltando de novo. Eu sempre quis trabalhar também em peças internacionais, porque eu iria deixar nomes, eu ainda queria ver um monumento meu. Eu acho bonito quando eu chego em um canto e vejo o nome de uma rua que temo nome de uma pessoa e saber o

significado do que aquela pessoa fez. As vezes a gente passa por o nome de uma rua lê por lê e não sabe o motivo daquela placa esta ali... você chegar no pátio do teatro José de Alencar e vê minha foto com o meu nome e ter lá.: ...

O que você fazia para fazer essas outras atividades

Me matriculei, mas devido ao trabalho eu tive que sair, porque pra você fazer um treinamento que nem esse você tinha que estar com a cabeça bem descansada. E o meu tipo de profissão não dá descanso a mente, você passa duas ou três noites montando uma peça ou desmontando. Fora quando você ainda tem que criar, você gasta muitos neurônios para criar, não é chegar e botar: bota ali. bota aqui... Você tem que fazer bem feito, não adianta eu falar bota um refletor ali, bota o outro encostado...

Como é que você esta utilizando atualmente a droga?

No momento eu não estou utilizando a droga. Porque eu vejo assim a droga é boa, mas pra quem pode usar e pra quem sabe usar. Não tem a historia de quem sabe usar que um dia vai... Mas as vezes eu sinto falta, mas não quero mais, eu sinto vontade de da um teco num pó, num pó bom... Mas eu sei que eu não posso e eu não quero. Agora eu não quero, eu sinto vontade, mas eu não quero eu não posso, porque eu sou um viciado compulsivo, eu sou sem limites. E a minha memória não me deixa esquecer. Hoje eu sinto vergonha de passar na casa de amigos meus que eu fiz que eu me lembro de tudo que eu fiz, só se eu pintasse a cara e fosse todo mascarado lá pra eles e falar com eles... mas não da pra mim não. Eu vou colocar tudo a perder... então não da pra mim.

O que te fez pensar: eu quero parar?

Eu pensei: eu quero ser gente novamente. Eu sinto falta de tudo o que eu fazia no passado, discutir futebol com uns amigos meus, sinto falta de poder dialogar com gente de cultura, gente que sabe conversar, gente que se comporta de uma maneira diferente da classe media. Porque eu acho q num precisa o cara ser pobre não. O cara precisa ser educado.

Eu sinto falta de dialogar com gente de cultura, ter uma boa pronúncia, saber falar, a gente se comporta de uma maneira diferente da classe média. Eu acho que não é porque o cara é pobre que ele não vai ser educado. Ele tem que ter educação, uma boa postura, saber entrar e saber sair, saber dar um “bom dia” e um “boa tarde”, saber dar vez aos mais velhos. Então, agora eu estou vendo isso, agora estou enxergando isso aí. Não é porque eu estou sentado naquela cadeira do ônibus, não é porque eu cheguei na frente não. Eu tenho

que ver que aquela senhora que está lá em pé, cansada do trabalho, está precisando daquele assento. Eu ainda tenho força nas pernas, ela não. Então, eu tenho que dar aquele assento pra ela. Eu quero voltar a ser gente, ser um ser humano, voltar a ter respeito e ter o respeito dos outros. Eu quero ser chamado de “Seu José” e não “Ei chama aquele drogado ali”, “Ei chama aquele doente ali”. Não! Eu quero ser chamado pelo meu nome. Eu quero ser conhecido como profissional que? Eu encontrar um diretor que diga: “José, tá aqui meu projeto. O que é que você faz aí?”. Aí eu vou me achar.

E por que você pensou que queria um tratamento?

Porque eu passei a pensar nos meus filhos. Eu tentei agradar a minha família. Eu tentei... Eu quis tampar o buraco que eu tinha feito. Então, minha irmã chegou e disse: “Meu irmão, você precisa de tratamento. Você não quer ir não?”? Aí eu aceitei aí ela disse: “É, se você quer mesmo, tem que correr atrás”. Foi isso. Eu já tinha pensado em parar, mas não me tratar. Eu parava sim, parava não.

E por que você aceitou? Somente para agradar mesmo?

No começo foi só pra agradar. Agradar minha família, minha irmã. Tentar tampar aquele buraco né? Mas quando eu realmente comecei a entender o tratamento, porque antes eu vinha com uma máscara né, aí eu tive uma recaída e minha máscara caiu. Aí eu vi a importância que tinha isso daqui, o tratamento. Porque eu posso até dizer: “Eu fico bom”, mas sozinho eu não fico não. Só eu não fico. Eu sempre iria procurar o máximo pra usar droga, sempre. É na chateação, é no choro do menino, era uma topada que eu levasse no meio da rua. Sempre seria o caminho para eu vir pro caminho da droga.

E atualmente como estão suas relações familiares?

Hoje, se você olhar nos olhos da minha mãe, da minha irmã, da minha esposa e dos meus filhos e você ver o sorriso, é uma coisa mais linda do mundo. Porque é sorriso de felicidade e eu vi que eu tinha importância, que eu tinha importância para alguém e que eu não era aquele verme que eu achava que era.

E hoje o que eles significam para você?

Rapaz, hoje eles são a minha vida. Se eu morrer eu acho que eu deixo muitas conseqüências para eles. É que nem eu disse, eu tenho dois garotos que precisam muito de mim ainda. Duas pessoas que não podiam ficar sem

Qual a importância da sua família?

Hoje eu vejo eles com outros olhos, com mais rigor, com mais afeto o que de primeiro não tinha isso ai. Devido o meu passado com eles. E então o jardim começa a se aflorar agora com novas rosas, com novas flores, novas abelhas para poder tirar o mel, porque no começo era só amargo, só espinho. Vamos dizer que foi uma seca de 58 que devastou tudo, e agora não, já sei quem me ama da minha família, quem tem mais afeto. Porque esta historia de dizer que não gosta é ilusão porque quando corre o sangue nas veias a gente sabe quem é quem. Não adianta dizer que não quer porque naquela hora você resolve por ele. E hoje eu vejo assim, hoje eu vejo a importância de um pai, porque também fui um pai, conseguia ver também as dificuldades do relacionamento entre marido e mulher q eu não entendia do meu pai e da minha mãe. Eu pensava que tudo era para sempre, e eu vejo que não é bem assim, e quando o amor se acaba é q nem um cristal quebrou não remenda mais. E hoje eu vejo tudo melhor, hoje eu sei que meu pai me ama que é um amor de pai, que é capaz de morrer por mim que eu pensei que não tem um amor de mãe que eu acho as vezes um pouco arrogante, mas que me ama também, amor de irmã, amor de filho. Pra ser sincero, eu tenho um amor mais forte pelos meus filhos. Acho q quando a gente sai de casa a gente sai pelo amor da esposa, troca pai e mãe pelo amor da esposa. E a gente não sabe que aquele amor pode ser dividido depois q é quando nasce os filhos, que quando a gente deixa de ser pela esposa para ser pelos filhos, se tiver uma escolha entre a esposa e o filhos, mesmo a gente sabendo que a esposa pode lhe dar mais e mais filhos você prefere salvar a vida do filho.

Como está o seu relacionamento com as pessoas próximas, que você convive?

Atualmente ainda não esta bom não, mas ai quem vai Ter que melhorar sou não é eles, porque eu que vou agora Ter um trabalho, muito serio p mim fazer, exatamente que quando eu sair do Elo de Vida eu pretendo reconquistar novas amizades, é Ter mais cuidado com quem Ter contato de agora em diante, porque as vezes a gente acha que a pessoa é amiga e não é, é um vírus que vai lhe fazer mal, então eu já tenho q estar com a vacina certa, na hora eu ver que aquela companhia não ta legal p mim não esta dando certo, que nossa áurea não esta se dando bem é se afastar. Mas se afastar, mas se afastar educadamente, não com grosseria, com ignorância, deixar eles no canto dele, eu viver o meu.

Todas as pessoas que passaram na minha vida tiveram um significado, ficaram registrados no cérebro, a gente é humano, mas o cérebro ele armazena tudo, numa caixa de arquivo. Mas aí eu Ter que tirar aqueles que são bons e aqueles que são ruins, porque amigo, amigo mesmo, você só sabe na hora que precisa, pra dizer a fulano é meu amigo porque eu conheci agora, porque eu sai pra uma farra mais ele, isso é mera ilusão, porque as vezes você vai bater na porta dele e ele bate a porta na sua cara. Então tem que Ter muito cuidado com isso aí. Hoje eu estou me preocupando com isso, porque antes não, antes todo mundo era meu amigo. E eu só vim enxergar que a gente tem que escolher depois que eu passei por isso. Então estou tratando as pessoas da maneira que eu vejo que estão me tratando, se eles estão dando rosas eu estou dando rosas, se eu vejo que eles estão me jogando espinhos eu não estou dando espinhos, eu to relevando: ah esse aí deve estar com algum problema e vou tentando me afastar, porque com esse pouco de tratamento de uma coisa eu tenho certeza, jamais será como foi, porque jamais voltará aquela confiança, aquela força aquilo outro. Agora sim vai Ter uma renovação, porque a renovação vem através de mim, meu comportamento, meu jeito de ser, e as novas amizades eu vou Ter que saber cultivar para não deixar as lagartas comerem tudo. Então eu vou devagarzinho, com mais cautela. Eu não vou construir a casa sem olhar o projeto pra ver se o solo é seguro ou não.

Você tem uma preocupação com essas pessoas?

Eu não tenho porque eles já mostraram quem eles são. Eu vou fazer uma reciclagem bem precisa pra não decepcionar novamente.

Você está trabalhando?

Não estou trabalhando porque eu não estou podendo trabalhar.

E no Elo como estão as suas relações?

No elo é boa, mas a gente se surpreende como se surpreende lá fora, porque tem muitos companheiros que não perdem o costume lá de fora e traz pra dentro e parece que cria uma cola ali que não descola. Aí as vezes a pessoa vê aquela árvore ali, pensa que a árvore tem fruto bom, mas quando prova o fruto é azedo, tem gente aqui que é assim. Vamos supor numa media de que cem a gente tire dois, dois, três. Assim pode dizer: esse cara aí quer alguma coisa na vida, ele quer se curar ele quer me ajudar a me curar porque ele tá se

curando, se ele ta atrás de se curar, ele ta querendo me curar. Agora se ele num esta levando o tratamento a serio, então ele ta me prejudicando. O tempo de andar para atrás já passou, eu não agüento mais não, andar de ré não é mais meu esporte não, eu quero andar e pra frente.

Com os profissionais do Elo?

Com os profissionais eu me dou bem, porque eu sei o lugar de cada um. Se ele esta na recepção, ele é dali, então não vou pedir nada a ele que seja da WTO. Então ele que se ponha no lugar dele e eu no meu, eu respeito ele como profissional, como funcionário, e eles me respeitam como paciente, é eu no meu canto e ele no dele, precisou de mim eu: pois não... sempre no meu limite.

Qual é o seu limite?

O meu limite é eu me tratar, eu receber meus medicamentos, aceitar o que o hospital tem pra me dar, e se eu tiver alguma critica alguma coisa pra debater que eu não esteja gostando eu procurar um superior, porque sempre tem uma pessoa que esta ali para coordenar né. Eu sei que eu não posso mudar o sistema, mas eu tenho meu direito pra optar. Pode ate não funcionar, mas eu optei. Por exemplo, uma merenda que não esta muito boa, e eu queira dizer... tem gente que diz :não, quer merendar bem merenda em casa. Mas não é assim não, se a instituição existe, e nela existe coordenação é para aceitar opiniões. Porque se não, não adiantaria, se não ninguém faria mais lanche aqui, faria em casa, ou então traria de casa. Então eu aceito do jeito que vem, embora não gostar, eu saboreei um pouquinho, dou p um amigo que queira, mas nada de critica, fazendo minha parte.

Qual a importância das pessoas do Elo para você?

Elas tem uma importância muito grande, porque elas deixam de resolver as suas necessidades em casa, seus problemas em casa, e eles vão adquirir mais um problema, que é o meu problema, da minha saúde, do meu bem-estar, se vou estar me sentindo bem, se eu não estou. E gente nem sabe o grau de responsabilidade que as pessoas tem lá fora também. E que deixa tudo lá sozinho pra cuidar da gente que não sabe nem de onde veio nem quem é não sabe nem um grau de crime que a gente já cometeu, e eles vivem com a gente como se fosse uma família. *O que eu tinha era uma doença, na realidade é uma doença que a qualquer momento pode se manifestar, eu preciso de tratamento para essa*

doença. Se eu me conscientizar de que é uma doença e eu tenho que me tratar e evitá-la eu tenho chance de me curar.

Você já cometeu algum crime?

Graças a Deus não, mas tenho conhecidos que já. Uma das coisas que a droga não me deu foi um crime.

Como esta a relação com a sua mulher?

É sempre uma relação complicada, mas hoje esta melhor, hoje esta bem, esta melhor, hoje ta bem esta melhor, hoje estou aprendendo a aceitar as decisões dela. E hoje estou consciente que eu adoeci ela também, quando eu comecei a praticar o uso de entorpecentes, não só ela, mas minha mãe, minha irmã... E agora que eu tenho que entender mais ela do que nunca, porque ela sempre estava com a razão e por eu estar obcecados no mundo das drogas eu achava que ela era a errada. E hoje eu vejo que ela era que tava certa. Sempre quis meu bem, nunca quis meu mal. Tudo que ela falava era pro meu bem, mas eu não queria entender. E hoje não, ate na maneira dela falar ela se altera, fica um pouco nervosa, agitada e ela não tinha isso. E eu senti que foi depois que eu comecei a da preocupação pra ela. Agora é o tipo da coisa, é eu me tratar e depois, tratamento para ela, porque ela vai precisar. Porque a doença vai sair de mim, mas vai ficar nela, não por ela usar, mas ela vai ficar com as conseqüências, com a irritação, ate mesmo com os meus filhos, ate mesmo com as pessoas, que eu já sinto ela mais agitada, é essa minha preocupação.

Qual a importância dela na sua vida?

Rapaz hoje é tudo, ela é meu coração, se parar o cérebro vai funcionar, mas... Hoje eu tento tratar ela bem, mas do que eu tratava ela antes. Na época das drogas eu fui um pouco carrasco, não de bater nela e tudo, sempre fui uma pessoa muito ciumento, eu acho que mulher minha não pode nem tocar nem chegar perto. Que eu falo logo igual a uma canção que tinha: eu tenho ciúmes ate do vento, quem tocava nela. Hoje não hoje, hoje eu to ai, mesmo se que ela diga que não me quer, vai ser ruim, mas eu to me preparando pra isso, mas vou ter a certeza que ela vai estar certa.

Você acha que ela não lhe quer?

Não, ela me quer, mas existe sempre um ponto de interrogação, eu não posso prever o futuro. Não são poucos os grandes amores que se acabam. Então porque que o meu não pode acabar né? Então eu to me preparando tanto pro bem quanto pro mal. Não é? Tem dois caminhos: o bem ou o mal. Eu vou escolher um dos dois. Eu to preparado pros dois.

Como você se vê atualmente?

Eu hoje, pra ser sincero, eu to me vendo uma pessoa lutando contra todos. Eu to na guerra, todo o meu batalhão morreu, ta só eu na linha de frente, sou eu ou nada, não posso me escorar em nada, é o que tenho nas mãos, é o que eu tenho pra trabalhar, é o que tenho pra seguir em frente. É com isso ai que eu estou lutando.

Por que contra todos?

Eu vou encarar o mundo lá fora, e o mundo lá fora é todo mundo contra eu. Aqui o Elo ta só me dando o treinamento, como eu me defender, como eu vou agir, quais as artimanhas que eu vou usar pra sair daquele golpe, daquele outro. Mas lá fora a guerra ta grande, não é colete que vai proteger não. Vai vencer o melhor. Sou eu contra todos.

Como é que você esta se tratando hoje?

Hoje eu estou me tratando melhor, eu to com uns pensamentos de estudo, procurar me aperfeiçoar nos estudos, ocupar mais meu tempo, me cuidar mais, voltar a usar umas coisas boas, ter um pouco de vaidagem. Eu sinto falta. Eu passo numa vitrine... eu queria passar por uma panificadora, ai não poder comer um bolo. Eu penso: olha eu pude comprar isso... vou voltar a comprar. Ai eu gosto de usar o que é bom, quem é que não gosta. Acho que porque desde pequeno eu tinha vontade de ter o que era bom, acho que por não ter tido eu pensei: vou trabalhar pra ter o que é bom. Por não ter tido... ai eu tive e perdi, ai eu tenho vontade de ter de novo.

Quero a segunda chance.

Atualmente que bens você possui?

Só o amor que eu tenho sobre mim mesmo, a vontade de viver que eu tinha perdido e muita coragem de reconquistar tudo de novo. Não tenho casa, não tenho moto, não tenho mais carro.

Atualmente qual o objeto que você deseja possuir?

Uma coisa muito importante pra mim, o meu transporte. Que é chato você ter que encarar todo de um cambão desse lotado, ai eu sei o quanto eu perdi, porque realmente eu joguei os meus meios de transporte no mato. Mas só que pra isso também eu vou ter que arrumar primeiro umas vestes boas pra depois correr atrás, porque não é em qualquer canto que eu vá entrar de bermuda nem de chinelo, a aparência, em primeiro lugar tem que vir a aparência, você com uma boa aparência você é bem recebido em qualquer canto.

Atualmente quais são as suas atividades?

Atualmente é eu vir para o Elo, tem as atividades do Elo, um futebol e uns robbiezinhas que eu gosto que é de assistir um DVD de ação, de romance. Essas coisas assim.

Que importância tem essas atividades pra você?

Me distraiu, eu fico extrovertido, eu vejo a alegria dos meus amigos, me recorda um pouco a infância quando eu brinco de bola, me recorda o colégio que eu estudava tinha meus amigos de sala. O Elo se identifica tudo com isso, faz a gente da uma voltada ao passado.

Quais são as atividades que você deseja executar no futuro?

Primeiro eu pretendo freqüentar uma boa academia pra não deixar a peteca cair... vai chegando uma certa idade né que eu tenho...e quando puder ir numas baladas ainda, ir a um futebol, no estádio...um jogo bom do campeonato, e curtir uma praia.

Tenho vontade de voltar para área do teatro, voltar a ter parceiros bons de novo. Representar esse nosso estado do Ceara, que é um estado tão carente em tantas coisas. Eu hoje eu estou vendo que é bom fazer o que você gosta não o que você quer ou que você é obrigado a fazer, mas sim o que você gosta... E eu gosto disso vou fazer com amor e me dedicar. Eu quero trabalhar porque eu goste do trabalho, goste do ambiente onde eu estou, e me dê bem com todo mundo. E ter amor acima de tudo, além da dedicação para o serviço, ter amor aquilo que eu vou fazer, porque sem amor ai fica sem saída e volta pro nada. r o projeto só no papel

O que você está fazendo pra alcançar essas atividades?

Eu agora no momento que eu ainda estou na metade do meu tratamento, ainda não está concluído ainda, eu estou só com os projetos, em questão de mais um mês ou dois mês ai eu vou começar a agir, porque não adianta deixar só no papel, você tem que correr atrás. Então, eu estou me planejando assim, porque ai eu vou esta bem equilibrado, vou poder andar mais, já vou poder encontrar os meus amigos da elite, que chama né... Que são aqueles que vão poder me dar uma sombra né. que existem aqueles que dão o sol e aqueles que dão a sombra. Ai eu vou procurar aqueles que são da área da cultura e vão me dar uma força, eu tenho certeza que vão.

Entrevista com a mãe

Como você se sentiu quando ficou grávida do José? O que você pensou? Como você o esperou?

Foi bom num ponto, mas outro já não foi, porque eu trabalhava para manter a casa. Aí eu tinha que trabalhar e o meu trabalho era um trabalho que me maltratava muito. Porque era mais sentada, porque eu trabalhava num negócio de rede, e gráfica ficava difícil de trabalhar.

Eu tive seis filhos, mas só tenho dois porque quatro morreram. Tive um aí botei o nome dele de José Arimateia, aí morreu. Aí tive ele e botei o nome dele de José. Primeiro nasceu a Tereza ela sobreviveu, ela nunca teve problema de nada, nunca me deu trabalho, nem de doença nem de nada. Aí já veio ele que é por ele e por ela. Depois dela tive esse menino que morreu, depois tive o Arimatéia e depois o José. Mas ele sempre foi muito doente. Teve uma época que ele teve aí um problema que foi preciso eu vender, só faltei vender o último vestido que eu tinha para vestir, para não ver ele morto, aí escapou.

A senhora queria engravidar quando engravidou?

Queria. Porque sempre foi assim tinha uma menina e um menino, uma menina e um menino, nunca uma menina e dois meninos com um menino e depois duas meninas não. Eu tive a Tereza e depois o a Arimatéia, aí depois eu tive a outra menina que eu não sei mais nem o nome, e aí depois eu tive o menino, o nome da menina era Regina, e do menino Antonio Josemar. Aí depois eu tive outra menina que eu não trouxe para casa, que ela teve problema e ficou a mesmo não deixaram trazer. Aí depois eu tive a menino. Todo o tempo assim uma menina e um menino.

Como era a sua relação com a Tereza?

Tereza nunca deu trabalho, ela sempre foi uma menina tranqüila, nunca tinha problema com ela, ela pequenininha mesmo não dava trabalho de jeito nenhum, cresceu assim sem dar trabalho, era uma menina muito estudiosa, o negócio dela era do colégio para casa, chegava em casa se deitava pegava os livrinhos dela o caderno ali ela ficava só se levantava mesmo de tardezinha para tomar um banho, voltava de novo, de manhã se levantava para ir ao colégio e pronto, ela nunca me deu problema nenhum.

E o José?

Ah o José, ele veio para a arrasar mesmo, como diz a história. Mas ele não era assim não, ele era um menino bom, ele trabalhava, tinha a família dele vivia bem com a esposa e os filhos, é bom para mim não é ruim para mim não, ele não faz porque não está podendo. Mas ele era bom demais mesmo, todo mundo se admirava.

Porque a senhora disse que o José veio para arrasar?

Porque de um tempo para cá foi só problema, certas amizades que não servem. Ele saiu daqui, ele deixou a esposa dele por outra mulher, porque essa mulher tem uma menina dele, uma menina que fica comigo, ela só vem pegar final de semana. Ai depois que ele conheceu essa mulher, desmantelou a vida dele. Ele não fazia isso, ele trabalhava, trabalhou no Mira Lopes um bocado de anos, depois trabalhou na Têxtil, muitos anos também na Têxtil, saiu porque tinha um problema com o pelo, ele sempre desmaiava, aí foi preciso sair. Dava fé ele vinha no carro, porque tinha passado mal. Foi o tempo que ele conheceu essa mulher começou a gostar dessa mulher, ai abandonou a família, a mulher dele com o filho, deixou ela grávida de outro e foi morar com essa mulher, passou mais de cinco meses sem dar notícias. Ai depois ele apareceu, umas horas da noite aqui, aí bateu na porta, eu me levantei, falei com ele e perguntei: meu filho o que está acontecendo? Ai ele:

- Não me pergunte nada, não fale nada mãe, quero só que a senhora me dê um dinheiro para eu ir embora.
- Meu filho eu não tenho dinheiro.
- mãe me dê seja lá quando for?
- com quem você anda
- mãe não importa me dê eu não tô pedindo...

Aí eu só fiz dar dinheiro e ele foi embora sem dizer onde era que tava. Aí passou bem uns dois anos por lá, lá em Santa fé, Santa Maria sei lá... Acho que é Santa Maria. Aí quando foi um dia, ele apareceu veio conversar comigo, aí eu aconselhei ele, disse que era melhor ele vim para perto da gente, ficava mais fácil para ele, ele desempregado pela casa dos outros passando fome sofrendo muito mesmo. Aí eu dei um jeito arranjei uma casa, eles foram morar, aí eu mesmo fui ser fiadora deles, do José com essa outra mulher. Aí foi o tempo que essa outra descansou também, foi para o lado dela e eles vinheram para cá. Aí ficaram aí eu paguei o aluguel da casa deles, dei um jeito de arrumar um caminhão para trazer as coisas tudinho. Mas eu não sabia de nada ainda, até ai, eu não sabia de nada. Aí trouxe para cá e fiquei ajudando, fizemos de tudo, eu a irmã dele para ele abrir um barzinho

para ele, para sobreviver né... A irmã dele tirou uma moto para ele, ele tava bem, mas sem a gente saber o que estava acontecendo, nem eu nem ela, ninguém sabia só a mulher que convivia com ele. Aí passou um tempo ,o bar curtido, a gente chegava lá, tava lotado de gente, o pessoal comprando, os garçons despachando, o dinheiro correndo lá mesmo. Quando era no domingo, cadê a renda do bar? Não tinha. Tinha gastado tudinho. E ele não parava não, chegava pegava o dinheiro que tinha apurado e se mandava com os outros na garupa da moto, só voltava quando se alisava, atrás de mais. Assim foi indo e pronto não teve mais como continuar, ficou só as dívidas para mim.

E ela usava?

Ela vindo ela disse que não usava, mas eu e a minha menina temos essa dúvida de que ela usava, mas ela disse que nunca usou.

Como foi ter que parar de trabalhar para ficar cuidando do José?

Quando me cansei desse trabalho eu comecei a vender merenda nas fábricas de rede, ai botei um comércio na minha casa, ai vendia bebida, eu tinha uma casa de jogo, aí só eu que vivia dentro não botava ninguém para ajudar por que não tinha condições de pagar, porque eu tinha começado pouco tempo, e assim eu continuei. Com um tempo o pai dele começou a ficar com ciúme de mim com os fregueses, aí começou a querer me espancar na frente do pessoal e ele pequeno mas ele sentia aquilo que o pai dele estava fazendo comigo, ai à noite ele ficava acordado me vigiando para o pai dele não me bater, e de dia ele dormia e eu trabalhava né. Aí ele foi crescendo vendo aquilo né...

Como era sua relação com José nesse momento? O que você achava do José? O que você sentia pelo José?

Era boa. Teve uma época que a irmã dele casou e foi embora, aí ele acompanhou ela porque eu já tinha deixado o pai dele e tava gostando de um rapaz que ele não gostava do rapaz. Aí ele não se sentia bem quando entrava em casa que o rapaz tava lá. Ciúmes. Aí foi o tempo que eu também achei que não era certo, porque eu não ia trocar meu filho por ninguém ai peguei e despachei o rapaz e ele voltou a morar comigo de novo. Aí nós morava de aluguel só eu e ele, eu trabalhar e ele ficava em casa.

Como é que foi a infância do José com você?

A infância dele no meu modo de ver o foi boa demais. Foi porque ele tinha tudo o que ele queria sem precisar de trabalhar. Ele tinha tudo, tudo, tudo, tudo... Ele nunca chegou pra dizer mãe hoje eu quero isso e eu dizer não dou. Eu trabalhava em casa de família, depois que eu fechei o bar por causa do pai dele, eu fui trabalhar em casa de família. Ai meu salário era dividido eu tirava do aluguel, a minha passagem, e o resto era dele. A menina já era casada então ele tinha tudo.

Com quantos anos a irmã dele casou?

Ela casou assim na faixa dos 16 anos, eu não sei nem dizer quantos anos ele tinha, ele era criança ainda.

Antes dela casar como você dividia esse dinheiro?

Aí eu dividia com os dois, fazia por um e pelo outro também.

Você tinha alguma preferência em relação a ela ou a ele?

Ah toda a vida eu sempre digo, mas eu não sei se eu agora no momento estou do mesmo jeito que eu era com ele porque eu tenho sofrido muito, mas toda a vida do sempre digo: ele para mim é tudo na minha vida. Eu gostava mais dele do que dela. Ela tinha até assim, às vezes ela se queixava, porque ela achava que eu gostava mais dele. E ela dizia: a mãe faz tudo pelo José e eu já é diferente.

Ele faz é a mesma queixa sabia (risos)...?

É?(risos) É porque ele acha que eu fazia mais por ela do que por ele, mas toda vida fez mais por ele do que por ela. Hoje mesmo eu vejo que é por que ele tem ciúmes. Ele acha que eu faço mais por ela, mas eu não faço, eu faço mais por ele. Porque ela, é muito difícil eu da as coisas para ela, já ele, ele pediu eu já tô fazendo esforço para dar. Sempre foi assim.

Você nunca deixou ele ficar triste por falta de alguma coisa?

Nunca, às vezes eu digo não, ai me arrependo de pressa vou bem ali e volto atrás. Esta aqui eu disse que não tinha mas esta aqui.

E quando você não tinha condições mesmo de dar?

Aí eu dizia para ele meu filho tenha paciência a mãe vai dar um jeito viu, vai arranjar. Aí ele dizia estar certo. Aí eu pegava batalhava e conseguia para dar a ele. E é tanto que, eu, para ver como eu toda vida gostei muito dele eu fazia assim eu saía para trabalhar quando chegava ele tinha vendido qualquer coisa dentro de casa. Um dia eu cheguei ele tinha vendido geladeira, quando eu apontei na esquina, o pessoal era tudo e dizendo: o José vendeu tua geladeira mulher, vai buscar. Aí eu disse: não deixe ao menos eu chegar em casa para mim ver. Aí eu cheguei em casa e ele foi logo, ele não mente, ele é assim ele diz mesmo, o que faz ele diz, aí disse, mãe eu vendi geladeira da mãe. "Foi meu filho ? Você tava precisando meu filho? Aí ele disse: "tava mãe que eu queria comprar uma calça, um sapato e uma camisa. Eu vendi e comprei". Aí eu disse: "pois então tá bom, tá certo, tem problema não". Ficamos sem geladeira, ai depois eu comprei outra e botei no canto. Então o nunca desmanchei negócio que ele fizesse. Eu nunca desmanchei negócio sem a sua ordem. Sempre fiz de tudo para não desgostar ele. Toda a vida, e hoje ainda é do mesmo jeito.

Como ficou a sua relação com ele quando ele foi se tornando adulto, ou ainda era adolescente?

Ele começou a querer trabalhar, se esforçar para trabalhar para ter o dinheiro dele, aí eu ajudava. Ele começou vendendo milho verde cozido, na calçada da Del Rio, botava uma turma de meninos para vender para ele. E o dava o dinheiro para comprar, ele comprava, botava os meninos para vender para ele, fazia pamonha botava os meninos para vender para ele. Ai não deu certo teve prejuízo e passou a fazer embalagem. Aquela embalagem que vende nas bodegas, ele tinha um pessoal que vendia para ele. Depois não deu certo e eu comecei a fazer tapioca para os meninos venderem para ele. De todo jeito eu lutava para ele ter o dinheiro dele e não está precisando tirar nada de ninguém nem pedir nada a ninguém. Aí foi o tempo que eu vi que ele não estava se esforçando não estava se interessando aí eu dei um basta. Aí que ele ficou só dentro de casa mesmo, dormindo, comendo e dormindo e pronto, só isso mesmo.

E como é que foi as histórias dos empregos de, como ele conseguiu arrumar os empregos?

Os empregos dele foi porque, sabe que agora eu nem sei como foi que ele conseguiu. Um emprego ele arranjou porque eu falei com pessoal, um pessoal que eu trabalhava na casa dele, aí o rapaz trabalhava no Mira Lopes e ele foi falando para ele que estava desempregado e que tinha muita vontade de trabalhar e não conseguia um emprego. Aí ele disse: "não dona Nela não se preocupe não que daqui para o final da semana eu consigo um emprego para ele". Aí eu digo: "então tá bom". Isso foi em uma segunda-feira, quando foi na sexta-feira ele disse: "segunda-feira a senhora mande ele vim para cá, que ele vai comigo". Ai eu dei um recado a ele, aí ele foi mais eu, quando eu fui para lá de manhã ele foi comigo. Aí de lá ele levou ele ai quando chegou lá já começou a trabalhar. A passou um bocado de tempo trabalhando lá, todo mundo gostava dele lá, aí ele pegou e saiu. Toda a vida e assim, parece que dá uma coisa na cabeça dele, e de repente, aí ele pronto sai, quer nem saber, sai mesmo, não pensa nem duas vezes não. Aí esse da têxtil eu não sei como foi, parece que os meninos estavam dizendo que iam se inscrever na têxtil, a aí ele tava na folia e foi também. Aí lá na época em que ele foi, parece que só ficou ele mais outro amigo dele. Ele tem sorte ele não sabe é aproveitar. A ele trabalhou mais aí deixaram ele preso lá, fecharam a porta e ele ficou preso, ai ele passou mal e ficou com esse problema ,ai teve que sair. Quando dava fé ele chegava num carro com eles, dizendo que ele tinha desmaiado, tinha caído por lá e traziam ele.

Nessa época ele usava drogas?

Não usava não, ele tinha era raiva porque eu fumava cigarro. Aí ele dizia que não sabia por que eu vivia fumando aquilo porque aquilo não ia levar a nada só ia fazer eu ficar doente. Ele dizia as coisas com as pessoas que fumavam cigarro, usavam drogas ele dizia as coisas, ignorava aquilo, achava que não era certo.

Como era o tratamento dele para com a senhora?

Ele me tratava bem, toda a vida ele foi um menino que me respeitou, nunca faltou com respeito comigo. Ele pode estar mais quem ele estiver, se eu chegasse e chamasse ele, não precisava nem chegar perto, de longe mesmo ele avistava e já vinha ao me encontro: "pronto a mãe, que a senhora que é? O que aconteceu?". Eu conversava com ele, pronto. Aí ele dizia: "vá mão que eu vou jajá". Mas devido a certas amizades ele mudou muito, agora por último ele tá muito agressivo, ele não era assim, mas foi certas amizades que ele arranjou. Porque na época que ele não usava essas coisas, eu morava de aluguel, ele me deu uma casinha, ele trabalhava nera, ele comprou e me deu.

Nessa época ele trabalhava para onde?

Na têxtil, todos os meses o carro parava em frente à minha casa, eu trabalhava, mas não se importava com o que eu ganhava, parava o carro e as minhas compras vinham, ficava compra de dois meses lá no canto porque ele dizia: "mãe não importa o que a senhora tem ai não, a minha parte eu tô fazendo, eu tô dando a senhora faz o que a senhora quiser. Ele era assim, ele trazia um saco pra mim, e outro para a irmã dele, toda a vida dele foi assim. Mas aí já sabe, essas amizadezinhas que ele começou. Ele era muito bom para ela, dava as coisas as meninas dela, dava a ela, de certo tempo para cá, foi que ele ficou assim.

A têxtil, foi o último trabalho dele?

Foi não, ele trabalhou parece que foi cinco anos no teatro, teatro José de Alencar. Ele entrou como zelador, e de zelador e passou para trabalhar em iluminação. Aí ele se desgostou com um rapaz lá, um rapaz que ficou implicando com ele lá, porque todo mundo gostava dele e o pessoal lá tinha raiva, porque tinha inveja, todo mundo dava o maior do valor a ele, tudo era com ele lá. Aí começou a inventar a conversa, mais pessoal não acreditaram não. Ai ele, para não haver uma coisa pior entre ele e o rapaz, aí ele preferiu sair. Aí saiu, não está com muito tempo não que mandaram chamar ele lá, ele foi aí conversou com ele lá tudinho, tava certo dele ir lá terça-feira aí ele teve a discussão com a esposa dele na segunda-feira, e era para ele ir na terça-feira, aí ele virou a cabeça saiu de casa e veio aparecer na quinta-feira, ai não foi mais. Mandaram o recado pela irmã dele, que a irmã dele trabalhava lá. Depois que ele tava lá ele conseguiu para a irmã dele. Aí a irmã dele saiu porque não tinha condições de ficar em dois. aí ela saiu de lá.

A relação mais forte que ele tem é com a ex-mulher dele, ou com a mulher que ele fugiu?

Acho que ele disse que não quer mais ela, que não sente mais nada por ela, mas ele pode enganar a quem ele quiser, mas a mim ele não engana não. Essa outra, que tem a menina dele, porque a legítima tem dois meninos, e essa que ele arranjou, que trocou a esposa dele por ela, tem uma menina. Mas ele ainda gosta dela, porque quando ele vê ela, eu aposto cá comigo que ele vai sair, ele não se controla. Sai e ninguém sabe para onde, passa dois três,4,5 dias pelo meio do mundo.

E quando ele fugiu com ela ele tava trabalhando onde?

Ele tinha saído do teatro, tava sem trabalhar, ficou sem trabalhar. Aí conheceu ela aí... Tinha um rapaz que sempre ligava para ele para ele ir fazer um serviço para ele ia. Ai depois parece que o rapaz soube desse negócio dele, aí o rapaz se isolou dele. Que era ate, o nome dele era Benevides. Sempre ele ligava e eu era quem ia atender o telefone, de aí aconteceu do rapaz, ligar para ele marcar com ele para ele ir acertar um serviço mais ele, que esse rapaz ele não entende quem entende é o José, ai ele leva José que o José é quem sabe tudinho. Aí o José vai, só que ele deu celular da mulher dele para o José trazer para ficar se comunicando com ele. Aí o José eu não sei o que ele tem na cabeça, o José pegou e saiu com o celular da mulher do homem e quando voltou, voltou sem o celular. Aí ele vai liga e quando atende é a pessoa que estava com o celular. Aí ele percebeu que o José não estava com o celular. Aí ele liga de volta a pedindo que ele viesse deixar celular, porque se não ele ia buscar. Aí ele pegou o um policial aí, como ele é doido mesmo, ele arranjou um policial que estava ali, foi na casa do homem que ele tinha vendido o celular, pegou o celular e trouxe, pois no terminal entregou o celular. Ai depois disso o rapaz o não ligou mais, não procurou mais ele de jeito nenhum. Foi, mas só que esse trabalho do José o José ganhava bem. E viajava para Guaramiranga, quando ele saía o rapaz deixava para a família mil reais, ele saia ganhando em 15 dias R\$3.000. Não estou dizendo que ele não sabe aproveitar. Ele ganhou muito dinheiro, muito dinheiro mesmo, não é brincadeira não. Porque ele trabalha bem mesmo ele sabe trabalhar. Mas ele não sabe aproveitar ele não quer, ele não quer, depois que ele começou a usar essas coisas, ele não quer mais saber de trabalhar de jeito nenhum.

O relacionamento dele com a esposa como era antes do uso de drogas?

Ele era um bom dono de casa, todo mundo se admirava, porque eles eram um casal que não brigava, tudo ele concordava com ela, e ela com ele, viviam bem eles dois. Agora, o que atrapalhou foi essa mulher, porque começou a andar na casa dele ser amiga da mulher dele, no fim tava traindo ela. Mais eu fui uma que chamei ela e avisei, mais ela disse que não que ela era a melhor amiga dela. Aí eu disse: então fique com a sua melhor amiga mas depois não venha se queixar. E ele ainda é doente por ela, ele diz que não é mais ele é, porque quando ele vê ela, ela não vem aqui porque ela tem medo dele, ela fica ali naquela esquina para pegar a menina. Ela liga e diz a hora aí eu vou esperar. Aí ela vai pega a menina e vai embora, mas às vezes acontece de ele está sentado na esquina, quando ela vem é de uma vez e não dá para voltar, aí tem que vê ele e ele vê ela. Aí ali eu já sei que ele vai sair no meio do mundo e não tem hora para voltar e nem dia. Por isso que eu digo que ainda gosta da, e ele não, diz que não, mas gosta. Agora legítima vive atrás dele direto,

a ele é todo assim, sabe? Ele diz que não, que gosta dela mais eu não sinto isso não. Eu sinto que ele gosta da outra.

A relação com essa outra só veio a partir do uso das drogas ou não?

Foi, eles também se davam bem eles dois, ai foi depois que eles vieram morar aqui de Santa Maria para cá, que ele botou esse bar, foi ai que começou a não dar mais certo.

Esse bar foi antes do teatro ou depois do teatro?

Foi depois do teatro. Ele botou o bar com a outra. Porque a legítima era a Adriana.

Quando ele deixou a Adriana? Ele ainda estava trabalhando no teatro?

Quando ele deixou Adriana estava não. Ele já tinha saído. Quando ele ficou com outra ele já tinha saído do teatro. Porque foi na época que ele começou a gostar dela, aí parece que endoidou, e viajou com ela. Ai quando voltaram botaram o bar, mas aí ele ia pegava o dinheiro e gastava todinho, aí não teve como ir para frente. Quebrou mesmo. A de lá para cá ficou nessa né, sem trabalhar sem nada.

A primeira mulher dele, a Adriana, ela gostava muito dele?

Ela gostava não, ela ainda gosta. Porque um mulher para agüentar que ele faz, e ela não larga do pé dele. Batalhando para criar dois filhos, sozinha. Não é fácil né?

Você acha que ele gosta dela?

Eu acho que... Se ele gosta não é como da outra não. É não. Eu digo isso com certeza, porque mãe não se engana não. Eu sinto.

Como era a relação que o José tinha com o trabalho dele antes das drogas?

Não, antes de usar, ele era um menino que dava conta do recado. Mas aí depois que ele começou a fazer essas coisas, ele não ligou mais para nada, né... Porque lá no teatro todo o pagamento era feito por ele. Dinheiro para botar em banco, tudo era nas mãos dele, as chaves de tudo era na mão dele. Ele tomava conta de tudo, tudo, tudo, tudo mesmo. É tanto, que as pessoas procuravam ele dentro do teatro e não achavam. Era fazendo

compra, era tudo era ele, tudo lá de dentro era resolvido com o ele. Ele dizia que tinha até medo de sair com aquele dinheiro todinho, para depositar, para fazer compras, para tudo. Tinha medo de ser assaltado por aí. Nunca teve nenhuma queixa dele.

Nessa época você achava que estava usando drogas?

Tava não, nessa época ele não usava, de jeito nenhum. Ele estava muito responsável, seguro, a relação com a mulher estava boa, a relação comigo estava boa, a relação com a irmã estava boa, tudo.

Como ele tratavam os pertences dele? As coisas que ele tinha, que ele comprava, qual era a relação dele com essas coisas?

Ele era assim, quando ele ia comprar uma coisa, ele chamava ela, iam os dois juntos. Levavam o menino com eles, eles compravam vinham embora, a casa dele era bem arrumadinha, tinha tudo. Agora mulher era que era doida, quando dava fé vendia as coisas, quando pensava que não, já tinha vendido. Aí ele comprava de novo. Ela vendia porque quando ela não gostava, vendia para comprar outra que gostava. Ele tinha cuidado com as coisas, a casa tinha tudo, era toda arrumadinha. Ele valorizava as coisas dele. O que estragou a vida dele foi essa mulher. Foi essa que ele arranhou, depois da Adriana. Ela que destruiu porque ele não fazia nada disso, eu tinha pura certeza. Foi através dela né, através dela. Ela ajudou muito.

Ela ajudou muito. Eu digo isso a ela, e ela diz: "dona Nélia não me condene". Aí eu digo: "eu não estou lhe condenando estou dizendo a verdade". Aí ela diz: não dona Nélia, não foi eu. Porque se ela havia ele fazer, ela sabia, ela sabia que eu não sabia, ela devia ter feito assim, já que ela é muito legal comigo eu não vou esconder eu vou contar para ela que o filho dela está fazendo antes que não tem mais jeito né? Mas não, ela ficou aguardando, guardando, guardando, e quando ela veio me contar, eu já não queria mais saber. Porque eu queria saber quando ele começou, no era quando ele já estava dentro do fogo terminando de se queimar não. Era antes dele começar a se queimar, que desse tempo para eu apagar o fogo, né? Eu sofri muito, eu chorei muito, eu não comia, era um cigarro atrás do outro, no café e no cigarro direto. Fiquei bem magrinha, bem magrinha mesmo, só o coro e o osso, de desgosto, porque eu não criei ele pra poder não ficar viva.

O que você sente pelo José hoje?

Ave-Maria, ainda amo, é tudo, as pessoas às vezes ficam olhando para mim, porque eu digo: "o meu menino...". Para mim ele é o meu menino. Se eu pudesse voltar atrás eu voltaria, porque é triste. Porque eu tenho sofrido de mais, eu tenho sofrido muito mesmo. Eu não sei que não, eu não quero que as pessoas digam nada, e as pessoas e ficam criticando e eu discuto com as pessoas. Eu quero ser violenta, eu não sei não, eu me transformo de repente. Porque se falar mal dele, eu já tô em cima porque eu não quero que ninguém diga nada. Porque eu não quero ver mais ninguém para estar criticando, eu digo: "ninguém atire pedra nele, porque mais tarde a pedra pode voltar". Ainda hoje discuti com minha tia por causa dele. E a minha vida é assim. Eu discuto com o rapaz que não é pai dele, mas ele é uma pessoa muito boa, porque agüentar o que ele agüenta dele aqui. Nem o pai agüentava.

Como é a relação do homem que você vive com o José?

Ele nunca me disse que não gostava dele. Ele nunca reclamou por nada que ele fizesse. Ele é calado, o rapaz que veve comigo. Ele nunca chegou para mim para dizer nada. As vezes eu dizia assim: "João, hoje eu vou soltar os cachorros em cima dele, vou dizer muita coisa com ele e vou mandar ele ir embora. Ele dizia: "não faça isso não, você tá atrapalhando, você não tá ajudando, porque com briga e nem expulsando ele você vai ajudar não. Você tem que conversar com ele, ou então você deixe ele a vontade que ele se sentindo a vontade ele não vai se stressar e nem fazer coisa pior. Não diga nada não." Ele diz assim.

E o José com relação a ele?

O José, às vezes ele fica dizendo as coisas, mas só quando está com uma na cabeça, quando está bom não fala nada não. Ele se dá bem com ele, porque se não se desse já tinha tido coisa aqui dentro de casa. Porque pelo o que o José faz nem o pai dele agüentava.

Como essa história de nem o pai dele agüentava?

Agüentava não, eu acho que não. Só eu mesmo porque sou mãe. Quando o pai dele chegou a ir embora ele não fazia isso não. O pai dele também veio saber um dia desses do , quando ele chegou lá aí ele soube.

Como era a relação dele com o pai dele, e com você?

Quando o pai e foi embora ele ainda era ameninado. Era pequeno ele. Até o pai dele me deu uma pisa (risos). Aí o pai dele me deu uma pisa, e ele tava na casa da irmã dele, e um rapaz viu o pai dele me batendo do lado de fora. Aí o rapaz correu na casa da irmã dele para avisar que o pai dele estava dando em mim, aí ele tão pequenininho ele veio de lá na carreira, na viagem que ele veio na carreira, ele não falou com ninguém só fez entrar de casa adentro a primeira a faca que ele encontrou ele correu atrás do pai dele. Ele disse: que a para nunca mais ele bater em mim. E o pai dele e correu para a rua.

Antes de acontecer isso como era o relacionamento dele com o pai dele?

O relacionamento com o pai dele era bom, era bom. O pai dele nunca foi um pai de chegar e dá um abraço num filho, de chamar para ir para um canto. Assim de dá um carinho ao filho, de jeito nenhum, ele era a que nem um bicho bruto. Também ele só vivia mais era bêbado. Ele sempre foi mais apegado a mim porque eu sempre tratei ele melhor. Dei mais força e tudo. O pai dele tomava 3, 4 porres durante o dia. Bebia uma vinha dormir, acordava vinha de novo. Se ele chegasse bom e se sentasse assim num sofá ele mais o José, ninguém dizia nem que era parente, porque ele não dava uma palavra. Era calado, parecia assim dois estranhos. Não dialogava, não tinha nenhuma participação na educação, nunca se preocupou de ele ir no colégio, de arrumar o dinheiro de uma passagem para ele ir não, comprar um livro, de jeito nenhum, tudo era eu.

E o que você falava para o José do pai dele?

Eu nunca falei nada do pai dele. Porque ele tava vendo nera, como era o pai. Eu não fala de jeito nenhum, dizia era nada.

E aí depois do pai dele veio alguém para assumir esse papel de pai?

Não veio esse rapaz, mas não deu certo porque ele não gostava do rapaz. E ele disse pra mim assim: mãe no dia que eu chegar e esse cara tiver aqui, a senhora faça tudo para quando eu chegar ele não esteja aqui, porque eu vou botar ele daqui pra fora. E não vai dar certo. Ai eu disse: "não, não vai ser preciso não, não se preocupe não que eu vou botar ele para ir embora". Porque ele disse que foi ele que fez a minha separação mais o pai dele, mas não foi. Foi porque o pai dele sempre me dava esse homem, ai queria me bater dizendo que eu gostava do homem, e eu dizia que não tinha nada haver com o homem porque eu morava quase perto da casa da mulher do homem. Mas de tanto ele me dar pra mim aconteceu, pois ele ta me dando eu vou ficar mesmo. Eu tratava ele como os outros

tudinho que andavam na minha casa, mas ele tinha uma mania de dizer que não, aquele ali era que eu vivia gostando dele, sem eu ter nada haver. Porque não adiantava eu tratar uns de um jeito e os outros de outro né? Tinha que fazer com tudinho, porque todos estavam me ajudando. Agora a desculpa dele, era porque esse era que me ajudava mais. Que era assim, cada um me dava uma parte de dinheiro pra comprar o café e a merenda do final de semana. Porque no final de semana eles passavam de sexta ate dormindo a noite, direto. Ai eles achavam que eu não tinha a obrigação de fazer merenda, fazer caldo, fazer café pra dar a eles né, eles tinham que dar o dinheiro pra eu poder comprar. Ai ele achava que não, aquele dinheiro ele não estava dando para aquilo ali não, ele estava dando porque ele queria sair comigo. Ele era freguês do jogo de baralho. Então essa relação não deu muito certo. Eu me sai logo porque ele disse que não gostava ai eu me sai. Depois, arranjei outro , esse era um cara violento, usava muita droga, apanhava muito da policia, só vivia preso e ele gostava muito de judiar com as mulher, fura as mulher e tudo. A mim não porque eu andava nas festa bebendo mais as amigas, ai na bebida eu conheci ele, ai eu tinha ele como amigo e ele não me tinha como amiga. Eu pensava que ele queria minha amiga mas não queria queria era eu nera.. E ficou...todo canto que eu tava ele chegava, ai o José não gostava dele. Ele era muito violento, ele era muito perverso. Quebrava a garrafa e cortava as mulheres na frente de todo mundo, e quase todo mundo tinha medo dele. Chamavam ele de Cláudio sete facadas. Ele era todo pipinado de faca. Ai com um tempo ai eu tava numa festa, ai ele chegou, ai eu tava dançando com um rapaz e ele não gostou, ai ele deu uma mãozada na minha cara na frente de todo mundo. Ai essa foi a ultima vez que ele me viu. Pronto ai eu abandonei e não quis mais de jeito nenhum, morreu e não me viu mais. Ai depois desse apareceu esse rapaz do interior, eu sempre gostava de andar bebendo, eu bebia umas cachacinhas, ai eu tava meia bêbada ali, aí ele apareceu pra fazer um cimento de uma amiga minha ali., ai eu entrei na casa da minha amiga, ai ele tava assim de costa ajeitando, fazendo o cimento, ai ela não tava em ,casa ai eu só fiz dizer: "quando a Valdene chegar tu entrega essa roupa pra ela, tu diz que fui eu quem vim deixar, ai sai e vim me embora. Ai quando a menina chegou ela me chamou p saber como era ai eu voltei, quando eu voltei fiquei lá conversando com ela, ai ele foi e me ofereceu uma dose. Ai eu: "ora aceito". Ai começamos a beber e nessa bebedeira ainda hoje ele está aqui.

O José se da melhor com esse? Quanto tempo faz q ele esta com você?

Da, ele é uma pessoa boa. Foi agora, ta de dose a quatorze anos que eu vivo com ele.

E o José tinha ciúmes do seus companheiros?

Eu acho que sim, porque ele me quer só pra ele. Porque quando ele tinha a casa dele ele se queixava muito pras pessoas que eu não freqüentava a casa dele. Eu mais freqüentava a casa da minha filha. Agora ele dizia que não sabia por que eu não gostava de ir pra casa dele, sempre eu só ia pra Tereza. Toda vida ele foi assim ciumento. Se eu conversar mais com a Tereza ele diz que eu dou mais atenção a Tereza e menos a ele. É assim, se eu to lá ele vai lá, enquanto ele não me traz ele não sossega. Eu acostumei mal ele, quando eu vou pra lá, quando da fé ele chega: "bora mãe, não vai agora não?". Acostumei ele mal, não sei por que eu acostumei ele desse jeito, não sei se foi porque toda vida eu fiz mais os gostos dele, tudo que ele queria eu fazia né, e tudo. Sempre, todo canto que ele chegava to do mundo dizia que eu babava mais era ele né... Aí ele se achou o dono da situação. Ainda hoje ele é assim, quando eu falo qualquer coisa com ele, ele chora que nem criança, sabe? Se eu brigar com ele, ele não me responde não, mas ele já começa a chorar. Ele não me responde de jeito nenhum. Agora ta com um mês que ele se exaltou comigo aqui dentro de casa, ai eu disse umas coisas com ele aqui, e botei ate ele pra fora de casa. Mas quando ele saiu, que eu dei as costas, eu entrei pra dentro e fui chorar com pena dele. Fiquei com a aquele peso na consciência sem saber pra onde ele tinha ido, e o que é que estava acontecendo com ele. Ai pedi eu pedi tanto perdão a Deus porque eu tinha feito aquilo, porque não foi de coração, foi momento de raiva, porque ele veio querer dizer que ia quebrar tudo o que tinha aqui, ai eu me zanguei com ele, que ele tava meio drogado né. Mas depois ele conversando comigo, ele disse que jamais queria que tivesse acontecido com ele aquilo que aconteceu. Taí oh, eu não tenho mais nada.

Porque que você não tem mais nada?

Acabou tudo, levou tudo, o José. Última vez fez oito dias agora sexta-feira, levou a televisão, vendeu por ai, ele mais um cara, fui atrás aí, e não sabe pra quem foi que vendeu. Taí, não tem mais televisão, não tem som, não tem mais nada. Aqui era tudo cheio de taça, olha agora as que tem e é escondida lá atrás. Era cheio aqui, a coisa mais linda do mundo, de todo jeito a coisa mais linda do mundo. Não tem mais nada, só tem essas coisas do aqui porque ninguém quer. E tem uns ali por que é do homem e eu esconde lá dentro. E se eu for pedi para não levar é pior, porque ele volta e leva a outra coisa. Não tem mais som, não tem mais televisão, são três televisões, e eu ainda estou pagando uma de 22 polegadas, que essa de 14 que eu ainda estou pagando, que era a último que tinha. Aí eu fui atrás do cara que vem para levar mais ele né, pediram muito para eu não ir porque era arriscado ele ficar com raiva e fazer alguma coisa comigo. Mas eu peguei o nome dele completo, peguei o número da casa, peguei tudo para levar para a polícia l mas o pessoal me aconselha muito, ele vai vim devolver, mas depois ele vai cobrar de mim. Era mais de 1 hora da manhã

quando eu destranquei essa porta aí, porque o João ficou dormindo ali dentro ali, e a mãe dormindo aqui, que eu sai feito uma louca por dentro das favelas, sozinha, o pessoal só dizendo que tinha visto. Também eu descobri onde era a casa do cara, porque eu fui atrás, aí ele disse que ia atrás do cara que tinha comprado pra ele me devolver. Quando eu voltei lá, ele disse que não sabia onde era não. Porque eu não ia atrás? Aí eu disse: "não vai servir pra você, porque eu tenho o documento e o controle". Mas eu não toquei no assunto pra ele, pro José. Eu não perguntei se ele tinha vendido, eu não perguntei por quanto, eu não perguntei se ele ia buscar. Não falei que tinha ido atrás, não falei só nada.

Porque você não falou?

Porque o rapaz que veve comigo disse que eu não falasse com ele quando tivesse só eu e ele, que ele se revoltar contra mim, e eu não ia ter força pra me defender, né?

Você acha que ele é capaz de se revoltar contra você?

Eu acho é tudo agora, foi semana passada ele deu um soco no braço da irmã dele, que essa irmã dele era tudo que ele tinha na vida dele. E ela foi querer conversar com ele, e ele andou querendo soquear os braços dela, e ele anda até desgostosa com ele, por causa disto, porque ele nunca tinha feito isso com ele e agora fez né? E ele foi lá hoje de manhã e ele veio com ignorância com ele. Porque ela disse que assim como ele foi ignorante com ela, ela ia ser com ele né, por causa desse negócio dessa televisão.

E como estava a relação dele com a senhora quando ele começou a usar droga?

Tava boa, eu nem percebia, porque ele não dava demonstração de jeito nenhum. Eu descobri porque a mulher tinha me dito, e ela disse que eu pastorasse, que eu prestasse atenção ao jeitão dele porque mudava. Aí eu fiquei prestando atenção, aí eu vi que ele tava fazendo, mas se fosse pra mim manso descobrir, ele não dava demonstração de jeito nenhum. Mas agora ele já chega, ele já diz, na cara de pau mesmo, não tem mais esse negócio com ele não, ele mesmo abre a boca e diz. Antes ele não mudava nada, ele não me tratava mal, só agora única coisa que ele fez agora nesses últimos dias, foi ele que pegou um litro de bebida do rapaz que veve aqui né, que comprou pra fazer o aniversário dele, aí ele levou e vendeu. Aí eu reclamei, aí ele disse que se eu achasse ruim ele quebrava o resto tudinho nos meus pés. Aí ele foi pegou o resto que tinha, pegou e saiu pelo portão fora. Aí eu fui e disse que ele não voltasse mais não, que se ele voltasse eu chamava a polícia para

ele. Ai foi quando foi três dias ele estava deitado lá em cima no chão. Subiu por cima da casa e se deitou lá no chão. Ai eu abri a porta e ele entrou.

Com relação as coisas que ele tinha, aos objetos que ele possuía como ele tratava essas coisas quando ele começou a utilizar a droga?

No começo ele não tirava nada dele não, depois através de um amigo dele que usava, ai ficava vambora José buscar lá na tua casa macho, tu leva, tua mulher nem vê. Que ela trabalhava de noite né... Aí ele ia mais ele, aí ele ficava esperando na esquina, ai o José ia lá. Aí o José tirava para o lado de fora, aí os dois iam buscar. Aí saiam vendiam. Aí ela metida a doidona, ela ia buscar na casa do pessoal. Ela ia buscar as coisas dele, era bujão, fogão, armário...tudo ele tira! Não tem esse negocio porque é grande que ele não vai levar não, porque ele leva. Leva e quando chega diz, foi eu mesmo que tirei, vendi e pronto, não quero conversa não. O negocio dele é esse. O valor das coisas dele sumiu.

Como era a relação dele com o trabalho quando ele estava no uso das drogas?

Era assim, um primo dele conseguiu um emprego pra ele, pra fazer uma entrega de tinta numa moto. O rapaz dava a moto, pagava bem né, e ele ia despachar as tintas., tinha que receber o dinheiro. Quando foi um dia ele pegou, foi trabalhar recebeu o pagamento de umas tintas aí, o que é que ele fez? Ao invés de ir pra firma pra entregar o dinheiro e a promissória, não, ele desceu no rumo de onde tinha as coisas. Chegando lá ele tava devendo um dinheiro, o cara tomou o dinheiro que ele tinha da conta da divida, ai ele com raiva porque o cara tinha tomado o dinheiro, aí ele pegou ficou por lá mesmo e vendeu os capacetes do homem, a sorte que ele não vendeu a moto. Aí depois rapaz veio aqui atrás, aí eu fui atrás e o rapaz que tinha ficado com os capacetes tinha vendido. Aí o rapaz apareceu, aí eu disse que o rapaz não se preocupasse não que eu ia pagar, aí eu fui e paguei.

Inclusive eu cheguei para a dotoura e disse:"dotoura por favor me ajude, eu não agüento mais, eu não agüento mais porque eu não tenho mais nada doutora, eu não tenho mais nada, acabou tudo. Foi-se embora ferro de engomar, faqueiro, panela de pressão, tudo, tudo. Ele disse que só queria voltar se fosse ser internado, aí ela disse que ele era um menino bom, que ele não precisava ser internado, que ele era um menino que todo mundo gosta dele, um menino excelente, um menino educado, um menino que tem presença, um menino que tem uma profissão maravilhosa. Mas ele disse: "mãe eu preciso de me internar,

porque se for deu ir todo dia e voltar eu vou continuar na mesma. Eu quero ir pra ficar, mas ela disse que pra ficar não tem".

Quando ele tava participando do tratamento você percebeu alguma melhora?

No começo eu percebi a gente tava tudo contente, tudo feliz, tudo contente, tudo alegre. Quando foi de repente a irmã dele foi logo para o centro com ele, comprou roupa, calçado pra ele ir, pra não ir feito flagelado né? Aí já do meio pro fim, já começou a fracassar.

Lembra que eu disse da última vez que a gente ia conversar agora nessa segunda parte sobre: Como é que foi a ida dele para o tratamento? No quê que ele mudou? Tudo mais, o quê que a senhora percebeu? Então a gente vai abordar algumas questões... A Senhora disse que tinha percebido uma melhora e depois aí ele teve uma recaída não foi?

Foi assim, ele saiu de casa aí passou 04 dias, aí pelo meio da rua, andando por aí, dormindo por dentro dos matos, com medo de vir pra casa né e de ter alguma coisa, alguém falar alguma coisa. Aí ele, foi quando eu pensei que não, ele, a vizinha me chamou dizendo que ele tava caído na calçada. Eu me levantei, abri a porta, ele foi entrou, subiu aí pronto. Ficou aí. Passou bem uns três dias, quando ele ta assim ele passa uns três dias sem comer só deitado direto, sem se levantar pra nada.

Isso foi antes de ir para o tratamento. Tava desempregado sem mulher, já tava aqui morando mais eu. Aí, ele foi subiu aqui pra cima, e a irmã dele perguntou pra mim: Mamãe cadê o José? Eu disse: O José ta lá. Ta lá, não se levanta, nem coisa nenhuma, é todo o tempo deitado, não quer comer nada, a gente pergunta se ele quer um caldo, ele não quer nada ele quer. Aí ela disse: Mas não pode ser assim, tem que a pessoa conversar com ele. Aí eu também... Sai e vim me embora, cheguei aqui aí eu... Ela disse: Pergunte a ele se ele quer alguma ajuda, pode ele querer e ta com vergonha de falar. Eu disse: Então eu vou perguntar. Aí eu vim, cheguei, subi, aí fui chamei ele. José a Tereza, ta lhe perguntando, mandando eu perguntar a você se você quer alguma ajuda de alguma coisa, pra você... Porque você, não tem condições meu filho, você nessa situação. Aí ele disse: Mãe, eu to precisando de ajuda se ela quiser me ajudar, eu quero que ela me ajude.

Ele mesmo falou?

Ele mesmo falou. Aí, eu fui disse: Então ela ta disposta a lhe ajudar. No que precisar no que tiver ao alcance dela ela faz. Aí foi justamente, eu voltei disse a ela. Ela disse: Pois diga a

ele que nós vamos atrás de ajuda pra ele. Aí quando foi no outro dia, aí eles foram. Foram, foram direto para o hospital. Aí quando chegou lá, ela foi com ele, aí falou lá, aí conseguiu. Aí ela ficou dois meses acompanhando ele. Aí esses dois meses que ela ficou indo com ele, ele ficou bem que só. Aí depois terminou a dela, aí ficou só ele. Foi que ele começou com as amizades lá, e sempre ela dizendo: José, você corte essas amizades, com essas amizades não vai dar certo. E ele continuava com as amizades.

Lá dentro do hospital mesmo. Foi. Aí quando ele vinha na sexta-feira, a gente já ficava esperando, pensava que ele vinha pra casa. No começo não. Já foi já com um mês, por aí assim. Aí a gente já tudo alegre, contente porque ele tava bem melhor né. Esperava o José e nada. Aí quando o José só apareceu na segunda-feira. Só veio a notícia que ele tava pelas favelas com um pessoal desconhecido, justamente o pessoal não conhecia né, o pessoal que vinha do hospital mais ele. E aí, todo final de semana o José saía com esses amigos, diz ele que é amigo, mas eu não acho que é amigo não, que amigo faz é ajudar, não é atrapalhar. Aí, dava fé, chegava uma pessoa aqui e dizia que ele tava na favela, eu não podia fazer nada, eu não podia ir atrás, que eu não sabia onde era. Aí, ficou nessa arrumação. E a Tereza sempre dizendo que aqueles caras não tem cara de quem seja uma pessoa boa. Mas ele é uma pessoa, que a gente diz uma coisa a ele e ele leva na esportiva, não ta nem ligando não. E aí sei que ele ficou se tratando lá, ficou se tratando...

Como é que ficou a melhora dele com relação à sua relação com ele, teve alguma melhora na sua relação com ele, quando ele entrou em tratamento?

- Teve, mas foi muito pouco. Porque quando eu percebi que estava fazendo, aí eu já fiquei desgostosa de novo.

Não, eu sei, mas assim logo no começo, a Senhora não sabia que ele tava fazendo não era?

- Sabia não.

No começo, em torno de um mês que a senhora notou melhora.

Foi eu achava que ele não tava fazendo, mas só que ele tava. Já tava fazendo. Aí ele tava assim, de oito em oito dias, quando passava 15 dias, quando dava fé fazia de novo, vivia acompanhado com as pessoas que não são do bem, com as pessoas que são erradas. Aí a gente fica sem saber o quê que faça né? Teve um dia que a doutora ligou procurando a

Tereza, aí a Tereza não tava, aí vieram me chamar, que eu fui atender, aí eu disse pra ela, que eu ia jogar ele pra fora de casa. Eu disse. Eua tava com tanta raiva que eu disse pra doutora. Que eu não ia querer mais ele dentro de casa, eu ia mandar ele ir embora. Apesar de ele não ter pra onde ir, mas eu ia mandar ele ir embora, porque eu não agüentava mais. Aí eu disse a ela, é muito sofrimento pra uma mãe. Ela disse:

- Eu sei, minha filha é muito sofrimento, mas tenha paciência. Não faça isso não. Não faça isso com ele não. Só vai complicar mais. Ele vai, ele vai... Ele tem como ele se recuperar.

- Eu disse: Tem, mas ele não quer ajuda. Pelo que ele ta fazendo, ele não quer ajuda de ninguém. Eu fui sincera, eu disse logo.

Durante o tratamento você quer dizer que você não percebeu nenhuma melhora dele não? Durante o tratamento que ele teve no hospital a Senhora não percebeu nenhuma melhora não?

Não... Percebeu assim, no primeiro mês a gente achava...

Qual foi essa melhora, que a Senhora percebeu no primeiro mês?

Por que ele fazia, mas a gente não percebia, porque ele não passava dois dias. Ele saia do hospital, ficava até umas horas, quando era 11h00minh, 12h00minh, ele já chegava. E a gente achava que ele tava conversando com os amigos por aí, porque ele gosta muito de conversar com os amigos dele né. Achava que ele não tivesse fazendo, mas ele tava fazendo.

Todo dia ele chegava, ou só na sexta?

Não só no final de semana. Só na sexta-feira. Aí é assim. Por que eles dão o vale transporte. Ele pagava a passagem com os vales e me pedia o dinheiro, dizia que não tinha vale. Aí eu dava aí aquele dinheiro que eu dava ele juntava aí ele ia fazer. Aí eu pedi a elas, pra quando chegasse o vale transporte que ela ligasse pra mim avisando que tinha chegado, porque aí já ficava mais difícil, dele fazer porque ele não tinha dinheiro, não tinha com que interar com os outros, aí ele não ia entrar no meio né. Aí ela disse que tava certo. Aí chegava os vales, mas ela não ligava de jeito nenhum. O negócio dela era querer que eu fosse lá. Eu dizia: Eu não posso ir que eu não posso deixar minha mãe sozinha. Aí fica difícil pra mim. Ela disse:

Mas se fosse um caso de morte?

- Se fosse um caso de morte eu dava um jeito. Mas não é caso de morte, eu não posso fazer isso. Aí ficou nessa situação né. Aí agora da última vez ela ligou pra mim, aí eu fui atender ao telefone. E ela disse:

- Cadê o José?

- Eu disse o José ta em casa. Ta deitado lá, não come, não conversa, nem coisa nenhuma, só bebe água. Ela disse:

- Mas não pode ficar assim. Eu disse:

- Eu não posso fazer nada. Ele não quer comer. Eu ofereço, ele não quer. Ela disse:

- Diga a ele que eu quero falar com ele. Que ele venha aqui, que eu quero falar com ele. Eu disse:

- Ele disse que não vai mais não. Eu disse logo, que ele tinha dito pra mim que não ia mais. Ele disse que não vai mais não. E outra que eu não to vendo resultado de nada, porque vocês passam remédio e ele não toma. Eu disse, ele não toma o medicamento. Ele não vai se recuperar nunca, porque o medicamento dele, ele não toma. Ela disse:

- O quê?

- Eu disse: Toma não. Ela disse:

- Tem certeza?

- Eu disse: Eu sou mãe dele, eu convivo com ele dentro de casa, eu sei. O remédio ta tudo ali, guardado. Eu disse pra ela. Aí ela foi disse:

- Pois a Senhora junte os remédios e mande deixar.

- Eu disse: Eu não tenho como mandar deixar. Se vier uma pessoa buscar eu entrego. Agora eu ir deixar, não tem como eu mandar deixar não. Agora dizer que o medicamento ta aqui, ta. Se não tiver acreditando em mim, mande uma pessoa pegar, que eu mando. Aí eu disse: Porque que vocês não internam ele? Ele quer se internar. Ele disse que pra ir todo dia e voltar ele não vai mais não, mas se ele conseguir um internamento ele fica. Ela disse:

- Ele não tem necessidade de se internar. Ele tem capacidade de ficar bom, sem precisar ficar interno. Ela disse pra mim, né. Eu pedi pra internar. Ela disse que não porque ele tinha capacidade de se tratar e de ficar bom, sem precisar de internamento. Aí eu fui disse pra ela. Por que a Senhora não conversa com ele. Eu que convivo com ele dentro de casa e sei. Porque eu não tenho mais nada, ele acabou com tudo. Acabou com tudo que eu tinha, eu não tenho mais nada. Só tenho a vida e mal. Ela foi disse é assim mesmo. Eu disse, é assim mesmo e acabando com tudo meu. Aí ela disse que não podia internar. Aí foi ele disse:

- Pois então mãe eu não vou mais não. Vou pagar umas contas, vou fazer um sacrifício e vou fazer de conta que estou internado e pronto.

- Eu disse, então é. Você que sabe né. Porque eu não brigo com ele, ele faz as coisas dele eu não brigo, ele chega eu não reclamo, eu não brigo, eu não fico dizendo nada com ele. Só teve uma vez que eu disse muita coisa, porque eu fiquei com muita raiva mesmo. Muita raiva mesmo, que eu disse até a ele, que eu ia chamar a polícia pra ele. Por que ele partiu pra cima de mim, com um litro, ele nunca tinha feito isso. Aí eu fiquei chateada, fiquei revoltada. Porque ele nunca me respondeu, nunca ele foi menino de eu dizer as coisas e ele me responder.

Ele já tinha saído?

Já tinha saído. Porque, foi assim, ele chegou em casa, ele chegou em casa e entrou, pegou uma bermuda e disse que ia dar a um amigo dele, porque a bermuda não servia pra ele. Aí eu confiei, confiei que ele ia levando só a bermuda. Mas deixa que ele não tava levando só a bermuda. Aí esse rapaz que ta sentado aí, ele conversa comigo né. Aí a bebida era dele, ele pegou o litro de bebida e levou. Aí eu senti falta e falei pra ele:

- José, você levou a bebida do João. Pra quê, que você fez isso, meu Filho? Não era minha, pra quê, que você tirou?

- A Senhora ta achando ruim, por que eu tirei, pois agora eu vou tirar o resto, se a Senhora achar ruim eu quebro.

- Foi a primeira vez que eu reclamei. Ele foi disse:

- Pois a Senhora ta achando ruim, eu vou quebrar o resto.

- Pois quebre. Aí ele foi pegou o litro, quando ele pegou o litro pra quebrar eu disse:

- Você vai quebrar o litro. Ele disse:

- Vou, vou quebrar tudinho agora, os que têm aí tudinho.

- Aí eu fui disse assim... Era melhor que você criasse vergonha na cara. Suma da minha vida, suma da minha casa eu não quero mais nem lhe vê aqui. Pode ir embora. Aí ele foi disse:

- Eu vou mesmo. Aí foi saiu com o litro na mão.

- Aí eu fui disse: Vá e não volte mais nunca, faça de conta que você não tem mais mãe. Por que se você voltar eu chamo a polícia pra você. Eu não lhe quero mais aqui, eu não quero mais nem lhe vê. Aí da viagem que ele saiu, ele passou bem uns três dias perambulando pelo meio da rua, por aí né. Aí quando ele voltou, eu tinha escorado a porta, eu tinha trancado, botando umas tábuas na janela, pra quando ele viesse ele subisse, mas não conseguisse entrar. Aí ele veio, subiu, mas não consegui entrar. Aí tinha um balde cheio de água ali, que é de aguar as plantas, que a gente bota ali. Aí ele subiu, entrou, se deitou aí, eram bem 12h00minh. O sol tinindo. Aí a vizinha me chamando, eu disse: Que foi? Ela foi disse:

- Não, por que o José ta pedindo pra abrir a porta.

Eu disse: Que porta. Que a porta ta aberta. Ela disse:

- Não, é a lá de cima.

Eu disse: Vixe, ele subiu.

Ela disse: Subiu.

Aí eu fui, abri a porta, aí ele entrou se deitou, não falou mais nada. Também eu não disse mais coisa nenhuma. Aí eu fiquei aperreada, porque a bebida era dele, e disse que se ele tirasse alguma coisa dele, aí não ia dá certo. Aí eu com medo de acontecer alguma coisa dentro de casa, por causa da mãe. Aí eu fui, dei um jeito, coloquei no lugar sem ele saber. Aí nesse dia eu fiquei com raiva dele por isso, né. Por que ele nunca tinha feito isso, e nesse dia ele fez.

Então, falando assim, um pouquinho da questão da mudança assim dele. Quando ele entrou no tratamento, que tipo de mudança você percebeu assim, pelo menos no início? Mudança pra melhor?

Eu percebi, por que... Assim, ele se aproximou mais da irmã dele, ele não ia lá. Se aproximou mais dela. Ele conversava com as sobrinhas, que ele não tinha mais conversa com as meninas, ele era todo isolado. Ele era rindo, alegre, cantando, dançava e tudo, dançando com as meninas, na maior alegria do mundo. Aí a gente percebeu que ele tava bem melhor mesmo. Aí até a Tereza disse:

- Mãe, não se anima muito não. Não se anima muito não, porque alegria de pobre dura pouco.

E com a Senhora melhorou? Porque você falou do contato dele com a irmã, do contato dele com as sobrinhas. E o contato com você, melhorou alguma coisa?

Comigo melhorou também, né. Porque, assim, porque eu não tava mais dando muita atenção pra ele, pra vê se ele se sentia que eu não tava gostando do que ele tava fazendo. Mas também eu não dizia nada não, com ele não. Ficava só assim, diferente. Ele falava, eu saía, eu respondia, mas não olhava pra ele. Eu não olhava assim pro rosto dele de jeito nenhum, que era pra ele ir vendo que a gente tava dando o desprezo né. Aí foi indo, foi indo. Ele viu que a gente não tava mais como era com ele. Ele começou a pedir as coisas, eu dizia que não, não tenho, não, não dou. Aí ele foi sentindo na pele que a gente não tava mais como era, né com ele. Aí depois foi que ele teve essa recaída. A doutora disse que era assim mesmo, que era normal. Aí ninguém pode fazer nada né.

Com relação assim, aos objetos dele, pessoais dele. Quando ele entrou no tratamento, a senhora percebeu alguma mudança, com relação ao cuidado com os objetos?

Não, continua do mesmo jeito. É. Não ta nem aí pra nada. É documento, por aí, com o pessoal empenhado. Ele não tem nenhum documento, é tudo empenhado.

Então quer dizer que a Senhora realmente não percebeu nenhuma melhora assim significativa, em nenhum aspecto. Só esse de se aproximar um pouco mais da família?

Foi, só esse mesmo.

E no final de semana, como era o dele? No começo assim, que a Senhora percebeu aquela melhora?

No começo, ele ficava em casa, não saía pra canto nenhum não. Aí do meio pro fim ele, começou aparecer aquela dos amigos, convidava ele pra ir comer churrasco, aí ele começou essa viagensinhas pra churrasco, aí pronto. Aí foi quando ele resolveu a fazer besteira de oito em oito dias. Por que, ele ia pra casa dos amigos, né. Aí quando ele vinha de lá, já ficava pelos cantos né. Pedia dinheiro pra ajudar no churrasco, e deixa que não era. Era pra guardar, pra quando vim fazer, né. E eu dava porque, toda vida eu dei, eu nunca neguei né. Aí eu achava que ele não ia fazer aí eu dava. Aí do meio pro fim, eu não tava dando mais não.

Então quer dizer que a melhora dele, foi basicamente essa. De melhorar com as pessoas, se aproximou mais da irmã.

Foi. Deixou mais de viver pelos cantos. Triste, né. Ele ria, dançava e tudo. Por que ele é muito alegre, ele só fala rindo. Ele conversa com qualquer pessoa.

Aí, como é que ficou. Como é que foi essa recaída, eu queria saber como é que foi o abandono dele ao tratamento. Como é que foi isso aí?

Foi por que. Agora da última vez que ele fez. Foi por que a gente tava fazendo o aniversário, e ele não queria que a gente fizesse o aniversário. Aí esse rapaz que vive comigo, nunca fez aniversário dele. Aí ele queria fazer. E ele não queria de jeito nenhum, a raiva dele foi essa.

Aí ele com raiva como ele não podia se vingar né. Aí achou de tirar os objetos de dentro de casa, a fim de fazer qualquer coisa pra gente não fazer o aniversário, mas só que ele fez, mas nós continuamos fazendo o aniversário. Aí quando foi depois do aniversário, foi que ele chegou. Chegou no domingo de madrugada. Aí depois disso, ele não voltou mais para o tratamento. Não voltou mais de jeito nenhum.

Essa foi a última vez, que ele foi para o tratamento? Foi nessa sexta-feira?

Foi. Que até nessa sexta-feira, que ele veio. Aí que é que ele fez. Ele não voltou pra casa. Ele não veio pra casa. Por que ele sabia que era o aniversário... Ele já ficou com os amigos lá pra banda da... Já tava tudo comprado já. Aí ele pegou, com raiva né. Veio e pegou a televisão.

Como é que ta a relação dele, com esse sujeito que vive com a Senhora? Esse rapaz que vive com a Senhora?

Eles se dão bem. Se dão bem. O José reclama.

Qual é a reclamação dele?

O José, é por que ele é uma pessoa, que a gente ta fazendo e ele quer muito mais. Ele não fica satisfeito só com aquilo que a gente faz. Ele tem... A irmã dele tava dizendo pra mim, que ele tem um pouco de ciúme. Ele não quer que eu fique muito apegada a ninguém. Quer eu só pra ele. Ela tava me falando. Por que ele disse que eu, tudo que eu pego eu guardo pra esse rapaz. Mas não é. É tudo aí, pra eles, na hora que tiver vontade. Não tem esse negócio de nada escondido. Ele chegou, tirou, fez, comeu, não tem esse negócio de nada escondido não.

Você privilegia um pouco mais esse rapaz a ele?

- Não, não. Do jeito que eu... Eu trato ele mesmo melhor que o rapaz que vive comigo. Ele não reclama também dele não, não diz nada, esse rapaz que vive comigo. Ele não fala só nada. Nem das coisas que ele tira de dentro de casa. Que joga fora, nem porque ele chega fora de hora. Não reclama só nada.

Então quer dizer que ele reclama muito da relação sua com o rapaz? O quê que ele reclama? O quê que ele diz?

Ele diz que eu faço pelo rapaz o que eu nunca fiz pelo pai dele, aí eu respondo pra ele que eu não fiz pelo pai dele por que ele não merecia. Se ele merecesse eu também tinha feito.

Porque que o pai dele não merecia? A Senhora explica pra ele?

Ele sabe. Ele diz isso, mas ele sabe. Ele sabe por que é. Por que ele saía de casa, não queria trabalhar, só queria viver de bebedeira. Ele bebia 3,4 porres durante o dia. Aí quando chegava, ele não me ajudava em nada, era eu sozinha pra dar conta de tudo, sozinha. E quando ele chegava bêbado queria me bater na frente das pessoas que estavam na minha casa, e os meninos queriam se meter, e ele dizia que os meninos que estavam punindo pela minha parte é por que eles tinham intenção em mim. Aí começou a afastar as pessoas lá de casa. Os meninos se desgostaram e disse que não iam mais freqüentar a minha casa, por que não iam se prejudicar, por que não iam ver ele me bater e ficar por isso mesmo. Teve uma vez que ele falou, sobre o pai dele, que eu fazia pelo rapaz o que eu nunca fiz pelo pai dele. Aí eu fui e disse que eu não fazia pelo pai dele por que ele não merecia. Foi só isso que eu disse pra ele.

Mas a relação entre eles dois?

É. Tranqüila. Ele não discute, não diz nada um com o outro. Ficam eles dois juntos conversando. É tanto que um dorme aqui e o outro aqui. O José dorme aqui e o João dorme aqui.

Você disse que o outro que se o José pegasse as coisas dele, poderia ter confusão?

Mas eu soltei os cachorros em cima dele aí ele não falou mais não. E quando ele diz qualquer coisa, aí eu solto os cachorros em cima dele, por que eu não quero. Eu quero dizer, mas eu não quero que ninguém diga nada com ele.

Aí depois dessa saída do José do tratamento, ele continuou muito tempo assim

É por que ele disse assim. Que se ele não conseguisse o internamento, pra ir todo dia e vir ele não ia mais. Por que ele não tinha condições. Da outra vez que ele tinha feito né. Que eu tinha mandado ele ir embora por causa da bebida. Aí no aniversário do João que

eu mandei, quando ele chegou aí eu não disse nada não. Ele só fez subir, foi dormir aí também eu não falei nada, não toquei em assunto de nada.

E como é que ele ficou nesses dias depois da recaída?

Não. Ele fica assim, que ele não fica assim, olhando mais pra gente, não se levanta, não fica muito tempo assim conversando com as pessoas. Ele tem, vergonha sabe? Ele não olha pra cara da gente, ele só desce quando ele percebe que não tem ninguém em baixo. Que a gente sai pra bodega, resolver alguma coisa, é que ele desce. Aí antes de a gente voltar ele já sobe. Ele tem vergonha de encarar a gente. Depois que ele faz as coisas erradas.

Aí ele fez isso, passou um tempo assim. Ele recaiu algumas outras vezes?

Não. Depois que ele fez, aí graças a Deus, aí ele se aquietou. Antes ele tava assim meio violento, mas agora se aquietou. Assim, por que é que nem a Tereza tava dizendo, que ele ta ruim assim, por que ele ficou assim meio violento. Ele não é violento. Ela foi conversar com ele, e ele pegou no braço dela, ela ficou muito sentida com isso, que ele nunca tinha feito né. Só é ela e ele. Ela é louca por ele, não quer que ninguém diga nada. Aí, por isso que eu disse que ele ficou ruim por isso, por que ela disse que tinha ficado desgostosa, que ele tinha pegado com sopapo no braço dela. Foi. Depois do aniversário do João. Ta com um mês, né? Um mês e uns diazinhos. Pois é. Aí de lá pra cá ele não saiu mais, é só dentro de casa, conversando com as meninas. Se segurou mais. Ele disse que vai dar um jeito de conseguir se recuperar sem precisar né. Por que ele quer se internar né? Mas como não é possível, então ele... Ele disse que vai fazer o sacrifício, pra ficar bom sem precisar, sem tomar medicamento, sem nada.

Entrevista com a irmã

Bem Tereza. Eu queria que tu me falasse como era a tua relação com o José na infância?

É, a minha relação com ele era boa né? Sempre foi, a gente sempre foi muito unido né? Nunca teve problema com nada não.

E como era a relação do José com a mãe dele?

Era boa também. Sempre foi muito boa, era também com meu pai. Meu que era mais assim, assado, porque ele era muito caladão, muito calado. Aí eu... Pouco eu via eles conversar, mas era boa sim.

Assim, na comparação que você fazia da sua da relação com a sua mãe, de você com sua mãe, de você com o José, como era essa comparação?

É, a diferença é porque ela fazia muito as coisas por ele né? Eu achava que ela fazia mais por ele do que por mim. Ela dava mais atenção a ele. Eu acho que era pra tudo mesmo né? Mas... Era mais, ela tinha mais atenção com ele do que comigo. Era tudo que ele queria, ela fazia tudo que ele queria né? Não deixava faltar nada. Quando ele pedia uma coisa, logo ela tava alí, né? Muito boa... Ela fazia tudo por mim, só que era naquela base assim de carinho né? De afeto assim que, eu sentia ela muito assustada. Ela nunca foi assim uma mãe de chegar, abraçar, beijar. Que nem as vezes eu via outras mães né? Ele já era diferente né? Era mais, via ela mais apegada com ele, fazia carinho, já era... Cansou de até eu dizia mesmo pra ele: "Ah, a mãe parece que gosta mais de tu José, do que de mim? A mãe é toda assim, tem hora que é tão arrogante. Porque que ela tem mais besteira contigo?" Eu fui falava né? Aí agora ele vem dizer que ela gosta mais de mim do que dele. Não isso não é verdade.

Como era a relação do José com as pessoas próximas?

Era muito boa. Hoje em dia as pessoas que vê ele na situação que ele tá, chega tem gente

de chegar a chorar. É porque chora. Porque ele era uma pessoa muito boa né? Ele era uma pessoa atenciosa com as pessoas. Ele gostava muito de fazer favor. Ele deixava de... Ele chegou a deixar de comer pra dar o alimento dele pra outra pessoa. Se descesse que tava com fome, ele deixava de comer pra dar. Muito prestativo ele.

Com relação ao trabalho dele?

Era muito boa. O trabalho dele... Muito trabalhador, ele passava...virava a noite naquele teatro, virava a noite toda, chegava de manhã e ia até o outro dia de manhã. É tanto que lá no teatro ele saiu porque pediu pra sair, porque ele quis mesmo e todo mundo lá quer muito bem a ele. Quando eu vô lá, eles perguntam por ele. Tem muitas pessoas não que sabem o que que tá acontecendo. Eles não sabem e aquelas pessoas que sabem, ficam preocupadas com ele. Ele tinha uma relação muito boa. Teve gente de chegar mesmo a chorar, quando a gente contava o que que tava acontecendo, chorava. De ter visto ele por aí né? Algumas pessoas só ficou sabendo por que viu. E me ver assim, conversar comigo de chorar quando viu ele naquela situação.

A relação dele com o pai dele como era?

Era boa também, era só aquele negócio... O pai sempre caladão, na dele, falar nada, ele fala muito quando bebe, ainda consegue soltar um pouquinho a fala mas quando ele tá bom. Se você falar, perguntar alguma coisa, ele responde, mas quando ele tá na dele alí calado alí e tal, calado ele fica.

Então a relação foi muito de distância com relação...?

É. Muito distante mesmo. Uma vez... Uma época ele trabalhou muito assim viajando né? Ele viajava pra trabalhar fora, aí só vinha uma vez no mês, ficava muito tempo afastado da gente.

E com relação aos pertences dele?

É, ele tinha cuidado, gostava e tudo, mas não se apegava a nada né? Fosse uma coisa que você quisesse ele era capaz de dá e comprar outro. Se a pessoa gostasse de uma coisa, ele dizia assim: "Gostou?", ele dizia: "Taí", entregava nas mãos da pessoa. Eu acho que ele fazia isso porque ele era uma pessoa boa mesmo, porque ele gostava mesmo de ajudar, agradar as pessoas. As vezes ele muito cansado, morto de cansado mesmo, se uma

peessoa chegasse, precisava dele fazer um serviço lá no teatro, ele já vinha embora, já próprio pra vim embora: “Não, eu vou ficar. Não tem problema não, eu fico”. Ficava pra fazer o serviço do outro, não gostava de negar nada a ninguém.

Me ajudou muito quando na minha separação, ele foi quem me deu muita força, foi quem agüentou a barra assim enquanto eu conseguia um emprego. Ele que arranhou um emprego pra mim no teatro. Eu disse pra ele: “Meu irmão, se você não conseguir um emprego pra mim, eu vou morrer”. Ele disse: “Minha irmã, você quer trabalhar mesmo?”. Eu disse: “Quero! Tô precisando mesmo, se não eu vou morrer mesmo se eu ficar dentro de casa”, que eu já tava na depressão aí ele conseguiu um emprego lá no teatro, no outro dia eu já comecei a trabalhar. Pra ver como ele lá era bem né? Pessoal lá gostava tanto dele, aí que ele chegou, bastou ele pedir... Conseguiu mesmo.

Como era a relação dele com as pessoas do trabalho?

Era muito boa. Ainda é né? Assim, quando ele vai por lá, quando ele passa um tempo assim, bem né? Sem tá fumando essas coisas dele, ele vai, aí que ele aparece por lá, eles reclama muito da ausência dele, né? Porque não tem ido lá mais vezes.

E com relação a possibilidade de voltar a trabalhar lá, você acha que existe?

Eu acho que de uns tempos pra cá ele não teve muita força de vontade né? Porque ele uma vez, ele falou pra mim que ele mesmo achava que não tinha condições de assumir nada assim. Porque ele achava que se começasse a trabalhar, ele pegava em dinheiro e aí...

Como foi que você começou a perceber que ele tava usando drogas?

Foi quando ele começou a pegar as coisas em casa, comecei sentir falta das coisas, aí foi que a minha mãe abriu o jogo né? Ela já sabia. Aí foi que ela começou a falar que ele tinha pegado pra fazer essas coisas... Aí então pra mim foi um choque muito grande. Aí eu me isolei, não queria saber. Deixei os meninos contar as coisas que acontecia, eu não queria saber, não queria ouvir sabe? Eu dizia: “Não quero ouvir não! Não quero saber de nada, não quero saber de nada!”

Ele estava distante de você nessa época?

Tava, ele se afastou muito né? Se isolou, aí eu quando ele se afastou, foi que eu fiquei mais com aquela coisa de não querer saber de nada né: Não, se ele se afastou é porque ele

não..., eu achava que era porque ele não gostava mais da gente, tinha trocado a gente pela droga, pelas coisas. Que achava melhor viver com as pessoas erradas do que do lado da gente. Aí eu achava aquilo né? Aí, eu fiquei sempre afastada, eu sofri muito com isso né?

Como era que tava a relação dele com as pessoas próximas?

Muita gente não sabia, algumas pessoas não sabiam, ficaram sabendo já agora já. Na hora que ele começou a fazer o tratamento, foi que vieram saber, não sabiam não. Porque ele fazia assim, era bem reservado né? Não demonstrava. Foi de... Acho que de um ano pra cá que ele começou a demonstrar, começou a ficar relaxado, a andar mal vestido né? Aí as pessoas começaram a notar a diferença né? O comportamento dele. Notaram por causa do comportamento. Ele mudou muito no comportamento. É, as roupas, a não querer trabalhar mais. A pessoa pedia um favor, ele negava. Ele não era de negar favor a ninguém. Começou a negar favor. A pessoa pedia pra ele fazer uma coisa: "Ah, não posso!" Isso e aquilo outro.

Como que era o jeito dele se tratar, se cuidar?

Só andava sujo, barbado, cabeludo. E ele não era assim né? Só andava bem... Só gostava de andar bem arrumado, ele era muito vaidoso, gostava muito de se cuidar. Tinha dia, parece que nem banho ele tomava. Ele chegava a gente sentia o mau cheiro de longe. Sentia mesmo. Aí as pessoas começaram a notar. O que é isso? O que que tá acontecendo com o José? Aí ele mesmo chegou a contar. Aí quando ele contava, começava logo a chorar. As pessoas começavam a chorar também com pena dele. Eu sempre dizia pra ele, que ele ia melhorar, que ele ia ficar bom.

Quando foi que...assim, em que momento da vida dele, foi que você percebeu mesmo que ele entrou nas drogas, mesmo assim se afundou mesmo? Em que momento ele tava da vida dele?

Pois é. Quando ele começou a exigir dinheiro, começou a bater... Ele tava morando... Quando ele começou mesmo a ficar mesmo como se diz, assim no fundo do poço. Ele já tava morando com essa mulher a Cláudia. Ele tava morando com ela. Ai foi quando começou mesmo assim, a ser violento com ela, maltratar ela. Vinha bater na minha porta pedindo dinheiro. Me obrigando a dar dinheiro a ele. Não tava mais trabalhando. Eu tinha comprado uma moto pra ele. Fui no banco negociar. Devolvi a moto. E já tava com sete meses atrasado. Eu não sabia que ele recebia as cartas e ia escondendo, escondendo e

minha mãe também escondendo... Quando eu descobri que o banco ligou pra mim. Esse dia eu tava em casa e consegui atender. Aí fui, devolvi a moto. Ele já tava mais era só fazendo corrida mesmo, andando mais o pessoal que usava mais ele.

Quando eu comprei essa moto, ele pediu pra mim comprar dizendo que era pra trabalhar no moto-táxi. Que era pro trabalho. Logo que eu comprei ele ainda tava trabalhando no teatro. Aí ele queria... E a moto era pra ele trabalhar também? Era que ele dizia assim: "Nêga é por que... pra mim ir pro teatro. As vezes eu saio tarde da noite. E eu gasto muito com moto-táxi. Aí eu tendo um transporte já fica melhor pra mim ir... a renda que ele tinha lá não dava. Não comprovava assim... era pouco. Eu por que eu tinha dois contracheque. Eu tinha o do teatro e tinha da empresa de ônibus. Da empresa de ônibus era até bem altozím, aí juntou um com o outro. E eu tinha crédito no comércio, aí eu consegui. Ele já não tinha mais crédito. Ele já tinha sujado o nome dele no SPC, SERASA essas coisas. Na época que ele comprou o carro, ele ganhava bem. Ele fazia muita extra. Ele fazia... ele trabalhava quando tinha os eventos grandes. Ele ganhava bem lá. Foi quando ele conseguiu comprar o carro. Ele juntou o dinheiro pra comprar. Quando foi pra comprar a moto ele não tinha. Não tinha como ele juntar, porque pagava o aluguel de casa, já tinha... acho que já tinha a outra mulher que eu nem sabia que ele ajudava. E logo que ele conseguiu a moto, com pouco tempo já saiu do teatro. Depois conseguiu com a moto fazendo entrega numa loja de tinta. Aí lá pegou e andou empenhando as máquinas do homem. As máquinas de passar o cartão né? Quando ia deixar num canto. Aí empenhou as máquinas. Aí o homem foi e... nessa época eu já tinha entregado a moto. Aí o homem deu, confiou e deu a moto pra ele trabalhar. Aí o homem veio pegar a moto, levou a moto, queria as máquinas dele. Lá foi a mãe dar um jeito de pagar o homem pro homem poder entregar as máquinas.

Você acha que ele já tava com essa relação com as drogas já?

Já. Por que né? Eu não disse que fui a última a saber. Quando eu fiquei sabendo eu já tinha comprado a moto. Aí foi que eu fiquei sabendo. Por que vieram me avisar que ele tava dando a moto e tudo pros traficante que tava andando em cima da moto pra cima e pra baixo. Aí eu já fiquei sabendo assim pelo pouco que a mãe me falou, pensei que fosse coisinha besta. Aí nada, comecei saber que a moto andava nas mãos do traficantes. Aí foi quando eu vim saber também que a moto tava com sete meses de atrasado. Aí fui lá, negocieei, devolvi. Ai ficou tudo bem né?. Tudo quite, ele disseram que não iam sujar meu nome nem coisa nenhuma. Nem eu ia pagar mais nada né?

Nessa época que ele tava realmente fundo do poço como você disse, como é que tava a relação dele com as pessoas próximas?

Ele tava meio isolado. Tava isolado de todo mundo. O negócio dele era só no meio desse pessoal mesmo que usa droga. Aí a família dele tava abandonada, ele parece que viu que não tava dando certo. Tava tudo errado, aí se aproximou da gente de novo, procurou a gente.

Nessa época como é que ficou a relação dele com o trabalho?

Ele não quis mais saber de trabalhar. Não queria mais saber de trabalhar, é só querendo... Atrás de dinheiro da gente. Ele soube que eu tinha recebido as... lá receber as férias. Veio aqui dizendo... Aqui chegou na minha porta, batendo na porta, ele sabia que eu tinha recebido o dinheiro das minhas férias e veio dizer que o cara tava querendo matar ele por causa, que era por causa de R\$ 300,00 (trezentos reais) e era mentira. O cara que tava dentro do carro, veio com ele né? Só pra dizer que tava devendo, aquilo outro que ia matar ele, aí era mentira. O rapaz de dentro do carro, fez assim né? Pra mim, ele querendo trezentos reais... Aí pra avisar né? Eu disse a ele que não tinha dinheiro. "Você tem, você recebeu as férias, você não me dá porque não quer, ele vai me matar". "Menino ele não vai te matar não, você tá é com conversa". E o rapaz lá dentro do carro fez mesmo assim... O rapaz que trouxe ele né? Que ele pediu a esse rapaz pra trazer ele aqui. Aí o rapaz só dando sinal de que não era verdade. E eu disse: "Rapaz, não tá aqui não, eu não peguei o dinheiro do Banco. Eu tô de férias mas o dinheiro ficou lá no Banco. Não tá comigo! Só que tava comigo. Eu já tinha pego.

É, como foi que você teve iniciativa de chamá-lo para o tratamento?

Assim, eu convidei ele né? E aí ele... "José vamos fazer um tratamento, procurar um canto?". "Ah, eu não preciso não! Na hora que eu quiser deixar, eu deixo!". Ele dizia: "Eu não preciso de tratamento não! Quando eu quiser deixar, eu deixo!". Aí eu dizia: "Rapaz, você precisa, você tá precisando". "Não, não preciso não. Se preocupe comigo não! Me deixe, pode deixar. Da minha vida, eu tomo conta! Preciso de ninguém pra tomar de conta da minha vida não, resolver minhas coisa não!". Aí já teve uma hora que ele chegou e pediu ajuda né? Quando ele me pediu foi que eu levei ele lá no (?) pelejou muito lá no hospital, ele queria ficar internado lá no hospital mesmo. Aí o pessoal lá, olhava pra ele e dizia: "Não, você não é... (?) você não sai mais bom, você vai é piorar, vai ficar é louco. Pelo que eu tô vendo em você tem chance de ficar bom, se você fizer o tratamento, você fica bom...

Porque que as pessoas achavam que ele tinha chance de ficar bom?

Pela maneira dele falar né? Que ele sabia muito se expressar, na época que eu levei ele, apesar de eu ter mais estudo do que ele mas ele sabe se expressar mais do que eu, sabe mais conversar, quando ele começava a falar né? Conversar, as pessoas viam ele conversando e tudo, aí olhava pra ele: “Não, não pode!”. Ele não tem condição de ficar no tratamento. Vá aí, aí mandou numa janela de vidro aí a gente foi lá e... A moça disse que não, que não tinha a vaga e ele: “Pelo amor de Deus! Eu quero ficar em algum canto, eu quero sair dessa coisa. “Não mas não é por isso não, venha outra vez”. A gente insistiu, a gente voltou de novo, até que a gente conseguiu.

E ele também tava insistindo?

Tava insistindo. Ele não queria vim pra casa, ele queria ficar em qualquer canto, só não queria voltar pra casa. Porque ele achava que vindo pra casa ia fazer de novo. Não sei. Até hoje eu tô sem entender porque que ele tomou essa atitude né? Ele nunca falou, nem nada. Só disse que queria mudar né? Queria mudar! Que não tava agüentando mais. Ele chegou até a dizer assim: se era pra viver nessa vida, ele preferia morrer.

Você percebeu alguma mudança nele, quando ele começou a participar do tratamento?

Achei. Ele melhorou muito... Começou a ficar mais atencioso novamente, ele mudou completamente. Eu achei né? O comportamento dele, com a gente aqui, com as pessoas que falavam com ele.

Com a mãe dele?

Ele não dava mais atenção a ninguém, a gente falar com ele, ele saía logo. Com a mãe também. Ele andou um tempo aí meio revoltado com ela e tudo. O negócio dele era só eu. É minha irmã, minha irmã. E se eu faço alguma coisa, é pela minha irmã. Eu tentei fazer só por mim, tentei fazer pela mãe que ela tá sofrendo muito.

Na época que ele tava em tratamento?

É. O negócio dele, a revolta dele era com a mãe. Agora, a revolta dele com a mãe era por causa do meu pai. Ele acha que a minha mãe mora, tem um rapaz aí que ela vive com ele já uns 14 anos ou é 15, eu acho. E ele não se conforma dela viver com ele bem e não viver com meu pai. Aí eu já entendo e ele já não entende. Ele entende assim que

ninguém é de ninguém. Ninguém é obrigado a viver com ninguém sem gostar sem nada. Se ela vive bem com ele é por que ela gosta dele. Se deu mais bem com ele do que lá com meu pai, só vivia de confusão né? Aí acho que a revolta dele é só essa da mãe viver bem com o rapaz lá que ela tá com ele. E ele é mais novo que ela e ele não acha certo, ele acha errado.

E em relação a você que melhora ocorreu?

Assim, ele parou de me pedir... Ele parou de me perturbar, de vim bater na minha porta, porque ela batia de madrugada. Ele deixou de bater. Ele começou a entender mais, porque quando ele me pedia dinheiro, ele dizia que eu não dava porque não queria, porque eu tinha, porque eu era ruim, isso e aquilo outro. Aí ele começou a não pedir mais assim. Pedia era pouquinho. Uma vez eu fui deixar um real, dois. Começou a freqüentar mais minha casa. Já não andava muito aqui, aí começou a vim mais. Ele só vinha aqui quando era pra pegar alguma coisa. Aí pronto (?) conversar e tudo.

Com relação ao cuidado com ele mesmo?

Começou a cuidar mais. No primeiro dia foi logo tirando a barba, cortando o cabelo, querendo andar todo limpinho... já melhorou...

É com as coisas de casa houve uma mudança também?

Ele passou uns tempos sem tirar as coisas. Mas sabe que quando ele dá a louca de fazer de novo, ele pega alguma coisa pra poder passear. Mas uma vez eu chego até a pensar assim: que ele pega mais com o incentivo de outra pessoa. Porque quando ele se acompanha com outra pessoa que usa também, eu acho assim que a pessoa incentiva ele a pegar o objeto em casa. Porque ele... Depois que ele pega, ele faz, ele se arrepende muito, ele chora. As vezes ele diz que não foi porque ele quis, ele não queria fazer aquilo.

Neste momento do tratamento como estava a relação dele com o trabalho?

Ele começou a falar, em procurar emprego, arrumar alguma coisa. Assim sempre dizendo que ele não, no momento ele não tinha possibilidade de arrumar um emprego nem nada. Ele primeiro tinha que se recuperar pra poder pensar em trabalhar.

Como foi a sua... O seu contato lá com ele durante o tratamento lá no hospital mesmo?

Eu sempre ia com ele. Aí Rosangela convidou pra ir pra essa reunião, uma vez por semana, era dois meses. Aí eu sempre ia, quando era pra ir pra lá eu sempre...começava oito e meia, mais aí eu ia cedinho com ele. Na hora que ele entrava lá sete e pouco, sete e meia, esse horário eu já tava lá mais ele. Eu já ia e acompanhava... Acordava cedo, ia dormir uma hora, uma e meia da manhã mais aí quando era bem cedinho eu já tava de pé, já ia com ele logo. Eu tava acreditando. Eu não sei assim por que. Eu sempre acredito né? Que se ele tiver força de vontade ele sai. Ele consegue sair.

Você via força de vontade nele?

Ele... Logo no começo ele não tinha né?

Você sabe o que fez com que ele de repente perdesse essa força de vontade?

Eu não sei. O abandono dele foi, quando a última vez ele pegou a televisão da minha mãe. Eu não tinha nem chegado do trabalho ainda, quando eu cheguei que ele... O pessoal na rua. Aí..." não, o José pegou a televisão da sua mãe e levou não sei pra onde, a sua mãe saiu aí atrás". Ai eu fiquei... Fui também atrás procurar a mãe que andava pelo meio do mundo atrás dele. Aí pronto! Ele quando apareceu, dois dias depois que ele apareceu. Aí pronto! Entrou, ficou lá dentro de casa. Aí foi e disse que não ia mais. Não ia mais pro tratamento que ia tentar se recuperar em casa mesmo.

Ele explicou por que não ia mais pro tratamento?

Não. Não explicou não. Ele só disse que não ia mais.

Na época que ele tava bem no tratamento, como é que ele falava do tratamento, ele comentava?

Comentava, ele dizia que era muito bom. Tava gostando muito. Lá era muito bem tratado. Disse que tava gostando muito, disse que aprendeu muita coisa lá. Foi muito bom. Mas aí teve uma hora que ele não quis mais e pronto.

E hoje em dia como é que tá o José?

Eu acho assim, que de um mês pra cá, ele tá bem. Eu chamo de bem assim, que ele tá calmo. Foi esse final de semana ele... Os meninos chamaram ele pra ir pra piscina. Aí ele foi, lá ele tomou lá uns negocinho lá. Mais aí não fez nada, chegou foi dormir. Porque aí a minha mãe já tava assombrada já, tava achando que ele ia sair, que ele ia pegar alguma coisa dentro de casa. Eu fiz o aniversário daquela outra minha menina de 15 anos. Ele foi, ajudou muito. Nesse dia ele me disse... Ele até me chamou no canto assim e disse: "irmã, eu vou mostrar para todo mundo como eu vou mudar. Eu vou voltar a ser o que eu era, eu vou sair dessa vida". Foi só o que ele me disse. "Eu vou mostrar pra todo mundo. Eu sei que você acredita em mim. Mas as pessoas que não acreditam, eu vou mostrar como eu tenho condições de arrumar um emprego, trabalhar e tomar de conta da minha família". Foi o que ele me disse. Quando foi domingo ele saiu já né? A volta, mas aí voltou. Até disse pra mãe que se arrependeu de ter ido, porque ele bebeu um bocadinho e sentiu mal. Foi só beber. Porque os meninos que ele saiu só faz beber, não usa. Ele quis ficar pelo meio do caminho, aí os meninos disseram: "José, ó, você tem que ir embora, por que... nem que eu tenha que quebrar suas pernas pra você não sair mais pra canto nenhum, mas você não vai, José, você vai com a gente, nem que eu tenha que quebrar suas pernas pra você não ir mais pra canto nenhum". Aí, ele foi e veio embora. Só fez dizer: "Não, tá bom, tá bom".

Quem são esses meninos que ele foi beber?

Mora aqui na rua mesmo. Toda noite quando eu chego, ele tá ali fora. Achando graça, conversando. Ele brinca... Eles ficam alí, só entram quando ele entra né? Quando ele vai pra dentro dormir, aí eles entram também. Eles disseram... Eles falaram pra mãe que vão ajudar ele a sair: "Dona Nélia não se preocupe não, a gente vai ajudar o José a sair, porque o José ele é uma pessoa muito boa e ele não merece, não merece o que ele tá fazendo".

Quem são essas pessoas? Esses amigos dele, são antigos?

É antigo, é antigo, desde criança sabe? Eles são até... Eles são sobrinhos... Eles são da família da esposa dele. Todo mundo gosta dele. Apesar dessas coisa dele, de tudo mas eles querem muito bem a ele. Ele diz é muito.

E a relação dele hoje em dia com essas pessoas, com você, com a mãe dele, como é

que tá?

É boa, tá boa, tá boa mesmo. Um dia eu vinha alí. Esses dias eu andei meio assim agoniada, assim meia preocupada com as coisas, e ele: “Calma minha irmã, tenha calma, que tudo se resolve”. Eu perdi os documentos, eu tinha que ir na empresa resolver umas coisa e não deu certo, aí eu vinha e ele: “Calma minha irmã, tenha calma. Acalme a sua cabeça que quando você menos esperar, você vai achar os seus documentos”. Não é que eu cheguei, tranqüila assim, procurava, e onde eu tinha olhado o documento tava lá, onde eu tinha olhado já três vezes e não achei, as meninas olharam no mesmo canto. Sabe como é uma coisa assim, só pra perturbar a cabeça? Mas consegui achar. Aí eu digo... Ele foi lá? “Tenha calma, tenha calma que você vai achar”.

Como esta a relação dele com os objetos de casa?

Ta tranqüilo. Não ta pegando nada.

Como ele esta se cuidando?

Tá, tá bem. Ele já veio domingo aqui e foi cortar o cabelo. Tá se cuidando. Até ele dizendo: “Quando tu for pintar teu cabelo, me dá um pouquinho da tinta pra mim pintar o meu. Eu já tô ficando com os cabelos brancos”. Já tá se cuidando já.

E ele diz que tem vontade de fazer alguma coisa? Quais são as emergências dele, ele comentou alguma coisa pra você?

Não. No momento o que ele fala é só de arranjar um emprego pra assumir a família dele. Ele, os dois filhos e a mulher legítima né?

Então isso ele alega como sendo o grande motivador dele?

É. É o filho dele né? Tomar conta do filho. Ele tem um... O mais velho quer ser jogador né? Tá até jogando na escolinha do Ceará e ele tá até pensando assim que o filho dele precisa muito dele. E eu tô sempre dizendo: “Rapaz, seu filho precisa de você, da sua presença”. “Não, minha irmã, eu sei. Eu vou mudar, eu vou mudar, você vai ver que eu vou mudar”. Antigamente ele dizia... Só dizia que não tava nem aí, “Tô nem aí pra nada”,

ele dizia que queria morrer e tudo, ia morrer...

Ele dizia que queria morrer por quê?

Porque ele disse que preferia morrer do que viver numa vida que tava levando mas agora de uns dias pra cá, ele não fala mais em morrer, já quer trabalhar e assumir a família...

Entrevista com o pai

Como é que foi Seu Chico a história da gravidez do seu filho José? Você lembra? Da sua esposa, da sua ex-esposa né? Da dona Nélia né?

Rapaz foi normal. Foi. Foi normal. Quando eu deixei a casa, ele já... Tinha completado 18 anos, na época que eu deixei à casa. Ele tinha... Completou 18 eu fui e deixei a casa. Aí vim pra cá e, ficou pra lá e eu pra cá. Aqui, acolá era que eu ia lá que via ele. Aí começou a tomar essa droga, foi depois dos 30 anos pra cá. Eu não sei não.

Como é que era a sua relação com ele quando ele era pequenininho?

Não, era só coisa boa. Não tinha nenhuma relação ruim não. Não. Nunca fiz nada com nenhum dos dois.

Mas assim é, com relação a algumas coisas que você fazia com ele? Tipo futebol, algum lazer, alguma...?

Eu jogava futebol. Jogava futebol com ele.

Como era o diálogo, as conversas que você tinha com o José?

Sempre, eu mais ele, a gente conversava assim dentro de casa mesmo mas... Não conversava muita coisa não.

Como você via o José?

Um menino bom! Ele trabalhando né? Normalmente, depois foi que eu... Quando eu fui saber que ele tomava droga... Foi um dia desse aqui. Ele chegou aqui bêbado se abriu pra mim e disse.

Mas assim, na época da infância dele né? Que o Senhor tava lá, você lembra como era o José? O Senhor diz que ele era um menino bom, mas tem alguma coisa que o senhor pudesse descrever melhor ele?

Não por que... Nem brincar com outro menino ele brincava. O negócio dele era sair pro colégio, voltava pra casa e ficava dentro de casa. De lá pra cá eu não sei mais de nada não.

Com as pessoas próximas a ele. Como era que ele se relacionava com a mãe, com a irmã, quer dizer, né? Com as pessoas da tua família, como é que ele era?

Era normal, bom. Nunca discutiram nem nada.

É... Com relação ao trabalho, assim dele é, o Senhor é... Via ele se esforçando pro trabalho? Como era a relação dele com o trabalho?

Não, o trabalho dele que eu sei é que... Trabalhou na Têxtil. Aí na Têxtil ele se sentiu mal, aí saiu da Têxtil. Aí parece que foi trabalhar no Teatro José de Alencar. De lá pra cá ele arrumou um carro, que começou a trabalhar no carro. De lá pra cá eu não sei de nada mais não.

Essas coisas aí que o Senhor tá falando, são coisas que aconteceram depois que do Senhor saiu de casa?

Foi.

Como foi essa saída de casa?

Não, porque a mãe dele, ela sempre dizia que não terminava os dias de vida comigo. Eu disse: "Tá bom". Dizia pra eles mesmo lá em casa. Disse: "Tá bom". Aí fiquei agüentando. A menina já tinha casado, aí quando ele interou 18 anos, eu disse: "É agora!". O pai vendeu a casa lá, aí eu acompanhei.

E com relação a... Sua relação com sua esposa, como é que era a relação?

Era boa. A gente não brigava, nem nada. Ela que tinha essa mania. De dizer que não passava... Terminava os dias de vida comigo.

O senhor sabe por que ela dizia isso?

Eu acho que era porque eu bebia, sabe? Bebia mas nunca cheguei em casa com confusão, tem nada a ver. Tomava... Minha “bebidazinha”, quando chegava, me deitava e pronto. Ainda hoje é em todo canto... Que eu faço isso.

O senhor observou o José até os 18 anos?

Observei sim.

Como é que ele era com relação ao trabalho? Até os 18 anos? Porque depois disso ele trabalhou em Têxtil. Como era com relação ao colégio, ao trabalho?

Quando eu deixei ele lá, aí eu já tinha deixado ele, aí ele foi trabalhar na Têxtil.

Ele só estudava?

Só estudava.

Como era essa relação dele com o estudo?

Eu não sei nem dizer. Não sei nem dizer, quem dava os estudo dele, era a mãe dele.

E com relação a educação dele, o Senhor tinha alguma participação assim, se teve alguma relação com proibição: “Ah José, não pode fazer isso!”.

Não. Nunca me meti com isso não. Era só a mãe dele, a mim ela nunca falou nada.

Você sabe como era que ele cuidava dos pertences dele? Assim, das coisinhas dele?

Cuidava bem.

Você via?

Via.

Seu Antonio e com relação a sua filha? Como é que você era com relação a ela?

A minha filha? Era boa. Os estudos dela. Acompanhei mais de perto, foi os estudos dela. Aí quando ela foi pra casar, o menino foi pedir ela em casamento, eu disse: “Rapaz, vocês estão muito novo. Aí, deixe passar mais um tempo aí, ela tá estudando ainda, vocês são dois menino novo”. Aí eu disse isso e ela foi passar um dia lá na casa dele lá, aí não voltou mais. Aí não teve mais jeito. Jeito que teve foi fazer o casamento (risos).

Com o José o Senhor era mais distante?

Era porque quando eu sai de dentro de casa, de dentro de casa eu já tinha saído de lá, de casa. Agora a menina não. A menina casou eu vivia dentro de casa ainda. Aí eu deixei, ele era novo ainda, esperei ele interar 18 anos pra poder sair de casa.

O José estava com quantos anos quando você começou a pensar em sair de casa?

Rapaz, isso aí eu não tô lembrado não mas, acho que ele tinha uns 16 anos, mais ou menos. Não, por causa da conversa da mãe dele.

E aí como é que foi esses dois anos que você passou, dos 16 anos dele aos 18 anos dele lá? Como é que foi pra você ficar lá com esse pensamento de sair?

Não. Eu não tinha pensamento de sair né? Eu saí por causa da mulher mesmo. Ela sempre dizia isso e aquilo foi me afobando, me afobando, e saí de casa.

O Senhor trabalhava?

Eu trabalhava, trabalhava de pedreiro, eu.

Você passou alguma coisa com relação ao seu trabalho pro José?

Nada. Porque teve uma época que eu passei quase um ano sem trabalhar, sabe? Quase um ano. Sem trabalhar. Porque a firma que eu trabalhava me deu as conta e ia abrir falência. Aí eu passei um ano sem trabalhar. As firmas que eu arrumava não servia pra mim trabalhar. Quem trabalhava era a mulher mas parece que ela tava achando ruim porque eu não tava trabalhando.

O Senhor passou alguma coisa pro José em termos de trabalho?

Não, ele via tudo dentro de casa, ele via.

É... Quando o José nasceu, como é que foi a reação do Senhor? Por ter nascido um filho homem né?

Não, foi boa. Andei com ele por um hospital pra salvar a vida dele. Saí de madrugada com ele, pro hospital e tudo. Teve várias doenças aí. A única das coisa que eu acompanhei dele foi... Foi, comeu ovos e comeu manga. Aí quase morria.

Quantos anos ele tinha?

Acho que tinha uns cinco pra seis anos, por aí, mais ou menos. Não tenho muita lembrança não mas acho que era isso mesmo.

Não tem então muita lembrança da infância dele?

Não que faz tanto tempo!

Você lembra como é que o José lhe chamava ou lhe chama?

Me chama de pai mesmo.

É. Vocês chegaram a discutir alguma vez?

Não. A discussão minha com ele foi... Foi nem com ele não, foi ele comigo só. Do jeito que eu tava sentado lá, sentado eu fiquei. Depois se arrependeu e veio pedir perdão. Foi quando eu separei da mãe dele. Ele não achou muito bom. Ele foi com um pau, pra bater em mim. Chegou meu sobrinho: "Bora tio, bó simbora"! Aí eu montei na moto mais ele, com meu sobrinho e vim me embora. A mim ele não perguntou nada.

Como ele foi pedir perdão?

Não só, "Me perdoe, me desculpe. Saí daqui e um bocado de gente me aperreando na estrada lá, cheguei e vi a mãe chorando", não sei o que. Tudo bem!

E você soube, você chegou a presenciar ou ver essa época que ele tava nas drogas?

Não. Só soube por que ele veio aqui e me disse.

Como foi que ele lhe disse?

Ele só fez dizer que tava tomando droga. Aí eu: rapaz, saia dessa aí, droga não leva ninguém pra frente não. A droga só leva pro fundo do poço. Chegar no fundo do poço ele não volta mais não. Foi só isso que eu disse.

Com relação a sua relação então com o José, hoje em dia, como é que é?

É boa. Eu não vou lá, mas ele vem aqui né?

Como é que ele lhe trata, como é que você trata ele?

Do mesmo jeito que eu tratei aqui agora. Tanto que ele vem, ele precisa de mim e vem aqui e me pede dinheiro. Quando eu tenho, eu dou mas não sei pra que é. Mas deixa que era pra usar droga e eu não sabia.

Quais são as conversas que vocês têm hoje em dia? Vocês conversam?

Não, porque é difícil ele vir aqui. Só vem aqui numa precisão. A conversa é mais: "Ah pai, tô precisando disso"?

Como é que o Senhor vê o José hoje?

Eu vejo ele melhor. Se ele não voltar de novo!

Você vê ele melhor por quê?

Não porque de quando ele vinha aqui. Quando vinha era drogado.

Você percebia ele drogado?

Não, não percebia não, eu pensava que tava era "bêbo". Pensava que ele tava embriagado. Deixa que era drogado.

E o Senhor fala que ele tá melhor? Pra ele?

Eu não falo não que eu tô vendo ele hoje!

Quais eram as atividades do Senhor na época em que você morava na mesma casa que o José?

Minha atividade era... Ele pequeno, ficava em casa, mais a mãe... Aí eu saía pra trabalhar... Chegava cedo, saía 05h00min horas e chegava 07h00min horas da noite.

E aí depois das sete o Senhor fazia alguma coisa?

Não, ficava em casa mesmo. Só saía fim de semana. Saía só pras mercearias. Era pra tomar "uma". Saía só sábado, sabe? Sábado e domingo até meio dia. Era cedo... Saía do trabalho... Dia de sábado eu saía do trabalho 11h00min horas, chegava em casa há 01h00min da tarde, aí fazia minhas obrigações, aí saía. Eu voltava no mesmo dia. Era pouco tempo. Eu nunca saí pra longe não. Só saía pra pertinho... Assim que nem daqui pra lí. O máximo que eu passava era uma hora. Aí voltava. E ia dormir. No domingo meu negócio era futebol. Tomava umas "duas" de manhãzinha... Aí de tarde ia jogar futebol.

E o Senhor levava o José pro futebol?

Não, ele nunca quis ir não. Ele nunca foi ligado a futebol não.

E o Senhor tentava? Fazia alguma coisa pra ele ir?

Não eu não tentava não, que ele não queria, né?

Entrevista com a ex-esposa

Eu queria que tu me falasse assim, como foi que tu conheceu o José.

Isso aí pra eu me lembrar viu. Pra me lembrar é meio difícil. Como foi que eu o conheci? Assim, a gente era só amigo antes. A gente era só amigo. Bem amigos mesmo. Aí começou né, aquela empolgação, amizade, ele começou a querer namorar e eu dizia que não queria, por que a amizade era muito bonita, depois acabar assim por causa de namoro, aí não ia dar certo. Aí então ele... Aí ele ficou insistindo, insistindo... Até eu aceitar né.

Vocês se conheceram a onde? E essa amizade assim, surgiu da onde?

- Assim, por que antes quando ele estudava vizinho a minha casa tinha uma escola, inclusive nessa escola eu ensinava lá, alias, eu não ensinava mesmo, eu ajudava o pessoal, que nesse tempo eu ainda não tinha terminado o pedagógico, aí então, eu fazia só ajudar a mulher do colégio, mais com os documentos. Foi quando ele começou a ir pra escola, que ele foi estudar, aí chegava, começava a conversar, aí eu dizia muito pra ele: "Vai pra tua aula, vai pra tua aula", aí ele não queria né. Queria ficar conversando, a professora dele era até uma amiga minha.

Como é que você via o José nessa época?

- Eu via ele como meu amigo assim, apenas um colega, depois... Pra mim, era meu amigo. Era uma pessoa boa, não fazia mal a ninguém, só na dele calmo, tranquilo, quando... Assim, mal olhava pra pessoa, andava assim cabisbaixo. Aí assim né, pra mudar eu até me assustei, a mudança dele. Foi até demais. Demais.

Mas assim, quando foi que ele mudou demais?

Isso aí foi... Ele mudou depois... Foi depois do casamento. Um bom tempo que ele mudou. Aí começou né. Ele ganhar bem... Aí começou... O homem geralmente é assim. Alguns né, quando passa a ganhar bem aí pronto! Aí vira tudo.

Como foi o começo da relação de vocês? Vocês começaram a namorar? Como é que era essa relação de vocês como namorados? De início de casamento? Me fala um pouquinho sobre isso.

Foi. A gente começou a namorar... Aliás, quando ele pediu pra namorar, a gente começou a namorar escondido, por que eu era nova, menina nesse tempo não tinha nem 18 anos ainda. Ele também era novo. Aí eu não queria né. E eu também não queria ta namorando em casa. Eu disse: “Não eu sou muito nova, e se levar namorado em casa vão querer que case e eu não quero me casar tão cedo”. Por que lá família é assim, aquele tipo antigo, bem antigo, que tem que casar, aquela coisa, véu e grinalda, hoje em dia ainda é assim, minha irmã vai casar agora em dezembro. Então a gente começou a namorar escondido mesmo. Passou cinco anos namorando escondido, só namorando mesmo, namorando aí depois...

E ele como é que era com você nessa época?

Ele era legal. Começou a trabalhar, nesse tempo ele começou a trabalhar na têxtil, era um empregozinho, mesmo assim, ganhava só um salariozinho, até aí né, depois que ele saiu, começou a trabalhar em teatro aí pronto.

Como foi isso aí, começou a trabalhar em teatro?

Não primeiro foi assim, ele pediu as contas, só que quando ele chegou em casa, que a gente tava com dois meses de casado, ele chegou em casa dizendo que tinham botado ele pra fora, mas eu tinha quase certeza que ele tinha pedido as contas, pedido pra botarem ele pra fora, aí foi na época que ele saiu, aí inventou de ir pra São Paulo, que ia trabalhar em São Paulo, que lá ia viver bem né, aí me convenceu pra ir também, só que eu não queria ir, ainda hoje eu me arrependo, era pra mim ter indo, talvez tinha até sido melhor lá, ou então até pior. Aí ele comprou as passagens, aliás, comprou as malas, a minha e a dele. Aí ele disse: “Nós vamos”. Eu disse: “Eu vou, ta certo eu vou”. Só que na hora “H”, no dia de comprar as passagens eu disse assim: “Não compre a minha, compre só a sua que eu não vou mais não”. Aí pronto, aí ficou assim... Chateado né. Eu disse: “Não, eu não vou não, porque não adianta chegar duas pessoas, por que era assim, ele ia pra casa da tia dele e eu ia pra casa da minha tia, que eu tenho duas tias que moram em São Paulo, então depois que ele arranjasse um emprego, conseguisse emprego a gente ia arranjar um canto né, pra morar. Aí eu decidi não ir. “Não faz o

seguinte: Vai na frente, chegando lá, arranjar um emprego, aí você manda me buscar que eu vou". Minha família também deu em cima, que eu fosse depois que ele arranjasse emprego, aí eu peguei, não fui. Tanto que a gente foi deixar ele na rodoviária aí... Eu nem entrei no ônibus, lá fora mesmo eu fiquei, só olhando assim da janela. Uma colega minha: "Vai, vai lá no ônibus, vai se desprender rapaz". Eu não, tava com raiva também que não era pra ele ter ido. Aí eu fiquei... E ele olhava, botava a cabeça na janela, o ônibus foi saindo e ele olhando, olhando, olhando... O pai dele ficou até com raiva de mim. Aí foi no tempo que o pai dele também foi pra lá. Eu me lembro, o pai dele passou lá em casa de carro e falou assim: "Eu to indo pra lá, vai mandar nada não, pro José?" Eu disse: "Mandar o quê"? Não tenho nada pra mandar pra ele." Aí eles ficaram com raiva de mim. Aí foi. Ele foi né. Ele passou pouco tempo. Nesse tempo que o pai dele foi logo. Nesse tempo que ele foi logo depois que ele foi o pai dele foi pra trabalhar, pra construir alguma casa por lá. É que o pai dele trabalha em construção.

Como era a relação dele com o pai dele?

Do mesmo jeito. O pai dele passou pouco tempo. Ele passou pouco tempo. Ele passou pouco tempo mesmo. Em menos de um mês ele tava voltando já. Foi assim, ele tava pertinho já de fazer um mês lá em São Paulo, só que ele não agüentou. Ele não se deu lá com a frieza, foi tanto que ele veio magro, magro. E ele dizia que não era falta de alimentação não, que lá ele tinha bastante, na casa da tia dele. É por que ele não se deu mesmo. Ele veio embora, veio até de carona. Foi uma aventura até legal.

Como era esse "do mesmo jeito"?

Do mesmo jeito de antes. Era frio né. Não tinha aquela coisa, aquele afeto do pai. Eu boto assim, eu boto assim... Em relação a minha, ao meu pai, que era muito boa. Era melhor, já faleceu, ta com cinco anos. Era muito boa né. Aí eu vejo a minha com a dele já era diferente. Era o contrário, eu não tinha afinidade com a minha mãe, o quanto eu tenho com meu pai.

Vocês já tinham uma casa?

Não, eu tava com a minha família, tava com a minha mãe. Eu entreguei a casa, morava de aluguel, entreguei a casa, peguei as minhas coisas, trouxe de volta. Foi logo... Pra começo de história, o erro já começou daí. Quando você casa, pra você com dois meses de casado, pra depois você, se separa, certo que não foi uma separação entre brigas né.

Foi uma separação assim, pra ir atrás de emprego, mas isso aí pra mim não justifica. Aí foi uma separação logo no começo, dessa maneira. Aí ficou aquela coisa, volta, separa, volta, separa, aí foi o tempo que ele voltou, aí ficou lá em casa um tempo. Aí começou né, porque a pessoa morando com sogra não é bom. Aí começou as discussões.

Ele tava sem emprego?

Era. Eu nesse tempo só fazia... Aí comecei a ensinar. Eu fazia só trabalhar no colégio mesmo.

Como eram essas discussões?

Era mais por isso mesmo, falta de emprego, tava desempregado aí se chateou, aí saiu lá de casa também. Aí depois com o tempo, foi o tempo que eu fiquei grávida do Alan que é o meu menino que tem 14 anos, aí pronto, eu fiquei lá e ele ficou aqui. Aí complicou mais ainda, com a gravidez, aí pronto, aí como é que eu ia conseguir emprego também? Aí ele foi o tempo que ele... Depois ele arranhou emprego, eu me lembro foi até... O pessoal que arranhou emprego pra ele, foi o pessoal que a mãe dele trabalhava os patrões dela, arranhou emprego pra ele no hospital, eu me lembro. Eu tava no início da gravidez quando ele começou a trabalhar. Tava com uns cinco meses por aí. Foi quando ele começou a trabalhar lá no hospital... Myra Lopez, quem é doente né, da cabeça, doente mental. Ele passou o quê? Só um ano, só. Todo trabalho dele, ele não passa mais que um ano. Ele passou ainda um ano, aí saiu, também. Aí nesse período aí a gente fez um quartinho no quintal e passou a morar lá. Aí foi o tempo que ele saiu do hospital, aí começou a trabalhar no teatro.

Como foi que ele foi em busca do teatro?

No teatro, foi também, foi outro pessoal que arranhou pra ele, da família, lá no teatro. Aí começou mesmo na faxina lá do teatro, tudo bem, até agora tava tudo bem. Ganhando só um salário mesmo. Ele é assim... Isso aí eu admiro até nele, por que ele começa assim, ele começa num emprego, ele começa de baixo, aí depois ele vai subindo, ele já tem isso. Aí começou mesmo na limpeza, aí foi questão de meses o José já tava na peça, ajudando o pessoal na peça, já tava na peça né, auxiliando o pessoal. Aí pronto. Aí veio. Veio os outros empreguinhos, no interior né. Que quem ta no teatro, eles ganhavam só aquele salário mesmo, mas eles poderiam fazer outros trabalhos fora. Tinha o salário, aí fora, vamos supor "Dragão do Mar", poderia fazer evento no Dragão

do Mar, no interior. Já tinha experiência, ele já sabia né. Na iluminação que ele ficou aí ele, foi como começou a ganhar mais um pouquinho, nessas viagens. Ai pronto, ele começou a comprar, comprava um carro, vendia, comprava outro, sempre assim, na loucura, vendia um carro, comprava, vendia, comprava outro, gastava o dinheiro só com carro, aí começou...

E a relação de vocês, como é que tava?

Aí começou a mudar. Aí ele me culpava e eu culpava ele, ele dizia que eu trabalhava de mais no colégio, passava o dia todo no colégio, ia de manhã e ia de tarde, só tava em casa a noite. A mudança foi assim, um foi se afastando do outro, ele passava o maior tempo também, ele chegava de madrugada, esse tempo foi assim tarde da noite. Ele chegava de madrugada, aí quando ele tava em casa eu não tava, quando eu tava... Era assim um desencontro.

O que tu reclamava dele?

Eu reclamava por que ele nunca tinha folga, quando ele começou a trabalhar no teatro. Era de segunda a segunda. Nunca tinha folga. Assim, certo ponto valia a pena, mas de outro lado não valia a pena. Ele foi mudando.

Antes como é que ele era com você?

Não antes, eu até falava com ele, antes existia amor, eu falava pra ele. Primeiro existia amor, mas agora não existe amor não. Existe só afeto. Por que o cara começa a se empolgar né, ganhar bem, e começa a arranjar mulher por aí, foi quando ele endoidou, começou a arranjar mulher.

Ele se preocupava contigo?

Até a última viagem que ele foi que ele fez, ele se preocupou de mais, não deixou faltar nada. O que eu precisasse eu ia comprar quando ele chegasse ele pagava né. Aí pronto, aí foi quando ele voltou...

E com filho? Ele se preocupava?

Também. O menino, o Alan era o que ele mais tinha, nesse tempo só tinha ele mesmo. Então aí pronto. Começou a viajar, quando ele voltava aí, pegava o carro e saía, era... Sempre a gente saía final de semana, aí depois ele começou a sair só, aí pronto, quando começou a sair só já sabe. Aí pronto, começou a namorar. Eu não sabia. O pessoal me dizia né, que via me dizia. Sempre tem umas pessoas que... Não aumenta, mas também não mente. Aí não. Tudo bem! Um dia eu vejo. Até que chegou um dia eu vi. Eu vi aí pronto, aí... Rolou um pau mesmo feio na casa da dona. Eu fui mesmo e quer saber de uma coisa, já que eu perdi mesmo, agora eu vou perder é tudo. Mas rapaz! Quis nem saber. E a dona tava grávida e eu nem sabia, a dona já tava era grávida dele e eu nem sabia. Fazia um certo tempo, o pessoal me dizia só que eu não acreditava.

Neste momento ele já utilizava droga?

Não, que eu soubesse não. Ele uma vez me contou que ele começou a usar lá, no teatro. Só que era pouco, mas enquanto eu tava com ele eu não sabia. Ele veio me contar agora né. Agora há pouco tempo. Mas quando eu tava com ele eu não sabia não.

Você percebia mudança nele?

Não só no estilo de vida exatamente. Aí foi quando eu, eu descobri que a menina tava grávida. Aí pronto, aí foi que ele soube que eu soube mesmo, que eu vi, aí ele relaxou, deixou pra lá. Por que eu mandei ele ir embora. Pode ir embora, eu tenho meu emprego, posso me manter sozinha. Joguei as coisas dele pra fora, ele botou dentro do carro, aí deu só um volta, voltou de novo. Aí disse que não ia embora não. Aí eu disse: "Sim, você não vai não, mas vai ficar aí, que nem cachorro". Aí pronto. Aí foi indo, foi indo, aí foi deixou. Aí não foi mais lá não. Aí foi o tempo que a menina nasceu. Dele com a menina. Ele não queria dar nada a menina, eu que disse que ele tinha que dar né. Aí foi o tempo que ele arrumou um dinheiro aí, aí foi ele mandou R\$ 50, 00, nesse tempo foi R\$ 50,00 pra ela comprar as coisas da menina. Aí pronto depois que a menina nasceu ele foi registrou, isso ele nunca negou né, o nome dele, pegou e registrou. Aí pronto, aí se deixaram. Hoje em dia ela vive com um primo meu, acabou entrando na família, assim mesmo. Ela vive com um primo meu, quando ele assumiu a menina ela tinha 03 meses de idade, hoje em dia a menina já tem mais de seis anos, acho que já tem uns sete anos já. A menina tem ele como pai, meu primo.

E Como é que foi ficando a relação de vocês depois como é que tava?

Sim, você tem confiança, depois que você sabe não tem mais confiança pra nada.

Como é que era assim nesse começo do relacionamento de vocês assim, que ele tava começando a trabalhar no teatro, antes, até mesmo antes de trabalhar no teatro, como é que tava a relação José com as coisas dele, com a casa, com o carro, com as coisas de dentro de casa, eletrodomésticos?

Era bem, era tudo bem. Ele nunca pegava nada de dentro de casa pra vender. A não ser que fosse assim, por alguma precisão e eu concordasse. Tinha todo esse cuidado, não faltava nada. Nós só não tinha casa, era aluguel, sempre morou de aluguel. Aí pronto, passou um tempão, aí, a gente começou... Que a gente morava aí, nessa mesma casa que a gente tava morando, foi quando apareceu outra “elementa” lá na rua. Aí começou a ter essa amizade. Acho que ele fez isso mais por raiva mesmo, por que ele não queria que eu tivesse amizade com essa menina que morava lá perto. Aí foi quando ele começou a namorar que é justamente, não sei se ele falou, no nome dessa menina né, que é uma fininha, não sei se tu já viu ela aqui. Viu não né? Ela passa até a semana aqui com a mãe dele. Essa aí já é outra, já é a segunda, que ele teve... Morou um ano com ela, foi. Com a mãe dessa menina, foi quando ele passou a conhecer essa mulher, essa outra. Só que dessa vez aí pronto. Dessa vez aí acabou. Aí pronto aí ele passou a morar com ela. Só que ele é do tipo assim...

Acabou mesmo o relacionamento de você?

Assim, acabou assim porque a gente não mora mais na mesma casa. É diferente de você ta morando junto e você ta morando separado. Pra mim, é como se fosse assim, só amigo. E ele começou a ter amizade com ela também né, disse que eu não tivesse amizade, que ela era uma mulher sem valor, e isso e aquilo. Aí foi quando eles começaram a ter amizade também, aí começaram a namorar. Eu não sabia, quando eu vim descobrir também, eles já tinham ido do inferno pra frente. Foi lá pro Euzébio, morar lá no Euzébio. Ele é assim, ele é do tipo da pessoa, quando ele ta com a pessoa ele ta só com ela. Foi no tempo que eu fiquei grávida do segundo menino, aí foi... Ele, diz ele que ele entoja, eu não acredito nisso não, diz ele que entoja, quando a mulher fica grávida ele entoja. Eu fiquei grávida do menino, o menino que tem seis anos, aí ele disse que entojou. Foi no tempo que ele começou a namorar com essa dona. Aí foram morar lá no Euzébio, numa favela, eu só não sei qual. Ele não fica assim, desfilando... Porque

tem cara assim, que quer dar uma de machão, aí fica com aquela dona, aí fica lá, desfilando pra todo mundo ver. Eu nem vi, quando eu vim descobrir, anoiteceu e não amanheceu eu não vi mais essa mulher. Por que se eu tivesse descoberto quando ela ainda estivesse lá, acho que ela não tinha ficado viva não. Tinha não.

Como é que tava nessa época aí, a questão do emprego dele?

Não, nessa época aí ele já tinha saído do teatro. Ele tava sendo moto taxista. Aí foi outro fim de vida dele, quando ele tava como moto taxista foi quando ele começou a usar droga. Também, assim pra valer. Nesse tempo eu trabalhava, eu passei a trabalhar de cobradora nesse tempo. E ela, ela é desse tipo assim... Ela ta aqui falando com você, aí depois ao mesmo tempo ela já é outra pessoa, ela é desse tipo. Já é outra pessoa, ela não mostra ser aquela pessoa que ela é. Se ela ta lhe convencendo que ela é isso, sou isso, você pensa que ela é uma pessoa vamos supor... Ah, aquela menina é muito legal, mas por trás ela já é outra pessoa. Ela é desse tipo. Ela tinha amizade comigo e tudo mais, e depois de um certo tempo ela já tava me cortando pra ele. Dizendo coisas que não existiam. Aí foi como ele endoidou. Coisa que não existia. Ela fez até uma armação comigo, uma vez. Ela antes, no inicio ela gostava de um cara que vivia no presídio. Ela ia visitar todo domingo esse cara, dia de quarta e domingo ela ia visitar. Aí teve um dia que ela me chamou pra ir até lá, só que ela primeiro, ela planejou tem um plano assim... Só que eu vim matar já depois, aí tava sem jeito. Ela ligou pra mim, aí disse assim: "Adriana vamos comigo em tal canto". Ligou lá pra casa. Eu "Vou", "Aliás, que canto é esse?", aí ela disse: "Não mulher, é pra gente ir lá na casa de uma amiga minha". "Fica aonde?", "Lá perto do presídio". Eu disse: "mulher eu não vou não, principalmente de noite lá pra perto do presídio, tu é doida é?". "O José ta trabalhando, se ele souber de uma coisa dessas". Ela disse: "Não mulher é coisa rápida, coisa rápida, eu vou sair do meu trabalho 5 horas e tu me espera ali, nós vamos, passa lá e a gente volta, vai ser rápido". Só que antes ela já tinha falado pra ele né. Que eu ia sair com ela. Só que eu não imaginava que ela tinha armado isso aí. Foi depois que eu vim descobrir. Ele mesmo soltou sem querer. Ah, você tava até andando em presídio mais ela, e como é que ele ia saber, por quê? Porque foi ela quem armou tudo. Aí, eu disse: "Fui, a gente foi na casa de uma colega nossa, colega nossa não colega dela, e realmente a gente passou em frente ao presídio, que a mulher morava depois do presídio na pracinha, naquela pracinha". Não sei se você conhece ali, do Itaperí. Exatamente. Se ela falou pra ele, pra ele ver né? Ele viu e eu não vi. Também não sei. Só pode, ela só pode ter feito isso.

Como é que você percebeu que ele tinha escolhido realmente ficar com a outra?

Foi quando ele foi morar com ela. Foi que eu soube. Quando ele passou a conviver com ela. Aí começou aquele inferno todo. Aí eu ficava na minha. O quê que eu queria. Tinha meus dois filhos, tinha meu emprego. Eu me satisfazia. Aí o povo ligava pra mim, e ficavam falando que ele tava com ela, que ele... E eu: "Se ele ta com ela é por que ele quer". Pra mim tanto faz. O problema é deles dois não é meu. Aí foi quando ele começou a se envolver com as drogas, assim mais freqüente mesmo. E aí quando ela soube também, que ela não sabia depois que ela descobriu aí pronto, foi quando todo mundo passou a saber. Porque antes ele usava só, só pra ele ninguém sabia, depois que ele passou a conviver com ela, que ele foi usar, e ela soube, descobriu, aí pronto todo mundo soube que ela abriu o bocão mesmo. Esculhambava ele, lá onde ele morava, chamava ele de maconheiro, disse e aquilo. Eu só fazia ouvir, eu só na minha. É, se ele ta com ela é por que ele mereceu. Então se ele escolheu, ele fez uma escolha ótima.

Você tinha contato com ele nesse tempo?

Não. De jeito nenhum.

Quando foi que você voltou a ter contato com ele?

- Foi logo depois de dois anos, três anos eu acho, que o meu menino tinha três anos. Por que quando ele saiu de casa o menino tinha um ano. Não. O menino tinha o quê? Nasceu ontem, passou dois dias eu fui pra casa, aí na terceira noite ele foi embora, ele recém nascido. Aí eu só olhei pra cara dele e disse: "Tudo bem, você pode ir, mas você vai se arrepender". Agora não venha não, porque vai ser tarde, aí quando ele veio eu dei um chega pra lá pra ele. Aí pronto, ele ficou insistindo, insistindo, que não queria mais ela, que ela não era mulher dele. Eu disse: "Você não escolheu ela, então pronto, se você foi escolheu é por que ela é sua mulher". Aí pronto, ele disse: "Que não, que tava só por ta, que tinha a menina, que a menina nasceu que não queria abandonar a menina, porque ela era doida, era arriscado ela levar a menina pro interior, ele nunca mais vê a menina". E eu: "Não, você não me deixou com um menino aqui, um menino novo, porque que não pode deixar ela com a menina?", "Não, mas é diferente, ela é diferente, ela uma coisa, você já é outra". "Ah! Agora que você ta vendo isso? É bom né?" Aí pronto ele ficou insistindo, insistindo, e começou a ir me buscar no trabalho, aí começou tudo de novo.

Ele estava no uso de drogas?

Tava. Tava ficou até violento. Violento. Uma vez ele me pegou, assim no caminho, ele fez eu subir a força na moto, eu fui, aí me levou pra casa de um amigo dele, Não sei a onde, depois do Castelão. Aí, com negócio de ameaças, que se eu não voltasse pra ele, se eu não ficasse com ele, que ele soube que eu tava não sei com quem... Só que realmente eu nunca tive ninguém. Só que o pessoal fala de mais né. Aí... Tinha assim meus amigos, do trabalho, só conhecido mesmo. Mas o pessoal não pode ver ninguém conversando com ninguém, que já pensam que é namorado. Aí ficavam falando pra ele. Eu disse: "Eu não tenho não, mas se tivesse, você também não já me deixou pra ficar com mulher?" Ele ficava doido.

Aí depois como é que ficou a relação de vocês?

Foi. Quando eu comecei a trabalhar a noite, ele ia me buscar, foi como a gente ficou mesmo.

E ele tava na utilização de drogas nessa época? Notou a mudança nele?

Notava não. Eu vi no dia só. Quando ele tomou. Nesse tempo ele tomava uns comprimidozinho, eu vi.

Mas você sentiu uma mudança no tratamento, na forma de ele agir com você?

É porque ele ficou agressivo.

Fora isso?

Não, porque quando ele tava usando, foi como eu te falei antes, eu não sabia, eu vim saber depois, eu não sabia de nada, não tinha como eu perceber. Aí eu vim perceber depois que ele tava com ela, e foi ela que espalhou pra todo mundo. Eu só percebi depois que disseram.

Na relação de vocês você percebeu alguma mudança?

Não.

Nem na relação com o filho?

Não. Vim perceber depois que disseram e também foi quando ele começou a me agredir né. Aí foi como eu tive a certeza. Foi porque eu não queria voltar com ele. Ele queria porque queria, eu não queria. Mas aí quando voltamos ficou normal.

Houve agressão?

Não. Ficou normal.

E com os filhos? Algo mudou?

Não. Sempre o outro, ele sempre teve mais carinho pelo mais velho. Agora o pequeno não, sempre era assim, aquela distancia. Criou-se mais separado, aí ele tinha aquele afeto mais pouco. Foi tanto que eu fiz de tudo, pra mim aproximar eles dois, o menino tinha muita raiva dele, o menino não queria aceitar ele, foi quando eu fiz de tudo pra aproximar. Foi no tempo que eu comecei a trabalhar, aí eu aluguei uma casa. Fui pra dentro de uma casa, aí foi no tempo que ele começou a se estranhar lá com ela e foi como ele voltou pra dentro de casa. Aí a gente passou ainda um ano de casa. Cerca de um ano, um ano e meio por aí. Aí foi que eu fiz a aproximação dele com o outro menino. Começou a aceitar ele. Sei que hoje o menino gosta muito dele. Tanto que teve um tempo aí que ele disse que eu não queria um marido, eu queria só um pai pro meu filho. Porque ele achava que eu não gostava dele, eu só tinha voltado a ficar com ele por causa dos meninos.

E o que era que você realmente sentia nesse momento?

Rapaz eu vou te dizer, não era mais amor. Era não. Tudo que ele fez né, pra você dizer que ama aquela pessoa, você só pode ser uma doente, e eu não amava mais ele, eu gostava. Até uma colega minha disse: "Adriana, que diabo é isso, depois de tudo que o José fez contigo e tu ainda fica com ele, ainda ta com ele". Não. Tem dois pontos: Primeiro tem meus dois filhos, segundo, eu não vou dizer que amo, que eu não amo, que eu to mentindo, eu gosto dele. Enquanto é pai dos meus dois filhos eu não vou dizer que não gosto dele que eu vou ta mentindo. Eu gosto dele, eu só não faço é amar. Como antes.

Você amava muito ele?

Não tanto como ele. Que ele amava mais do que eu. Era. Mais que eu. Ele era doente.

O que foi que aconteceu que acabou fazendo com que ele percebesse que ele precisava de um tratamento, ele tava com você?

Tava não. Tava não porque foi a última vez que a gente conviveu. Nesse tempo eu morava aqui perto, e ele...

Então me fale um pouco desse desenlaçar, dessa separação de vocês?

Essa outra foi... Ele voltou tudo bem, ficou legal. Aí depois, eu nunca imaginava que ele ia fazer isso né. Ia começar a tirar as coisas de dentro de casa foi quando ele começou a tirar as coisas, os objetos pegava, vendia, aí eu fui me chateado, aí a última vez... Sempre era assim aprontando, quando não era aqui, era na mãe dele, era lá em casa, quando não era com a mãe dele era comigo. Chegou a tirar uma televisão, chegou a tirar outra televisão, sempre foi assim. Aí eu sempre perdoando.

Ele trabalhava?

Trabalhava assim, bico né. Aí o dinheiro que ele pegava, ele podendo chegar e me dar, não vinha nem pra casa de lá mesmo ia. Aí usava todo o dinheiro, depois ainda vinha atrás das coisas de dentro de casa. Aí pronto, aí eu não dava certo mais não. A não ser que ele se recupere. Aí foi... Como na última vez que ele tirou a televisão aí eu disse: "Não eu vou pra casa da minha mãe". Que eu não queria que os meninos soubessem. Sempre assim, sempre encobria dos meninos, não queria que eles soubessem. Como é que eu vou pra casa sem a televisão, chegar em casa, eles vão dizer: "cadê a televisão?" e eu vou dizer o quê. Aí eu fiquei em casa, tranquei lá a casa, não passei mais a ir pra casa, fiquei lá na minha mãe. Foi no tempo que ele foi lá pra tia dele, passou uns dias lá com a tia dele, foi quando ele aprontou né. Ficou lá na tia dele. Depois, aí a tia dele foi lá em casa, pediu pra ir lá conversar com ele e tal, eu fui. Só que eu fico perguntando por que ele fez isso, por quê? Aí não adianta, porque ele não fala, vem a depressão e tal, aquilo, e não fala mais nada. Eu peguei, é o seguinte: Eu não vou mais voltar para aquela casa não, vou pegar minhas coisas, vou vender, já que você começou, eu vou terminar. Vou vender e vou comprar minha passagem, já que aqui não tem emprego pra mim, eu vou lá pra casa da minha tia. Quem vai dessa vez agora sou

eu, vou atrás de emprego por lá. Isso aí foi um erro meu, se eu ia fazer pra quê eu contar pra ele, eu devia ter feito só na minha calada. Mas eu tenho essa mania, tudo o que eu vou fazer eu digo pra ele. Aí ele pegou, endoidou né, quando foi de noite aí saiu. Saiu, quando chegou lá na casa lá eu não tava mais dormindo. Aí ele arrombou a casa ele e um amigo dele, quebrou o cadeado e arrombou o portão, abriu lá a porta aí tirou: um armário e tirou o fogão. Não sei como foi que essas criaturas levaram essas coisas. Levaram e venderam pra usar. Aí foi quando o pessoal ligou lá pra casa dizendo que a casa tava aberta, tudo aberto e tinham levado as minhas coisas. Aí foi que eu peguei o resto das coisas e levei pra casa de uma colega minha aí pronto fiquei na minha mãe. Aí e disse: “Eu não vou mais morar com ele, de jeito nenhum”. Aí pronto. Aí me isolei, passou um tempão. Passou bem uns dois meses. Foi depois que a irmã dele ligou pra mim, pediu pra mim ajudar, que ele tava em tratamento, tava indo para o hospital lá de messejana, tava fazendo tratamento, que a psicóloga queria falar comigo. Foi como eu comecei a andar aqui de novo, e ir lá pro hospital. Até eu disse pra ela: “É tudo bem, eu vou, mas é pra ajudar, agora contato comigo com ele não tem mais não. Só pra mim ajudar, pra não dizer que eu sou ruim”. Aí eu fui, comecei a andar aqui de novo, aí foi quando começou tudo de novo. Só que...

Então você não fez parte dessa ida dele para o tratamento não?

Não. Fiz não. Foi. Depois que me chamaram. Aliás, antes dela me chamar, o pessoal me dizia, que o José ta bem, ta no tratamento, e eu graças a Deus, que... A tia dele me chamou e disse, graças a Deus, tomara que ele se recupere e fique bom mesmo. Agora pra lá, longe de mim.

Você ficou acompanhando ele no tratamento?

Fui. Fui umas duas vezes só pra lá.

Você percebeu alguma melhora dele, nesse período do tratamento?

Assim... Teve um período que ele não tava comigo, e que ele tava indo no tratamento tudo bem, era dois meses, até que quando eu comecei a andar aqui, aí eu disse assim: Olha, eu não vou mais chegar aqui, eu posso ir lá no hospital, eu não vou mais andar aqui, que ele queria que eu viesse pra cá. Eu não venho mais. Por que eu sei que vai, você vai ver. “Ah, ela ta de bem comigo, tudo mais, eu vou começar tudo de novo”. Foi dito e feito. Quando eu comecei, passei a andar aqui de novo, ele viu que tava tudo bem,

ninguém tava mais com raiva dele, nem nada, foi que ele começou de novo. E quando era final de semana ele ia aprontar. Ele ia pro hospital de segunda a sexta e final de semana de lá mesmo ele ia.

Que mudança foi essa de melhora nesses dois meses, que ele teve?

A mudança é que ele não apronta, fica na dele, dentro de casa, como ele ta aqui né. Você viu hoje. É só daqui, pra vizinha, da vizinha pra dentro de casa, aí televisão, é assim. Só nessa calma. Aí fala em emprego, aí quando ele vai falar em emprego, vai falar em tirar os documentos, aí a gente vai tendo uma confiança nele de novo. Aí eu tenho raiva assim, quando ele vê que ta todo mundo confiante, tem a confiança nele, aí ele pá,... De novo. Aí por isso que eu tenho raiva. É por isso que eu não acredito. Ele passa um mês, dois meses, quando vê que todo mundo ta com confiança nele, aí ele começa de novo. Dessa vez, ele ta demorando, ta com dois meses já. Aliás, quase dois meses. Da ultima vez que ele fez, foi com a televisão da mãe, uma televisão pequena né, fez uma parada de novo. É, ele tava em tratamento, podia ser que ia ter jeito. Aí pronto. Aí foi a vez que ele aprontou, aí pronto, aí ele: Não vou mais pro hospital não, aí foi assim: “Se eu tiver que me curar, vai ser assim, sem ir pro hospital, sem tomar remédio, sem nada”. Falou. Só pra mim não, falou pra mãe dele também.

E a relação de vocês, como é que esta nesse momento?

Ta, aquele jeito né. Só que agora eu to mais andando aqui, as vezes ele pede pra mim vir, eu venho aqui e ele: “Vem quando?”, e eu talvez eu venha amanhã, ou então depois de amanhã, eu nunca dou a certeza, ele fica danado.

Ele vai lá?

Vai não. Por que minha mãe, Ave Maria, não quer vê ele não.

Por isso, que você disse que a entrevista não podia ser lá?

Exatamente. Se for falar dele lá, Deus me livre, a casa cai. Por tudo que ele fez, ela não perdoa.

G – E agora, nesse ultimo período agora, que mudanças foi que você percebeu nele aí?

É quando ele tá calmo é assim. A mudança é essa. “Vou trabalhar, vou atrás de emprego, vou tirar meus documentos”. É. Desse jeito. Aí não sei. Por que ele é assim, ele é imprevisível.

Então você viu aí, assim, houve alguma diferença da época em que ele tava melhor e tava no tratamento e da época que ele tá hoje, melhor?

Sim, tá melhor que como se tivesse em tratamento. Por que é assim, ele tava no tratamento, tava na base de remédio, efeito de remédio, aí é diferente. Quando ele tava com vontade de sair, dizia ele que aí tomava um comprimido e dava vontade de dormir, aí pronto ia dormir. E agora não, ele não tá tomando remédio. Ele não saiu ontem.

Ele sente vontade de sair?

Diz ele que não.

Quais são as conversas que vocês têm?

É o normal, só o normal mesmo, se ele vai se ajeitar, se vai arranjar um emprego e tal. Tanto que eu não fico assim: “Ai vai atrás de emprego, aí vai não sei o quê, os meninos tão precisando disso, tão precisando daquilo”. Eu não fico mandando não. Eu não cobro não. Já pra não ter essa... Vamos supor, eu vou cobrar dele, Você tem que arranjar emprego... Quando ele tava no tratamento também, “Ai que eu vou sair, eu quero um emprego, eu não agüento tá sem fazer nada, vou parar o tratamento é isso, é aquilo”. E eu: “Não saia, termine o tratamento por que, graças a Deus, os meninos não tão precisando de nada, eu também não to, aí tu vai sai do teu tratamento, vai atrás de emprego, aí chega lá no emprego aí, vai aprontar não é”? Aí vai o quê? Ah, por que foi por causa da mulher, a mulher ficava em cima, aperreava atrás de emprego, e isso e aquilo. Tu sabe né como é.

Entrevista com a ex-amante

Cláudia, eu queria saber de você, como foi assim que começou a sua relação com o José? Como foi que você o conheceu?

Eu morava vizinho a ele né? Aí ele se separou da primeira mulher né? Dele... Aí foi viver com outra mulher. Aí dessa outra mulher foi que ele foi pra mim.

Como é que o José era quando você o conheceu?

Não, quando eu conheci ele né? Ele... Eu acho que ele já usava essas "coisas" né? Aí eu fui conversando com ele, conversando com ele pra ele parar. Então ele falava pra mim que tinha parado né? Tinha parado e eu acreditei né? Passou. Aí quando eu saí grávida dessa menina, aí ele começou novamente. Ele ficava usando lá com um colega dele, que até era vizinho lá da casa da mãe dele.

Porque quando conheceu ele, você achou que ele já usava?

Porque eu achava ele diferente das outras pessoas. O comportamento dele era muito diferente, sabe? Ele ficava com o rosto muito vermelho, os olhos muito vermelhos. Do nada. Aí... Ele tava comigo assim numa boa, imediatamente ele dava uma volta aí os olhos ficavam muito vermelho, né? Aí eu comecei a perceber. Eu peguei e disse né? Pra ele. Se ele tivesse usando droga, eu não ia aceitar ele dentro de casa e tudo, porque eu não gostava dessas coisas. Achava isso muito feio, porque ele era um pai de família, tinha que trabalhar pra sustentar os filhos dele, então eu acho que droga não dava resultado em nada né? Só botava as pessoas lá no fundo posso. Ele dizia: "Não, parei, parei"! Mas deixa que ele não parou, né? Ficou lá, escondido de mim, usava escondido. Aí quando eu saí grávida dela, que ele não tinha jeito pra me deixar só, porque eu morava longe da família dele e da minha né? Então ele usava dentro de casa! Aí eu também não podia fazer nada!

O que ele usava e qual era a frequência que ele usava?

Era aquele pó. Cocaína. É cocaína e pedra né? Que ele vira né? Era essas duas coisas que ele usava, ele não usava maconha não.

E qual era a frequência que ele usava?

Ó, dentro de casa ele não usava todo dia. Ele usava um dia e outro não. Um dia e outro não, aí quando a gente se “mudamo” lá do lugar onde a gente morava, na Santa Fé, né? Aí ele começou a usar frequentemente. A gente “butamo” uma churrascaria, aí todo dia ele saía com uns amigos dele para usar, todo dia, todo dia. Tinha dinheiro, né? E usava todo dia, né? Todo dia ele usava lá com as amigas dele, vizinha lá de casa, também eu não gostava. Ele ia pra casa dessa amiga dele que sentava lá. Ficava só cheirando né? Porque eu não podia fazer nada né? Com ele, eu tinha medo, podia ele ser violento comigo e com a menina. Aí ele começou violento, mesmo comigo. Ele começou a ficar violento dentro de casa, querer me bater sabe?

Quando foi que ele começou a ficar violento?

Foi de uns meses, uns seis, sete meses que eu descobri que ele tava usando, né?

Vocês estavam fazendo o que nessa época? Onde é que vocês estavam morando?

A gente tava morando bem aqui na Estudante Jucá, a gente tinha uma churrascaria quando ele começou ser violento comigo. Começou a ser violento. Aí começou a usar direto né? Foi estragou o dinheiro. Não tinha mais dinheiro pra nada. A gente acabamos a churrascaria, mãe dele foi que me ajudou a pagar as dívidas dele. As irmãs dele. Aí eu fiquei. Assim triste né? Por causa disso. Aí eu não agüentava mais. Ele... Pronto! Ele se depravou mesmo, perdeu moto. Andava no mundo das drogas mesmo. Botei ele pra fora, a mãe dele aceitou ele dentro de casa, ele voltou pra essa mulher. Essa mulher parece que não é muito boa não. A legítima, que você já falou com ela. Aí eu botei ele pra fora de casa, por causa das drogas. Um dia foi uns caras lá em casa, tudo armado de revolver querer me matar, queria matar ele dentro de casa. Levar as coisas da gente, pagando dívida dele. Era os traficantes que iam atrás dele. Já tinha falido tudo!

Vocês estavam ganhando bem com a churrascaria?

Tava mas ele não quis né? Ele acabou com as drogas.

Quando você conheceu ele, ele trabalhava aonde?

Ele trabalhava... Quando eu conheci ele, ele tava trabalhando nessa época, eu fiquei com ele, ele trabalhava de moto-táxi. Ele já tinha trabalhado no teatro. Já tinha saído. Ele trabalhava na Fábrica Fortaleza com o Benevides. Ele ganhava muito bem viu? Aí ele ficou assim. Ele só trabalhava em emprego bom. Ele tomava de conta do dinheiro né. Eu nem perguntava muito a ele assim.

Como era a relação de vocês dois?

A gente era amigo. Me tratava bem ele. Ele me tratava muito bem. Sempre me tratou bem. Depois das drogas foi que ele começou a dizer as coisas comigo. Ele queria me bater nos cantos, sabe? Ele me levava assim pro cantos, ele me batia, me dava pisa.

Nisso você já tinha percebido que ele usava drogas?

Era eu já tinha percebido. Aí eu comecei a falar pra família dele né? Que ele tava usando essas coisas, dentro de casa, que não ia aceitar o que ia acontecer era eu ia deixar ele. E elas, ficaram caladas. Aí depois que eu vim morar aqui na Serrinha, que eu fui me embora lá pro Santa Fé, aí foi que elas vieram me ajudar né? Me ajudar com ele. Aí pronto. Aí ele ficou assim nessa vida. Eu acho muito feio, acho muito chato. Eu tenho muita pena dele sabe. Eu não quero assim, que nada aconteça com ele, mas eu não gosto não.

Quando você conheceu ele, como era a relação dele com as pessoas?

Era normal assim como a gente sabe... Ele conversava normal com as pessoas. Ele nunca foi assim violento pras pessoas da rua. Nem assim pra família, ele não foi. Ele tava agora de uns certos dias pra cá foi que ele ficou assim, dos nervos. A gente já tava separado. Foi, ele já começou assim. Com a mãe dele ele sempre foi bom com as irmãs dele, ele era uma pessoa boa sabe? Ele não era assim não.

Antes do uso das drogas como era o José com relação aos pertences dele, de vocês, as coisas dele, a casa?

Ele tinha cuidado. Ele tem muita responsabilidade com as coisas, ele queria ajudar comprar as coisas pra dentro de casa, ele pagava aluguel normalzinho, direitinho. Pra

mim sempre aconteceu isso né? Quando ele não podia a família dele me ajudava, como hoje, até hoje me ajuda, mas não é justo que eu tô trabalhando né? Eu não quero mais.

E com relação ao trabalho, como é que ele era?

Era bem. Trabalhava normal. Ele trabalhava.

Quando você acha que foi o auge das drogas?

Foi depois da churrascaria. Tá com seis ou sete meses, tá com quase um ano viu? Não tá com um ano que a gente “separamo”.

Porque que você acha que foi nessa época da churrascaria que intensificou o uso da droga?

Porque ele pegou mais dinheiro. Ele pegou mais dinheiro, ele “vei” se depravar mais assim, “declaradamente” mesmo, pra todo mundo saber que ele tava nesse mundo, foi depois da churrascaria. Porque ele ganhava bem né? Aí saía com as amizades, saía e ficava lá bebendo com as amizades. Porque ele nunca foi de beber muito não, era as drogas, só droga mesmo. Se acompanhou com muita gente ruim. As amizades péssimas da favela.

Como eram essas amizades?

As amizades, assim aqueles carazinhas mesmo, sabe baixinho assim, não tinha personalidade, não era companhia pra ele, sempre eu avisava pra ele. Ele dizia: “Ah, você é muito chata! Que que você quer se metendo na minha vida! Vá cuidar da sua vida, da sua filha”. Mandava assim eu cuidar da menina dele. Não, a minha eu tô cuidando muito bem. Tenha cuidado pra você não ficar lá no fundo do poço igual a esses teus amigos que chegavam na minha porta. De madrugada, os amigos dele chegavam na minha porta, batendo. Pra cobrar dinheiro dele, pra vender droga a ele. Era e ele... Foi, na época da churrascaria. Aí depois eu botei ele pra fora. Cheguei ao ponto, eu ia pra trabalhar e ele já tava dando em vender as coisas dentro de casa. Ele vendia as coisas, vendia coisas materiais. Se ele pegava uma roupa nova, ele vendia. Se ele pegasse um espremedor de laranja elétrico, ele vendia, sabe? O que ele achasse fácil, que desse pra ele apurar o dinheiro dele, ele vendia. Porque ele já tava... Nesse tempo

ele já tava... Ficou sem dinheiro né? Sem emprego, não tinha coragem de trabalhar. O pessoal vinha chamar ele pra trabalhar, mas como que ele ia trabalhar? Se ele não tinha coragem, né? Só na vitamina das drogas... Eu acho, porque tava muito “aviciado”. As drogas derrubou muito ele. Já tinha falido tudo. Não tinha mais moto, não mais mulher, não tinha mais filho, ao lado dele só ele e o mundo! Ele e as amizades dele aí do mundo. Foi, aí eu... Não, eu coloquei ele pra fora depois que um cara foi ameaçar ele, lá em casa, de matar ele. Aí eu fiquei com medo dele me matar eu e a minha filha né? Aí eu disse pra dona Nélia que não ia mais dar certo. Aí eu arrumei um emprego né? Minha patroa me ajudou bastante pra mim me separar dele. Aí eu peguei disse que não ia dar mais certo. Fiquei mais não. Aí eu não quis mais ele, ele andou ainda querendo me ameaçar, a mãe dele ia lá em casa direto. A família dele sempre foi do meu lado. Ficaram lá comigo direto pra ele não fazer nada contra mim né? Nem com a menina. Aí foi indo, foi indo, até que ele parou né? Aí eu saí da casa, comprei uma “casazinha” pra mim lá do outro lado da pista. Aí eu vendi e comprei essa. Aí eu tô nessa daí, e ele tá lá mais a mãe dele.

Hoje em dia você não tem mais contato com ele não?

Não. Não tenho mais vontade não, não gosto não. Só um dia desse aí, tá com dois meses, ele “vei” aí “bêbo” pedir dinheiro. Ele fica chorando. Tenho pena dele. Sinto mais assim amor por ele não. Eu gostava muito dele. Quando eu botei ele pra fora de casa por causa das drogas, eu sofri muito. Coloquei por causa disso né? Fui obrigada, fui obrigada a fazer isso. Ou colocava, ou os “marginal” me matavam né? Dentro de casa.

E como é que ele tava com relação a você, nessa época? Como é que ele te tratava?

Não, a gente tava como dois amigos dentro de casa. Ninguém tinha mais nada a ver com o outro. Mesmo assim eu gostava dele. Que eu imaginava que um dia ele ia sair né? Eu ia ficar novamente com ele, normalmente, eu ia ficar pela pessoa que ele era.

Porque que vocês não tinham mais nada, eram dois amigos?

Porque eu acho que, nem eu gostava assim do jeito que ele se comportava dentro de casa e nem ele gostava do meu jeito que eu não queria. Eu queria ele do meu jeito, e ele queria do jeito dele. Aí eu não... Aí pronto aí ele ainda andou atrás de mim quando a

gente se “deixamo”. Eu não aceitei mais não. Ele dizia que ia deixar aí ele não deixava. Mas se ele deixar né?

Você chegou a acompanhar o tratamento que ele fez no hospital?

Não, já estava separado. Só com a família dele me diz né? A dona Nélia quando a dona Nélia me disse que ele tava no tratamento eu achei foi bom. Eu disse pra ela que se precisasse de ajuda minha, eu ajudava mas ele dentro de casa, eu não quero. Assim, se precisar da minha ajuda lá, na casa dele, com ele e tudo, eu ajudo. Mas longe de mim. Ele ir na minha casa, eu tenho medo dele me pegar. Porque eu acho assim, que ele achou que eu fui muito covarde com ele né? No momento mais difícil eu não aceitei ele né? Então eu tenho medo dele me pegar na traição né? Eu não confio nele não.

Como era a relação dele com as outras pessoas, na época que ele tava nesse auge, a relação com a família, a relação com a filha, ela já tinha nascido?

Não, ele não... Ele isolou a gente, ele isolava a gente, ele não queria conversa com nós dentro de casa não, nem comigo, nem com ela. Às vezes eu dizia: “José, fica com essa menina aqui pra mim ir alí no”... ele não ficava não, ele não ficava mais comigo não, dentro de casa.

No começo do relacionamento de vocês, você não percebia que ele tinha uso de drogas?

Não, percebia não. Junto com ele, quando a gente se “juntamo” dentro de uma casa foi que a eu vim perceber que ele tava usando. Eu pedia pra ele deixar, ele não deixava. Dizia que era minha mentira. Às vezes ele me botava pra fora de casa pra fumar mais o amigo dele. Cheirar, né? Era eu “buxuda”, com o “buxão”, aí eu ia pra casa da minha vizinha, não sabia o que era que ele ia fazer lá. Aí quando foi uma vez, eu cheguei e vi. Ele não usava dentro de casa escondido pra mim não ver. Aí eu peguei uma vez. Aí... Aí pronto!

A relação com seus familiares?

Não. Minha mãe mora em Itapipoca, meu pai... Eu não tenho mais pai. Itapipoca, minha mãe. A minha família que eu conheço aqui né? Que eu considero é ele lá.

E a relação dele com as pessoas assim próximas da vizinhança, mudou alguma coisa, quando ele começou a usar drogas?

Não, mudou não. O pessoal continuava a mesma amizade com ele. Ele era legal com o povo da rua, ele não tinha nada contra não. O negócio dele era só comigo dentro de casa porque eu não queria mais ele dentro de casa né? Não dava dinheiro pra ele, eu escondia o dinheiro.

E então, realmente a mudança foi mais com você mesmo?

Foi a mudança foi mais comigo mesmo. Não dava mais não. Não dava porque eu não ia mais agüentar né? Eu tinha medo. Uma, eu tinha medo... Vinham matar ele dentro de casa, que ameaçavam. Segundo, eu tinha medo da polícia chegar, me pegar e levar eu presa com a menina, porque eu tava aceitando ele dentro de casa. Porque quem aceita a pessoa dessa, continua sendo a mesma pessoa né? Então eu achava tudo isso, não tenho mais nada, minha família não mora mais aqui, um dia a minha mãe vai me ver no "Barra Pesada" por causa de droga do José! Aí eu fui e botei ele pra fora. Aí eu botei mesmo. Resolvi. Botei mesmo e... Me arrependi no início, mas depois não me arrependi mais não. Somente agora que eu sei o que ele faz com as coisas da mãe dele aí é que eu não me arrependo mesmo.

Como era o José assim antes de usar as drogas, com relação ao cuidado com ele mesmo. Ele tinha um certo cuidado, uma certa preocupação com ele mesmo?

Tinha. Não, antes dele usar droga, ele era um homem normal. Era como a você, como outro qualquer. Ele era bem "direitão", ele. As coisas dele tudo certo, era tudo certo. Era um homem de negócio, ele gostava de fazer negócio com os "povo".

Depois, quando você começou a perceber essa utilização das drogas, como ele estava?

Não, ele começou a ficar desconfiado, ele foi mudando, ele já foi mudando. Eu não sei assim nem como lhe falar, porque era tanta coisa assim, que ele mudou. Ele mudou o comportamento com a família dele, com as irmãs. A irmã dele é louca por ele e ele

mudou o comportamento com ela, aí foi a gente falar. Deixou o Banco tomar a moto dele que ele tinha “tava” nem aí. Ele disse: ou ele, ou as drogas, ou a morte. Era o que viesse ele “tava” pronto pra receber tudo. Ele “tava” muito “aviciado”, ficava doidinho ele.

Ele se cuidava?

Não, ele andava todo sujo “vei”, mal trapilho no meio da rua. “Tava” mais não, depois das drogas, ele não “tava” mais nem aí pro mundo. Não “tava” nem aí se ele trocasse uma roupa hoje, amanhã ou depois.

E isso foi até o momento que você acabou colocando ele pra fora?

Foi nesse momento aí. Aí eu não quis mais ele não. Era porque ele não se valorizava mais. E nem fica, fica desvalorizada. A pessoa assim fica sem moral até na praça, não gosto não. Muito desmoralizado, eu não gosto não.

E aí depois disso que vocês tiveram esse último contato?

Não, hoje eu não tenho contato com ele não. Ó, eu chego na mãe dele, ele tá na sala, eu não entro, eu fico na rua. Eu não tenho assim contato. Se eu chegar lá e ele “tiver” eu não entro dentro de casa, eu fico na rua. Fico porque eu não vou entrar né? Pra não magoar ele, pra ele não ficar constrangido assim da cabeça. Claro que por mais ruim que seja sente né? Quando eu tô lá, se ele tiver na rua, ele não entra. Se ele chegar, na rua alí na frente da casa dele, se ele me ver lá dentro, ele não entra não, ele espera eu sair.

E aí como é que você disse que foi a última vez?

A última vez que ele “vei” aqui em casa né? Pra falar comigo aí, eu disse que ele não viesse mais na minha porta não. Eu disse: “Ó eu vou lhe dar os seis reais que você tá pedindo, mas, por favor, nunca mais venha na minha porta”. Nunca mais venha. Eu não quero conversa com você! “E eu também não quero com você não”! Mas como você vem me pedir dinheiro? Eu não sou sua mãe! Aí ele vai “simbora”. Aí eu dô e depois eu fico chorando né? Porque eu tenho medo dos vagabundos pegar ele, matar. Eu tenho muito medo. Tenho sim. Preocupação dele morrer. Vixe! Deus me livre! Gosto não. É, e eu quero o bem dele. Eu não quero ele mais comigo assim. Assim dele morar comigo assim, conviver dentro de uma casa, acho que eu não quero mais. Mas eu não quero

que nada aconteça com ele, nada. Se um vagabundo chegar aqui dizendo que ele comprou as coisas fiado pra mim pagar, eu pago. Assim, pra ele saber não né? Gosto não.

Entrevista com José depois da última recaída e do abandono do tratamento

Porque foi realmente que você recaiu?

Foi mais por sentimento. Foi sentimento. Foi coisa de dentro. Eu me senti inútil, né. Que meu pai, “pôrra”, meu pai é muito legal e tudo. Eu não via aquele tratamento com meu pai, aquilo me deu um ódio. Como eu não pude agredir né, eu não fui na agressão né, e nem eu podia fazer nada. Eu achei que... Joguei tudo fora. Eu disse: Eu vou usar droga mesmo, que é melhor que ta vendo certos tipos de cena, e eu drogado, eu não vou ta em casa, eu não vou ta ligando pra nada. Eu vou... Aí foi só por isso mesmo né. Por que não é bom não, o clima é meio chato mesmo.

Como ta se sentindo dentro da sua casa José?

É. Mais aí eu to... Quer dizer, se a gente não... Não tem aquele velho ditado “os incomodados que se retirem” né? Então foi o ponto que eu achei, já que está me incomodando, eu vou procurar me estabelecer, ir pra dentro de uma casa, levar minha esposa, meus filhos.

Você disse que a relação é meio complicada. Até que ponto essa relação é meio complicada? O quê que você sente dentro dessa relação?

Por que não é meu pai, me magoa muito. Eu sou... Logo eu fui assim, eu fui filho único né. Eu sou o único homem, mas da mulher tem minha irmã né. Assim... Toda criança teve pai, a mãe sempre presente e tudo, aí você vê seu pai vivo aí, e sua mãe nos braços de outro. Pra mim, me faz mal, no coração mesmo, me faz muito mal, não gosto não.

Quando você foi morar na casa do seu pai? Porque você não se estabeleceu lá? Não ficou lá com ele?

Por causa que... Meu pai já morava com os meus avós, né. Aí tem a família do meu pai. Aí a família do meu pai é muito nojenta. São pessoas que gostam muito de criticar. Só eles tão certos. Os outros tão errados. É tudo errado, mas acha que todo mundo é certo, por causa que eles não usam drogas, aí usam só a bebida. E acham que a bebida não é droga. Aí como eu, eu já... Assim né... Eles nunca se deram bem com o meu pai, nem

com a minha mãe, aí não ficava bem, eu lá me alimentando. O meu pai já vivia às custas da minha avó e do meu avô, aí é uma boca a mais né. Aí foi por isso que não deu certo. O meu pai é desse jeito. Por ele tudo ta bom. A pessoa é maltratando ele e tudo, e ele é sempre aquele ar de riso, pra ele tudo ta bom.

E José, como é que foi essa decisão aí? Ah! Eu vou sair do tratamento.

Eu... foi assim... Que eu tava lá, mas tava com vontade de usar. Aí eu disse: Pôxa, eu to tanto tempo aqui, com essa mesma vontade de usar, eu vou ficar em casa. Eu achei... Por que eu já to com quatro meses, aí só caindo, recaindo, só recaindo, só recaindo... Quatro meses, aí o tratamento passou também, já passou a ser vício né. Aí eu tive medo de entrar numa overdose lá né. Assim de ta lá dentro e entrando as pessoas. É sempre entrando gente mais nova, e incentivando né. O comentário lá... Não conversam outra coisa. As pessoas não falam de esporte... Oh! O time tava bom! As pessoas não falam de religiões. Só fala de religião quando entra no grupo. Tem o grupo do AA, tem o grupo do Na, tem o grupo do tabagismo né. As pessoas só falam... É só pedra, só maconha, só cachaça, não tem outro assunto. Aquilo vai entrando na cabeça da gente. Aí chega um e diz: “Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal” “eu não agüento mais, eu acho que eu posso”. Aí eu ficava assim... Aí, rapaz sabe que eu não vou mais não, sabe que vai me faze é mal. Inclusive, quando eu sai, eu tive até um convite, de um rapaz lá que era veterano igual a mim, ele me fez um convite né. Inclusive era na terça-feira que a gente iria né. Ele disse não eu vou receber um dinheiro, aí nós se encontra no terminal, aí nós... Ninguém vem pro grupo, a gente fica aqui, daqui a gente vai lá pra bocada. Tanto que eu não fui né. Que foi na época que eu cortei o tratamento. Sabe que eu não vou não. Que eu vou acabar indo. Aí eu peguei e não fui mais não.

Com que pensamento você deixou o tratamento?

Eu deixei assim, que eu ia tentar sair dessa vida sem o tratamento mesmo. Que o tratamento já tinha dado o que tinha de dar. Quero viver outras coisas não quero mais ficar lá só falando de droga e a minha vida parada. Quero trabalhar comprar um transporte pra mim, ter minha casinha com minha esposa, isso lá no tratamento não estava sendo possível e eu só estava era ficando com vontade de usar por causa do pessoal comentando e chamando.

Você saiu do tratamento, o que você pretende fazer?

Pensei. É o caráter moral. Assim que eu já tinha perdido sabe. O caráter moral. Dar a volta por cima, querer ser um vencedor, né. Eu agora quero vencer né. Já to até bem na comunidade aqui e tudo. Inclusive as pessoas que não falavam comigo, já estão falando. To mostrando sabe. Inclusive eu fui até pra um... Teve um aniversário agora da minha sobrinha, de 15 anos, que foi uma fistula ali. E eu ingeri algumas cervejas, mas não me fez usar... Não por que eu já. Eu já fui naquele intuito. Eu vou beber, mas eu vou pra casa. Eu vou beber cerveja, eu vou tentar ser socialmente. Só bebida social, eu vou tentar ser social dessa vez. E não vou fazer besteira. Tive incentivo dos meus amigos sabe. Um colega disse: Não José, bebe, mas não sai não. Gente que se preocupava comigo né. Aí eu disse: Ah! Então eu vou fazer assim mesmo. Bebi. Terminei ajudei lá na festa. Vim pra casa e to até hoje né.

Você esta há quanto tempo sem usar?

Eu? Eu acho que eu já to com quase dois meses. Ta com quase dois meses que eu deixei de ir né.

Quando deixou de ir, deixou de usar?

Deixei. Não usei mais não. Deixei de ir, e eu parei né. Eu disse não, eu não vou mais usar não. A última recaída foi aquela, que eu falei lá pra você. Eu não fui por causa, que eu já tava assim... Eu tava com aquela angústia, eu indo pra lá, e as palavras das pessoas lá. Sim, lá no tratamento, você nunca tem razão, sabe? Você nunca tem razão. Se você reclamar que a comida ta salgada. “Ô pôrra! Coma aí, é o governo que ta te dando, é nós, tu quer coisa melhor que isso aí”. É como aquele cachorrinho amarrado ali, tem que comer sabe? “Ah! Ta salgado, não quer não, então não coma, não tem outra coisa não. Vá se embora!” “Ah, tem gente que não tem nem isso aí pra comer”. Esse tipo de coisa.

Você se sentia como, com esse tipo de comentário?

Me sentia mal. Eu fui reclamar por que... Eu sou muito sensível com as coisas, as coisas me tocam muito ligeiro, muito sensível. Eu reclamei por que o comer vem insosso, aí me deram uma vasilha com sal, par mim sentir um pouco de sal. Aí como eu reclamei disso, no outro dia o arroz, veio foi uma pia, o arroz veio que ninguém conseguia nem comer, eu já achei que era por que eu tinha reclamado. Até brincando eu disse: Doutora, eu não

reclamo mais de comida aqui, que veio salgado de mais que nem água resolvia. Salgado mesmo, que até fiquei com vontade de reclamar lá pro pessoal da cozinha. “Como é que vocês botam um comer desse aí, é pra adoecer a gente, é tirar de um tratamento e botar... Tirar uma doença e botar outra né, que acabava o fígado e tudo”. Aí eu peguei e disse: Não, eu não vou mais não, por que eu já to me estressando, a gente, tinha a... As pessoas diziam assim: Você pode falar, pode relatar o que você tem vontade. Mas quê que adiantava, as minhas palavras eram ditas, eram faladas, mas não eram aceitas. Era que nem uma coisa, eu querer resolver uma situação, resolver um problema sério, eu precisava da assinatura de alguém, e alguém não concordava, não assinava, era mesmo que nada.

Não tinha lugar. Não tinha vez. Não tem vez. A palavra não era a minha, a palavra era dos outros. Uma vez, eu até disse assim, a Doutora Maria Tereza, gosto muito dela, uma pessoa muito boa, muito bacana, mas eu falei pra ela. Eu disse: Doutora, a Senhora não pode julgar, por que a Senhora... A Senhora entende, (e eu não sei como foi que ela entendeu isso que eu falei) a Senhora entende por quê? Por que a Senhora leu, a Senhora estudou, a Senhora pesquisou, mas a Senhora nunca sentiu, o gosto da droga. O que é que a droga faz no ser humano. Ela: “Não, mas eu não sei não, mas eu estudei pra isso”. Mas o estudo não é tudo não. A pessoa tem que ter uma prova daquilo, pra saber o causo que aquilo traz. Por que é muito fácil a gente... É que nem a pessoas que é muito religiosa, tem aquela religião de dentro mesmo, e aquela pessoa que não tem aquela pessoa jamais vai entender porque que aquela pessoa é tão fanática naquela religião. É um dom que a pessoa tem, ela prova daquela religião, ela vai pra igreja, ela frequenta a igreja, ela segue o que manda a Bíblia né. Já a pessoa mais leiga, não vai, aí acha que aquela pessoa é fanática e tudo. Um dos motivos foi o curso que chegou e eu não ia fazer o curso. Então quer dizer que na hora que tinha o curso, quer dizer que o tratamento lá não tinha as tarefas, as etapas como tratamento. Quando veio o curso foi cortado. Mas não era... Se eu não queria fazer o curso eu não tinha direito às tarefas? Se não tinha curso eu teria direito a quê? Ao futebol, teria direito às coisas que tinham. Aí quer dizer que eu só tinha direito as coisas que eram da TO, dia de TO era fazer tapete, era enrolar jornal, isso eu fazia, mas... E na segunda-feira que era o filme, e não tinha.

Você não queria fazer o curso por quê?

Primeiro: Por que eu fiz muitos cursos desse nível, que tem lá, pelo estado. Ele não tem... Não vigora em lugar nenhum. É um curso banal, um curso que não é um

desperdício de verba. Eu entendo um pouco né. Se não tem o curso o dinheiro que vem, volta. E eles não querem que o dinheiro volte então eles botam, por que, como é que eu vou fazer um curso, se realmente eu não sou capacitado para aquele curso? Se o curso exige, eu ter o primeiro grau né, ou ter o segundo grau mesmo. E eu não tenho a terceira série, a quarta série, pra quê que eu vou fazer um curso desses, se quando eu for pra empresa, a empresa vai exigir aquilo de mim? Vai ser mais um curso arquivado na gaveta, pra mim. Aí como eu já tinha feito esse tipo de curso, eu já entendo um pouco da elétrica, eu até sugeri, se fosse de refrigeração, até que eu aceitaria, porque serviria pra mim, fazer em prática, em família, na casa, um ar-condicionado desse um prego, uma geladeira desse um problema, eu ir lá e mexer. Mas de eletricidade eu já sabia. E era muito banal, você fazer um... Sentar na aula e ficar um... Primeiro aula de matemática, depois português. Quer dizer, tudo isso aí pra mim. Eu disse: Não, to fora!

O quê que ta te dando força hoje pra tu realmente buscar uma melhora?

Hoje mesmo, só a vontade de sair daqui. Eu tenho a vontade de sair e viver a minha vida e... Pra poder trazer a minha esposa e meus filhos pra dentro de casa. Reunir minha família, novamente. Levar meu filho para o estádio. Que nem agora domingo, eu me senti muito mal. Domingo não, quarta-feira, o meu filho queria ir para o estádio, e eu não tinha dinheiro pra levar ele para o estádio. E também não quis pedir né. Aí meu filho queria ir, e eu queria levar ele. Já pensou eu lá no estádio, e eu ao lado dele, todo mundo gritando... Seria bom né? Até um incentivo pra mim não... Mas eu não pude, eu fiquei triste né? Aí ele ligou e disse: Não pai, vamos assistir pela televisão. É eu, é ta certo. Aí ele assistiu lá e eu aqui em casa. Mas o bom mesmo, era se eu tivesse ido né? E essa estória de ta aqui esperando, mãe me dê isso... Minha irmã me dê isso... Já passou meu tempo já.

A sua esposa, você voltou pra sua esposa?

Voltei pra minha esposa, e ta até hoje né, agüentando, agüentando. Então é isso, tamo bem, ela vem aqui a gente conversa e tal. Eu não to querendo dizer mais com palavras, eu to querendo mostrar, eu to querendo... Chega de palavras, chega de promessa, to querendo agir e mostrar pra ela assim prática. Chega de teoria.

Anexo C Prontuário**IDENTIFICAÇÃO****Nome:** José**Endereço:** -----**Bairro:** ----- **Cidade:** Fortaleza**Fone:** -----**Pai:** -----**Mãe:** -----**Data Nasc.:** 13/12/69 **Naturalidade:** Fortaleza**Cônjuge:****EVOLUÇÕES E PRESCRIÇÃO MÉDIA****Nome:** José**Unidade:** Elo de Vida**Prontuário:** -----

DATA	EVOLUÇÃO
01/05/06	Paciente 36 anos, *****888. Psiquiatra
24/05/06	Paciente afirma que está bem com o tratamento e faz planos para o futuro. Psicóloga
31/05/06	Paciente refere que teve uma "recaída" durante a semana e relatou os motivos desta atitude. Psicóloga.
05/06/06	Paciente afirma que não pretende mais usar drogas e fala da relação com os familiares.
06/06/06	José, 36 anos, usuário de crack, 1º grau incompleto (6ª série), casado, natural e procedente de Fortaleza-Ce, desempregado. Pai e mãe vivos, separados, pai alcoolista. Mãe, vive maritalmente com outro companheiro que é usuário de maconha. Nosso cliente é o 3º filho de uma prole de 06. Relata que 04 irmãos faleceram quando ele ainda era criança (entre 7 e 8 anos), e ele diz que o motivo foi "fome" (sic). Emociona-se quando fala sobre isso. Os pais separam-se quando José tinha 13 anos e o mesmo passou a morar com a única irmã, até quando casou aos 22 anos. É pai de 01 filho de 15 anos e de uma menina de 05 anos. Tem mais 02 filhos de 02 outras mulheres diferentes. Atualmente está separado da esposa há 05 meses em decorrência da pressão que sempre sofreu por parte da família dela e em consequência do abuso de drogas. Mora com a mãe e o companheiro desta, alternando com a casa da irmã. O uso de drogas (comprimido) iniciou aos 18 anos, juntamente com o álcool. Não fixou uso nos psicotrópicos mas continuou bebendo sem *****. Aos 23 anos iniciou com a cocaína e aos 28 com o crack, que é a droga de eleição e a que lhe trouxe todos os problemas e ***** de dependência. Em abstinência há 30 dias, em uso de medicação e

	<p>acompanhamento psicológico neste hospital. Sente-se bem mas tem sentido tremores de extremidades (mãos) e questiona o uso da medicação como provocadora do sintoma. Este é o 1º tratamento a que se submete. Refere já haver passado 90 dias em abstinência por vontade própria. Acredito que a relação de dependência com a droga tem a ver com a inabilidade para lidar com seus problemas. Nega envolvimento com polícia. O uso sempre foi com colegas, financiado pelo trabalho ou venda de objetos, ou furtos em casa. Refere um primo paterno com problemas mentais. Nega convulsão ou alucinações quando em uso ou abstinência. Veio acompanhado da irmã que entra na sala do final da entrevista e foi convidada a participar do grupo de orientação familiar. Deverá trazer medicação ao Elo de Vida (receita já no prontuário). Recebe ajuda de vale-transporte. Foi orientado quando a normatização e plano terapêutico do serviço e está motivado a tratar-se.</p> <p>P.S. Nosso cliente trabalhou por 13 anos no Teatro José de Alencar e teve como profissão a montagem (cenário, criação e iluminação) de peças teatrais.</p>
07/06/06	<p>Usuário compareceu a unidade do Elo de Vida, vinha em tratamento ambulatorial e é o seu 1º internamento. É usuário de drogas e vem em abstinência há 90 dias e por vontade própria resolveu tratar-se. Faz uso de medicamentos: imipramida e neosine 25mg. Fala de sua vida pessoal e familiar e emociona-se quando comentou da morte de 04 irmãos entre 7 e 8 anos. Hábitos higiênicos conservados. Alimenta-se bem. Sono preservado.</p>
08/06/06	*****
08/06/06	<p>Usuário compareceu a unidade no seu 2º dia.</p> <p>Em adaptação ao meio ambiente e aos colegas.</p>
09/06/06	<p>Usuário compareceu a unidade. Mostra-se calmo; cooperativo e com humor alegre.</p>
12/06/06	<p>Usuário compareceu a unidade vem evoluindo bem. Hgienizado.</p>
12/06/06	<p>Paciente afirma que está bem com o tratamento realizado no hospital e faz planos para o futuro.</p>
13/06/06	<p>Usuário compareceu a unidade. Afirma; estar se sentido bem. Sem queixas.</p>
14/06/06	<p>Usuário compareceu a unidade. Em fase de melhora.</p>
14/06/06	<p>Ari conta que não está se sentido bem desde a noite passada, está deprimido, com uma sensação ruim, achando que o tratamento não dará certo, pessimista e desanimado. Diz que já teve outros episódios semelhantes, mas fugia deles fazendo uso de drogas. Procurei ajudá-lo a compreender o que está acontecendo com ele e sugeri, além do acompanhamento psicológico que já vem fazendo, que seria bom um complemento com medicamentos e também buscar um grupo de apoio. (N.A.).</p>
16/06/06	<p>Usuário compareceu a unidade deprimido e pessimista. Em contato por telefone com José, o mesmo informa que não está sentindo-se bem (dores nas costas). Estimulo que compareça ao Elo de Vida no dia de amanhã.</p>
19/06/06	<p>Usuário não compareceu a unidade.</p>
20/06/06	<p>Usuário não vem comparecendo a unidade nos dias: 19 e 20/junho.</p>
21/06/06	<p>Usuário compareceu a unidade mostrando –se calado e com humor deprimido. Falou das faltas (lapso).</p> <p>Encaminhado a psicóloga. A mesma solicita dos funcionários vigilância constante, tem idéia de suicídio.</p>

01/06/06	Paciente fala da relação com a esposa e afirma que se ela o deixar ele irá se matar, pois segundo ele, “o único remédio para a traição é a morte”. Afirma que tem pensado na “melhor” forma de cometer suicídio.
22/06/06	Usuário compareceu a unidade. Apresenta-se calmo e cooperativo. Está sempre conversando com os colegas e participa das atividades com bom desempenho. Humor deprimido. Sem queixas. Em observação. Dra: Gisley mostrou-se um tanto preocupada e pediu que a equipe tomasse conhecimento. Dra. Sandra ciente e falou que a coordenadora já tinha conhecimento do caso. Toma: Imipramina 2 x dia – 25mg Nesine 25mg 1x dia (noite) Aceita a medicação e sempre pede que eu não esqueça.
23/06/06	*****
23/06/06	Paciente participou de grupo **** sobre a 8ª semana nacional anti-drogas com a confecção de um painel coletivo.
26/06/06	Paciente afirma que está mais animado e que já está fazendo planos para o futuro.
26/06/06	Usuário compareceu ao tratamento encontra-se bem, sem queixa no momento.
27/06/06	Usuário não compareceu ao Elo de Vida.
Falta	Falta não justificada.
28/06/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Aparentemente bem. Sempre que converso com o mesmo diz estar sob controle e já tem planos para o futuro e até sorriu. Em nenhum momento mostrou-se negativista.
29/06/06	Usuário compareceu a unidade. Mostrou-se comunicativo e com humor alegre. Higienizado. Alimenta-se bem. Sono preservado. Afirma que não pretende mais usar drogas.
30/03/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Vem evoluindo bem. Sem queixas.
03/07/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Falou no grupo do FIS que foi mais ou menos. Recebeu a visita dos filhos e da esposa. Chateou-se com ação da mesma achando que a aproximação ao momento ela irá atrapalhar o tratamento e diz: vai a luta e pagar pelos meus erros que cometi e quem planta colhe e em seguida sensibilizou-se com os colegas na 6ª feira em relação ao colega Mário tinha ido a psicóloga e não guardaram o seu lanche. O Márcio nada comentou.
03/07/06	Esposa do paciente, Adriane foi convocada para entrevista, amanhã as 10:00hs (04/07/06)
04/07/06	Paciente vem acompanhado da irmã e do filho e afirma que está bem com o tratamento realizado no Elo de Vida. Faz planos para o futuro.
04/07/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Mostra-se bem. Comunicativo e com humor alegre. Encaminhado a Psicóloga.
04/07/06	**** diz que melhorou de
04/07/06	Usuário compareceu a unidade. Vem evoluindo bem. Sem queixas.
06/07/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Tem-se mostrado alegre e comunicativo. Sem queixas.
06/07/06	O paciente refere no grupo que não está muito bem, que tem sentido fissuras constantes, que não está fazendo uso de nada. Foi lhe mostrado que isso é normal no processo de recuperação e que a fissura é involuntária. A diferença entre o uso ativo e a recuperação não é não ter fissura, mas senti-la e saber lidar com ela sem usar drogas e, ele está conseguindo.

	O assunto foi debatido entre o grupo todo e foram sugeridas estratégia, para lidar com a fissura e a participação em grupos de N.A.
07/07/06	Hoje José novamente falou sobre pesadelos e desejo pela droga, mas se diz mais tranqüilo agora que sabe que isso é normal no processo de recuperação.
07/07/06	Usuário compareceu a unidade. Chegou atrasado. Aceitou o café. Encaminhado a psicóloga. No grupo falou do Ari que ficou para trás e hoje renasceu. Relacionamento familiar ótimo.
10/07/06	Paciente afirma que está muito bem com o tratamento realizado no ambulatório e no Elo de Vida. Fala de uma possibilidade de reaproximação com a esposa e filhos, fato que o deixa muito feliz.
11/07/06	Usuário compareceu a unidade. Mostra-se calmo; comunicativo e com humor alegre.
12/07/06	Entrevista realizada com Adriane esposa do paciente. Informa que são casados desde 1990, separaram-se várias vezes e a última foi há 3 meses. Tiveram dois filhos (13a, 6a) que mora com a mãe e ela não vê mais com bons olhos o relacionamento da filha e do marido e dificulta os contatos. Informa que quando casaram-se José Ari bebia, mas nunca foi de beber muito e há dois anos descobriu o uso de crack. Vivia em farras com mulheres e descobriu também que tinha outra mulher. Separou-se e ele viveu 2 anos com a outra. Chegaram a ter uma filha (4a). Voltaram a morar juntos, mas não houve melhora e o paciente além das farras era violento, chegando a bater nela. Adriana deu parte na delegacia da mulher mas desistiu não comparecendo a audiência. Conta-nos que o que culminou a separação foi o fato dele arrombar a própria casa com companheiro e pegar objetos para trocar por drogas (fogão e armário). Lembra que Ari dizia que queria deixar as drogas mas não se esforçava para isso. Acredita que a atitude dela em não querer mais voltar para ele tenha motivado para que ele procurasse tratamento. Paciente já pegava os objetos da família (irmã e filhos). Está desempregado há mais de 3 anos. Adriana não vê possibilidade de volta para o marido pelo menos agora, mas diz que gostaria de ajudar e se coloca a disposição para facilitar o acesso aos filhos. Foi orientada quanto a dinâmica do tratamento e sobre o grupo de famílias.
02/07/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Chegou na companhia da irmã e esposa para falar com Dra. Sandra. Aparentemente bem.
03/07/06	Usuário compareceu a unidade. Chegou por volta das 9 horas. Mostra-se bem disposto e comunicativo e afirma estar bem e com um bom relacionamento com a esposa e os filhos.
13/07/06	*****
14/07/06	Usuário compareceu a unidade. Mostra-se calmo e cooperativo. Encaminhado a Psicóloga.
17/06/06	Paciente mostra-se calmo e fala da relação com a esposa, faz planos para o futuro.
18/07/06	Usuário compareceu a unidade. Mostra-se bem. Sempre sorrindo e comunicativo. Mipramina 1 drag. 08hs; e 20hs Neosine 25mg 2 cops. 20hs
19/07/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Vem evoluindo bem. Sem queixas.
20/07/06	Usuário comparece todos os dias a unidade. Aparentemente bem.
21/07/06	Exame + *****

21/07/06	Usuário compareceu a unidade. Mostra-se bem. Sem queixas. Foi encaminhado ao serviço de edontologia.
24/07/06	Usuário compareceu a unidade. Falou do grupo da sua recuperação e a única situação ruim é estar sem trabalho. As vezes; fica triste.
25/07/06	Usuário vem comparecendo todos os dias a unidade. Avisa que amanhã não virá; resolver assuntos particulares, inscrever o filho na escolinha de futebol. I Imipramina 1 cp. 08 hs e 20hs II Neosine 25mg 2 cps. 20 hs. Levou o remédio para o dia 26/07.
26/07/06	Usuário compareceu a unidade. Ia resolver assuntos de seu interesse.
Falta	Falta justificada.
27/07/06	Usuário compareceu a unidade. Diz; estar tudo bem.
27/07/06	*****
28/07/06	Paciente mostra-se bem. Falou da relação com a mulher e o filho.
28/07/06	Usuário compareceu a unidade. Chegou com a irmã. Encaminhado a psicóloga. Mostra-se bem.
31/07/06	Os = 110 x 70 mg ***, sonolência 1) SF a 0,9% - 500 2) SGF 1:1 – 500ml - as 14:05h ****
31/07/06	Cliente entrou em soroterapia às 10:30hs, fazendo uso de 500 ml de soro fisiológico (0,9%). EV rápido. PA = 110 x 70mmHg 11:00hs, o mesmo usou o 2º soro glicofisiológico 1:1 EV. 35 gts./min C.P.M. 13:00hs, cliente com diurese presente. 15:30hs, cliente encerrou a soroterapia e foi liberado para sua unidade de origem.
31/07/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Mostrando-se com aparência abatida e sonolento. Participou do grupo um tanto sonolento e pediu para retirar-se por não estar se sentindo bem apresentando as extremidades frias e palidez. Foi encaminhado a emergência e comunicado a Dra. Eugênia que o assistiu e o medicou. Ficando na emergência em observação e tomando soro. 15:45hs - Usuário chegou ao Elo de Vida. Apresentando melhora 17hs – Usuário já bem, foi para casa.
01/08/06	Usuário não compareceu a unidade.
Falta	Não justificou a falta.
02/08/06	Usuário compareceu a unidade mostrando-se bem e mais fortalecido.
03/08/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida aparentemente bem. Humor alegre. Hábitos higiênicos conservados. Alimenta-se bem. Sono preservado.
04/08/06	Paciente compareceu ao tratamento e falou da relação com os familiares.
04/08/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Mostra-se calmo e com humor alegre. Higienizado.
07/08/06	Usuário não compareceu a unidade.
Falta	Falta não justificada
08/08/06	Usuário compareceu a unidade. Mostra-se bem. Sem queixas.
09/08/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Aparentemente bem.

09/08/06	Paciente compareceu ao ambulatório e falou da relação com os familiares.
10/08/06	Usuário compareceu a unidade. Mostra-se calmo e diz que os problemas em casa melhoraram.
11/08/06	Usuário compareceu a unidade aparentemente bem.
14/08/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Diz sentir-se com boa disposição e bons propósitos.
16/08/06	Usuário compareceu a unidade. Afirma sentir-se bem. Sem queixas.
17/08/06	Usuário compareceu a unidade. Mostra-se calmo, cooperativo e com humor alegre. Fala em relação ao relacionamento com a família estar tudo bem.
18/08/06	Paciente*****
18/08/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Fala da sua recuperação. Mostra-se com melhor disposição e diz que seu relacionamento com a família está ótimo. Hábitos higiênicos conservados. Alimenta-se bem. Sono preservado. Falou com o médico.
21/08/06	Usuário compareceu a unidade. Mostra-se calmo e cooperativo. Fim de semana sem alteração.
22/08/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Mostra-se calmo; cooperativo e com humor alegre. Afirma estar tudo bem com a família. Faz uso de : I – Imipramina 1 drag. 08 hs e 20hs. II – Neorine 25 mg. Auxiliar de Enfermagem
23/08/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Está sempre com os colegas com piadas, brincadeiras e gargalhadas. Aparentemente bem. Auxiliar de Enfermagem
24/08/06	José veio pedir para ser liberado uma manhã para fazer a matrícula do seu filho. Mostra-se bem, consciente e determinado a se recuperar de fato.
24/08/06	Usuário compareceu a unidade. Mostra-se calmo, cooperativo e com humor alegre. Auxiliar de Enfermagem
24/08/06	Exame + ****
25/08/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Mostra-se bem humorado e cooperativo. Auxiliar de Enfermagem
25/08/06	Mantido contato com sobrinha do paciente Dhaiane que foi orientada sobre a falta do Vale Transporte.
28/08/06	Usuário não compareceu ao Elo de Vida.
Falta	Falta não justificada.
29/08/06	Usuário não comparece a unidade desde ontem.
Falta	Falta não justificada. Auxiliar de Enfermagem
29/08/06	Fizemos contato com a mãe de José (D. Hélio), que informa que José está em casa. Fala que o mesmo não foi para casa após o Elo de Vida na sexta-feira, somente aparecendo em casa no sábado. Orientei sobre a melhor conduta para estimular José a retornar ao tto e convidei-a para o grupo de orientação familiar.
30/08/06	Usuário após 02 faltas consecutivas compareceu hoje a unidade com um aspecto abatido e cabisbaixo. Aceitou o medicamento. Em observação. Auxiliar de Enfermagem
31/08/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida, aparentemente abatido e pouco comunicativo. Evita conversas e sai logo do local. Auxiliar de Enfermagem

01/09/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Continua calado com humor deprimido. Auxiliar de Enfermagem
04/09/06	Usuário compareceu a unidade. Participou do grupo. Mostra-se um tanto preocupado com os convites que vem recebendo dos colegas e no domingo a sua esposa foi com os filhos para visitá-lo quando chegou a sua ***** esposa e o filho e diz que situação **** * e diz: a minha situação é complicada. Aparência descuidada. Sono preservado. Alimenta-se bem. Aceita bem os medicamentos. Auxiliar de Enfermagem .
05/09/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Aparentemente em. Queixa-se de dor no peito e em consequência de um jogo de futebol. Em observação. Falou com o médico. Auxiliar de Enfermagem
06/09/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Conversou sobre a sua vida e chegou a chorar e ao mesmo tempo falou dos planos que tem de começar tudo de novo como: emprego, ter sua casa e morar com a família. Auxiliar de Enfermagem
08/09/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Aparentemente bem.
11/09/06	Usuário não compareceu ao Elo de Vida.
Falta	
12/09/06	Usuário não vem comparecendo a unidade.
Falta	Faltas sem justificativas. Auxiliar de Enfermagem
12/09/06	Falamos com a irmã do paciente, Conceição que informou que o José está em casa deitado. Fez uso de droga 6ª feira só retornando para casa no sábado a tarde. Orientamos que *** para ***** e redirecionar-mos o tratamento.
13/09/06	Usuário completando 03 faltas consecutivas. Auxiliar de Enfermagem
Falta	
14/09/06	Usuário comparece ao Elo de Vida após 03 faltas consecutivas e sem justificativas. Afirma lapso no FIS. Aparentemente abatido. Auxiliar de Enfermagem
14/09/06	Usuário ao retornar para o tratamento diz que teve um outro (lapso) sendo que o mesmo encontra dependendo ***** para continuar. Obs: diz que não tem interesse para fazer o curso, que está havendo (eletricista predial). Irá participar das atividades terapêuticas.
15/09/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Chegou após horário estipulado pela casa. Pouco comunicativo e cabisbaixo. Auxiliar de Enfermagem
18/09/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Aparentemente, fisionomia sonolenta. Aparência pessoal descuidada. Auxiliar de Enfermagem
19/09/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Continua com aparência descuidada e aspecto sonolento. Ao entregar a medicação recebeu sem me olhar de cabisbaixo. Em observação. Auxiliar de Enfermagem
20/09/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Ultimamente está sempre dando gargalhadas e falante. Vem em observação quanto ao comportamento.

	Auxiliar de Enfermagem
21/09/06	Usuário compareceu a unidade. Diz, estar bem. Sem queixas. Auxiliar de Enfermagem
22/09/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida, aparentemente bem. Auxiliar de Enfermagem
25/09/06	Usuário compareceu a unidade. Falou que não pretende mais usar drogas e falou da relação da esposa e de uma outra e sua mãe. Auxiliar de Enfermagem
26/09/06	Usuário compareceu a unidade. Humor alegre. Hábitos higiênicos conservados. Alimenta-se bem. Sono preservado. Auxiliar de Enfermagem
27/09/06	Usuário compareceu a unidade. Caiu e bateu com a cabeça no chão e ficou a se queixar de cefaléia. Administrado paracetamol. Em observação. Auxiliar de Enfermagem
28/09/06	Usuário compareceu ao Elo de Vida. Falou da alegria que está, pois todos os familiares estão gratos pela recuperação do mesmo e comentou do seu relacionamento com a namorada e a esposa e filhos. Estado tudo as mil maravilhas. Auxiliar de Enfermagem
29/09/06	Usuário compareceu a unidade. Humor alegre e cooperativo. Auxiliar de Enfermagem

- CARTA DE INFORMAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO -

Você esta sendo convidado a participar da pesquisa “Construções subjetivas do drogadito em regime de tratamento semi-aberto”, mas sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

A presente pesquisa aborda o tema da dependência química por ser considerado um problema de extrema importância para os dias atuais. Isto se da pela grande dificuldade que os profissionais de saúde encontram na recuperação do dependente químico. O objetivo da pesquisa é investigar que mudanças o dependente químico pode construir a partir do tratamento.

Faremos algumas entrevistas com você e com alguns familiares e pessoas próximas. Coletaremos alguns dados advindos do seu prontuário e de arquivos referentes à suas atividades no tratamento.

A realização da pesquisa não gerará nenhum desconforto para a sua pessoa, já que sua identidade e a identidade das pessoas próximas a você serão resguardadas e mantidas sob sigilo. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, pois usaremos um nome fictício.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Com a realização desta pesquisa não só você mas todas as pessoas que tem a dependência química como um problema em suas vidas poderão se beneficiar, pois a presente pesquisa visa abordar o tema da dependência química com o intuito de contribuir para o tratamento dos dependentes químicos.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, entre em contato com o pesquisador através dos telefones: 87260260 ou 32411699; do email: guimarães@edu.unifor.br; ou no endereço: Rua professor Jacinto Botelho 253 – Coco. – CEP 60810 – 050 – Fortaleza-CE.

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr. (a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, após leitura

minuciosa da **CARTA DE INFORMAÇÃO AO PACIENTE**, devidamente explicada pelos profissionais em seus mínimos detalhes, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** concordando em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o paciente e/ou seu representante legal pode a qualquer momento retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar desta pesquisa e ciente de que todas as informações prestadas tornaram-se confidenciais e guardadas por força de sigilo profissional.

E, por estarem de acordo, assinam o presente termo.

Fortaleza-Ce., _____ de _____ de _____.

Assinatura do Paciente ou
Representante Legal

Assinatura do Pesquisador

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)